

## ÍNDICE GERAL

ÍNDICE GERAL .....	I
ÍNDICE DE QUADROS.....	VII
ÍNDICE DE FIGURAS.....	XI
ÍNDICE DE ABREVIATURAS .....	XII
ÍNDICE DE ANEXOS.....	XIV
AGRADECIMENTOS.....	XV
INTRODUÇÃO .....	1
I - PARTE.....	4
Revisão da Literatura .....	4
1. Introdução .....	4
2. Contextualização .....	4
2.1. Desporto, Lazer e Qualidade de Vida .....	4
2.2. Novas Práticas Desportivas – O Desporto de Natureza .....	9
2.3. Desporto, Ambiente e Turismo.....	15
3. Formação em Desporto .....	19
3.1. A Europa e a Formação .....	19
3.2. Formação Desportiva e Formação Profissional.....	23
3.3. Formação de Professores.....	33
3.4. Formação de Treinadores .....	39
3.5. Formação de Técnicos (Desporto de Natureza).....	45
4. Análise Taxonómica em Desporto de Natureza .....	48
5. Síntese .....	51
II - PARTE .....	52
Planificação e Organização Experimental .....	52
Capítulo I - Objectivo do Estudo.....	52
1. Introdução .....	52
2. Enunciado do Problema .....	52
3. Hipóteses e Justificações.....	53
4. Limitações do Estudo.....	58
Capítulo II - Métodos e Procedimentos .....	60
1. Introdução .....	60
2. Modelo de Análise Taxonómica em Desporto de Natureza.....	60
3. Caracterização da Amostra.....	66
3.1. Selecção das Especialidades (ADN) .....	66
3.2. Indivíduos da Amostra .....	73
4. As Variáveis .....	74
4.1. Variáveis Independentes.....	74
4.2. Variáveis Dependentes.....	76
4.2.1. Formação realizada: .....	76
4.2.2. Expectativas de formação:.....	77
4.2.3. Funções profissionais: .....	77
4.2.4. Competências profissionais .....	78
5. O Instrumento de Medida – Questionário.....	79
5.1. Construção do Questionário .....	79
5.1.1. Dados da Revisão da Literatura .....	79
5.1.2. Construção do Guião para a Entrevista (exploratória) .....	80
5.1.3. Reunião de Peritos nº1 (validação do guião) .....	80
5.1.4. A Entrevista (exploratória) .....	80
5.1.4.1. Metodologia da Aplicação da Entrevista .....	81

5.1.4.2. Análise dos Dados da Entrevista .....	82
5.1.4.3. Validade e Fidelidade da Entrevista .....	82
5.1.5. Plano de Organização do Questionário .....	83
5.1.6. Reunião de Peritos nº2 (validação) .....	83
5.1.7. Reunião de Peritos nº3 (formatação do Questionário) .....	84
5.1.8. Aplicação-piloto (experimental) / Reunião de Técnicos nº1 .....	84
5.2. Objectividade do Instrumento de Medida (Questionário) .....	84
5.2.1. Validade .....	85
5.2.1.1. Validade aparente .....	85
5.2.1.2. Validade de conteúdo .....	85
5.2.1.3. Validade prática .....	86
5.2.1.4. Validade de construção .....	86
5.2.2. Fiabilidade .....	87
5.2.2.1. Método de “versões equivalentes” .....	87
5.2.2.2. Método de “estabilidade temporal” (teste-reteste) .....	88
5.3. Revisão Final do Questionário .....	89
5.3.1. Reunião de Técnicos nº2 .....	89
5.3.2. Aplicação-piloto (final) .....	89
5.4. Finalidade e Estrutura do Questionário .....	89
5.5. Metodologia da Aplicação dos Questionários .....	90
6. Tratamento dos Dados e Procedimentos Estatísticos .....	91
III - PARTE .....	93
Apresentação e Discussão dos Resultados .....	93
Capítulo I - Estudo das Actividades de Desporto de Natureza .....	93
1. Introdução .....	93
2. Estudo da Actividade de “Orientação” .....	94
2.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Orientação) .....	94
2.1.1. Perfil Pessoal .....	94
2.1.2. Perfil Sócio-Profissional .....	95
2.2. Formação Realizada (Orientação) .....	96
2.2.1. Último Curso de Formação Realizado .....	96
2.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação .....	98
2.3. Expectativas de Formação (Orientação) .....	99
2.3.1. Factores de Desempenho Profissional .....	100
2.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	101
2.4. Funções Profissionais (Orientação) .....	103
2.5. Competências Profissionais (Orientação) .....	103
2.5.1. Importância das Competências Profissionais .....	104
2.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	104
2.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas .....	105
2.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais .....	107
2.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	107
2.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas .....	108
2.5.3. Necessidades de Formação .....	110
2.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas .....	110
2.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas .....	111
2.6. Síntese (Orientação) .....	113
3. Estudo da Especialidade de “BTT” .....	115
3.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (BTT) .....	115
3.1.1. Perfil Pessoal .....	115
3.1.2. Perfil Sócio-Profissional .....	116
3.2. Formação Realizada (BTT) .....	117

3.2.1. Último Curso de Formação Realizado .....	117
3.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	118
3.3. Expectativas de Formação (BTT).....	120
3.3.1. Factores de Desempenho Profissional.....	120
3.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	121
3.4. Funções Profissionais (BTT).....	123
3.5. Competências Profissionais (BTT).....	124
3.5.1. Importância das Competências Profissionais .....	124
3.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	124
3.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas .....	125
3.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais .....	127
3.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	127
3.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas .....	129
3.5.3. Necessidades de Formação .....	130
3.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas .....	130
3.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas .....	132
3.6. Síntese (BTT).....	133
4. Estudo da Especialidade de “Escalada” .....	135
4.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Escalada) .....	135
4.1.1. Perfil Pessoal.....	135
4.1.2. Perfil Sócio-Profissional.....	136
4.2. Formação Realizada (Escalada).....	137
4.2.1. Último Curso de Formação Realizado .....	137
4.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	139
4.3. Expectativas de Formação (Escalada).....	140
4.3.1. Factores de Desempenho Profissional.....	140
4.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	142
4.4. Funções Profissionais (Escalada).....	143
4.5. Competências Profissionais (Escalada).....	144
4.5.1. Importância das Competências Profissionais .....	145
4.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	145
4.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas .....	146
4.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais .....	147
4.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	147
4.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas .....	149
4.5.3. Necessidades de Formação .....	151
4.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas .....	151
4.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas .....	152
4.6. Síntese (Escalada) .....	154
5. Estudo da Especialidade de “Montanhismo” .....	155
5.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Montanhismo) .....	155
5.1.1. Perfil Pessoal.....	155
5.1.2. Perfil Sócio-Profissional.....	156
5.2. Formação Realizada (Montanhismo) .....	157
5.2.1. Último Curso de Formação Realizado .....	157
5.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	159
5.3. Expectativas de Formação (Montanhismo) .....	160
5.3.1. Factores de Desempenho Profissional.....	161
5.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	162
5.4. Funções Profissionais (Montanhismo) .....	163
5.5. Competências Profissionais (Montanhismo).....	164
5.5.1. Importância das Competências Profissionais .....	165

5.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	165
5.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas .....	166
5.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais .....	168
5.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	168
5.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas .....	169
5.5.3. Necessidades de Formação .....	170
5.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas .....	170
5.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas .....	172
5.6. Síntese (Montanhismo) .....	174
6. Estudo da Especialidade de “Canoagem” .....	176
6.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Canoagem) .....	176
6.1.1. Perfil Pessoal.....	176
6.1.2. Perfil Sócio-Profissional.....	177
6.2. Formação Realizada (Canoagem) .....	178
6.2.1. Último Curso de Formação Realizado .....	178
6.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	180
6.3. Expectativas de Formação (Canoagem) .....	181
6.3.1. Factores de Desempenho Profissional.....	181
6.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	183
6.4. Funções Profissionais (Canoagem).....	184
6.5. Competências Profissionais (Canoagem) .....	185
6.5.1. Importância das Competências Profissionais .....	186
6.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	186
6.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas .....	187
6.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais .....	188
6.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	188
6.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas .....	190
6.5.3. Necessidades de Formação .....	191
6.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas .....	191
6.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas .....	193
6.6. Síntese (Canoagem) .....	194
7. Estudo da Especialidade de “Mergulho” .....	196
7.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Mergulho).....	196
7.1.1. Perfil Pessoal.....	196
7.1.2. Perfil Sócio-Profissional.....	197
7.2. Formação Realizada (Mergulho) .....	198
7.2.1. Último Curso de Formação Realizado .....	198
7.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	200
7.3. Expectativas de Formação (Mergulho) .....	201
7.3.1. Factores de Desempenho Profissional.....	201
7.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	203
7.4. Funções Profissionais (Mergulho) .....	204
7.5. Competências Profissionais (Mergulho) .....	205
7.5.1. Importância das Competências Profissionais .....	205
7.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	205
7.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas .....	207
7.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais .....	208
7.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	208
7.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas .....	210
7.5.3. Necessidades de Formação .....	212
7.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas .....	212
7.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas .....	214

7.6. Síntese (Mergulho).....	215
8. Estudo da Especialidade de “Parapente” .....	217
8.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Parapente).....	217
8.1.1. Perfil Pessoal.....	217
8.1.2. Perfil Sócio-Profissional.....	218
8.2. Formação Realizada (Parapente) .....	219
8.2.1. Último Curso de Formação Realizado .....	219
8.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	221
8.3. Expectativas de Formação (Parapente) .....	222
8.3.1. Factores de Desempenho Profissional.....	222
8.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	224
8.4. Funções Profissionais (Parapente) .....	225
8.5. Competências Profissionais (Parapente) .....	226
8.5.1. Importância das Competências Profissionais .....	227
8.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	227
8.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas .....	228
8.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais .....	230
8.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	230
8.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas .....	231
8.5.3. Necessidades de Formação .....	233
8.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas .....	233
8.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas .....	235
8.6. Síntese (Parapente).....	236
Capítulo II - Estudo das Funções dos Técnicos de DN .....	238
1. Introdução .....	238
2. Estudo da Função de “Dirigente” .....	239
2.1. Formação Realizada (Dirigente).....	239
2.1.1. Último Curso de Formação Realizado .....	239
2.1.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	240
2.2. Expectativas de Formação (Dirigente).....	242
2.2.1. Factores de Desempenho Profissional.....	242
2.2.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	243
2.3. Funções Profissionais (Dirigente).....	245
2.4. Competências Profissionais (Dirigente).....	246
2.4.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	247
2.4.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	248
2.4.3. Necessidades de Formação Genéricas.....	250
2.5. Síntese (Dirigente) .....	251
3. Estudo da Função de “Formador” .....	253
3.1. Formação Realizada (Formador) .....	253
3.1.1. Último Curso de Formação Realizado .....	253
3.1.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	254
3.2. Expectativas de Formação (Formador) .....	256
3.2.1. Factores de Desempenho Profissional.....	256
3.2.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	257
3.3. Funções Profissionais (Formador) .....	259
3.4. Competências Profissionais (Formador) .....	260
3.4.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	260
3.4.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	261
3.4.3. Necessidades de Formação Genéricas.....	263
3.5. Síntese (Formador).....	264
4. Estudo da Função de “Técnico Principal” .....	266

---

4.1. Formação Realizada (Técnico Principal) .....	266
4.1.1. Último Curso de Formação Realizado .....	266
4.1.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	267
4.2. Expectativas de Formação (Técnico Principal) .....	268
4.2.1. Factores de Desempenho Profissional.....	268
4.2.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	270
4.3. Funções Profissionais (Técnico Principal) .....	272
4.4. Competências Profissionais (Técnico Principal) .....	273
4.4.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	273
4.4.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	275
4.4.3. Necessidades de Formação Genéricas.....	276
4.5. Síntese (Técnico Principal).....	277
5. Estudo da Função de “Técnico Auxiliar” .....	279
5.1. Formação Realizada (Técnico Auxiliar) .....	279
5.1.1. Último Curso de Formação Realizado .....	279
5.1.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação.....	281
5.2. Expectativas de Formação (Técnico Auxiliar) .....	282
5.2.1. Factores de Desempenho Profissional.....	282
5.2.2. Pressupostos e Estratégias de Formação .....	284
5.3. Funções Profissionais (Técnico Auxiliar) .....	286
5.4. Competências Profissionais (Técnico Auxiliar) .....	287
5.4.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas .....	287
5.4.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas .....	289
5.4.3. Necessidades de Formação Genéricas.....	290
5.5. Síntese (Técnico Auxiliar).....	292
IV - PARTE.....	294
Conclusão do Estudo.....	294
1. Resumo do Estudo .....	294
2. Conclusões .....	295
3. Recomendações .....	302
V - PARTE .....	305
Referências Bibliográficas .....	305
ANEXOS.....	317

## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 - INVENTÁRIO DAS ADN IMPLEMENTADAS EM PORTUGAL .....	50
QUADRO 2 – ADN SELECIONADAS PARA VALIDAÇÃO DO MAT-ADN .....	66
QUADRO 3 - CLASSIFICAÇÃO TAXONÓMICA DAS ADN SELECIONADAS .....	70
QUADRO 4 - APRESENTAÇÃO DA AMOSTRA POR ESPECIALIDADE E FUNÇÃO PROFISSIONAL .....	73
QUADRO 5 – QUESTÕES DE CONTROLO - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO .....	87
QUADRO 6 – QUESTÕES DE CONTROLO - COMPETÊNCIAS PROFISSIONAIS GENÉRICAS .....	87
QUADRO 7 – DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR ACTIVIDADE .....	93
QUADRO 8 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL PESSOAL DOS TÉCNICOS DE ORIENTAÇÃO .....	94
QUADRO 9 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SÓCIO-PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE ORIENTAÇÃO .....	95
QUADRO 10 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO - ORIENTAÇÃO .....	97
QUADRO 11 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO .....	97
QUADRO 12 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO - ORIENTAÇÃO .....	98
QUADRO 13 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO .....	99
QUADRO 14 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE - ORIENTAÇÃO .....	100
QUADRO 15 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE .....	101
QUADRO 16 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - ORIENTAÇÃO .....	101
QUADRO 17 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO .....	102
QUADRO 18 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS - ORIENTAÇÃO .....	103
QUADRO 19 - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS - ORIENTAÇÃO .....	104
QUADRO 20 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS .....	105
QUADRO 21 - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS - ORIENTAÇÃO .....	106
QUADRO 22 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS .....	106
QUADRO 23 - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS - ORIENTAÇÃO .....	107
QUADRO 24 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS .....	108
QUADRO 25 - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS - ORIENTAÇÃO .....	109
QUADRO 26 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS .....	109
QUADRO 27 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS - ORIENTAÇÃO .....	110
QUADRO 28 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	111
QUADRO 29 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS - ORIENTAÇÃO .....	112
QUADRO 30 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS - ORIENTAÇÃO .....	112
QUADRO 31 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL PESSOAL DOS TÉCNICOS DE BTT .....	115
QUADRO 32 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SÓCIO-PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE BTT .....	116
QUADRO 33 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO - BTT .....	117
QUADRO 34 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO - BTT .....	119
QUADRO 35 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE – BTT .....	120
QUADRO 36 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE .....	121
QUADRO 37 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - BTT .....	121
QUADRO 38 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO .....	122
QUADRO 39 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS - BTT .....	123
QUADRO 40 - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS - BTT .....	124
QUADRO 41 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS .....	125
QUADRO 42 - GRAU DE IMPORTÂNCIA ATRIBUÍDO ÀS CP ESPECÍFICAS - BTT .....	126
QUADRO 43 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS .....	126
QUADRO 44 - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS - BTT .....	127
QUADRO 45 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS .....	128
QUADRO 46 - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS - BTT .....	129
QUADRO 47 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS .....	129
QUADRO 48 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS - BTT .....	130
QUADRO 49 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	131
QUADRO 50 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS - BTT .....	132
QUADRO 51 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS .....	133
QUADRO 52 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL PESSOAL DOS TÉCNICOS DE ESCALADA .....	135
QUADRO 53 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SÓCIO-PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE ESCALADA .....	136
QUADRO 54 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO - ESCALADA .....	137
QUADRO 55 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO .....	138
QUADRO 56 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO - ESCALADA .....	139
QUADRO 57 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO .....	139
QUADRO 58 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE - ESCALADA .....	140

QUADRO 59 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE.....	141
QUADRO 60 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - ESCALADA.....	142
QUADRO 61 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO .....	142
QUADRO 62 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS - ESCALADA .....	143
QUADRO 63 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - FUNÇÕES PROFISSIONAIS.....	144
QUADRO 64 - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS - ESCALADA .....	145
QUADRO 65 - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS - ESCALADA.....	146
QUADRO 66 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS .....	147
QUADRO 67 - NÍVEL DE AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS - ESCALADA .....	147
QUADRO 68 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS.....	148
QUADRO 69 - NÍVEL DE AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS - ESCALADA .....	149
QUADRO 70 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS .....	150
QUADRO 71 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS - ESCALADA .....	151
QUADRO 72 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS - ESCALADA .....	152
QUADRO 73 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS .....	153
QUADRO 74 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL PESSOAL DOS TÉCNICOS DE MONTANHISMO .....	155
QUADRO 75 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SÓCIO-PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE MONTANHISMO.....	156
QUADRO 76 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO - MONTANHISMO .....	157
QUADRO 77 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO .....	158
QUADRO 78 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO - MONTANHISMO .....	159
QUADRO 79 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO .....	160
QUADRO 80 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE - MONTANHISMO .....	161
QUADRO 81 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - MONTANHISMO.....	162
QUADRO 82 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO .....	162
QUADRO 83 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS - MONTANHISMO .....	163
QUADRO 84 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - FUNÇÕES PROFISSIONAIS.....	164
QUADRO 85 - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS - MONTANHISMO .....	165
QUADRO 86 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS.....	165
QUADRO 87 - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS - MONTANHISMO .....	166
QUADRO 88 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS .....	167
QUADRO 89 - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS - MONTANHISMO.....	168
QUADRO 90 - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS - MONTANHISMO .....	169
QUADRO 91 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS - MONTANHISMO .....	170
QUADRO 92 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	171
QUADRO 93 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS - MONTANHISMO .....	172
QUADRO 94 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS - MONTANHISMO .....	173
QUADRO 95 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL PESSOAL DOS TÉCNICOS DE CANOAGEM .....	176
QUADRO 96 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SÓCIO-PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE CANOAGEM.....	177
QUADRO 97 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO - CANOAGEM.....	178
QUADRO 98 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO .....	179
QUADRO 99 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO – CANOAGEM .....	180
QUADRO 100 - COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO .....	180
QUADRO 101 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE - CANOAGEM.....	181
QUADRO 102 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE .....	182
QUADRO 103 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - CANOAGEM .....	183
QUADRO 104 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO .....	183
QUADRO 105 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS – CANOAGEM .....	184
QUADRO 106 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - FUNÇÕES PROFISSIONAIS .....	185
QUADRO 107 – IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS – CANOAGEM.....	186
QUADRO 108 – IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS – CANOAGEM .....	187
QUADRO 109 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS.....	188
QUADRO 110 – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS – CANOAGEM .....	189
QUADRO 111 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS .....	189
QUADRO 112 – NÍVEL DE AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS - CANOAGEM.....	190
QUADRO 113 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS .....	191
QUADRO 114 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS - CANOAGEM .....	192
QUADRO 115 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	192
QUADRO 116 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS – CANOAGEM.....	193
QUADRO 117 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	194
QUADRO 118 – CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL PESSOAL DOS TÉCNICOS DE MERGULHO.....	196
QUADRO 119 – CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SÓCIO-PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE MERGULHO .....	197
QUADRO 120 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO – MERGULHO .....	198



QUADRO 121 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO – Mergulho .....	200
QUADRO 122 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE – Mergulho .....	201
QUADRO 123 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE.....	202
QUADRO 124 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - Mergulho.....	203
QUADRO 125 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO .....	203
QUADRO 126 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS – Mergulho .....	204
QUADRO 127 – IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS – Mergulho .....	206
QUADRO 128 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS .....	206
QUADRO 129 – IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS – Mergulho .....	207
QUADRO 130 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS.....	208
QUADRO 131 – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS – Mergulho .....	209
QUADRO 132 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS .....	209
QUADRO 133 – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS – Mergulho.....	210
QUADRO 134 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS .....	211
QUADRO 135 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS – Mergulho.....	212
QUADRO 136 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	213
QUADRO 137 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS – Mergulho .....	214
QUADRO 138 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS .....	214
QUADRO 139 – CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL PESSOAL DOS TÉCNICOS DE PARAPENTE .....	217
QUADRO 140 - CARACTERIZAÇÃO DO PERFIL SÓCIO-PROFISSIONAL DOS TÉCNICOS DE PARAPENTE.....	218
QUADRO 141 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO – Parapente .....	219
QUADRO 142 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADA .....	220
QUADRO 143 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO - Parapente .....	221
QUADRO 144 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO .....	221
QUADRO 145 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE – Parapente .....	222
QUADRO 146 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE .....	223
QUADRO 147 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - Parapente.....	224
QUADRO 148 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO .....	225
QUADRO 149 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS - Parapente .....	226
QUADRO 150 – IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS – Parapente.....	227
QUADRO 151 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS .....	227
QUADRO 152 – IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS – Parapente .....	228
QUADRO 153 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS - IMPORTÂNCIA DAS CP ESPECÍFICAS.....	229
QUADRO 154 – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS – Parapente .....	230
QUADRO 155 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS .....	231
QUADRO 156 – NÍVEL DE AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS – Parapente .....	231
QUADRO 157 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP ESPECÍFICAS .....	232
QUADRO 158 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS – Parapente.....	233
QUADRO 159 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	234
QUADRO 160 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS - Parapente.....	235
QUADRO 161 – COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO ESPECÍFICAS.....	235
QUADRO 162 – DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR FUNÇÃO PRINCIPAL .....	238
QUADRO 163 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO – Dirigentes.....	239
QUADRO 164 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO .....	240
QUADRO 165 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO – Dirigentes .....	240
QUADRO 166 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO .....	241
QUADRO 167 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE – Dirigentes.....	242
QUADRO 168 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE.....	242
QUADRO 169 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO – Dirigentes .....	243
QUADRO 170 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO.....	244
QUADRO 171 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS – Dirigentes .....	245
QUADRO 172 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES – FUNÇÕES PROFISSIONAIS .....	246
QUADRO 173 – IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS - Dirigentes .....	247
QUADRO 174 - COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS .....	247
QUADRO 175 – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS - Dirigentes .....	248
QUADRO 176 – COMPARAÇÃO ENTRE ESPECIALIDADES - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS.....	249
QUADRO 177 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS - Dirigentes .....	250
QUADRO 178 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	250
QUADRO 179 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO – Formadores .....	253
QUADRO 180 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO .....	254
QUADRO 181 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO – Formadores.....	254
QUADRO 182 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO .....	255

QUADRO 183 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE - FORMADORES .....	256
QUADRO 184 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE.....	257
QUADRO 185 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - FORMADORES .....	257
QUADRO 186 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO.....	258
QUADRO 187 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS – FORMADORES .....	259
QUADRO 188 – IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS – FORMADORES.....	260
QUADRO 189 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS.....	260
QUADRO 190 – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS – FORMADORES .....	262
QUADRO 191 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS .....	262
QUADRO 192 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS – FORMADORES .....	263
QUADRO 193 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	263
QUADRO 194 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO - TÉCNICOS PRINCIPAIS.....	266
QUADRO 195 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO - TÉCNICOS PRINCIPAIS .....	267
QUADRO 196 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO	267
QUADRO 197 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE - TÉCNICOS PRINCIPAIS .....	268
QUADRO 198 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE.....	269
QUADRO 199 – CONCORDÂNCIA COM PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - TÉCNICOS PRINCIPAIS .....	270
QUADRO 200 - COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO .....	270
QUADRO 201 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS - TÉCNICOS PRINCIPAIS .....	272
QUADRO 202 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES – FUNÇÕES PROFISSIONAIS .....	272
QUADRO 203 – IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS - TÉCNICOS PRINCIPAIS .....	273
QUADRO 204 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS.....	274
QUADRO 205 – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS - TÉCNICOS PRINCIPAIS .....	275
QUADRO 206 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS .....	275
QUADRO 207 – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS - TÉCNICOS PRINCIPAIS .....	276
QUADRO 208 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	277
QUADRO 209 – AVALIAÇÃO DO ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO - TÉCNICOS AUXILIARES .....	279
QUADRO 210 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - ÚLTIMO CURSO DE FORMAÇÃO REALIZADO .....	280
QUADRO 211 – AVALIAÇÃO DA INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO - TÉCNICOS AUXILIARES .....	281
QUADRO 212 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - INTERVENÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES NA ÁREA DA FORMAÇÃO	281
QUADRO 213 – IMPORTÂNCIA DOS FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE - TÉCNICOS AUXILIARES .....	282
QUADRO 214 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - FACTORES DE DESEMPENHO NA ACTIVIDADE.....	283
QUADRO 215 – CONCORDÂNCIA COM OS PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO - TÉCNICOS AUXILIARES ...	284
QUADRO 216 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - PRESSUPOSTOS E ESTRATÉGIAS DE FORMAÇÃO.....	284
QUADRO 217 – CONCORDÂNCIA COM AS FUNÇÕES PROFISSIONAIS - TÉCNICOS AUXILIARES .....	286
QUADRO 218 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES – FUNÇÕES PROFISSIONAIS .....	286
QUADRO 219 – IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS - TÉCNICOS AUXILIARES.....	287
QUADRO 220 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - IMPORTÂNCIA DAS CP GENÉRICAS.....	288
QUADRO 221 – AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS - TÉCNICOS AUXILIARES .....	289
QUADRO 222 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES - AUTO-PERCEPÇÃO DAS CP GENÉRICAS .....	290
QUADRO 223 - NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS - TÉCNICOS AUXILIARES .....	290
QUADRO 224 – COMPARAÇÃO ENTRE ACTIVIDADES – NECESSIDADES DE FORMAÇÃO GENÉRICAS .....	291

## **ÍNDICE DE FIGURAS**

FIGURA 1A - MODELO ANÁLISE TAXONÓMICA – ACTIVIDADES DESPORTO NATUREZA (A) .....	62
FIGURA 1B - MODELO ANÁLISE TAXONÓMICA – ACTIVIDADES DESPORTO NATUREZA (B).....	63
FIGURA 1C - MODELO ANÁLISE TAXONÓMICA – ACTIVIDADES DESPORTO NATUREZA (C).....	64
FIGURA 1D - MODELO ANÁLISE TAXONÓMICA – ACTIVIDADES DESPORTO NATUREZA (D) .....	65

**ÍNDICE DE ABREVIATURAS**

- ADN** – Actividades de Desporto de Natureza
- AP** – Área Protegida
- Btt** – Bicicleta de todo-o-terreno
- Can** - Canoagem
- CDN** – Carta do Desporto de Natureza
- CMAS** – Confederação Mundial de Actividades Subaquáticas
- CP** – Competências Profissionais
- D** - Dirigentes
- DGT** – Direcção Geral do Turismo
- DN** – Desporto de Natureza
- ENSSHE** – *European Network of Sport Sciences in Higher Education*
- EOSE** – *European Observatory of Sport Employment*
- Esc** - Escalada
- F** - Formadores
- FCMP** – Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal
- FPAS** – Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas
- FPC** - Federação Portuguesa de Canoagem
- FPME** – Federação Portuguesa de Montanhismo e Escalada
- FPO** – Federação Portuguesa de Orientação
- FPVL** – Federação Portuguesa de Voo Livre
- ICN** – Instituto de Conservação da Natureza
- IDP** – Instituto do Desporto de Portugal
- IEFP** – Instituto do Emprego e Formação Profissional
- IQF** – Instituto para a Qualidade na Formação
- MAT-ADN** – Modelo de Análise Taxonómica das Actividades de Desporto de Natureza
- MCTES** – Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
- ME** – Ministério da Educação
- Mer** - Mergulho
- Mon** - Montanhismo
- Ori** - Orientação
- PADI** – *Professional Association of Diving Instructors*
- Par** - Parapente
- PN** – Parque Natural

**PNSAC** – Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros

**TA** – Técnicos Auxiliares

**TDN** – Técnico de Desporto de Natureza

**TP** – Técnicos Principais

**UVP-FPC** – União Velocipédica de Portugal – Federação Portuguesa de Ciclismo

## ÍNDICE DE ANEXOS

- **ANEXO 1** – Síntese do Enquadramento Legal e Conceptual
- **ANEXO 2** – Resultados da Análise Descritiva (exemplo): Valores dos Parâmetros de Tendência Central (*média*) e Dispersão (*desvio padrão, valor mínimo e máximo*)
- **ANEXO 3** – Ofício – Pedido de Colaboração (MAT-ADN)
- **ANEXO 4** – Ficha de Classificação Taxonómica das Actividades de Desporto de Natureza (FCT-ADN)
- **ANEXO 5** – Resultado da 1ª Aplicação da FCT-ADN (1ºGrupo)
- **ANEXO 6** – Resultado da 2ª Aplicação da FCT-ADN (2ºGrupo)
- **ANEXO 7** – Resultado da 1ª e 2ª Aplicação da FCT-ADN (1ºGrupo/2ºGrupo)
- **ANEXO 8** – Resultado da Concordância Classificativa (consistência interna) das ADN: IF de *Bellack* e MC de *Kappa*
- **ANEXO 9** – Resultado da Apreciação dos Critérios de Selecção das ADN
- **ANEXO 10** – Categorias da Sub-variável - *Pressupostos e estratégias de formação*
- **ANEXO 11** – Categorias da Sub-variável - *Competências Profissionais Genéricas*
- **ANEXO 12** – Documento de Trabalho para a Construção do Guião da Entrevista
- **ANEXO 13** – A) Guião da Entrevista (exploratória); B) Identificação das categorias; C) Consistência interna
- **ANEXO 14** – Resultado do Teste de Normalidade – Questões de Controlo (*exemplo: Pressupostos e estratégias de formação*)
- **ANEXO 15** – Resultados da Correlação – Questões de Controlo (*exemplo: Pressupostos e estratégias de formação*)
- **ANEXO 16** – Resultados da Correlação – Teste-Reteste (*exemplo: Pressupostos e estratégias de formação*)
- **ANEXO 17** – Questionário
- **ANEXO 18** – Ofício – Pedido de Colaboração (Questionário)
- **ANEXO 19** – Resultados da Prova Estatística *Kruskal Wallis* (*exemplo: Comparação entre grupos - Factores de desempenho na actividade*)
- **ANEXO 20** – Resultados da Prova Estatística *Mann-Whitney U* (*exemplo: Comparação entre grupos - Factores de desempenho na actividade*)
- **ANEXO 21** – Resultados da Prova Estatística *Mann-Whitney U* (*exemplo: Comparação entre actividades – Último curso de formação realizado*)
- **ANEXO 22** – Base de Dados (*exemplo*)

## **AGRADECIMENTOS**

Durante a elaboração deste trabalho, muitos foram aqueles que de um modo ou outro, contribuíram para a sua concretização. A todos expresso a minha gratidão.

Gostaria entretanto de destacar algumas pessoas, que me apoiaram e incentivaram de uma forma mais próxima.

- Em primeiro lugar, ao Professor Doutor José Rodrigues, pela elevada competência e rigor com que me orientou, pelo apoio e interesse manifestado e pela amizade demonstrada ao longo de vários anos
  - Ao Professor Doutor António Serôdio, pela disponibilidade constante, pelos conselhos e pelo incentivo apesar da distância que nos separou
  - A todos os técnicos de desporto de natureza que fizeram parte da amostra do nosso estudo, pela preciosa colaboração, porque sem eles nada seria possível
  - Aos docentes e não docentes da ESDRM, pelo apoio manifestado
  - Ao Félix, ao Leitão e ao Simão pela disponibilidade e conselhos sempre úteis
  - Aos meus alunos, em especial aos meus seminaristas, pelo seu contributo e apoio no desenvolvimento deste longo trabalho
  - Aos amigos, em especial ao Raposo e ao Frazão, pela amizade e compreensão da minha reduzida disponibilidade e pelo apoio constante
  - À minha família, tão especial, pela privação e partilha das preocupações nos momentos mais difíceis da vida e em especial no decorrer deste estudo. A eles, o meu profundo agradecimento
- Aqui, manifesto todo o meu apreço.

## **INTRODUÇÃO**

O desporto, sendo um reflexo da sociedade, acompanha as mudanças que nela se verificam sofrendo, conseqüentemente, um processo semelhante, dando-lhe especial visibilidade. Conceitos como a autoridade, o conflito, a repressão e o esforço, já se encontram em percurso descendente dando lugar a valores diferenciados como sejam o prazer, a realização pessoal e a liberdade de escolhas. Dessa forma, o desporto “rendimento/competição” passa a ter dificuldade em responder satisfatoriamente às novas necessidades, aos novos imperativos e urge cada vez mais a criação, o aparecimento de novas actividades e uma nova maneira de estar na vida.

No presente, o mundo do desporto é caracterizado por um processo de diferenciação crescente, o que não está alheio a nova cultura do lazer, onde a valorização do indivíduo em si constitui um aspecto central. As novas práticas desportivas têm sido difundidas com um carácter pessoal, desinteressado e hedonístico. Neste sentido, a prática desportiva não se resume à busca de um objectivo exterior ao indivíduo, bem pelo contrário, tende a dar muita importância aos objectivos inerentes ao próprio indivíduo como o prazer, a satisfação, o bem-estar e a saúde.

Embora as escolhas sejam múltiplas, elas não estão disponíveis e acessíveis para todas as pessoas. A sociedade contemporânea está subjacente à ideia de que o indivíduo tem hipótese de opção ou alternativas. Assim, o indivíduo constantemente exerce escolhas sobre diversas opções que lhe são colocadas, procurando um conjunto de práticas que satisfaçam as suas necessidades e que valorizem a sua identidade. No entanto, estas escolhas parecem estar condicionadas pela capacidade económica do indivíduo e com o seu trabalho profissional (Barbosa, 1997).

O contacto com a natureza surge então, como necessidade de compensação de um sistema de vida sedentário e centrado na vida urbana. Confirmando esta nova tendência podemos observar actualmente, uma crescente procura de novos desafios, exaltação e aventura, que podem constar nas actividades físicas e desportivas realizadas em meio natural, designadas também por desporto de natureza.



Por outro lado, a dinâmica da sociedade em que vivemos exige crescentemente uma adequação profissional em todos os domínios e sectores de actividade, nomeadamente dos seus agentes. Uma sociedade em desenvolvimento como a nossa é passível de alguma desorganização social, desportiva, e por consequência, de alguma insegurança em relação aos seus objectivos, nem sempre claros.

Neste contexto, a relação entre confiança e segurança, poderá ser muito complexa, pois o desconhecimento dos praticantes acerca deste tipo de actividades, por vezes é total, sendo então necessário recorrer a especialistas, que tenham a competência de acompanhar, enquadrar e controlar toda a actividade, garantindo níveis elevados de qualidade, segurança e ao mesmo tempo de satisfação para com os praticantes.

Na realidade, os “profissionais” desta área são um grupo muito heterogéneo com passados desportivos diversificados, com níveis de experiência e formação diferentes, com expectativas e desempenhos profissionais também diferenciados. Se por um lado podemos encontrar técnicos qualificados com competências para desempenhar as suas funções, por outro, é normal que encontremos técnicos que revelam grandes lacunas de formação.

Consideramos portanto, que estes técnicos são decisivos no desenvolvimento desta área, e que a qualidade e a adequação da sua formação poderá fazer a diferença ao nível da imagem, da expressão e do reconhecimento deste sector desportivo.

Assim, no âmbito das actividades de desporto de natureza, caracterizámos o perfil pessoal e sócio-profissional, a formação realizada, as expectativas de formação, as funções e as competências profissionais dos técnicos desportivos.

Como procedimentos metodológicos, optámos por construir os nossos instrumentos de medida, nomeadamente, o modelo de análise e o questionário, de modo a poder utilizá-los para estudar a opinião dos técnicos de desporto de natureza. Neste sentido, julgámos ter recolhido a informação necessária e desejada para atingir os objectivos propostos.

A nossa expectativa, após atingirmos os objectivos traçados, consiste no contributo que este estudo poderá ter em pesquisas futuras e no desenvolvimento de outros trabalhos, isto é, poderá ser um ponto de partida e de reflexão para estudar estas e outras questões associadas à formação dos técnicos de desporto, quer ao nível das entidades formadoras quer das entidades certificadoras e reguladoras da área do desporto.

Deste modo, manifestamos a nossa preocupação em contribuir para a melhoria do conhecimento dos processos de formação, que poderá ter consequências na qualidade da intervenção profissional dos técnicos de desporto de natureza em Portugal.

Em relação à organização deste estudo, estruturámo-lo do seguinte modo:

Numa primeira parte analisámos a literatura, abordando a temática do estudo e apresentando resultados de algumas pesquisas efectuadas no âmbito do desporto relacionadas com o âmbito e os objectivos do nosso estudo. Deste modo, contextualizámos o surgimento das actividades de desporto de natureza e focámos o envolvimento da formação em desporto.

A segunda parte diz respeito à planificação e organização experimental, onde apresentámos o objectivo do estudo e os principais métodos e procedimentos utilizados.

Em seguida, apresentámos e discutimos os resultados obtidos, que transmitiram a opinião dos técnicos inquiridos, bem como a nossa reflexão sobre o assunto.

Após as fases anteriores, apresentámos as principais conclusões do estudo e recomendações para futuras pesquisas.

A última parte destinou-se às referências bibliográficas.

## I - PARTE

### Revisão da Literatura

#### 1. Introdução

A revisão da literatura pretende em primeiro lugar, abordar um conjunto de temas associados ao desporto, nomeadamente o lazer, o ambiente e o turismo. Em segundo, focamos a atenção nas questões da formação em desporto, entre as quais, formação desportiva, formação profissional, formação de professores, formação de treinadores e formação de técnicos de desporto de natureza. Por último, são analisados alguns estudos no âmbito da classificação de actividades físicas e desportivas realizadas em meio natural.

#### 2. Contextualização

##### 2.1. Desporto, Lazer e Qualidade de Vida

Iniciando por abordar a importância que o desporto assume nas nossas vidas, quer em termos sociais, económicos, culturais e até políticos, concordamos com Sarmento (2000) quando refere que este, *“...visa atingir a todos é um bem de toda a sociedade, e por isso, não pode ser alienação, mas construção, não pode ser afastamento, mas formação. O desporto está para além do espectáculo, é uma atitude perante a vida e nessa medida é um pensamento, um conhecimento, uma forma de comportamento humano. O desporto está ao serviço do Homem como prática e como pedagogia, sendo de todos e de cada região, e é nessa qualidade que se apresenta como estrutura essencialmente participativa, democrática, apresentando-se como um conceito institucional na responsabilidade de fomentar a actividade desportiva”*.

Analisando o sistema desportivo português, Constantino (2002) refere que o verdadeiro problema é o da inadequação entre o seu modelo da organização e as necessidades de uma sociedade moderna, tornando-se por isso, frágil, carente, assimétrico,

pobre e dependente. As principais preocupações estão relacionadas com o nível de cultura física dos portugueses, a taxa de sedentarismo, as dificuldades do tecido associativo, os constrangimentos à prática desportiva na escola, as relações entre o sistema educativo e o sistema desportivo, o baixo nível de qualificação profissional de dirigentes e quadros.

Esta questão está associada ao exercício da actividade profissional. Se em relação a certas profissões existem mecanismos de certificação e se encontra regulamentado o respectivo exercício, no que concerne ao desporto, estamos num terreno de total omissão. É isto que permite que a direcção técnica de certos locais, ou não exista, ou seja em muitos casos exercida por pessoas sem qualquer habilitação profissional, princípio que se estende ao próprio técnico. Por outro lado, o licenciamento destes novos locais de prática do desporto não exige uma avaliação prévia dos requisitos indispensáveis à qualidade das respectivas instalações, nomeadamente ao nível da segurança dos seus utilizadores.

Em Portugal, contrariamente ao que sucede em muitos outros países, não existe a tradição do poder político recorrer ao saber especializado para melhor fundamentar as suas decisões. Seria portanto desejável, que se caminhasse no sentido de que a decisão política fosse técnica e cientificamente fundamentada. Neste sentido, somos um país onde se sabe de desporto sem o praticar ou sem o estudar. A administração pública desportiva deverá adoptar atitudes, de procurar aconselhamento especializado no domínio técnico e científico, de reconhecer que a decisão política só terá a ganhar se for adequadamente qualificada, sendo indispensável o papel dos que estudam e investigam o desporto.

Stigger (2000), ao relacionar a prática desportiva com o conceito de lazer, refere que a situação se torna mais complexa, na medida em que o lazer é muitas vezes considerado ainda um tema menor, e por isso, o desporto praticado neste contexto, também receba menos atenção por parte dos intelectuais.

Por outro lado, os valores que se encontram associados ao lazer têm um lugar de destaque na sociedade, daí encontrarem-se em expansão. Este facto não poderá ser ignorado pelos organismos que influenciam as possibilidades de lazer dadas à população. É importante que os organismos ligados ao planeamento dos nossos *habitats* tenham em consideração a criação de espaços e equipamentos ligados às actividades de lazer, uma vez que o equilíbrio entre oferta e procura está ainda longe de se atingir, porque esta última

tende a ultrapassar a primeira. Deste modo, é necessário reunir esforços para a construção de uma política de lazer através da integração de diferentes entidades (Carvalhinho, 1996).

Graça (2002), refere que a valorização dos tempos livres é, cada vez mais, um factor decisivo na qualidade de vida dos cidadãos. Portanto, será importante para o país e para milhões de pessoas que haja investimento, dinamismo e espírito de inovação na promoção dos tempos livres, na medida em que estes se traduzem necessariamente num acréscimo da capacidade de proporcionar qualidade de vida.

Neste sentido, as ocupações durante o lazer permitem, regra geral, que os estados de ânimo e as pulsões, os afectos e as emoções, fluam com mais liberdade num espaço imaginário especialmente criado por estas actividades. Enquanto que o espaço permitido para a expansão dos sentimentos diminui ou é confinado em compartimentos especiais, as actividades de lazer encontram-se concebidas para apelar directamente aos sentimentos das pessoas e para os excitar (Elias, 1992).

Assim, o lazer, a actividade física e desportiva, os estilos de vida e o bem-estar dos cidadãos, são conceitos que facilmente se encontram relacionados. Mota (1997), aborda o fenómeno do lazer, confrontando este com o espaço e ritmo de vida quotidiana do indivíduo, afirmando que, com a diminuição do tempo de trabalho, o aumento da escolaridade e as reformas antecipadas, as pessoas são confrontadas com um tempo que pretendem ocupar utilmente. Nesta perspectiva, o lazer surge, pois, com uma faceta importante, com um sentido objectivo, como uma forma de encontro e de compensação das necessidades sociais através de uma contenção social positiva.

Sem dúvida que o lazer, enquanto espaço e tempo próprio da existência individual, se pode constituir numa alternativa decisiva nas escolhas de responsabilização individual e na construção do seu estilo de vida.

No âmbito desta abordagem, encontramos diversos conceitos que se podem relacionar e complementar, entre os quais, a noção de trabalho, tempo livre e lazer.

Para Simmel (1979), as características do homem urbano são elementos que ajudam à compreensão do significado e importância do lazer, uma vez que, a massificação do lazer se relaciona com a sociedade industrial e com a difusão do modo de vida urbano. Para o

autor, fica clara a importância dada à opção individual e à busca da liberdade, no entanto, é sabido que o meio está repleto de condicionalismos exteriores que se impõem ao indivíduo de forma contínua. Na verdade, o lazer encontra-se associado à liberdade, e embora o tempo tenha desgastado muita coisa, não desgastou ainda o desejo de ser livre.

Normalmente, atribuiu-se a insatisfação dos trabalhadores à diminuição da produtividade. Este facto, tem levado alguns empresários e dirigentes a procurar meios de compensação para os seus trabalhadores, como por exemplo, organizar actividades de lazer que promovam o espírito e a dinâmica de grupo, a valorização das relações interpessoais, e que simultaneamente, estabeleçam uma aproximação aos seus superiores. A título de exemplo, podemos observar o *Challengers Trophy*, que para além das finalidades anteriores ainda promovem e publicitam as respectivas empresas.

Mas se por um lado o lazer é o resultado de um processo de desenvolvimento de novas formas de produção (trabalho/lazer), por outro, ele já é parte constituinte da sociedade contemporânea. No sentido moderno, ele surge como o fim-de-semana, tornando-se indiscutivelmente um período privilegiado para o lazer das sociedades contemporâneas.

Giddens (1997), refere que o divertimento, o prazer e a busca da qualidade de vida, são cada vez mais procurados e valorizados na sociedade actual, considerando ainda que, as actividades desenvolvidas em tempo de lazer estão distribuídas nas mais diversas áreas, com destaque para as práticas desportivas.

No entanto, num estudo efectuado sobre os hábitos desportivos da população portuguesa (Marivoet, 2001), estimou-se que apenas 23% praticavam desporto (4% no desporto federado e 19% no desporto de lazer). Destes 23% que praticavam desporto, 13% tinham uma participação organizada, enquanto que os restantes 10% tinham uma participação não organizada. As principais razões que levaram à prática desportiva foram relacionadas com a condição física (26%), lazer (24%) e gosto pelo desporto (19%). No contexto das práticas de lazer “ver TV” ocupou uma posição de destaque (66%) enquanto que a prática desportiva surgiu na 5ª opção (19%). Os três equipamentos desportivos mais necessários foram os pavilhões, as piscinas e as infra-estruturas de ar livre.

Estes resultados salientaram que os tempos livres dos jovens são preferencialmente ocupados a ver televisão e a passar o tempo com os amigos de uma forma desprovida de actividades. Estes factos foram relacionados e apontaram para uma juventude, em geral pouco participativa e algo «caseira»

Um outro estudo de Matos *et al.* (2000) sobre a saúde e estilos de vida dos jovens portugueses, quando se referiu ao padrão de prática de actividade física, verificou que um terço dos jovens praticavam actividade física cerca de meia-hora ou menos por semana fora da escola. Por outro lado, cerca de um terço dos jovens afirmou também ver televisão quatro horas ou mais por semana. De acordo com os autores, estes resultados são preocupantes uma vez que a actividade física constitui uma medida importante no âmbito da promoção da saúde, do bem-estar físico, mental e social, e da qualidade de vida. No caso concreto dos adolescentes, o exercício é também importante no processo de socialização.

Na perspectiva de organização destas práticas desportivas e do desporto em geral, Pires (1993) definiu três modelos organizacionais:

- 1) Modelo do desporto formal: onde se encontra como expressão máxima o desporto federado impulsionado pelo desporto espectáculo;
- 2) Modelo do desporto não formal: embora seja um desporto organizado, aqui o rendimento é ultrapassado pela busca da satisfação do indivíduo em si;
- 3) Modelo do desporto informal: é o mais recente e abrange cada vez mais seguidores. Encontra-se aqui um sector de autogestão onde basta proporcionar aos indivíduos determinadas facilidades, porque o desafio está no imprevisto e na capacidade da descoberta e desfrute de espaços, mais ou menos humanizados, mais ou menos naturais (exemplo: *jogging, surf, windsurf...*).

Quanto à tipologia, os espaços desportivos foram organizados da seguinte forma:

- 1) Espaços Formais / Pequenos Espaços - piscinas, salas desportivas, pavilhões polidesportivos, campos e recintos de pequenos jogos;
- 2) Espaços Formais / Grandes Espaços – campos de golfe, hipódromos, campos de grandes jogos, complexos desportivos, pistas de desportos motorizados e de atletismo;
- 3) Espaços Informais / Pequenos Espaços – praça, largo, rua, rodovia, jardim;
- 4) Espaços Informais / Grandes Espaços – parque urbano, terra, água, ar.

No nosso estudo, embora as actividades de desporto de natureza possam ser enquadradas e desenvolvidas nos três modelos e nos três tipos de espaços desportivos apresentados, os modelos do desporto não formal e informal, e os espaços informais, são claramente predominantes.

## **2.2. Novas Práticas Desportivas – O Desporto de Natureza**

O desporto entra definitivamente numa nova idade, onde proliferam práticas livres de cronómetro, de espaços codificados e limitados, de horários impostos, de regras exteriores. Práticas vividas na maior parte das vezes na companhia de amigos, onde se privilegia a aventura, a incerteza e o risco, em plena natureza. Esta nova realidade obriga-nos a rever conceitos, a reflectir sobre o seu sentido, a repensar o espaço para as actividades desportivas e a desenvolver medidas de segurança adequadas (Correia, 1991).

Porém, não devemos esquecer que, qualquer que sejam as escolhas, as aventuras, implicam o domínio de conhecimentos específicos que permitam desfrutar do meio envolvente, em condições de segurança e de bom senso. Contudo, será necessário planear devidamente a aventura, escolher o equipamento adequado às circunstâncias, ter conhecimentos capazes de permitir fazer opções durante a própria actividade de acordo com cada uma das situações.

Segundo Pires (1989), a estrutura conceptual filosófica deste tipo de actividades é concebida num quadro de aventura configurada em situações em que o praticante deixa um meio estável e conhecido para passar a viver num meio instável, com muitos elementos desconhecidos e que não se controlam, “vive-se com eles”! É este estado de espírito que tem de ser vivido para ser compreendido, que faz com que existam critérios de valor que presidem ao desenvolvimento destas modalidades, que não se enquadram na estrutura mental daqueles que praticam ou praticaram outras modalidades desportivas, de igual valor pedagógico, mas diferentes.

Por outro lado, o desporto organizado em torno da lógica, organização, rendimento e triunfo deixou de ser capaz de satisfazer de forma cabal as necessidades individuais e viu-se de repente, acompanhado por um desporto organizado em torno da lógica da beleza, da juventude e da saúde (Barbosa, 1997).

De acordo com Constantino (1994), assistimos ao aparecimento de novos desportos, a novas maneiras de praticar desportos antigos, mas sobretudo a uma alteração na utilização do corpo. A água, a terra e o ar transformam-se assim num grande ginásio. No mais belo e perfeito espaço desportivo, local para o namoro e o casamento entre o corpo e o espírito, entre a razão e o prazer, entre o risco e a aventura.



Em suma, podemos dizer que quanto maior for o nosso conhecimento relativamente às características e ao contexto das actividades, maior valor de confiança podemos transmitir e menor insegurança teremos no desenvolvimento da própria actividade.

Numa perspectiva macro do desenvolvimento das diferentes práticas físicas e desportivas, parece-nos que a tendência caminha para a inexistência de fronteiras delimitadas, considerando tanto as respostas às necessidades competitivas como às recreativas, pois numa mesma prática, podemos contemplar atitudes diferenciadas como a competição, a recreação ou as duas em simultâneo.

Pires (1990) refere que a aventura desportiva é a fase terciária do desenvolvimento do desporto, entendendo-se que a primeira foi constituída pelo jogo e desenvolveu-se na sociedade agrícola, numa dimensão local e a uma escala reduzida. A segunda é constituída pelas práticas desportivas formais, desenvolvidas numa escala global e à escala planetária, decorrentes da sociedade industrial. A terceira configura as práticas não formais e informais, as práticas inorganizadas, específicas da sociedade pós-industrial em que o desporto estabelece um corte definitivo com o mundo do trabalho.

Neste sentido, as motivações para o desporto das novas gerações têm em conta as actividades onde exista alguma imprevisibilidade, actividades de acordo com o tempo e as próprias regras de acção, o aspecto lúdico e o desenvolvimento de uma cultura de convívio.

De acordo com Serôdio (2005), os percursos pedestres têm ganho alguma notoriedade também nas zonas mais rurais, afastadas dos grandes centros urbanos, procurando espaços naturais onde seja possível associar ao benefício físico da caminhada, a possibilidade de observar a flora e a fauna, locais especiais pela sua beleza natural, tranquilidade ou outra qualquer característica que atrai uma população com necessidade de fugir à rotina diária.

De facto, esta nova maneira de estar no desporto, contribui certamente, para uma melhor sensibilização das populações em relação aos aspectos do ambiente, da saúde e até civilizacionais dos cidadãos.

Como refere também Jensen (1995), a apreciação da natureza, a satisfação e o gosto pessoal, o bem-estar físico e mental, os comportamentos e atitudes positivas e a organização de eventos, poderão ser os objectivos das actividades de recreação ao ar livre mas que se repercutirão na própria sociedade.

Tal como refere Constantino (1994), estas constatações formam um novo cenário desportivo, uma nova cultura desportiva, ao qual é necessário estar atento e dar resposta às principais tendências: evidencia-se uma massificação e diversidade de práticas desportivas; o espectro etário tem vindo a aumentar, na medida em que o exercício muitas vezes está associado à prevenção do aparecimento de factores de risco para a saúde; a centralização das práticas desportivas no indivíduo em si tem-lhe conferido uma grande diversidade, a busca do prazer, permitindo a prática de mais de uma modalidade em simultâneo ou em épocas diferentes do ano; o aparecimento de modalidades como o *skate*, o *surf* e o *bodyboard*, fora do modelo institucional, respondem em certa medida à busca da excitação; os cenários desportivos têm sofrido alterações nos quais se conjugam espaços fechados ou abertos, formais ou informais como o estádio e a praça, o pavilhão e o jardim, ou ainda a piscina e o rio.

Nos últimos tempos tem surgido um conjunto de actividades denominadas (incorrectamente) por “desportos radicais”, que atraem cada vez mais, não só os jovens mas também outros estratos da população. Estes parecem associar-se aos valores emergentes de uma sociedade pós-moderna, onde se deseja participar em práticas desportivas que produzam um elevado bem estar pessoal, valorizando-se o prazer da prática, o aspecto lúdico, o convívio, o prazer de estar junto da natureza

Efectivamente, estas actividades surgiram, para o cidadão comum, com a designação de “desportos radicais”, mas com o decorrer dos tempos e a emergência de um conjunto diversificado de actividades, outras designações têm sido utilizadas. Como refere Moreira e Costa (2003), *“desenganem-se os que pensam que abordar o desporto aventura é algo fácil ou linear, desde logo pela problemática da sua definição. De qualquer forma, o ponto de partida passa, invariavelmente, pelo contacto estreito com a natureza. A partir daí, o limite é... a imaginação.”*

Neste contexto, encontramos alguma confusão terminológica em relação à denominação atribuída para este tipo de actividades físicas e desportivas. Designações como, desportos radicais, desporto aventura, turismo de aventura, turismo de natureza, animação turístico-desportiva, desporto de natureza, entre outros, têm sido utilizados de acordo com os interesses das diversas organizações e os vários contextos em que as respectivas actividades se desenvolvem. Por outro lado, se considerarmos que em Portugal, podem ser identificadas mais de quatro dezenas de actividades relacionadas com estas designações, e ainda, a própria juventude deste novo sector desportivo, podemos

facilmente compreender, que encontrar consensos será uma tarefa bastante difícil, uma vez que existem ideologias e culturas diferentes entre os diversos intervenientes.

No entanto, neste estudo, optámos por utilizar a regulamentação em vigor de acordo com o Instituto de Desporto de Portugal (IDP, 2006), da qual destacamos os seguintes conceitos:

Programa de Desporto de Natureza” (Decreto Regulamentar n.º 18/99, de 27 de Agosto (alterado pelo DR n.º 17/2003, de 10 de Outubro), que regula a animação ambiental nas modalidades de animação, interpretação ambiental e desporto de natureza nas áreas protegidas, bem como o processo de licenciamento das iniciativas e projectos de actividades, serviços e instalações de animação ambiental (Art.1º);

Desporto de natureza – aquele cuja prática aproxima o homem da natureza de uma forma saudável e seja enquadrável na gestão das áreas protegidas e numa política de desenvolvimento sustentável (art. 2º);

Actividades e serviços de desporto de natureza – são as iniciativas ou projectos que integrem o pedestrianismo, o montanhismo, orientação, a escalada, o rapel, a espeleologia, o balonismo, o parapente, a asa delta sem motor, a bicicleta todo-o-terreno (btt), o hipismo, a canoagem, o remo, a vela, o *surf*, o *windsurf*, o mergulho, o *rafting*, o *hidrospeed* e outros desportos e actividades de lazer cuja prática não se mostre nociva para a conservação da natureza (Art.3º);

O Decreto-Lei n.º 47/99, de 16 de Fevereiro (alterado pelo DL n.º 56/2002, de 11 de Março), regula o turismo de natureza, considerando “Actividades de desporto de natureza” todas as actividades que sejam praticadas em contacto directo com a natureza e que, pelas suas características, possam ser praticadas de forma não nociva para a conservação da natureza (Art.9º);

A Resolução do Conselho de Ministros n.º 112/98, de 25 de Agosto, estabelece a criação do Programa Nacional de Turismo de Natureza (PNTN), que prevê a prática integrada de actividades desportivas, aplicável na Rede Nacional de Áreas Protegidas;

Rede Nacional de Áreas Protegidas - O Decreto-Lei n.º 19/93, de 26 de Janeiro (alterado pelo DL n.º 213/97, de 16 de Agosto, pelo DL n.º 227/98, de 17 de Julho e pelo DL 221/98, de 22 de Outubro), estabelece normas relativas às áreas protegidas (AP).

Assim, considerando que os espaços naturais são efectivamente o principal cenário de realização das actividades de desporto de natureza, gostaríamos de destacar também alguma regulamentação referente aos espaços naturais do território português.

As AP estão sob a tutela do Instituto de Conservação da Natureza (ICN) e assumem-se como espaços de excelência para a prática desportiva em contacto com a natureza. De acordo com o ICN (2006), estas AP podem consagrar cinco figuras classificatórias:

Parque Nacional – área com ecossistemas pouco alterados pelo homem, amostras de regiões naturais características, paisagens naturais ou humanizadas, locais geomorfológicos ou *habitats* de espécies com interesse ecológico, científico e educacional. Em Portugal, existe apenas o *Parque Nacional da Peneda-Gerês*;

Parque Natural – área que se caracteriza por conter paisagens naturais, semi-naturais ou humanizadas, de interesse nacional, sendo exemplo de integração harmoniosa da actividade humana de da natureza e que apresenta amostras de um bioma ou região natural. Em Portugal existem 13: *Montesinho, Litoral Norte, Alvão, Douro Internacional, Serra da Estrela, Serras de Aire e Candeeiros, Tejo Internacional, Serra de S. Mamede, Sintra-Cascais, Arrábida, SW Alentejano e Costa Vicentina, Vale do Guadiana, Ria Formosa*;

Reserva Natural – área destinada à protecção de *habitats* da flora e fauna. Em Portugal existem 9: *Berlenga, Dunas de S. Jacinto, Estuário do Sado, Estuário do Tejo, Paul de Arzila, Paul do Boquilobo, S.C.Marim-V.R.S.António, Serra da Malcata, Lagoas de S. André e da Sancha*;

Paisagem Protegida – área com paisagens naturais, semi-naturais ou humanizadas, de interesse regional ou local, resultantes da interacção harmoniosa do homem e da natureza que evidencia grande valor estético ou natural. Em Portugal existem 2 de âmbito nacional: *Arriba Fóssil da C. da Caparica, Serra do Açor*; e 4 de âmbito regional: *Albufeira de Azibo, Corno do Bico, Serra de Montejunto; Lagoa de Bertandros e S. Pedro de Arcos*;

Monumento Natural – ocorrência natural contendo um ou mais aspectos que, pela sua singularidade, raridade ou representatividade em termos ecológicos, estéticos, científicos e culturais exigem a sua conservação e a manutenção da sua integridade.

De acordo com uma das atribuições do ICN, cada AP deveria ter possuído até 2004, uma Carta de Desporto de Natureza (CDN) e respectivo regulamento aprovado por portaria conjunta (Governo, área do desporto e área do ambiente).

Deste modo, considerando que as CDN são um instrumento fundamental na gestão, desenvolvimento e regulamentação das actividades de desporto de natureza nas AP, efectuamos o seguinte ponto da situação:

- As CDN devem conter as regras e orientações relativas a cada modalidade desportiva, incluindo, designadamente, os locais e as épocas do ano em que as mesmas podem ser praticadas, bem como a respectiva capacidade de carga;
- Devem ser consultadas as federações desportivas dotadas do estatuto de utilidade pública desportiva, representativa das diferentes modalidades e outras entidades competentes em razão de matéria.

Através da pesquisa efectuada, verificámos que existe apenas uma CDN em Portugal, encontrando-se implementada no Parque Natural da Serra de Aire e Candeeiros (PNSAC). Deste modo, consideramos que é necessário trabalhar bastante, conjugando esforços entre os diferentes intervenientes, no sentido de promover o desenvolvimento do desporto de natureza em Portugal, devidamente equilibrado e sustentado.

É urgente a definição de um conjunto de pressupostos que proporcione a quem procura estas actividades possa, de algum modo, fazê-lo em segurança. Quem proporciona e organiza este tipo de actividades deve ter formação para tal, reunindo em seu redor todas as condições de segurança, que passam pela existência e manutenção de material adequado e em boas condições, pela formação dos monitores (técnicos), pelas autorizações para utilização dos espaços e pela existência dos seguros pertinentes. Assim, é urgente a criação/definição de uma entidade ou organismo que regule este novo sector desportivo. É urgente formar e qualificar recursos humanos para este desporto. A “anarquia” que se sente em redor deste desporto em nada credibiliza as entidades que, de alguma forma, possam ser responsáveis pelas actividades (Paulo, 2002).

Também no país vizinho (Espanha), o turismo activo continua em expansão e à procura de novos mercados. Contudo, Serrano (2001) refere que, o mercado está um pouco caótico, necessitando de alguém que ponha ordem para benefício e segurança da clientela. Apesar do mercado do turismo activo ser todavia muito jovem, está desorganizado, em resultado das mudanças rápidas no sector e devido à procura cada vez mais sofisticada e moderna e das normas que impõem às administrações. Os empresários são da opinião de que a sobrevivência das empresas passa pela modernização, fidelização de clientes e desenvolvimento de actividade ao longo evitando a sazonalidade, mesmo tenha de se optar por oferecer outro tipo de serviços de ocupação de tempos livres.

### 2.3. Desporto, Ambiente e Turismo

A procura de “ambientes naturais”, a fuga ao ambiente urbano e a procura de actividades em contacto com a natureza são atitudes cada vez mais frequentes. De acordo com Cunha (1997), os espaços naturais, de paisagem ou ao ar livre, são importantes para o desporto, dado que oferecem novos espaços, novas estimulações, que alimentam a diversidade das práticas desportivas, com novas modalidades ou formas de as praticar. Consequentemente, será necessário estabelecer um código de conduta ambiental do desportista na Natureza. Para o construir, terá de se promover o diálogo interdisciplinar entre os especialistas do ambiente e os especialistas do desporto.

Os espaços naturais oferecem, por oposição aos espaços urbanos uma ordem diferente relativamente às suas características. Quando um praticante desportivo realiza a sua actividade em meio natural, ele tem acesso a um conjunto de elementos que lhe faltariam se o realizasse numa instalação desportiva do tipo fechado ou coberto. Os elementos “Ar”, “Terra” e “Água” conseguem ser suporte de muitas actividades que se baseiam num ou em vários desses elementos para poderem ser realizadas. As variações de comportamento desse elemento natural são uma fonte inesgotável de estímulos.

A procura dos espaços naturais, para além do gosto individual dos que os apreciam, prende-se com a possibilidade de acesso livre que o cidadão com menos recursos pretende ter a um bem colectivo, dele usufruindo de uma forma que não lhe adicione encargos.

Cunha (1997) refere que é através do desporto que o contacto com a natureza pode ser mais profícuo. São os desportistas ligados ao ar livre que revelam aquilo que os outros escondem ou espalham subtilmente no ambiente: *“um canoísta num rio não gosta de águas poluídas, bem como o banhista das praias fluviais ou marítimas. Um escalador aprecia as aves de rapina e se sensibilizado, é o primeiro a exigir paredes artificiais no seu bairro ou no ginásio ou na escola. Os praticantes de pedestrianismo têm sido os que vêm chamando a atenção para a valorização dos lugares, para os processos de interpretação vivida da paisagem, do património natural e construído das aldeias e dos sítios mais inóspitos. São eles que utilizam os miradouros, visitam ermidas, apreciam e respeitam as fontes naturais e recriam os antigos rituais da água... Os ciclistas de Btt percorrem e vivificam a paisagem, visitando castelos, ruínas, subindo os montes e descendo os vales com a sua tecnologia leve e silenciosa, onde o seu esforço e o seu prazer se integram em perfeita*

*sintonia com o espaço natural. As práticas desportivas integram hoje na sua cultura as temáticas do ambiente, da sua preservação e defesa”.*

Os cidadãos devem ter acesso a uma educação/formação em harmonia com o envolvimento dos espaços naturais, permitindo uma participação activa, dado que o seu contributo será importante para o desenvolvimento de estilos de vida saudáveis. Neste caso, os interessados também devem ser ouvidos. Por outro lado, é fundamental localizar escolas especializadas, centros de formação específicos associados à natureza, aos lugares e às actividades desportivas, que aí, nos espaços naturais ou mesmo nos espaços urbanos, possam desenvolver-se. Será portanto necessário, criar parcerias entre o desporto, o turismo e o ambiente, no sentido de promover uma educação/formação ambiental activa, que sensibilize os cidadãos para o respeito e para a convivência com a natureza.

O aumento das práticas do desporto que supõem a presença de elementos naturais, como espaço indispensável à sua realização, faz de imediato surgir a óbvia necessidade de defesa da natureza. De acordo com Constantino (1994), é necessário criar um código de conduta desportiva na sua utilização, e que deve ser alvo de uma adequada educação e formação desportiva. Deste modo, faz sentido introduzir, aplicados ao desporto, conceitos oriundos das ciências do ambiente como o «efeito do impacto ambiental» e da «compatibilidade» entre a natureza e o respectivo uso desportivo.

A «oferta turística», em tudo o que comporta de infra-estrutura pública e de serviços privados, carece de uma rigorosa disciplina no sentido de serem respeitados meios e índices de ocupação do solo e de exploração do meio.

Neste sentido, Pedrosa (2000), refere que as áreas protegidas são espaços privilegiados para a conservação da natureza, permitindo conhecer a fauna e flora selvagens de determinadas regiões. Contudo, se o turismo pode ser uma forma de divulgação e rentabilização dos parques e reservas, pode também ser, e é muitas vezes, um agente de destruição da natureza.

Apresentamos o bom exemplo dos países escandinavos, nomeadamente o caso da Finlândia, em que a melhoria da acessibilidade, as infra-estruturas, os abrigos a sinalização e uma educação ambiental apropriada promoveu a preservação dos espaços naturais.

Numa perspectiva de organização, Pires (1992) diz-nos que o desporto de natureza é um sector desportivo que apresenta na sua caracterização quatro elementos motivacionais que levam à atracção pelo risco:

- 1) Meio Ambiente – identifica-se por uma constante instabilidade, provocada por elementos (ex: rios, mar, serras, montanhas, barragens, albufeiras, etc.) que apresentam momentos, situações e dificuldades ímpares;
- 2) Regras – os elementos naturais (ex: vento, chuva, frio, correntes, ondas, calor, redemoinhos) apresentam dificuldades que podem ditar as regras a adoptar numa actividade de desporto de natureza (...);
- 3) Tecnologias – é fundamental relacionar as áreas do conhecimento técnico e tecnológico, significando um controlo parcial do que as actividades proporcionam;
- 4) Motivação – a atracção pelo risco e crer eliminar situações de stress, tem por base um conjunto de elementos motivacionais, que procuram dar resposta a um certo contingente de situações (ex: fuga às condições de comodidade da vida actual, conquista hipotética da natureza, vitória sobre o medo e descargas de ansiedade).

Em relação à área do turismo, Almeida (2004) refere que a animação turística emerge no turismo pelo despertar do novo turista, mais exigente e mais activo, que impõe a prática de actividades de animação dentro do espaço de lazer, criando um novo conceito de turismo activo. Um turismo mais vocacionado para a participação, para a descoberta, para a iniciativa, deixando para trás as pachorrentas férias ao sol, em que imperava o descanso passivo e vazio.

Por outro lado, o desporto tem vindo a desempenhar um papel fundamental na valorização e no desenvolvimento do turismo, estando associado também à ideologia das actividades físicas promoverem a saúde em todos os níveis etários, à interacção entre o desporto e o turismo nas férias desportivas; o aproveitamento de fins-de-semana para permanecer em contacto com a natureza desenvolvendo actividades em parques naturais, montanhas, praias, lagos, rios, etc. Existe uma tendência para o ecoturismo, turismo sustentado, turismo alternativo e turismo aventura (Costa, 1997; Standeven & Knop, 1999; Pereira, 1999).

Na verdade, o turismo desportivo é um segmento em crescimento na indústria do turismo que inclui as viagens para praticar e observar desporto. A sua definição não é exacta mas as prioridades devem promover uma maior estabilidade entre os vários sectores do turismo que contribuem para o desenvolvimento deste mercado. Este crescimento deverá ser reconhecido e acompanhado por programas académicos que acrescentem um corpo de conhecimentos profissionais a este importante sector (Hudson, 2003).

A sustentabilidade é uma ideia que surge da mente humana com o fim de preservar tanto o meio ambiente como a diversidade cultural. Mas em primeiro lugar há que aplicá-la



à própria vida (ecologia humana) mediante uma educação integral e em segundo lugar, na relação com os demais e com o meio natural. O conflito pode desencadear-se quando se contrapõe o desenvolvimento desportivo e turístico de um determinado espaço natural com os seus valores ecológicos (Otero, 2002).

Considerando que Portugal possui todas as condições para se assumir como um destino turístico de referência, é necessário requalificar e manter os produtos consagrados como o “sol e o mar” e apostar nos produtos emergentes, nos quais os desportos náuticos assumem um papel de relevo. Segundo Boavida (2002), o sector do turismo apresenta números positivos, em que as receitas geradas representam 8% do PIB. Por outro lado, as empresas de animação devem ser encorajadas a optarem por uma actividade não sazonal, condição aliás indispensável para a atribuição da declaração de interesse para o turismo, reconhecimento este que permite o acesso a condições favoráveis a alguns programas financeiros de apoio na área do turismo.

O consumidor turístico passou de uma atitude passiva de consumo para uma atitude activa mais crítica e exigente, devendo-se estas mudanças, ao aumento do rendimento disponível e ao aumento do tempo de lazer, consubstanciado tanto pela melhoria dos níveis de educacionais como por uma melhoria das comunicações. Em termos dos principais motivos de viagens, o lazer é o principal (70%), seguido dos negócios (14%) e outros (16%) que incluem os desportos, a religião e a saúde. Este novo lazer deixou de ser “sol e praia” para passar a ser um lazer mais activo e diversificado (Rita, 1995).

Podemos verificar que a maioria das unidades hoteleiras recorrem actualmente a serviços de desporto “*indoor*” e “*outdoor*”, no sentido de captar e agradar os seus clientes, principalmente os adeptos do “turismo activo”. Neste lógica, produtos relacionados com os estilos de vida, podem ser determinantes nas opções dos programas de férias de um grande número de turistas. O desporto em si, como facto social, poderá e deverá ser um meio privilegiado de promoção das relações interpessoais e sociais, que quando associado ao turismo, o seu contributo poderá ser mais evidente.

De acordo com a Direcção Geral do Turismo (DGT, 2006), existem 345 empresas de Animação Turística licenciadas neste organismo. No entanto, estima-se (dados não oficiais) que existem cerca de 1000 empresas a operar neste mercado. Por outro lado, uma considerável percentagem (30%) de empresas abrem e fecham a sua actividade todos os anos o que dificulta um registo actualizado e rigoroso.

### 3. Formação em Desporto

#### 3.1. A Europa e a Formação

Gostaríamos de iniciar esta análise, com o conceito de «**Desporto**» apresentado na “Carta Europeia do Desporto” assinada em Maio de 1992 na 7ª Conferência em Rhodes (IDP, 2006), em que este é entendido como “*todas as formas de actividades físicas que, através de uma participação organizada ou não, têm por objectivo a expressão ou o melhoramento da condição física e psíquica, o desenvolvimento das relações sociais ou a obtenção de resultados na competição a todos os níveis*” (Art.2º - ponto 1).

A Comissão Europeia sendo um órgão da União Europeia, é constituída por numerosas Direcções Gerais, da qual, a Direcção Geral de Educação e Cultura (DGX) é responsável pelas “pastas” da Educação, da Cultura e do Desporto. No caso do desporto, deverá existir a ligação com o Governo português através da Secretaria de Estado da Juventude e Desporto, e esta por sua vez com a administração central para o desporto, ou seja, com o Instituto do Desporto de Portugal (IDP).

O desenvolvimento económico e social da Europa verificado na última década, veio manifestar a necessidade de uma cooperação à escala europeia, para os assuntos relacionados com a educação e com a formação (Declaração de Copenhaga, 2002). Neste sentido, o desenvolvimento de programas de educação e formação na Europa, tem sido um factor-chave no aumento da cooperação a nível europeu. Deste modo, a Declaração de Bolonha (1999) no Ensino Superior, marcou a introdução de um novo aumento da cooperação Europeia nesta área. Estratégias como, a aprendizagem ao longo da vida e a mobilidade, são essenciais para promover a empregabilidade, a cidadania activa, a inclusão social e o desenvolvimento pessoal. Desenvolver o conhecimento à escala Europeia e garantir um mercado de trabalho aberto para todos, é o maior desafio para o sistema de formação e educação vocacional na Europa e para todos os actores intervenientes.

Por outro lado, considerando que, a sistematização da formação vocacional é um dos principais objectivos da Comissão Europeia, foram criados dois sistemas de classificação: a “*International Standardization Classification of Education*” (ISCED) e a “*International Standardization Classification of Occupation*” (ISCO).

As prioridades estabelecidas e a serem seguidas na garantia de uma cooperação completa, assentam nas seguintes características: dimensão europeia, transparência, informação e orientação, reconhecimento de competências e qualificações, qualidade assegurada.

O “*European Observatory of Sport Employment*” (EOSE, 2006), posiciona-se neste processo, como um organismo (associação) que pretende observar, estudar e dar resposta às necessidades da Comissão Europeia, relativamente às actividades, às ocupações, às profissões e ao emprego na área do desporto. Assim, uma vez sentido o desajustamento do ISCED e do ISCO face à realidade do emprego em cada país, foram elaboradas duas classificações europeias do desporto, envolvendo a “*European Network of Sport Sciences in Higher Education*” (ENSSHE), tendo como resultado a “*European Classification of Sport Occupations and Sport Related Occupations*” (NEORS) e a “*European Classification of Sport and Sport Related Economic Activities*” (NEARS).

Estas duas classificações têm como objectivo, uniformizar, classificar e afiliar as profissões do desporto ou outras, com este relacionado. Assim, destacamos as seguintes:

- a) NEORS / Ocupações do desporto: Animador desportivo; Guia de rios; Instrutor de vela; Instrutor de esqui; Instrutor de mergulho; Guia de montanha; Instrutor de golfe; Líder de montanha; Guia de passeios equestres. Salientamos também, que todas estas ocupações têm mais do que um nível de responsabilidade, dando origem a desdobramentos em cada tipo de ocupação.
- b) NEORS / Ocupações relacionadas com o desporto Director de construção de instalações desportivas; Gestor de construção de espaços de lazer; Gestor de bens e serviços de desporto de lazer; Médico de medicina desportiva; Arquitecto especializado em infra-estruturas de desporto de lazer; Professores de educação física e desporto, do ensino superior; Professores de educação física e desporto, do ensino básico e secundário.
- c) NEARS / Actividades desportivas: Operação com infra-estruturas de desportos aéreos; Operação com infra-estruturas de desportos aquáticos e náuticos; Operação com infra-estruturas de desportos de Inverno; Actividades das organizações locais e regionais; Promoção e organização de eventos; Actividades profissionais dos instrutores desportivos; Actividades profissionais dos treinadores desportivos; Actividades comerciais desportivas e organizações de lazer.

d) NEARS / Actividades relacionadas com o desporto: Comercialização de produtos alimentares; Comercialização de equipamentos específicos associados às actividades náuticas e aos desportos de montanha; Comercialização de produtos têxteis associados ao desporto; Publicação de livros temáticos do desporto; Comercialização de produtos tecnológicos utilizados na área do desporto.

No contexto da formação de profissionais do desporto e relacionados com o desporto, a ENSSHE (2006) defende uma estrutura europeia que relaciona a educação, a formação e o emprego, propondo uma aquisição progressiva de competências e de responsabilização profissional, respeitando o princípio da autonomia no trabalho, da capacidade de dirigir e de gerir a actividade desportiva, da mobilidade de formadores e formandos ao nível do espaço europeu.

O programa europeu Leonardo da Vinci (2004) assenta numa política de formação profissional comunitária e tem como objectivo, promover a formação de jovens, em alternativa ao percurso escolar normal, que permita a sua inserção profissional. No âmbito do desporto de natureza, são promovidos vários programas de formação que envolvem as seguintes actividades: *Montanhismo, Canyoning, Voo à vela, Parapente, U.L.M., Canoagem e Rafting*. Cada actividade contempla um guia de competências, que se encontra estruturado da seguinte forma:

I – Estrutura da Profissão

II – Referencial de Competências

1. Competência Geral
2. Unidades de Competências (associadas ao meio, à segurança, à técnica, à pedagogia, ao envolvimento profissional, à comunicação, à organização e à gestão).

III – Conhecimentos Profissionais

No contexto educativo europeu, segundo a proposta do programa de convergência europeia (ANECA, 2005), o mercado desportivo apresenta uma grande diversidade de saídas e possibilidades laborais para os formados em ciências da actividade física e desporto, situação que varia de país para país, em função do modelo formativo e da transcendência do fenómeno desportivo existente. Da análise efectuada aos vários planos de estudos, resultou uma proposta organizativa nas seguintes áreas: ciências aplicadas,

fundamentos do desporto, manifestações da motricidade e conhecimento específico aplicado.

Este estudo permitiu deduzir que existem basicamente quatro modelos de formação: Modelo Científico (Reino Unido), Modelo Desportivo (Grécia), Modelo de Intervenção Profissional (Portugal) e Modelo Equilibrado (Itália, França e Espanha). Por outro lado, foram também apresentados cinco perfis profissionais: Educação Física, Treino Desportivo, Actividade Física e Saúde, Gestão Desportiva e Recreação Desportiva, bem como as competências mais valorizadas.

De acordo com o âmbito do nosso estudo, gostaríamos de destacar um conjunto de informação relativa à área da recreação desportiva, apresentada ainda por ANECA (2005):

Perfil profissional - *“indivíduo com habilidades sociais, que domina o meio natural e as actividades que nele de desenrolam, sendo capaz de supervisionar pessoal técnico, e tem tanto a capacidade para assumir o desenvolvimento dos desportos de risco controlado, como criatividade para desenvolver outras actividades relacionadas com estes”*;

Competências essenciais mais valorizadas - *“confiança em si mesmo e capacidade para tomar decisões”*;

Competências genéricas mais valorizadas - *“capacidade de organização e planificação, adaptação a novas situações, trabalho em contexto internacional, sensibilidade para os temas ambientais, capacidade para tomar decisões, liderança e relações interpessoais”*;

Opinião dos empregadores - *“é preciso avançar com a especialização precoce e diminuir o tronco comum, e por outro lado, considerar os seus conteúdos para lhe dar um carácter mais metodológico e aplicado. Deve-se ampliar e melhorar as práticas específicas para facilitar a incorporação no mercado, dotando os sujeitos de competências genéricas que lhes permitam exercer funções de direcção. Este é um sector em alta, mas muito imaturo e pouco regulado, devendo fazer-se finca-pé na gestão global dos tempos livres para não se cair na temporalidade dos serviços, e portanto, provocar a instabilidade dos trabalhadores. É imprescindível o conhecimento de competências genéricas e específicas, especialmente a gestão de recursos e a educação ambiental”*.

### 3.2. Formação Desportiva e Formação Profissional

A formação desportiva corresponde a um processo desencadeado pelas estruturas e agentes sociais que promove a aquisição de vivências, de experiências, de conhecimentos e valores sobre as actividades do desporto como fenómeno sócio-cultural, o qual contribui para as atitudes, comportamentos e condutas que o indivíduo tende a assumir perante acontecimentos, factos e situações originadas nas actividades sociais do desporto e que se integram nas formas de relacionamento em interações individuais e colectivas que se estabelecem no âmbito do próprio desporto (Lima, 1991).

A formação de técnicos desportivos carece sempre de um fundamento que é, nem mais nem menos, a caracterização do campo em que vão intervir os indivíduos a quem se dirige e assegura essa formação. Tal caracterização, que é dinâmica, só pode ser elaborada por quem vive minimamente a prática desportiva e assuma o exercício da função de técnico desportivo.

Por outro lado, Sarmiento (2004), considera que “...a formação em desporto assenta no aprofundamento dos comportamentos e das suas condições e limites, prevenindo ou minimizando problemas, de forma a que se possam perceber os prejuízos de esforços despropositados, exagerados, precoces ou de aprendizagens mal conduzidas. As implicações destes aspectos no comportamento social das nossas crianças e jovens é demais conhecido...”. De facto, a actividade formativa deverá ser consciente, reflexiva e responsável de modo a influenciar positivamente os seus destinatários.

Neste sentido, Rodrigues (2003), refere que qualquer actividade desportiva envolve um processo de aprendizagem, portanto, de formação, ou melhor, de educação, revelando-se um importante momento de actuação pedagógica que poderá influenciar os resultados esperados, em função da competência dos intervenientes. Concluindo, a pedagogia é educação, ensino, portanto, a pedagogia do desporto será a educação do desporto, o ensino do desporto.

Assim, o exercício da actividade desportiva como factor cultural indispensável na formação plena da pessoa humana e no desenvolvimento da sociedade é uma realidade, portanto, de acordo com a Lei de Bases do Desporto (Lei n.º30/2004, de 21 de Julho) e

com a PL n.º 222/2006, de 14 de Junho (por editar), “*todos os cidadãos têm direito de acesso à prática da actividade física e ao desporto...*” (Capítulo 1 - Art.2.º), impondo-se ao Estado a obrigação de promover, estimular, orientar e apoiar a actividade desportiva. Portanto, o desporto é um indicador de desenvolvimento, e um factor que contribui para a qualidade de vida dos cidadãos, e ainda a condição necessária para a formação integral da pessoa humana.

Neste sentido, na perspectiva de permitir a participação dos diversos intervenientes do sistema desportivo, foi organizado o “Congresso do Desporto” que promoveu um debate de dimensão Nacional, em cinco grandes áreas temáticas: 1) Políticas Educativas e Sociais no Desporto; 2) Desporto, Saúde e Segurança; 3) Equipamentos Desportivos e o Território; 4) Políticas de Financiamento do Sistema Desportivo. Como avaliação final, parece ser consensual, o elevado sucesso atingido por esta iniciativa, ficando como desafio, o contributo para a construção de um novo contracto de responsabilidade social, económica e ambiental para o País no domínio do desporto (Dias, 2006).

Numa outra perspectiva, podemos constatar que a formação desportiva inicia-se e desenvolve-se também no contexto escolar, constituindo uma estratégia importante no desenvolvimento das crianças e dos jovens. Como exemplo do sistema educativo, temos a recente implementação da expressão físico-motora no 1º ciclo (ME, 2006a) e a disciplina de Educação Física desde o 5ºano até ao 12ºano (ME, 2006b).

Os programas nacionais de Educação Física referentes ao ano lectivo de 2005/06 estabelecem um quadro de relações com as que com ela partilham os contributos fundamentais para a formação dos alunos ao longo da escolaridade. Trata-se de uma partilha geracional de um conjunto de aquisições socialmente relevantes, que se constituem como o património cultural, tendo como referente o corpo e a actividade física, na sua vertente de construção individual e colectiva e de relacionamento e integração na sociedade. Na perspectiva da melhoria da qualidade de vida, da saúde e do bem-estar, deve melhorar a aptidão física elevando as capacidades físicas de modo harmonioso e adequado às necessidades de desenvolvimento dos alunos. Neste caso, a actividade formativa deve ser tão global quanto possível e tão analítica quanto necessário.

Em relação às actividades físicas e desportivas, podemos identificar em todos os ciclos uma componente curricular associada ao Desporto de Natureza, ou seja: o 1º ciclo contempla os “*Percursos na Natureza*”; os 2º, 3º ciclo e secundário contemplam a “*Orientação*” como matéria nuclear e um conjunto de matérias alternativas que podem

compreender actividades como, “*BTT, Escalada, Montanhismo, Canoagem, Campismo, Prancha à vela, Tiro com Arco, Vela, etc.*”.

A formação contínua de professores e os protocolos com outras instituições que permitam a dinâmica da formação e o acesso a boas condições de trabalho, pode e deve ser uma estratégia real na formação de professores na perspectiva da melhoria da qualidade do ensino.

Por outro lado, o programa do Desporto Escolar para o ano lectivo de 2005/06 (ME, 2006c) deve constituir um forte complemento de formação desportiva no contexto escolar, assentando nos seguintes princípios: incentivar a participação dos alunos no planeamento e gestão das actividades; respeitar as normas do espírito desportivo; combater o consumo de substâncias dopantes; cumprir as regras gerais de higiene e segurança; ponderar os aspectos referentes à saúde e bem-estar; oferecer actividades de acordo com a motivação intrínseca e extrínseca dos alunos; proporcionar a todos os alunos actividades desportivas de carácter recreativo/lúdico, de formação, ou de orientação desportiva; promover a aquisição de competências físicas, técnicas e táticas, na via de uma evolução desportiva e da formação integral do jovem.

No âmbito do Desporto de Natureza, são apresentadas as seguintes modalidades desportivas (sem quadro competitivo): *BTT, Canoagem, Escalada, Golfe, Multiactividades de Aventura, Orientação, Prancha à Vela, Remo, Tiro com Arco, Vela e Outras actividades (ex: equitação)*.

Por outro lado, o meio escolar também pode proporcionar vivências desportivas e em contacto com a natureza, constituindo estas um importante motor para a Educação Ambiental dos nossos jovens. Podemos apresentar alguns exemplos como, as visitas de estudo, as viagens de finalistas, as actividades de ocupação dos tempos livres, os campos de férias, entre outras. Nestes casos, frequentemente, observamos uma certa interdisciplinaridade com destaque para as práticas físicas e desportivas realizadas em contacto com a natureza.

Contudo, será necessário criar e garantir boas condições de aprendizagem, uma vez que o desporto por si só, não determina o carácter positivo da sua prática mas sim a natureza das experiências por ele proporcionadas (Coelho, 1988), ou seja, a prática desportiva poderá ser uma faca de dois gumes que tanto pode, conforme a sua orientação,



beneficiar ou prejudicar os jovens alunos, praticantes e de uma forma geral, todos os intervenientes

É neste sentido que o sector da formação de quadros será sempre um factor importante para o desenvolvimento desportivo. Quando falamos na formação de quadros não falamos somente do técnico desportivo, mas também de outros agentes desportivos: praticantes, árbitros, dirigentes, administrativos, médicos, massagistas, etc. Efectivamente, em termos de formação de quadros, têm-se verificado enormes carências, sendo urgente a exigência da formação como condição essencial no desempenho das funções técnicas, de direcção, de orientação, de condução e de organização da actividade desportiva (Constantino, 1992). O autor afirma que não se pode negar o que é óbvio em termos de desenvolvimento desportivo: *“a formação dos quadros humanos é, e será sempre, um factor importante para esse desenvolvimento. O país poderá dispor do melhor conjunto de técnicos e outros quadros desportivos, cuja actualização e conhecimentos são do mais elevado nível, mas que serão sempre desaproveitados se outras medidas não forem também adoptadas”*.

Podemos verificar com alguma facilidade, pessoas a dirigir diferentes modalidades desportivas, sem formação, sendo na maioria ex-praticantes sem habilitações. A formação inicial é um factor essencial para a constituição da comunidade profissional e da sua identidade. Como tal, não deveria ser conduzida ao sabor das estratégias particulares das várias instituições de formação. Sendo assim, há que proceder a uma grande reflexão no sentido de se proceder às devidas alterações.

O futuro exigirá que os técnicos de desporto estejam à altura de novas responsabilidades e de novas necessidades que o movimento desportivo irá colocar. E nessas responsabilidades o técnico do futuro deve acima de tudo ser uma pessoa de cultura, tecnicamente bem apetrechado, humanamente rico, socialmente informado, conhecedor das realidades do seu tempo, tolerante face às diferenças mas profundo na captação e interpretação dos factos sociais e desportivos, e sem sombra de dúvidas, alguém ética e deontologicamente responsável.

Assim, torna-se necessário estruturar e regulamentar a formação, a especialização e a qualificação dos técnicos desportivos, uma vez que a formação não se pode resumir à formação de técnicos das práticas desportivas de alto rendimento, mas sim, ser extensível à formação noutras expressões de prática do desporto. Neste sentido, a formação deverá

articular níveis de formação inicial e contínua na salvaguarda da competência técnica, pedagógica e científica. Portanto, não deverá haver formação sem investigação, sem qualidade, sem rigor e sem competência.

Por outro lado, torna-se necessário também que a regulamentação da formação seja, desde logo, um processo de mobilização de vontades, de solidariedades, onde cada um pode dar o seu contributo, onde aqueles que há longos anos se dedicam ao estudo do problema possam legitimamente apresentar o resultado das suas experiências e trabalhos.

Ferreira (2001) considera que, para construir um plano de uma actividade formativa implica percorrer as seguintes etapas: 1) recolha de dados; 2) caracterização do perfil de entrada dos formandos; 3) Definição do perfil de saída dos formandos; 4) Identificação das necessidades de formação; 5) Formulação dos objectivos; 6) Elaboração do programa de formação; 7) Selecção de métodos; 8) Organização logística; 9) Animação da actividade formativa.

Considerando estes pressupostos, julgamos que as instituições de formação deverão trabalhar em estreita ligação com as várias organizações profissionais, sendo importante também, a articulação entre a formação inicial e a formação contínua.

O mercado de trabalho apresenta algumas características que estão na origem de alguns ajustamentos e alterações, entre as quais, a ausência de regulamentação específica da profissão, nomeadamente quando se actua no campo desportivo e recreativo, a sazonalidade, a saturação de profissionais (principalmente no campo educativo) e a invasão constante de leigos e outros profissionais não habilitados.

Não devemos esquecer que a excelência de uma organização, instituição ou grupo, é a excelência dos seus membros. As organizações podem ser informatizadas, certificadas, automatizadas, mas se os seus membros não forem excelentes, o produto ou serviço final nunca será excelente.

Em relação à formação profissional, esta poderá estar inserida no sistema educativo (escola) e no mercado de emprego (empresas). No entanto, ambas as situações têm em comum, conceitos, finalidades, certificação, componente de formação, atribuição de níveis profissionais, utilização de perfis profissionais, métodos de avaliação e coordenação, de acordo com o Dec. Lei nº 401/91, de 16 de Outubro.

Considerando a área do desporto, a formação profissional tem como principais organismos intervenientes, o Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP), o Instituto para a Qualidade na Formação (IQF) e o Instituto do Desporto de Portugal (IDP). Esta parceria representa o Estado português para os assuntos relacionados com a formação profissional na área do desporto.

Por outro lado, julgamos que é importante analisar também o sistema educativo português, identificar as principais associações profissionais relacionadas com o desporto e identificar as principais federações portuguesas associadas ao desporto de natureza, considerando o seu papel no desenvolvimento do desporto nacional.

Assim, apresentamos as seguintes instituições/organizações:

Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP): tem a tutela do Ministério do Trabalho e da Segurança Social, e é responsável pelo Sistema Nacional de Certificação Profissional (SNCP). Este sistema tem os seguintes objectivos: transparência das qualificações; livre circulação de trabalhadores; promoção da empregabilidade; utilização de novas normas de organização do trabalho; promoção da formação ao longo da vida. As suas competências consistem no levantamento da oferta formativa, das profissões existentes, elaboração de perfis profissionais, pareceres e propostas, sobre a adequação entre as necessidades e a oferta de formação; audição dos departamentos do Estado não representados no conselho de administração do IEFP.

As modalidades de formação do IEFP são as seguintes: Iniciação profissional, Qualificação profissional, Aperfeiçoamento profissional, Reconversão profissional, Especialização. Na área da “Formação”, a oferta da formação profissional inclui as seguintes menções: “Formação Pedagógica Inicial de Formadores” e “Formação Pedagógica Contínua de Formadores”. Por outro lado, ao analisarmos a oferta da certificação de profissões e da homologação de cursos, verificámos que não existe qualquer referência relacionada com a área do desporto (IEFP, 2006).

Ao nível europeu, se pretendermos efectuar uma correspondência entre a formação e o sistema educativo português (ME, 2006d), podemos verificar que existem 5 níveis de formação: nível I (3º ciclo), nível II (secundário), nível III (bacharelato), nível IV (licenciatura), nível V (mestrado ou doutoramento).

Instituto para a Qualidade na Formação (IQF): Esta nova designação substitui a anterior (Instituto para a Inovação na Formação – INOFOR). É um instituto público criado no âmbito do Ministério da Segurança Social e do Trabalho, vocacionado para o reforço da qualidade e eficácia do sistema de formação profissional. Trata-se de um organismo de apoio estratégico à profissionalização e desenvolvimento das entidades formadoras e dos profissionais de formação. Desenvolve projectos e parcerias que visam contribuir para um sistema de formação mais estruturado, qualificado e adequado às necessidades das pessoas e das organizações. Colocando a pesquisa e a inovação ao serviço do desenvolvimento de competências individuais e colectivas, o IQF pretende contribuir também para a modernização da economia, a competitividade das empresas, a equidade social e racionalização, estruturação e qualidade do sistema de formação, envolvendo actores nas áreas da educação, da formação e do emprego em contexto de relação interactiva (IQF, 2006).

Instituto do Desporto de Portugal (IDP): é a entidade certificadora para o desporto, considerando que a formação dos recursos humanos está, desde 1999, inserida no quadro da formação profissional. O Regime Jurídico da Formação Desportiva (Dec. Lei n.º 407/99, de 15 de Outubro) é estabelecido no quadro da formação profissional inserida no mercado de emprego, bem como no regime de certificação profissional no âmbito do SNCP. Este Instituto tem por missão, apoiar e o fomentar a concepção de uma política desportiva nacional integrada, nas diversas vertentes do desporto, colaborando na criação e disponibilização das necessárias condições técnicas, financeiras e materiais com vista a incrementar os hábitos de participação da população na prática desportiva, promovendo-a de forma regular, continuada e com níveis de qualidade elevados, inserida num ambiente seguro e saudável (IDP, 2006).

Adjacente às organizações apresentadas, existe um conjunto de conceitos que importa referir, na perspectiva de melhor compreender a terminologia utilizada durante a abordagem dos temas relacionados com a formação desportiva e profissional (anexo 1).

Numa perspectiva de estabelecer um paralelismo entre a formação e a educação vocacional relacionada com o desporto, Santos *et al.* (2005) elaboraram um relatório (VOCASPORT) sobre a situação portuguesa, de acordo com a metodologia utilizada nos

restantes países da Comunidade Europeia, através do qual gostaríamos de salientar alguns aspectos:

1) O sistema de Formação e Educação Vocacional (*Vocational Education and Training - VET*) em desporto tem por base o sistema educativo, o da formação profissional e o de emprego/voluntariado. Neste momento, existe um aumento da diversidade da oferta de formação, em qualquer um dos sistemas. Este facto reflecte uma orientação política global no sentido de aumentar os níveis de qualificação das pessoas e a própria necessidade das organizações promoverem a formação ao longo da vida como forma de procurarem novos públicos.

2) A intervenção do Estado no desporto em Portugal é bastante forte, por razões históricas e de natureza constitucional (promoção, regulamentação e desenvolvimento do desporto) e por razões financeiras (federações e clubes com forte dependência financeira).

3) Como estruturas administrativas do desporto, destacamos as seguintes:

a) Os principais promotores da VET são: Escolas do ensino básico e secundário (num total de 302); Escolas do ensino superior (num total de 29, 11 pertencem ao ensino politécnico e 9 ao ensino público universitário); Escolas profissionais; Entidades acreditadas pelo INOFOR/IQF (das 468 entidades acreditadas, identificam-se 5 entidades na área do desporto, 2 das quais no desporto de natureza. As restantes são entidades relacionadas com o desporto); Federações desportivas (com utilidade pública desportiva).

b) Sistema Educativo em Portugal – está estruturado em educação pré-escolar, educação escolar e educação extra-escolar. O ensino escolar compreende os ensinos básicos (universal e obrigatório), secundário e superior. O ensino secundário tem a duração de três anos e proporciona o prosseguimento de estudos para o acesso ao ensino superior ou uma qualificação profissional, sendo organizado em cursos gerais (que inclui a formação técnica de desporto), cursos tecnológicos (não existe no âmbito do desporto) e cursos profissionais (curso de animador sócio-cultural/desporto). O ensino superior compreende o ensino universitário e o ensino politécnico, conferindo os graus académicos de bacharelato, licenciatura, mestrado e doutoramento.

c) Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES) - tutela a formação ao nível do Ensino Superior Politécnico (Escolas Superiores) e Universitário (Universidades). No ano de 2003, abriram vagas em 45 cursos no âmbito do desporto,

correspondendo um plano de estudos diferente para cada um. Deste total, 31 pertencem ao Ensino Politécnico e 14 ao Ensino Superior Universitário. O Ensino Superior Politécnico apresenta-se mais vocacionado para a área da Educação Física (61%) em comparação com o Ensino Superior Universitário (26%). De um modo geral, cerca de 42% da formação no Ensino Superior de Desporto, estão de alguma forma relacionados com o perfil formativo de Professores de Educação Física.

d) Clubes: no ano de 2000, existiam 10.377 clubes, dos quais 9.722 estavam inscritos nas federações desportivas. Cerca de 45% dos clubes têm menos de 250 sócios e 41% dos clubes só tem uma modalidade.

e) Associações profissionais: as principais associações sócio-profissionais têm essencialmente nas associações de treinadores a sua componente mais dinâmica (ex: futebol, natação, basquetebol, Voleibol e Andebol). Na área dos gestores do desporto, a Associação Portuguesa de Gestão do Desporto (APOGESD) é a principal estrutura representativa. No sector do *Fitness*, a Associação de Ginásios e Academias de Portugal (AGAP) é a estrutura que congrega o maior número de ginásios. No sector das empresas de turismo de natureza e aventura, a Associação Portuguesa de Empresas de Animação Cultural e Turismo de Natureza e Aventura (PACTA), é a principal estrutura com dinâmica associativa, com 38 empresas associadas. No âmbito dos professores de Educação Física, existe a Sociedade Portuguesa de Educação Física (SPEF) e a Associação Portuguesa de Professores de Educação Física (APPEFIS) são as principais estruturas nacionais.

f) Federações Desportivas: são diferenciadas entre as que têm o estatuto de utilidade pública desportiva (DL n°144/93, de 26 de Abril e DL n°111/97, de 9 de Maio). Nesta situação existem 66 federações, enquanto que as restantes 6 são denominadas por associações promotoras de desporto. Em relação à formação de treinadores, verificamos que esta é actualmente constituída por quatro níveis de intervenção: nível I (iniciação, de 33h a 100h), nível II (formação, de 56h a 120h), nível III (especialização, de 100h a 150h), nível IV (alto rendimento, 150h a 660h). A formação académica superior (em desporto), normalmente é reconhecida pelo nível I, sendo o nível II atribuído para os casos em que exista uma especialização.

Segundo os dados do mesmo relatório (VOCASPORT) de Santos *et al.* (2005), o número de pessoas que praticam desporto em Portugal (pelo menos uma vez por semana) entre a população maior de 15 anos é de 22%. Entre a realidade actual e a realidade do início da década de noventa, verificou-se que, existiu uma estabilização nos índices de

participação desportiva. No entanto, registou-se um aumento do tempo de prática, ao nível da intensidade e do tempo de actividade. Por outro lado, o índice de participação organizada teve uma ligeira redução enquanto que a participação não organizada subiu também ligeiramente. O principal indicador de prática desportiva é o regime de prática intensivo não relacionado com a prática federada (8%).

Sintetizando, por um lado, o Estado português através do IDP, IQF e IEFP, tem a responsabilidade de regular, homologar e certificar a formação e os profissionais, que obtenham aproveitamento nos cursos de formação profissional promovidos pelas respectivas entidades formadoras. Por outro lado, o MCTES tem a responsabilidade através dos estabelecimentos de ensino superior de desporto e relacionados com o desporto, da formação de técnicos superiores de desporto e relacionados com o desporto.

Considerando este pressuposto e face às necessidades sentidas pelos “profissionais” do Desporto de Natureza, têm sido organizados em Portugal alguns encontros (congressos, seminários, colóquios, reuniões de trabalho, etc.) com a finalidade de discutir o presente e o futuro da formação nesta área. Assim, através da nossa participação directa e indirecta, gostaríamos de apresentar as seguintes ilações: 1) existe pouca vontade política para desenvolver este novo sector desportivo com fortes valências educativas, formativas, desportivas, culturais, sociais e turísticas; 2) frequentemente os responsáveis pelos diversos organismos/organizações adoptam normalmente uma atitude pouco cooperativa impossibilitando analisar os problemas à escala global nacional; 3) continuamos a testemunhar alguns conflitos entre federações, clubes e técnicos de algumas actividades, que se tem repercutido no seu desenvolvimento; 4) A frequente postura crítica (destrutiva) em detrimento de uma atitude positiva, construtiva e de cooperação; 5) existem sempre grandes constrangimentos financeiros que impedem colocar em prática as boas propostas apresentadas pelos diversos intervenientes neste processo.

Deste modo, consideramos que o trabalho efectuado até ao momento, não tem correspondido às expectativas dos muitos interessados (praticantes e candidatos a técnicos) e actuais “profissionais” que desenvolvem as suas práticas e actividades profissionais neste “novo” sector desportivo – o desporto de natureza.

### **3.3. Formação de Professores**

O desenvolvimento profissional de professores num sentido de formação ao longo da vida, faz ressaltar o papel significativo que os professores desempenham na qualidade do ensino, enquanto mediadores fundamentais dessa qualidade. É por isso que, em coerência, deveremos ampliar o nosso olhar sobre a formação e o desenvolvimento profissional numa perspectiva abrangente que inclua a sua complexidade e dinamicidade. O trabalho colaborativo, a supervisão e o apoio mútuo, a partilha de experiências, a importância dos processos de liderança e de comunicação nas escolas, vieram introduzir novos desafios e ampliar o âmbito sobre a formação dos professores para as dimensões culturais e institucionais, numa perspectiva integradora e construtiva (Alonso, 1998).

Piéron (1996) descreve as fases de desenvolvimento da carreira profissional dos professores, permitindo situá-los a diversos níveis de mestria profissional: principiante (estagiário - 1ºano); principiante avançado (professor de 2º e 3ºano); professor competente (3º, 4ºano e alguns professores experientes); professor eficaz (5 ou mais anos de prática) e professor “expert” (somente alguns atingem este patamar).

Em relação a este último patamar, os “experts”, apresentam características como, ensinar intuitivamente; possuir um sentido global da situação, responder com fluidez, agindo de uma maneira natural, capacidade de análise e avaliação; dominar profundamente os conhecimentos técnicos da sua área; ter grande motivação, dedicação, entrega e paixão por aquilo que fazem; ser dinâmico, criativo e inovador; ter persistência, empatia e estabilidade emocional (Carreiro da Costa, 1991).

Almeida (1997), diz-nos que ao exemplo do que acontece noutras áreas de ensino, os formadores de professores de educação física desempenham um papel primordial no processo de formação de docentes que se desenvolve nas diferentes instituições de ensino superior. Em muitos casos, os formadores são a causa de muitas mudanças e inovações que vão surgindo nas diferentes instituições de formação, funcionando como mediadores e agentes básicos nas transformações que ali se operam.

A supervisão pedagógica no sistema educativo desportivo tem sido uma das estratégias mais importantes na formação tanto para os formadores como para os



formandos. Questões associadas à competência profissional dos futuros professores têm sido uma preocupação constante, evidenciando a necessidade de investigar os respectivos modelos de formação (Metzler, 1990; Randall, 1992; Piéron, 1996; Tjeerdsman, 1996; Ruas & Pereira, 2003).

Por outro lado, parece existir alguma falta de critério na selecção dos formadores (orientadores), uma vez que estes, normalmente, são indicados ao nível escolar ou por uma simples autorização de especialistas mais graduados, o que por vezes implica o desempenho de funções de supervisão sem garantir que existe essa competência nos respectivos orientadores/supervisores (Paese, 1984; Harari & Noa, 1997).

No entanto, as vantagens e os ganhos de aprendizagem neste âmbito, têm sido reconhecidos pelos orientadores, revelando uma melhoria de competências ao nível da gestão, disciplina, clima, instrução e atitude profissional, em que as maiores preocupações estão associadas à instrução dos conteúdos desportivos e às questões de segurança das actividades (Sarmiento *et al.*, 1997).

Zeichner (1983) citado por Fontes (2006b), em relação aos paradigmas da formação de professores, evidência o facto de que qualquer programa de formação de professores assenta numa dada postura ideológica, veiculada pelos formadores, mas também pelas instituições de formação. Este autor distingue quatro paradigmas: a) Paradigma Comportamentalista; b) Paradigma Personalista; c) Paradigma Tradicional-Artesanal; d) Paradigma do Professor Reflexivo.

Sobre este último paradigma, Formosinho (2002) e Oliveira (1996) referem que há medida que os formandos vão passando pelas várias experiências de formação, também desenvolvem uma visão mais crítica e fundamentada, valorizando as questões de organização da formação e a relação com as situações de prática. Estes apreciam as estratégias de partilha e discussão dos saberes pedagógicos, com base na reflexão das experiências profissionais; actividades reflexivas, processo de ensino-aprendizagem mais centrado nos alunos desenvolvendo maior autonomia, entusiasmo e empenhamento nos alunos; valorização das relações interpessoais e da componente sócio-afectiva, no sentido de mudança para as atitudes mais positivas e integradas da formação

Por outro lado, de acordo com Calderhead (1996), as reformas devem traduzir um aumento de tempo utilizado em processos de formação mais práticos e de maior adequação face às novas necessidades profissionais

No entanto, Carreiro da Costa (1996), refere que a aprendizagem da profissão docente não principia com a frequência de um curso de formação inicial, nem termina com a obtenção de uma licenciatura em ensino, é algo que o professor realiza durante toda a vida, ou seja, começa antes da formação inicial (ex: ensino básico e secundário), e permanece em aberto até ao momento da reforma. Neste sentido, são apresentadas as seguintes fases de formação: fase anterior à formação (ex: aprendizagem por observação); fase de formação inicial (ex: licenciatura); fase de indução (ex: estágio profissional) e fase de formação em serviço (ex: formação contínua).

Assim, consideramos também, que o papel desempenhado pelos professores na sociedade, não pode ser ignorado, uma vez que não se limita à leccionação, mas também à participação activa na vida dos alunos e da comunidade em que se inserem. Como tal, estes devem estar bem preparados, apostando não só na formação inicial (que é o suporte básico), mas também apostar numa formação contínua capaz de dar resposta às diversas solicitações dos alunos e da comunidade em geral, nomeadamente ao nível da formação de outros professores (Feiman-Nemser & Buchman, 1988).

Guimarães (1998) estudou a opinião dos estagiários do ensino superior universitário e politécnico, acerca da formação inicial a que foram sujeitos. Considerando por um lado que, a maioria das funções e tarefas destes “profissionais” são semelhantes (função docente) na disciplina de Educação Física, mas que por outro lado, os dois grupos de estagiários foram sujeitos a programas de formação e planos de estudos diferentes, verificaram-se diferenças de opinião, relativamente a alguns indicadores, tais como, valorização e identidade da disciplina de Educação Física, ética desportiva, valores subjacentes à prática desportiva, competências pedagógicas e domínio de técnicas de ensino, relações interpessoais.

Relativamente aos processos de formação, Piéron (1996) refere que, a uma formação profissional de qualidade devem atribuir-se várias missões de que o professor, treinador ou técnico, possa contribuir ajudando os alunos, atletas ou praticantes nas suas aprendizagens e que, esteja empenhado num processo de aperfeiçoamento pessoal na base de uma reflexão contínua sobre a sua própria acção pedagógica.

Não esquecer porém que, as experiências pessoais e práticas vividas antes do período de formação inicial, são muito importantes e influentes na qualidade de ensino dos respectivos professores. Estes normalmente estão mais familiarizados com o conteúdo desse conhecimento, detendo uma capacidade mais reflexiva e versátil na sua utilização. Deste modo, julgamos que a experiência como praticante numa determinada modalidade desportiva, antes e durante o processo de formação poderá ser um factor determinante na competência profissional do futuro técnico de desporto (Onofre, 2000).

Por outro lado, as “parcerias” da relação escola/mercado de trabalho, devem assumir um papel preponderante na adequação e organização dos processos de formação das entidades formadoras, face às necessidades da vida profissional.

Braga (2001), defende a necessidade de um programa sistemático e combinado entre a escola e a faculdade, que facilite a consecução do desenvolvimento pessoal, profissional e social do profissional em formação. Deste modo, faculdade e escolas veriam o seu trabalho construído a partir de uma base de referência mútua.

Também Leah e Lockwood (1995), numa das suas conclusões, referem que a cooperação entre entidades formadoras e entidades empregadoras tem sido uma experiência muito positiva no Reino Unido, havendo sem dúvida, ganhos para ambos os lados intervenientes. No mesmo sentido, os formandos apreciam esta situação na medida em que as suas expectativas relativamente ao seu trabalho são bastante positivas e encorajadoras.

Em relação à formação de professores e sua profissionalização, Perrenoud (1993) lança as seguintes questões: Poderá orientar-se a formação de outro modo que não seja para a aquisição de competência? Não é evidente que uma prática profissional complexa exige competências e que a formação tem, como principal vocação, permitir-lhes o desenvolvimento?

Ao analisar a investigação científica realizada em Portugal, Pereira (2002) refere que apesar dos investimentos que se têm feito nos últimos anos, continuamos a demonstrar algum atraso, uma vez que em comparação com a média europeia, o número de investigadores na população activa é três vezes mais baixo, e em relação aos países mais desenvolvidos, a despesa nesta área é cinco vezes menor.

O mesmo autor refere ainda que, na perspectiva da “Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico” (OCDE), foram adoptados pelos países membros da Comunidade Europeia, dois modelos de formação: o modelo de “competências mínimas” e o modelo de “profissionalismo aberto”. Nas actuais políticas de educação, sobressai a ideia do modelo de “competências mínimas” em que o ensino é considerado pura e simplesmente como um sistema de “entrega ao domicílio”, ou seja, as decisões sobre o que e como ensinar, são tomadas ao nível superior (administração) acima da escola, o que conduz a um programa escolar imposto. Por outro lado, o modelo de “profissionalismo aberto” situa o professor no centro do processo de melhoria da qualidade da educação. Os professores são os responsáveis pela análise das necessidades da escola e são capazes e desejam debater abertamente, não apenas entre eles, mas com outras partes legitimamente envolvidas, soluções possíveis ou aperfeiçoamentos desejados. Estes são considerados como líderes inovadores, capazes de auto-aperfeiçoamento, de identificar e reagir às necessidades dos alunos, enfim, de avaliar o resultado das suas intervenções.

Piéron (1999), refere que a investigação (pedagógica) sobre o ensino das actividades físicas e desportivas, normalmente assenta em duas vertentes: a investigação baseada no ensino e a investigação baseada nos professores. Esta última, visa estudar a sua preparação e aperfeiçoamento, tanto durante a formação como durante a sua actividade profissional. Numa das suas conclusões sobre os formadores, refere que, existe com frequência uma diferença entre os objectivos dos formadores e os objectivos dos formandos. A importância do que está em jogo merece por parte dos primeiros, grandes esforços de explicação e convicção, e por parte dos segundos, uma vontade de superar a rotina quotidiana para entrar num processo reflexivo do ensino.

Por outro lado, o melhor caminho para compreender a realidade do ensino é identificar as habilidades e as estratégias dos actuais professores, é saber o significado dos objectivos programáticos através dos estudantes, observando a qualidade e a quantidade do trabalho realizado nas aulas. Depois de saber o que fazem os alunos e perceber o compromisso da qualidade e quantidade das aprendizagens face à objectividade educativa, podemos estudar o que os professores fazem para organizar o seu processo de aprendizagem (Siedentop, 2005).

Em relação à importância do envolvimento dos alunos nos seus processos de formação, consideramos que os professores e os alunos devem procurar uma formação

crítica e reflexiva, em que a avaliação possa regular esta formação. Será importante por isso, construir e reajustar os processos de avaliação, bem como possibilitar a discussão dos resultados obtidos, de tal forma que eles possam orientar os próprios processos de formação, trabalhando em conjunto na qual a responsabilidade no processo de ensino-aprendizagem possa ser mútua e envolvente.

Contudo, será cada vez mais difícil atingir a excelência profissional, uma vez que o nível do conhecimento a dominar, os materiais e as tecnologias, as novas exigências e responsabilidades também evoluem. No entanto, devemos continuar sempre à procura do estado de excelência na profissão que desempenhamos.

Perante a situação actual, a formação inicial já não chega para termos a garantia de uma situação estável de emprego. Os tempos são outros, as mudanças são constantes e a uma velocidade, que por vezes se torna difícil de acompanhar. Novas necessidades de formação, originadas pelas maiores exigências do mercado, das tecnologias, das técnicas e dos saberes, implicam uma predisposição mais activa e reflexiva por parte dos responsáveis na área do desporto.

### **3.4. Formação de Treinadores**

Nos tempos actuais, quer seja no desporto de competição, na prática desportiva das crianças e dos adolescentes ou na prática do desporto terapêutico, é necessário conhecer de um modo formal os diferentes conteúdos e métodos de treino e estar à altura de os avaliar na sua diferenciada valorização e numa óptica de intermodalidade desportiva e de, conseqüentemente, os aplicar (Weineck, 2002).

Portanto, além do conhecimento das principais formas de actividade motora desportiva e respectivos factores de performance desportiva, será importante também, existirem preocupações ao nível da saúde e do bem-estar dos indivíduos.

De acordo com a “Classificação Nacional das Profissões de 1994”, os treinadores, apesar de não terem a sua formação associada de forma sistemática com o ensino superior, são considerados fundamentalmente “trabalhadores intelectuais”, sendo o seu trabalho suficientemente valorizado em termos culturais. A razão para esta classificação prender-se-á com o facto de, quanto ao nível e tipo de competências exigíveis para o exercício da função de treinador, se poder estabelecer uma semelhança entre a actividade do professor e do treinador (Almeida, 2001).

Nesta lógica, também a actividade do técnico de desporto de natureza deverá exigir um conjunto de competências semelhante em relação aos professores e treinadores desportivos, principalmente para aqueles que desempenham funções profissionais associadas ao ensino das actividades físicas e desportivas.

Godoy e Casaubón (2001), na tentativa de encontrar relações entre a formação de professores e a formação de treinadores, conseguiram identificar um conjunto de competências que são semelhantes nos dois grupos: planificação e programação, instrução, organização e controlo, feedback, relações sócio-afectivas e clima de grupo e avaliação.

Desse modo, é sugerido que a formação de treinadores (que é mais recente), deverá considerar estas semelhanças na construção dos seus modelos de formação.

Rodrigues (2000) considera que a investigação sobre a competência pedagógica dos treinadores tem sido desenvolvida durante os últimos anos de acordo com diversos

paradigmas e no quadro de muitas influências de áreas científicas afins à Pedagogia do Desporto. Nesse sentido são apresentadas as seguintes tendências de investigação nesta área: “Treinadores de Sucesso”, “Pensamento e Comportamento dos Treinadores”, “Feedback Pedagógico dos Treinadores”, “Diagnóstico (observação) dos Treinadores”, “Treinador durante a Época Desportiva”, “Treinador de Jovens”, “Treinador nos diversos conteúdos de Treino”, “Treinador em Competição” e “Formação dos Treinadores”.

Destacamos precisamente este último, a “Formação de Treinadores”, uma vez que o autor refere que esta área carece de muito desenvolvimento e pesquisa.

A melhoria da capacidade de intervenção do treinador passa por alterar o panorama actual, através do estabelecimento de regras para a carreira de treinador que tornem a profissão mais aliciante, assim como pela definição de um perfil de treinador cuja formação crie um compromisso claro entre o conhecimento prático e o conhecimento científico, devendo respeitar os princípios de continuidade, integração científico-pedagógica, unidade e diversidade, individualização e harmonização entre a formação recebida e a intervenção profissional (Araújo, 1987).

Neste sentido, Lima (2000), salienta que discorda do exercício da função de treinador por quem não tenha preparação adequada, considerando que o futuro das crianças, dos jovens e dos adultos envolvidos na prática desportiva é demasiado importante para que possa ser prejudicado por aqueles que, sem preparação, cometam os mesmos erros época após época. Se não se aceita que, no sistema educativo, a função de docente seja exercida por quem não tem habilitação própria, como é que vamos admitir que, no sistema desportivo, aqueles que ensinam, treinam e dirigem crianças e jovens sejam dispensados de habilitação apropriada?

No mínimo há que assegurar para todos os treinadores a formação inicial e a formação contínua, como condições necessárias ao exercício da sua importante função no desenvolvimento desportivo e à sua elevada missão formativa junto da juventude.

Segundo Araújo (1989), um projecto de formação de treinadores tem de privilegiar uma estratégia de intervenção, em que a importância do seu contributo social esteja perfeitamente clarificada, para além de uma intenção de projectar o sistema desportivo numa via de desenvolvimento. Observar e analisar, recolher e tratar informações, estabelecer relações sociais e trabalhar em grupo, comunicar com linguagens e a níveis diferentes, pressupõe uma cultura geral e uma experiência de vida, sem as quais os

treinadores não estarão habilitados para enfrentar a diversidade de situações profissionais que o futuro lhes reserva.

Por último, o autor defende ainda que, uma correcta metodologia a prosseguir nas actividades de formação de treinadores deve implicar preocupações relativas a uma aquisição de conhecimentos (saber), um domínio das técnicas (saber fazer) e uma transformação positiva e continuada das atitudes (saber estar).

Assim, o treinador deve apresentar-se como modelo e exemplo perante os restantes intervenientes, sendo portador de um perfil, que deve assentar no seguinte conjunto de características: ter conhecimentos de gestão do processo de treino, organização do trabalho, equipamentos, disciplina, ser pontual, entusiasta e dinâmico; respeitar e ser respeitado, deverá ter capacidade de comunicação e de utilização de uma linguagem adequada (Barata, 1998; Campbell, 1998; Lima, 2001).

Interessante também é a abordagem de Bee *et al.* (2002), quando referem que um treinador demora vinte anos até atingir o máximo das suas capacidades. Estes autores dizem ainda, que os treinadores de sucesso conseguiram, mediante uma combinação de experiência, talento, reflexão e prática, desenvolver meios para obter o melhor de si próprios e dos seus atletas, deixando o seguinte conselho: “...os programas do ano passado produziram os resultados do ano passado. Resista à tentação de administrar o treino como uma rotina ou um hábito...”.

Neste seguimento, Lima (2001), refere que a preparação do treinador deverá permitir-lhe que intervenha, cada vez mais aprofundada e criteriosamente, no sentido de desenvolver as suas capacidades para ensinar e liderar correctamente, levar à prática os conhecimentos da modalidade, promover o ensino e o treino ao nível da compreensão, receptividade e capacidades dos jogadores, apresentar os assuntos e as situações da preparação desportiva numa sequência de etapas, aplicar as leis da aprendizagem e os princípios do treino, estabelecer metas realistas e perceptíveis aos jogadores (traçar objectivos e saber planear).

Prata (1998), ao referir-se aos “expert coaches”, salienta que os bons treinadores possuem um conhecimento profundo e especializado, organizam o seu conhecimento hierarquicamente, possuem uma grande capacidade perspectiva e de resolução de problemas, apresentam um quase automatismo durante a análise e a instrução, desenvolveram técnicas de auto-controlo e avaliação do seu trabalho.



Uma das competências básicas do treinador consiste em saber diagnosticar e prescrever pedagogicamente tarefas desportivas. Rosado (2000a), salienta que esta deverá merecer uma atenção especial ao nível dos modelos de formação de professores e treinadores, uma vez que os actuais currículos de formação, dificilmente correspondem e preparam os formandos para estas competências de ensino. Nesse sentido, é necessário aumentar a formação técnica, realizando um esforço de centrar a formação nas didácticas específicas das modalidades

Por outro lado, Rosado (2000b), refere que existe a necessidade fundamental em delimitar o campo profissional (áreas e contextos profissionais) para criar e projectar esta profissão. Desse modo, dever-se-á identificar e caracterizar as funções profissionais e o perfil de competências do treinador, no sentido de otimizar as influências do treinador sobre os atletas, pois este exerce uma influência não só sobre o nível de prática da modalidade e sobre o jovem enquanto atleta, mas também, sobre o jovem enquanto pessoa.

Assim, considerando que não é fácil definir um perfil único de funções e competências (mesmo a nível generalizado) devido às exigências que se impõem actualmente para estes profissionais, é apresentado um quadro conceptual que identifica as seguintes funções e competências do treinador.

Funções profissionais: 1) desenvolvimento do processo de treino desportivo; 2) gestão e administração do sistema desportivo; 3) participação na formação de treinadores; 4) funções de investigação e criatividade.

Perfil de competências do treinador: 1) Competências científico-pedagógicas (científicas e técnico-metodológicas, relacionais e deontológicas); 2) Competências pessoais (formação geral, desenvolvimento pessoal); 3) Competências de gestão e administração; 4) Competências de produção de saberes; 5) Competências de divulgação de saberes.

Os resultados dos estudos de Simão (1998) e Costa (2005) no âmbito da formação de treinadores, demonstraram que a maior experiência como praticante e a maior experiência profissional, parecem evidenciar menores necessidades de formação por parte dos treinadores mais experientes. Por outro lado, parece existir também, concepções diferenciadas para grupos de treinadores distintos e dirigentes, pelo que a análise das especificidades introduzidas por grupos diferenciados de treinadores e outros profissionais deverá ser considerada em futuras investigações.

Rodrigues (1997) no seu estudo sobre o sucesso desportivo dos treinadores, concluiu que as características do treinador, a sua formação e experiência, as qualidades dos atletas, o contexto organizacional dos clubes e das federações desportivas, e ainda os objectivos que se perseguem foram determinantes para esse sucesso e, conseqüentemente, para a relação pedagógica em desporto. O autor sublinhou ainda a importância para a necessidade de investigação na área da formação de agentes desportivos, nomeadamente, ao nível dos treinadores e monitores.

Um outro estudo que analisou o papel do treinador (Serpa, 1995), diz-nos que a acção do treinador deve subscrever a execução de quatro papéis fundamentais, no contexto desportivo: “Técnico, dependendo o desempenho da sua experiência, competência específica e capacidade adquiridas, assim como competências criativas; “Educador”, pois tem influência na formação da personalidade dos jovens com quem interage; “Gestor”, no que concerne aos aspectos técnicos e sociais; e “Líder”, devendo ser aceite, naturalmente, pelos atletas.

Por outro lado, ao nível do código de ética do treinador, Shembri (1998), apresenta os seguintes princípios: competência, elevados padrões de integridade, responsabilidade profissional, respeito pelos participantes e pela sua dignidade, protecção do público, preocupação com o bem-estar dos outros, responsabilidade no treino e honrar a profissão e o desporto.

Considerando mais uma vez que a supervisão é uma estratégia de formação fundamental de ensino-aprendizagem, reforçamos também que na área da gestão, esta é entendida como, a arte de melhorar o desempenho dos outros. Neste caso, os gestores que também são supervisores encorajam as suas equipas a desafiar o próprio trabalho e a criar condições para o desenvolvimento contínuo. A supervisão deverá estabelecer a ligação entre o nível actual de um indivíduo e o nível desejado. Isto pode acontecer numa única sessão ou através de um longo ciclo de sessões. Os supervisores, poderão ajudar a desenvolver as capacidades dos seus colaboradores, se em conjunto, avaliarem o desempenho, discutirem a situação actual, definirem objectivos atingíveis, explorarem novas iniciativas e apoiarem o mesmo plano de acção (Eaton & Johnson, 2001).

No âmbito da formação desportiva, a supervisão pedagógica deverá ser tida como uma acção consciente, organizada, participada e coerente. Este processo de formação

carece de uma grande responsabilidade por parte dos intervenientes, relevando-se particularmente nos aspectos de intencionalidade, previsibilidade, controlo e eficácia. Deste modo, a reflexão acerca dos projectos e processos de formação que possam envolver tutoria e supervisão, deve merecer da parte dos diversos intervenientes uma atenção especial (Rodrigues, 2001).

Neste sentido, consideramos que a formação através de estágios profissionais deverá ser bastante valorizada nos diversos planos de estudos e programas de formação de agentes desportivos.

Como exemplo, apresentamos um estudo sobre a avaliação da formação de treinadores (Rodrigues *et al.*, 2003), onde foi possível concluir que o processo de formação de estágio, foi valorizado por todos os intervenientes (estagiários, treinadores e dirigentes), estando de um modo geral bem organizado, existindo no entanto algumas dificuldades quanto ao acompanhamento e eficácia da supervisão. Por isso, foi com alguma naturalidade que se verificaram maiores necessidades de formação nos formandos ao nível de algumas funções pedagógicas, nomeadamente no planeamento e controlo e avaliação do trabalho efectuado.

Assim, a supervisão pedagógica deve ser sistemática e objectiva procurando atingir níveis de performance nos docentes, de qualidade na manipulação das funções pedagógicas. Deve proporcionar ajuda e cooperação aos técnicos principiantes, de modo a que estes se tornem cada vez mais independentes na tentativa de melhorar e aperfeiçoar as suas competências profissionais. Esta estratégia de formação implica uma relação entre um técnico mais experiente e um técnico menos experiente, uma relação entre ambos que deverá ser de acompanhamento contínuo, de ajuda e de cooperação. Este processo deverá desenvolver-se em contexto real, centrando a atenção nas dificuldades, problemas e necessidades dos técnicos menos experientes.

### 3.5. Formação de Técnicos (Desporto de Natureza)

Ao abordar o conceito de lazer e de aventura, Leitão (2002) refere, que tanto as actividades de lazer como o desporto aventura, sofreram alterações significativas, fazendo surgir um cenário desportivo diferente (*e.g.*, novas actividades, novos locais de prática desportiva, novo vestuário desportivo). Hoje fala-se mesmo de uma nova era do desporto que se pode caracterizar pelo aparecimento de novos valores e atitudes, por práticas menos estandardizadas e sobretudo, por um regresso à natureza dos anos 60 e consciência ecológica dos anos 80.

Assim, as actividades de desporto de natureza, englobam um conjunto muito diversificado de actividades, que normalmente estão associadas aos espaços naturais, ou seja, são realizadas em contacto com a natureza. Por outro lado, apesar da sua grande diversidade, existem algumas características comuns: o prazer intrínseco e as profundas emoções que suscitam; o seu carácter flexível e eclético, como o ritmo do nosso tempo; o seu novo simbolismo; sentimentos de competência (a possibilidade de realizar tarefas arriscadas com elementos de incerteza, ultrapassando com êxito uma tarefa difícil para outros); superar os próprios limites; actividades desenroladas num envolvimento muito particular, com conotações subjectivas, como o contacto com a natureza e sensação de liberdade (Miranda *et al.*, 1995; Palmi & Martín, 1997).

Portanto, parece-nos que novos valores, novos contextos e novas práticas desportivas poderão implicar novos profissionais, e conseqüentemente, novos perfis de competências profissionais.

Ao nível da formação específica, estamos de acordo com Pires (1989), considerando que os projectos desportivos com actividades de ar livre devem envolver a utilização de técnicos desportivos com um alto grau de experiência e especialização. Dispensar estes técnicos é correr riscos desnecessários. Por outro lado, o simples facto de ter sido praticante não confere capacidades e competências para organizar acções ou actividades com jovens. Os profissionais desta nova área desportiva, devem rejeitar situações deste tipo. A melhor maneira de o fazerem é tornarem-se, eles próprios, especialistas nestas actividades. Para isso é necessário serem desencadeados processos de formação de alta qualidade e de uma forma sistemática.

Um outro facto que podemos observar, consiste na carência de quadros técnicos reconhecidos no desporto em geral, e em particular na área da recreação e lazer, sendo esse papel assumido muitas vezes por antigos praticantes sem formação académica superior ou por professores de Educação Física.

Se por um lado os técnicos licenciados sentem uma maior necessidade de actualização de conhecimentos e reciclagem em áreas de menor domínio prático, não licenciados estão mais preocupados com as questões de responsabilidade nas actividades (Carvalhinho *et al.*, 2005).

Priest e Gass (1997), numa pesquisa sobre a liderança em programas de aventura, destacaram um conjunto de competências-chave que um líder de actividades de *outdoor* deve perseguir: competências técnicas, competências ao nível da segurança, conhecimento do meio natural, competências de organização, competências ao nível da instrução, gestão de infra-estruturas (espaços) e equipamentos, capacidade de liderança, capacidade de julgamento, capacidade para resolver problemas, capacidade para tomar decisões, capacidade de comunicação real e ética profissional.

Deste modo, um líder de “outdoor” deve ter um completo entendimento destas competências-chave, necessárias à sua preparação e saber o seu nível de competência em cada uma. Deve ainda esforçar-se, para ser eficiente em todas elas e procurar aumentar as suas competências nas áreas mais fracas.

No entanto, não podemos esquecer que estamos a abordar uma área de actividades por vezes muito específica, e por isso, com necessidades de formação também específicas. Por isso, só a prática continuada, aliada a uma formação adequada e continuada, permitirá o conhecimento das técnicas fundamentais e o manuseamento adequado dos equipamentos, contribuindo para o sucesso das actividades (Silva *et al.*, 2000).

Betrán e Betrán (1999), num estudo sobre a análise da oferta e da procura de actividades físicas de aventura na natureza, apresentaram as seguintes conclusões: a maior oferta pertence ao sector privado e tem como principais actividades o “Rafting”, Btt e “Trekking”, enquanto que actividades mais procuradas foram o “Rafting”, Passeios equestres, Parapente e Btt. A procura de um estilo de vida saudável e a sensação de risco/perigo foram as preferências dos praticantes, considerando que estes apresentaram um nível de iniciação aos desportos de aventura. Por outro lado, as questões de segurança continuam a constituir uma grande preocupação para os responsáveis, uma vez que as

principais causas dos acidentes ocorridos, resultaram da imprudência dos clientes (47%), consequências da natureza (27%), outros (15%), problemas com material (7%) e falha do monitor (4%).

Em relação à segurança neste tipo de actividades, Dougherty (1998) apresenta alguns princípios e linhas orientadoras que podemos destacar: aspectos associados às condições dos diversos envolvimento, supervisão, selecção e condução das actividades, utilização de material, são também desenvolvidos ao longo da sua pesquisa em diferentes actividades. Em todas estas dimensões, o rigor do planeamento é o factor-chave no sucesso das actividades, antecipando problemas, encontrando soluções, optimizando as actividades e a satisfação dos clientes, através de uma intervenção de elevada qualidade e profissionalismo.

Na tentativa de situar a problemática da formação dos técnicos de desporto de natureza em Portugal, Carvalhinho (2003), colocou o seguinte conjunto de questões de partida: Quais as necessidades deste “novo mercado” profissional? Como definir perfis para estes técnicos desportivos? Que competências profissionais devem ser valorizadas? Que modelos de formação devem ser adoptados?

Deste modo, o autor considerou importante três etapas de trabalho: 1) Estudar a relação “procura-oferta”, identificando as motivações e tendências da procura, avaliar a qualidade da oferta, regulamentar, legislar e fiscalizar as actividades e serviços de desporto de natureza; 2) Organizar processos de formação adequados, envolvendo de forma célere, o Estado, as entidades certificadoras, as entidades formadoras, os formadores e os empregadores; 3) Identificar as funções profissionais, perfis de competências, necessidades de formação, construir modelos de formação ajustados à realidade portuguesa e preparar mecanismos de controlo e avaliação do trabalho desenvolvido.

Assim, parece que nos encontramos num impasse em que temos algumas sugestões de trabalho para ajudar a resolver os principais problemas levantados e partilhados pela grande maioria dos intervenientes, mas ao contrário daquilo que seria desejado, torna-se bastante difícil operacionalizar as várias propostas, correndo o risco de estas se traduzirem apenas em manifestações de intenções.

#### 4. Análise Taxonómica em Desporto de Natureza

As taxonomias utilizadas no desporto ao longo dos tempos, bem como os parâmetros em que a classificação assenta, têm sido consequência das respectivas épocas, do conhecimento disponível e dos objectivos sociais e pedagógicos. Por isso, a utilização de qualquer taxonomia não deve ser fechada e inflexível. Na sua escolha deverá existir certamente, uma coerência entre os objectivos de estudo e as características do instrumento utilizado. Por outro lado, a criação e desenvolvimento de modelos taxonómicos, que classificam as actividades, permitem também, desenvolver uma nomenclatura específica que tenha por objectivo denominar, analisar e interpretar as terminologias utilizadas de uma forma coerente e eficaz.

Pires (1990), na sua proposta de classificação das práticas desportivas realizadas em ambiente natural, apresenta variáveis como, o local (rios, mar, terra, ar, etc.), a energia utilizada (humana, vento, corrente, ondas, etc.) e a gestão do espaço e do tempo (grandes espaços, sabe-se quando começa e desconhece-se quando vai acabar).

Por outro lado, Almada (1994) apresenta também uma proposta para o tratamento do conhecimento, abordando três indicadores: 1) características mais importantes; 2) tipo de objectivos; 3) principais variáveis em jogo. Esta estrutura pressupõe a divisão do desporto em “Desportos individuais”, “Desportos colectivos”, “Desportos de combate” e “Desportos dos grandes espaços”. Em relação a este último grupo, refere que uma actividade dos grandes espaços tem assim um sentido de acontecimento (*happening*), para o qual as pessoas se preparam da forma e nos prazos mais variados, mas que terá lugar unicamente uma vez.

Assim, o autor considera que as características mais importantes privilegiam a relação do homem com o meio em espaços abertos, o tipo de objectivos são reais, as principais variáveis em jogo são as capacidades do homem com os espaços de grandes dimensões e a consequente solicitação das capacidades de adaptação.

Num estudo sobre os modelos taxonómicos das actividades desportivas, Fernando (2005), refere que estes permitem agrupar as actividades segundo as suas características, isto é, com base nos comportamentos predominantemente solicitados ao desportista, identificando desta forma os equilíbrios possíveis das variáveis em jogo.

Neste caso, os modelos taxonómicos devem ser estruturantes do conhecimento, de maneira a que este se possa ajustar aos problemas que pretendemos resolver. Deverá permitir também, a transição de um conhecimento muitas vezes ainda denominado por um empirismo lógico, para um conhecimento científico que, como tal, responda às problemáticas que se definem num âmbito global do conhecimento actual. Deste modo, o modelo estudado considerou a seguinte estrutura:

- 1) Dimensão de variáveis associadas aos aspectos da actividade: Objectivos reais; Relação com o meio em espaços abertos; Sentido de acontecimento;
- 2) Dimensão de variáveis associadas às solicitações que estes aspectos provocam na pessoa. A cada variável, corresponde um conjunto de sub-variáveis, que são identificadas e desenvolvidas no modelo taxonómico.

Por último, este modelo foi operacionalizado com um exemplo prático (gestão e organização de uma expedição). De acordo com Fernando (2005), fica-nos também a ideia de que, será necessário aplicar, testar e avaliar (validar) melhor este modelo, de modo a poder consolidar, reajustar e tirar ilações sobre a validade do próprio modelo.

Também, Moreno *et al.* (2000) apresentam uma proposta de taxonomia das actividades motoras, baseada em critérios e objectivos de tarefas motoras, interacção motora e características dos espaços de acção.

Este tipo de taxonomia encontra-se a um nível de análise diferente daquele que desejamos para o nosso trabalho. Porém, existem alguns indicadores que poderão ser úteis para compreender melhor a complexidade da classificação das actividades, entre os quais, utilização de objectos, movimentação do corpo no espaço, acções de precisão, acções de confronto corporal com adversários, reprodução de modelos e actividades interoceptivas.

Numa outra proposta, Betrán e Betrán (1995), apresentam uma classificação taxonómica de actividades físicas de aventura na natureza, considerando um conjunto de dimensões mais ajustadas ao nosso objectivo, ou seja, contexto físico, pessoal, social e ético-ambiental.

Ao efectuar uma abordagem por outro nível de análise, Funollet (1995), classificou e ordenou as actividades desportivas praticadas em meio natural, identificando um conjunto de variáveis interessantes, entre as quais, variáveis associadas à trajectória, plano, elemento, contacto, destrezas motoras, tipo de energia utilizada e ecossistema.



Ainda no âmbito da classificação das actividades físico-desportivas de natureza, Quilez (1997), utilizou também um modelo que as dividiu em três dimensões:

- 1) Habilidades perceptivo-motoras, que se agrupam em, a) percepção de si mesmo (*alimentação, primeiros socorros e segurança pessoal*) e b) percepção do envolvimento (*meteorologia, relevo e terreno, vegetação, fauna*);
- 2) Habilidades motoras básicas, divididas em, a) de locomoção e b) manipulativas;
- 3) Habilidades específicas, distribuídas por, a) básicas de desenvolvimento (*marcha, acampamento, construções, material e equipamento, organização de itinerários, orientação*), b) terrestres (*pedestrianismo, montanhismo, escalada, espeleologia, descida de cascatas, btt, cicloturismo, orientação, esqui, sobrevivência desportiva, equitação*), c) aquáticas (*natação, vela, canoagem rafting, mergulho, hidrospeed, surfing*), d) aéreas (*voos sem motor, asa delta, ultraligeiros, balão, parapente, pára-quedismo*).

Depois de efectuarmos a análise de alguns estudos relacionados com a classificação de actividades físicas e desportivas realizadas em meio natural, identificamos um conjunto de actividades que são realizadas em território nacional de acordo com as seguintes fontes: Regulamentação em vigor do IDP (2006); Guia Ar Livre de Portugal (2003a); ME (2006b), ME (2006c) e PNSAC (2003). Assim, identificámos 45 ADN:

**Quadro 1 - Inventário das ADN implementadas em Portugal**

Act. c/ cordas	Cicloturismo	Mergulho	Parapente	Snowboard
Asa Delta	Escalada	Montanhismo	Pára-quedismo	Surf
Balonismo	Espeleologia	Mota d'água	Passeios Equestres	Tiro c/ Arco
BTT	Esqui Alpino	Moto-quatro	Pedestrianismo	Tiro c/ Besta
Bodyboard	Esqui Náutico	Multiactividades	Powerkiting	Todo-o-Terreno
Bungee Jumping	Formação Vivencial	Mushing	Rafting	Ultraleve
Campismo	Jogos Tradicionais	Observ. Fauna/Flora	Remo	Vela
Canoagem	Hidrospeed	Orientação	Safari fotográfico	Wakeboard
Canyoning	Kitesurf	Paintball	Skimming	Windsurf

De facto, a pesquisa efectuada em Portugal sobre a classificação taxonómica das actividades físicas e desportivas é muito reduzida, e no âmbito das ADN é quase inexistente. Considerando também que as taxonomias devem ser construídas com base em objectivos específicos e adequados a cada realidade, constatamos que é muito difícil encontrar modelos taxonómicos que possam servir diferentes propósitos.

Neste sentido, tendo em conta o âmbito do nosso estudo e a própria juventude deste sector desportivo (Desporto de Natureza), considerámos importante identificar as principais ADN implementadas em Portugal, de modo a poder classificá-las e seleccioná-las na segunda parte deste trabalho.

## **5. Síntese**

Na revisão da literatura procurámos contextualizar o surgimento das actividades físicas e desportivas de contacto com a natureza, associado à importância na vida dos cidadãos e no desenvolvimento das sociedades. Conceitos como, lazer, tempos livres, qualidade de vida, saúde e bem-estar, devem estar cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, e devem ser uma prioridade no que diz respeito às novas políticas desportivas, no sentido em que a prática física e desportiva deve estar acessível a todos os cidadãos.

Assim, com base nesta mudança de atitude e das condições de vida, as ADN surgem como práticas alternativas em relação ao desporto mais tradicional de rendimento, proporcionando a todos uma prática efectiva e mais flexível em detrimento das práticas mais formais e selectivas. Neste sentido, a oportunidade de prática desportiva dos nossos dias é bastante diversificada, permitindo que cada um efectue as suas opções em função do seu gosto e da sua motivação, e de condições intrínsecas e extrínsecas das próprias actividades.

A complexidade deste sector desportivo (desporto de natureza) implica, em nosso entender, uma constante associação entre o Desporto, o Ambiente e o Turismo. Portanto, ao verificarmos que a maioria destas novas práticas desportivas são desenvolvidas em contacto com a natureza, pressupõe também, que estas devam respeitar simultaneamente, princípios de sustentabilidade dos locais e das regiões, das pessoas e das organizações.

Neste seguimento, surge a importância da formação de profissionais que sejam responsáveis por promover, dirigir e enquadrar actividades e pessoas, de forma adequada, com a qualidade necessária e em segurança. Optámos então por analisar a formação desportiva e a formação profissional, partindo de uma perspectiva mais alargada de âmbito europeu, passando pela formação de professores de educação física e de treinadores desportivos, por serem classes profissionais mais antigas e de alguma semelhança em relação aos técnicos de desporto de natureza.

Por fim, procedemos a uma análise taxonómica das ADN, no intuito de poder utilizar essa informação para construir o nosso Modelo Taxonómico de ADN, que será desenvolvido na parte seguinte deste trabalho.

## **II - PARTE**

### **Planificação e Organização Experimental**

#### **Capítulo I - Objectivo do Estudo**

##### **1. Introdução**

Neste capítulo abordamos o objectivo do estudo efectuando um breve enunciado do problema, onde será explorada a situação de pesquisa desta temática e explicada a especificidade do trabalho que estamos a realizar.

Apresentamos também as hipóteses de pesquisa e sua justificação como fonte de dúvida para o desenrolar deste processo de investigação.

Seguidamente, esclarecemos que este tipo de trabalho, apresenta um conjunto de limitações e pressupostos que podem interferir nas conclusões do estudo.

##### **2. Enunciado do Problema**

No âmbito das actividades de desporto de natureza, pretendemos caracterizar o perfil pessoal e sócio-profissional dos técnicos desportivos, caracterizar as suas opiniões acerca da formação realizada, das expectativas em relação à formação, das funções profissionais, das competências profissionais valorizadas e auto-percepcionadas, e por último, identificar as necessidades de formação associadas a essas competências.

Estamos perante uma “nova” realidade onde emergem “novos” hábitos e estilos de vida mais activos, implicando também “novas” práticas físicas e desportivas. Consequentemente, surgem “novas” dificuldades, “novas” necessidades de formação e “novas” profissões. Portanto, ao aumento da procura das “novas” práticas físicas e desportivas, nomeadamente no âmbito do desporto de natureza, corresponde naturalmente, o aumento da oferta. É perante esta situação que surgem os “novos” profissionais, provavelmente, com “novas” formações e experiências profissionais.

Assim, de maneira a podermos identificar melhor estes técnicos, pretendemos na primeira fase, caracterizar o seu perfil pessoal e sócio-profissional.

De modo a conhecer a sua opinião, analisamos como estes avaliam a formação na sua especialidade através do último curso de formação realizado e da intervenção das organizações. Seguidamente, analisamos as suas expectativas de formação através dos factores de desempenho na actividade profissional e dos pressupostos e estratégias de formação.

As funções profissionais também são analisadas através do nível de concordância atribuído às respectivas definições.

Por fim, analisamos as competências profissionais que os técnicos mais valorizam e que julgam possuir, e quais as necessidades de formação mais evidenciadas.

De forma a poder respeitar a especificidade das diversas especialidades (ADN) e das diversas funções profissionais dos técnicos de desporto de natureza (TDN), optámos por apresentar e discutir os resultados considerando em função destas duas variáveis independentes.

### **3. Hipóteses e Justificações**

As hipóteses de estudo apresentadas pretendem satisfazer não só as nossas curiosidades, como também, ir ao encontro de algumas preocupações e recomendações apresentadas na revisão da literatura. De uma forma ou outra, pretendem alertar para a necessidade de estudar um conjunto de questões associadas à formação, às funções e às competências profissionais dos técnicos desportivos, enquanto intervenientes decisivos na qualidade deste sector desportivo, o desporto de natureza.

Nesta primeira fase, apresentamos as hipóteses referentes ao estudo das ADN (Orientação = Ori, Bicicleta de todo-o-terreno = Btt, Escalada = Esc, Montanhismo = Mon, Canoagem = Can, Mergulho = Mer e Parapente = Par, considerando as várias funções profissionais (Dirigente = D, Formador = F, Técnico Principal = TP e Técnico Auxiliar = TA). Neste sentido, para cada actividade, são estabelecidas três hipóteses orientadoras, implicando na prática, o seu desdobramento em relação às ADN em estudo.

A sociedade actual está mais atenta, mais activa e participativa. Por outro lado, está mais preocupada e mais exigente com as questões da qualidade de vida, do bem-estar, da segurança e da responsabilidade. Na realidade, têm surgido algumas dificuldades por falta de regulamentação adequada, uniformização, certificação, controlo e avaliação das actividades de desporto de natureza. Podemos também constatar, que através da participação em congressos, conferências, jornadas e reuniões de trabalho, os técnicos têm vindo a manifestar alguma insatisfação geral relativamente à estruturação e organização da formação. De facto, existe uma grande probabilidade de encontrarmos técnicos com percursos de prática desportiva, de formação e de experiência profissional diferentes, criando-nos a expectativa de podermos encontrar também, diferenças ao nível da opinião sobre a formação. Com base neste pressupostos, apresentamos as seguintes hipóteses de pesquisa:

**Hipótese 1 - Nas ADN, “Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par”, existem diferenças significativas quanto à opinião dos técnicos, sobre a formação.**

Sub-hipótese A1 - Formação realizada / Último curso de formação realizado;

Sub-hipótese A2 - Formação realizada / Intervenção das organizações na área da formação;

Sub-hipótese B1 - Expectativas de formação / Factores de desempenho profissional;

Sub-hipótese B2 - Expectativas de formação / Pressupostos e estratégias de formação.

Se considerarmos os estudos de Piéron (1996), na área dos professores e de Lima (2001), na área dos treinadores, podemos constatar que existem várias fases (níveis) de desenvolvimento profissional, desde os professores/treinadores principiantes (estagiários) até aos professores/treinadores especialistas (experts). Assim, consideramos também que os técnicos de desporto de natureza apresentam uma grande heterogeneidade, tal como acontece com os treinadores desportivos (Rosado, 2000b).

Dougherty (1998) e EEAM (2001) apresentam a experiência da situação americana e espanhola respectivamente, em relação à importância da existência das carteiras profissionais e da regulamentação jurídica da profissão. Os aspectos associados à responsabilidade profissional são fundamentais no desenvolvimento da vertente do turismo activo e do desporto de natureza em geral.

Como já referimos, a existência de diferentes gerações de técnicos de desporto de natureza, poderá pressupor formações e expectativas também diferenciadas.

Em nossa opinião, as diversas organizações intervenientes na promoção e desenvolvimento do desporto de natureza, compreendem um conjunto de técnicos com cargos e funções diferenciadas, isto é, ao nível da autonomia e responsabilidade profissional parecem existir diversas funções profissionais, que por sua vez, se associam a diferentes cargos no exercício da “profissão”.

**Hipótese (2) - Nas ADN, “Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par”, não existem diferenças significativas quanto à opinião dos técnicos, sobre as funções profissionais.**

Rosado (2000b), apresenta a descrição de várias funções para os treinadores desportivos, entre as quais, funções relacionadas com o desenvolvimento e condução do processo desportivo, funções associadas às tarefas de gestão e administração, funções relacionadas com a formação e transmissão de saberes, e por último, funções associadas à investigação e divulgação de saberes.

De certo modo, julgamos que podemos encontrar alguma concordância de opinião por parte dos diversos grupos de técnicos, sobre as funções profissionais. Parece-nos consensual que a maioria dos técnicos aceitem uma natural diferenciação de funções e responsabilidades atribuídas aos cargos que ocupam nas respectivas organizações.

Em relação a estes técnicos de desporto, julgamos que existe actualmente, uma maior preocupação com os desempenhos profissionais, com a introspecção, reflexão e análise de condutas, com o domínio de um conjunto de competências, que conduzam a uma maior eficácia e sucesso profissional.

De um modo global, parece-nos consensual, que as funções profissionais deverão estar estruturadas e organizadas por vários níveis de responsabilidade e autonomia.

**Hipótese (3) - Nas ADN, “Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par”, existem diferenças significativas quanto à opinião dos técnicos, sobre as competências profissionais.**

Sub-hipótese A1: Dimensão da importância das competências profissionais genéricas;

Sub-hipótese A2: Dimensão da importância das competências profissionais específicas;

Sub-hipótese B1: Dimensão da auto-percepção das competências profissionais genéricas;

Sub-hipótese B2: Dimensão da auto-percepção das competências profissionais específicas;

Sub-hipótese C1: Dimensão das necessidades de formação genéricas;

Sub-hipótese C2: Dimensão das necessidades de formação específicas.

Nesta situação, a formação e a experiência profissional poderão estar associadas aos vários tipos de função profissional, implicando provavelmente, aquisição de competências profissionais também diferenciadas, e estas por sua vez, relacionadas com os modelos de formação a que foram sujeitos.

Por outro lado, Priest e Gass (1997) no seu estudo sobre a liderança em programas de aventura, referem também a existência de diferentes níveis de competências e responsabilidade que os técnicos de “outdoor” devem possuir.

Uma vez que podemos estar na presença de técnicos com percursos desportivos, níveis de formação e experiência profissional diferenciados, julgamos que também estes possam apresentar valorizações, auto-percepções e conseqüentemente necessidades de formação também diferenciadas. Naturalmente, temos a expectativa de que os técnicos menos experientes (técnicos auxiliares) deverão revelar maiores necessidades de formação, quando comparados com os técnicos mais experientes (formadores).

Numa segunda fase, apresentamos as hipóteses referentes ao estudo das funções profissionais, considerando os vários contextos das ADN seleccionadas. Neste sentido, para cada uma das funções, são estabelecidas três hipóteses orientadoras, implicando na prática, o seu desdobramento em relação às quatro funções em estudo.

**Hipótese 4 – No âmbito das ADN, os técnicos D, F, TP e TA, apresentam diferenças significativas quanto à opinião sobre a formação.**

Sub-hipótese A1 - Formação realizada / Último curso de formação realizado;

Sub-hipótese A2 - Formação realizada / Intervenção das organizações na área da formação;

Sub-hipótese B1 - Expectativas de formação / Factores de desempenho profissional;

Sub-hipótese B2 - Expectativas de formação / Pressupostos e estratégias de formação.

Considerando a diversidade das actividades de desporto de natureza (ADN), a cultura desportiva, a organização da formação e o desenvolvimento de cada actividade, pressupomos que existem diferenças ao nível da opinião sobre a formação realizada e sobre as expectativas de formação por parte dos técnicos desportivos.

De acordo com Rodrigues (1997) e Salmela (1996), a formação de técnicos desportivos poderá estar associada às suas práticas profissionais, tendo implicação nas suas próprias competências. Por outro lado, a capacidade de mobilizar as estratégias e as técnicas para a resolução dos problemas profissionais deverá estar relacionada com a formação realizada.

**Hipótese 5 – No âmbito das ADN, os técnicos D, F, TP e TA, não apresentam diferenças significativas quanto à opinião sobre as funções profissionais.**

Neste caso, considerando que o sector do desporto de natureza é ainda muito recente em Portugal, consideramos provável que as diversas organizações apresentem formas semelhantes de organização. Assim, julgamos que podemos estar na presença de atribuições semelhantes para os respectivos técnicos, implicando conseqüentemente opiniões semelhantes em relação às funções profissionais entre as diversas ADN.

Por outro lado, podemos encontrar facilmente os mesmos técnicos com responsabilidades idênticas, a enquadrar diferentes actividades. Esta situação indica-nos que existe ainda uma tendência para desempenhar as mesmas funções, no seio de uma organização, independentemente do tipo de actividade que se enquadra.

**Hipótese 6 - No âmbito das ADN, os técnicos D, F, TP e TA, apresentam diferenças significativas quanto à opinião sobre as competências profissionais.**

Sub-hipótese A: Dimensão da importância das competências profissionais genéricas;

Sub-hipótese B: Dimensão da auto-percepção das competências profissionais genéricas;

Sub-hipótese C: Dimensão das necessidades de formação genéricas;

Por outro lado, a especificidade das várias ADN poderá implicar também diferentes perfis profissionais ao nível da valorização e da auto-percepção das competências profissionais, e conseqüentemente, necessidades de formação também diferenciadas.



Dougherty (1998), apresenta diversos conjuntos de competências relacionados com os diferentes contextos, que correspondem a perfis de competências que os técnicos responsáveis devem possuir de acordo com a especificidade de cada actividade.

Neste caso, julgamos que os diferentes contextos físicos de realização das actividades de desporto de natureza, podem constituir-se como uma variável que necessita de uma diversidade de conhecimentos e estratégias específicas. Uma vez que estas actividades poderão ser realizadas em diferentes contextos naturais como, o campo, a montanha, o meio aquático e o espaço aéreo, podemos sustentar que, divergindo os vários envolvimento de realização das actividades, torna-se necessário garantir competências profissionais sustentadas também na diversidade.

Também noutros contextos desportivos, nomeadamente na área do exercício e saúde, os processos de formação (técnico-pedagógica) assumem papéis determinantes relativamente à aquisição das competências dos futuros profissionais (Rodrigues, 2001).

#### **4. Limitações do Estudo**

As limitações de pesquisa podem estar relacionadas com o assunto, complexidade, extensão e uma série de factores humanos e temporais que poderão criar dificuldades ao desenvolvimento e precisão da própria pesquisa

Neste estudo, o facto de termos optado por construir os instrumentos de análise e de medida (MAT e Questionário), também poderá ter afectado os resultados. Por outro lado, a logística necessária para a recolha de informação no terreno, levantou dificuldades para atingirmos a expressão desejada, uma vez que no âmbito do desporto de natureza, existem várias dezenas de actividades e uma população de técnicos dificilmente estimada. Assim, algumas limitações podem estar associadas as questões metodológicas.

Relativamente ao enquadramento teórico tivemos como dificuldade, a enorme quantidade de variáveis, que se podem identificar no processo educativo-desportivo e que podem influenciar a opinião dos elementos da amostra. A tentativa de caracterizar a realidade portuguesa, relativamente ao perfil, formação, funções e competências

profissionais dos técnicos de DN, poderá ter implicado também dificuldades ao nível do grau de generalização das ilações tiradas, sendo porém, característico neste tipo de estudos.

Uma outra limitação pode situar-se ao nível do tratamento mais aprofundado de algumas variáveis (exemplo: experiência profissional, medida em número de anos).

Em relação à dimensão da amostra, apesar de a considerarmos globalmente bastante aceitável, ficámos com a sensação de existirem algumas limitações pontuais, uma vez que ainda existe alguma resistência por parte das pessoas para preencher questionários. Por outro lado, a população de técnicos de desporto de natureza ainda é bastante reduzida em comparação com outros grupos profissionais associados ao desporto, nomeadamente, os professores de educação física e os treinadores desportivos.

Ao nível da apresentação dos resultados, várias foram as opções que tivemos de efectuar para evitar a excessiva extensão do trabalho. Neste caso, optámos por colocar no anexo 2, os valores de dispersão (desvio padrão, valor mínimo e máximo) de modo a não dificultar a análise dos quadros, uma vez que estes já dispõem de bastante informação.

Na análise comparativa, apenas apresentamos as categorias que obtiveram diferenças significativas, remetendo para os anexos (19, 20 e 21) a análise complementar dos resultados do “pós-teste” da prova de “Mann Whitney – U” sempre que os respectivos quadros atingiram grandes dimensões.

Por último, acreditamos que os resultados referentes a cada uma das actividades poderiam ter sido explorados com maior profundidade, caso tivéssemos optado por estudar menos ADN. Em todo o caso, consideramos que o estudo é inovador nesta área, implicando por isso, a necessidade de efectuar uma maior abrangência de ADN.

Apesar destas limitações, gostaríamos que este estudo pudesse vir a contribuir para futuras pesquisas associadas à formação de técnicos de desporto em geral, e em particular, no âmbito do desporto de natureza.

## Capítulo II - Métodos e Procedimentos

### 1. Introdução

Este capítulo tem como objectivo descrever todos os procedimentos metodológicos, começando por apresentar o MAT-ADN, caracterizar a amostra utilizada no nosso estudo, as variáveis seleccionadas, os instrumentos utilizados na recolha de dados, e por último, o tratamento dos dados e os procedimentos estatísticos adoptados.

### 2. Modelo de Análise Taxonómica em Desporto de Natureza

Para concretizar os nossos objectivos, sentimos a necessidade de construir um modelo de análise (MAT-ADN) que classificasse as diversas actividades identificadas.

Portanto, tendo como objectivos, justificar e caracterizar as ADN seleccionadas, e simultaneamente, construir um MAT-ADN para ser utilizado também em pesquisas futuras, recorreremos ao suporte da revisão da literatura (Pires, 1990; Betrán & Betrán, 1995; Funollet, 1995) para identificar e definir as seguintes variáveis em estudo:

Dimensão de variáveis associadas ao “Contexto Físico” (5 variáveis):

**Meio** sobre o qual a actividade se realiza: Ar (espaço aéreo); Terra (espaço terrestre); Água (espaço aquático);

**Trajectória** da deslocação dominante do praticante: Bidimensional (quando existe contacto com alguma superfície) ou Tridimensional (quando não existe qualquer contacto com superfícies);

**Plano** que a actividade ocupa no espaço do ponto de vista dimensional (sentido do desenvolvimento da actividade): Horizontal; Vertical ou Misto (quando se desenvolve nos dois planos);

**Estabilidade** do meio onde se desenvolve a actividade: Estável (quando a superfície de contacto não varia) ou Instável (quando a superfície de contacto pode variar a qualquer momento independentemente da vontade do praticante);

**Contacto** entre o praticante e a superfície: Directo (com a superfície) ou Indirecto (quando a superfície é contactada indirectamente, ou seja, por intermédio de um artefacto mecânico-tecnológico (ex: btt) ou animal.

Dimensão de variáveis associadas ao “Contexto Pessoal” (2 variáveis):

**Sensação** causada pela actividade: Prazer/Relax (paz, prazer prolongado, relaxamento); Risco/Vertigem (stress, carga emocional intensa, incerteza); ou Misto (quando existem as duas sensações na mesma actividade sem a predominância de uma das sensações anteriores);

**Recursos Biotecnológicos** utilizados na actividade: Corpo; Animal; Artefacto mecânico-tecnológico (material não motorizado, fundamental no desenvolvimento da actividade, como por ex: prancha de surf), ou Motor (material motorizado, como por ex: moto 4).

Dimensão de variáveis associadas ao “Contexto Social” (1 variável):

**Implicação Motora** da actividade a desenvolver: Individual (quando não depende de outros para realizar a actividade), em Grupo sem colaboração (quando é realizada em grupo mas não depende directamente de outros), em Grupo com colaboração (quando é realizada em grupo e depende directamente de outros).

Dimensão de variáveis associadas ao “Contexto Ético-Ambiental” (1 variável):

**Impacto Ecológico**: as actividades podem apresentar um Baixo, Médio ou Alto impacto.

Considerando este conjunto de variáveis, apresentamos em seguida a representação gráfica do Modelo de Análise Taxonómico em Desporto de Natureza (MAT-ADN), através das Figuras 1A, 1B, 1C e 1D (página seguinte).

**Modelo de Análise Taxonómico - Actividades Desporto Natureza  
(MAT-ADN) – (A)**

1º nível de complexidade  
(conceptualização)

2º nível de complexidade  
(dimensão)

3º nível de comp.  
(variáveis)

4º nível  
(sub-variáveis)

5º nível de complexidade (actividades)

*Figura 1A - Modelo Análise Taxonómica – Actividades Desporto Natureza (A)*

**(MAT-ADN) – (B)**

**(continuação)**

1º nível de complexidade  
(conceptualização)

2º nível de complexidade  
(dimensão)

3º nível de complexidade  
(variáveis)

4º nível de complexidade  
(sub-variáveis)

5º nível de complexidade (actividades)

*Figura 1B - Modelo Análise Taxonómica – Actividades Desporto Natureza (B)*

**(MAT-ADN) – (C)**

**(continuação)**

1º nível de complexidade  
(conceptualização)

2º nível de complexidade  
(dimensão)

3º nível de complexidade  
(variáveis)

4º nível de complexidade  
(sub-variáveis)

5º nível de complexidade (actividades)

***Figura 1C - Modelo Análise Taxonómica – Actividades Desporto Natureza (C)***

**(MAT-ADN) – (D)**

**(continuação)**

1º nível de complexidade  
(conceptualização)

2º nível de complexidade  
(dimensão)

3º nível de complexidade  
(variáveis)

4º nível de complexidade  
(sub-variáveis)

5º nível de complexidade (actividades)

***Figura 1D - Modelo Análise Taxonómica – Actividades Desporto Natureza (D)***



### 3. Caracterização da Amostra

Antes de caracterizar os indivíduos da amostra, julgámos necessário proceder à classificação e selecção final das actividades de desporto de natureza que estão directamente relacionadas com este estudo. Assim, de maneira a justificar as nossas opções, efectuámos os seguintes procedimentos:

#### 3.1. Selecção das Especialidades (ADN)

Por uma questão de exequibilidade, optámos por reduzir o número de ADN, com base no cruzamento de informação obtida nas fontes já referenciadas (na Parte I – ponto 4). Assim, das 45 ADN identificadas excluámos um conjunto de ADN que em nosso entender, não reuniram os pressupostos desejáveis tais como, legislação associada ao “Desporto de Natureza”, maior oferta de promoção e formação das ADN na globalidade das diversas organizações (federações desportivas, Estado/IEFP/IDP, estabelecimentos de ensino, clubes, empresas, autarquias e Inatel).

Deste modo, retirámos as seguintes ADN (20): *asa delta, bungee jumping, campismo, cicloturismo, esqui náutico, formação vivencial, jogos tradicionais hidrospeed, mota d’água, moto-quatro, multiactividades, mushing, observação da fauna/flora, powerkiting, remo, safari fotográfico, skimming, tiro c/ besta, ultraleve e wakeboard.*

No fim desta fase, obtivemos 25 ADN:

**Quadro 2 – ADN seleccionadas para validação do MAT-ADN**

Actividades c/ cordas	Escalada	Orientação	Rafting
Balonismo	Espeleologia	Paintball	Snowboard
BTT	Esqui Alpino	Parapente	Surf
Bodyboard	Kitesurf	Pára-quedismo	Tiro c/ Arco
Canoagem	Mergulho	Passeios Equestres	Todo Terreno Turístico
Canyoning	Montanhismo	Pedestrianismo	Vela
			Windsurf

No sentido de permitir uma maior objectividade na classificação taxonómica, apresentamos as seguintes considerações relativas a cada ADN:

- *Balonismo – passeio de balão;*
- *Pára-quedismo – nível iniciação;*
- *Parapente – nível iniciação, excluindo os voos bi-lugares;*
- *Actividades com cordas – circuito de obstáculos no meio escolar (ex: rapel, slide, tirolesa, ponte paralela, etc.);*
- *Btt – considerar o “cross-country” e excluir as outras vertentes (ex: “down-hill”);*
- *Escalada – considerámos a escalada desportiva, excluindo as restantes vertentes;*
- *Espeleologia (Espeleísmo) - nível iniciação realizado em grupo;*
- *Esqui Alpino – nível iniciação incluindo pistas verdes e azuis;*
- *Pedestrianismo – percursos em grupo de pequena rota (PR);*
- *Passeios equestres – passeios equestres em grupo;*
- *Montanhismo – nível iniciação realizado em grupo;*
- *Orientação – percursos em grupo, excluindo os escalões federados;*
- *Paintball – jogos de paintball com equipas adversárias;*
- *Snowboard - nível iniciação incluindo pistas verdes e azuis;*
- *Tiro com Arco – nível iniciação (alvos fixos convencionais);*
- *Todo-o-terreno turístico – passeios turísticos em grupo de todo-o-terreno;*
- *Bodyboard – nível iniciação*
- *Canoagem – nível iniciação (caiaques de dois lugares), excluindo águas bravas;*
- *Canyoning – nível iniciação, descendo cascatas de água em grupo;*
- *Mergulho – nível “open water”, realizado a pares;*
- *Kitesurf - nível iniciação, com ventos fracos;*
- *Rafting – navegação em rios até ao nível IV (águas bravas c/ monitor experiente);*
- *Surf - nível iniciação;*
- *Vela – passeios à vela em grupo com ventos inferiores a 15 nós;*
- *Windsurf (prancha à vela) – navegação com ventos inferiores a 15 nós*

a) Construção da Ficha de Classificação Taxonómica das ADN (FCT-ADN): Com base no MAT-ADN apresentado na revisão da literatura e levando em consideração os

procedimentos anteriores (selecção das ADN) construímos uma ficha de classificação taxonómica, que poderá ser analisada com maior detalhe no anexo 4.

b) Classificação Taxonómica das ADN: Efectuámos uma reunião de especialistas (n=5), com o objectivo de analisar a construção e a objectividade da ficha, a clareza das questões e a terminologia utilizada. Em seguida, solicitámos que em conjunto, fossem classificadas as 25 ADN (anexo 5) de acordo com as variáveis seleccionadas e os pressupostos apresentados.

c) Aplicação-piloto (fiabilidade da FCT-ADN): No sentido de validar a respectiva ficha, aplicámo-la a um conjunto de técnicos de DN (n=9), afiliados aos diversos contextos físicos (anexo 6). Neste seguimento, juntámos os resultados das duas aplicações, registando a opinião dos dois grupos (especialistas e técnicos ADN) que pode ser observada no anexo 7. Com estes dados, fomos apurar a concordância classificativa dos resultados do segundo grupo em relação ao primeiro grupo (anexo 8), utilizando o “Índice de Fidelidade” (IF) de Bellack (Siedentop, 1983) e a “Medida de Concordância” (MC) de Kappa de Cohen de acordo com Pestana e Gageiro (2000). Neste caso utilizámos as seguintes fórmulas:

$$\text{IF de Bellack} = \frac{\text{n}^\circ \text{ acordos} \times 100}{\text{n}^\circ \text{ acordos} + \text{n}^\circ \text{ desacordos}}$$
$$\text{MC de Kappa} = \frac{\text{Freq. obs.} - \text{Freq. esp.}}{1 - \text{Freq. esp.}}$$

Os resultados revelaram existir concordância de classificação entre os dois grupos em todas as actividades estudadas (anexo 8). Em termos de média global, obtivemos 93,3% de concordância no “IF de Bellack” (valor acima do mínimo de 70% indicado por Januário (1992). Em relação à “MC de Kappa” não se verificaram diferenças significativas entre os grupos, levando-nos a concluir que existe consistência interna em relação à FCT-ADN.

d) Selecção final das ADN: De modo a viabilizarmos o nosso estudo, tivemos ainda a necessidade de reduzir o número de actividades que efectivamente iríamos estudar, ou seja, reduzir de 25 para cerca de 7 actividades. Para realizar a selecção final das ADN, considerámos os seguintes critérios: 1) actividades que representassem os diversos contextos físicos em relação ao meio (*ar, terra, água*); 2) actividades que pudessem ser facilmente implementadas nos Parques Naturais; 3) actividades com maior oferta ao nível

da promoção de actividades, formação de praticantes e técnicos desportivos (Guia Ar Livre de Portugal, 2003b; ME, 2006b; ME, 2006c; MCTES, 2006; IDP, 2006).

Depois de dividir as actividades segundo o critério “contexto físico - meio”, apreciámos globalmente cada actividade em mais dois critérios: oferta de serviços e oferta de formação. Para este efeito utilizámos uma escala de apreciação de 1 a 3 valores (1 = actividade com pouca expressão; 2 = actividade com moderada expressão e 3 = actividade com muita expressão).

De acordo com os vários contextos físicos (meio – Ar, Terra e Água), as actividades com melhor apreciação foram as seguintes (anexo 9):

Ar - **Parapente** (13 distritos / 28 organizações)

Terra - **Orientação** (20 distritos / 129 organizações)

Terra - **BTT** (20 distritos / 126 organizações)

Terra - **Escalada** (20 distritos / 124 organizações)

Terra - **Montanhismo** (19 distritos / 87 organizações)

Água - **Canoagem** (20 distritos / 119 organizações)

Água - **Mergulho** (11 distritos / 56 organizações)

Considerando que as federações desportivas podem desempenhar também um papel importante na formação de técnicos de desporto de natureza, apresentamos resumidamente a oferta de formação das respectivas federações (com a tutela destas especialidades):

**Parapente** - Federação Portuguesa de Voo Livre (FPVL, 2006):

*Formação de Pilotos (Nível I, II e III)*

*Formação de Instrutores: (Nível I – Monitor; Nível II - Instrutor Estagiário; Nível III - Instrutor Nacional)*

*Formação por módulos*

**BTT** - Federação Portuguesa de Ciclismo (UVP-FPC, 2006):

*- Não foi identificado qualquer oferta de formação*

**Escalada** - Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP, 2006):

*- Não foi identificado qualquer oferta de formação*

**Montanhismo** - Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP, 2006):

*GPS, Técnicos de Percursos Pedestres, Monitores de Pedestrianismo, Formadores de Monitores de Pedestrianismo, Monitores de Montanhismo, Estágio Técnico de Pedestrianismo*

**Orientação** - Federação Portuguesa de Orientação (FPO, 2006):

*Traçadores de Percursos (O-Pedestre e O-BTT), Cartógrafos (nível I e II), Treinadores (nível I), Supervisor Nacional Geral, Supervisor Nacional Pedestre, Supervisor Nacional BTT, Corridas de Aventura (módulo básico), Traçadores de Percursos de Corridas de Aventura, Supervisores de Corridas de Aventura, Técnicos de Manobras de Cordas, Direcção e Gestão de Provas, Segurança e Gestão do Risco, Formação em OCAD, Formação "SportIDENT".*

**Canoagem** - Federação Portuguesa de Canoagem (FPC, 2006):

*Ação de Formação "A Canoagem na Escola", Monitor (turismo náutico), Treinador (nível I), Treinador (nível II).*

**Mergulho** - Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas (FPAS, 2006):

*Cursos de Apneia (praticantes e instrutores), Cursos de Mergulho com Escafandro, Mergulho Amador, Especializações (navegação subaquática, mergulhador socorrista, salvamento, administração de oxigénio, Mergulho nocturno, Compressores e Estações de enchimento, Pesquisa e formação, CMAS Nitrox), Cross Over para monitores.*

e) Classificação Taxonómica das ADN seleccionadas: Depois de concluídas as fases anteriores, apresentamos a classificação das 7 ADN seleccionadas:

**Quadro 3 - Classificação Taxonómica das ADN seleccionadas**

Dimensões	Contexto Físico					Contexto Pessoal		Contexto Social	Contexto Ético Ambiental
	Variáveis	Meio	Trajectória	Plano	Estabilidade	Contacto	Sensação	Recursos Biotecnológicos	Implicação Motora
<i>Sub-variáveis</i>	<i>Ar Terra Água</i>	<i>Bidimensional Tridimensional</i>	<i>Horizontal Vertical Misto</i>	<i>Estável Instável</i>	<i>Directo Indirecto</i>	<i>Prazer/Relax Risco/Vertigem Mista</i>	<i>Corpo Animal Art..Mecân/tecn Motor</i>	<i>Individual Gr. s/colaboração Gr c/colaboração</i>	<i>Baixo Médio Alto</i>
Parapente	Ar	T	M	I	I	M	AMT	I	M / B
BTT	Terra	B	H	E	I	P / M	AMT	GSC	M
Escalada	Terra	B	V	I / E	D	R	C	GCC	M
Montanhismo	Terra	B	M	E	D	M	C	GCC	M
Orientação	Terra	B	H	E	D	P	C	GCC / I	M
Canoagem	Água	B	H	I	I	P	AMT	GCC / GSC	B
Mergulho	Água	T	M	E	D	P	C	GSC	B

Através do quadro 3, podemos caracterizar globalmente e por especialidade cada ADN. Assim, de acordo com os respectivos contextos podemos constatar o seguinte:

- **Contexto físico** - a maioria das ADN são desenvolvidas em espaços terrestres, na trajectória bidimensional, no plano horizontal e misto, em meio estável e em contacto directo e indirecto;
- **Contexto pessoal** - a maioria das ADN são realizadas com uma sensação de prazer/relax e sensação mista (prazer e risco), com recurso ao corpo e a artefactos mecânico-tecnológicos;
- **Contexto social** – a maioria das ADN têm uma implicação motora de realização das práticas em grupo com ou sem colaboração;
- **Contexto ético e ambiental** - podemos observar que a maioria das actividades implicam um médio impacto ecológico com algumas ADN a revelarem pouco impacto.

Por outro lado, podemos caracterizar individualmente cada ADN do seguinte modo:

- **Parapente** – *ao nível do contexto físico, é uma actividade realizada em meio aéreo, com trajectória tridimensional e no plano misto (horizontal/vertical), apresentando instabilidade e contacto indirecto. Em termos de contexto pessoal, apresenta uma sensação mista (prazer/risco), recorrendo a um artefacto mecânico-tecnológico (asa de parapente). Relativamente ao contexto social, tem uma implicação motora individual. Por último, apresenta um impacto entre médio e baixo ao nível do contexto ético e ambiental.*
- **Btt** – *ao nível do contexto físico, é uma actividade realizada em meio terrestre, com trajectória bidimensional e no plano horizontal, apresentando estabilidade e contacto indirecto. Em termos de contexto pessoal, apresenta uma sensação mista (prazer/risco), recorrendo a um artefacto mecânico-tecnológico (bicicleta). Relativamente ao contexto social, tem uma implicação motora em grupo sem colaboração. Por último, apresenta um impacto médio ao nível do contexto ético e ambiental.*
- **Escalada** – *ao nível do contexto físico, é uma actividade realizada em meio terrestre, com trajectória bidimensional e no plano vertical, apresentando instabilidade e contacto directo. Em termos de contexto pessoal, apresenta uma sensação de risco/vertigem, recorrendo ao próprio corpo para progredir. Relativamente ao contexto social, tem uma*

*implicação motora em grupo com colaboração. Por último, apresenta um impacto médio ao nível do contexto ético e ambiental.*

- **Montanhismo** – *ao nível do contexto físico, é uma actividade realizada em meio terrestre, com trajectória bidimensional e no plano misto (horizontal/vertical), apresentando estabilidade e contacto directo. Em termos de contexto pessoal, apresenta uma sensação mista (prazer/risco), recorrendo ao próprio corpo como forma de progressão. Relativamente ao contexto social, tem uma implicação motora em grupo com colaboração. Por último, apresenta um impacto médio ao nível do contexto ético e ambiental.*

- **Orientação** – *ao nível do contexto físico, é uma actividade realizada em meio terrestre, com trajectória bidimensional e no plano horizontal, apresentando estabilidade e contacto directo. Em termos de contexto pessoal, apresenta uma sensação de prazer, recorrendo ao próprio corpo como meio de progressão. Relativamente ao contexto social, poderá ter uma implicação motora individual ou em grupo com colaboração. Por último, apresenta um impacto médio ao nível do contexto ético e ambiental.*

- **Canoagem** – *ao nível do contexto físico, é uma actividade realizada em meio aquático, com trajectória bidimensional e no plano horizontal, apresentando instabilidade e contacto indirecto. Em termos de contexto pessoal, apresenta uma sensação de prazer, recorrendo a um artefacto mecânico-tecnológico (canoa ou caiaque). Relativamente ao contexto social, tem uma implicação motora em grupo com colaboração. Por último, apresenta um baixo impacto ao nível do contexto ético e ambiental.*

- **Mergulho** – *ao nível do contexto físico, é uma actividade realizada em meio aquático, com trajectória tridimensional e no plano misto (horizontal/vertical), apresentando estabilidade e contacto directo. Em termos de contexto pessoal, apresenta uma sensação de prazer, recorrendo ao próprio corpo como meio de progressão. Relativamente ao contexto social, tem uma implicação motora em grupo sem colaboração. Por último, apresenta um baixo impacto ao nível do contexto ético e ambiental.*

### 3.2. Indivíduos da Amostra

Nesta pesquisa, temos como população alvo, os técnicos portugueses com intervenção profissional na área do desporto de natureza.

A nossa amostra foi constituída por N=830 indivíduos, que se encontram directamente envolvidos nas ADN seleccionadas, isto é, que têm a responsabilidade de dirigir, formar, enquadrar ou monitorizar as actividades de Orientação, Btt, Escalada, Montanhismo, Canoagem, Mergulho ou Parapente. De forma ilustrativa, apresentamos a amostra, considerando as variáveis independentes “Especialidade” e “Função Principal”.

*Quadro 4 - Apresentação da amostra por especialidade e função profissional*

Função Principal	E S P E C I A L I D A D E														T	
	Ori	%	Btt	%	Esc	%	Mon	%	Can	%	Mer	%	Par	%	n	%
<b>D</b>	21	13,4	25	14,0	16	13,0	25	22,5	19	15,1	22	33,3	21	30,9	149	18,0
<b>F</b>	14	8,9	13	7,3	10	8,1	12	10,8	6	4,8	7	10,6	13	19,1	75	9,0
<b>TP</b>	31	19,7	52	29,1	38	30,9	27	24,3	20	15,9	14	21,2	12	17,6	194	23,4
<b>TA</b>	91	58,0	89	49,7	59	48,0	47	42,3	81	64,3	23	34,8	22	32,4	412	49,6
<b>Totais</b>	157		179		123		111		126		66		68		830	

**TOTAL = 830 Técnicos, distribuídos por 7 especialidades (ADN)**

No quadro 4, podemos verificar que o grupo dos **TA** representam quase metade da amostra (49,6%), enquanto que o grupo dos **F** é o menos representado (9%).

Em relação às actividades mais representadas na amostra, temos o **Btt** (22%) e a **Ori** (19%), enquanto que o **Mer** (8%) e o **Par** (8%) são as menos representadas.

De facto, parece-nos que a proporção existente na amostra entre os 4 grupos de técnicos e entre as 7 especialidades, acaba por retractar um pouco a realidade portuguesa.



## **4. As Variáveis**

As variáveis deste estudo encontram-se organizadas em dois grandes conjuntos: as variáveis independentes e as variáveis dependentes.

### **4.1. Variáveis Independentes**

São variáveis independentes do poder de decisão dos técnicos desportivos e dizem respeito à caracterização pessoal e sócio-profissional.

Género (sexo) – pretendemos verificar a proporção existente entre técnicos do género masculino e técnicos do género feminino. A resposta foi dada numa escala dicotómica (masculino ou feminino).

Idade - recorreremos ao estudo baseado na teoria dos ciclos de vida dos professores de Sikes (1985) citado por Fontes (2006a), que estabeleceu relações entre as características pessoais e profissionais, resultando nos seguintes grupos etários: a) 20 a 27 anos; b) 28 a 32 anos; c) 33 a 40 anos; d) 41 a 50; e) 51 anos ou mais. Por outro lado, no âmbito dos treinadores desportivos, foram utilizados os seguintes grupos etários: a) menos de 18 anos; b) 18 a 25; c) 26 a 35; d) 36 a 45; e) 46 a 55; f) mais de 56 anos (Almeida, 2001).

Em nosso entender, torna-se mais ajustado efectuar uma adaptação para a realidade do DN, optando por utilizar os seguintes grupos etários: a) 18 a 25 anos; b) 26 a 35 anos; c) 36 a 45 anos; d) 46 anos ou mais.

Habilitações literárias - as habilitações literárias foram medidas considerando a categoria “Nível de ensino completado”, em que as respostas foram agrupadas nas subcategorias, a) até ao ensino básico, b) ensino secundário, c) bacharelato e licenciatura, d) mestrado e doutoramento.

Tipo de organização - As organizações seleccionadas correspondem às seguintes categorias: a) federação desportiva; b) associação, clube; c) empresa (privada); d) autarquia; e) estabelecimento de ensino; f) outra (restantes situações).

Zona de trabalho - de modo a facilitar a caracterização dos dados, agrupámos os distritos (identificados pelos elementos da amostra) de acordo com a “Nomenclatura de Unidades Territoriais II / Instituto Nacional de Estatística - NUTII” (INE, 2004), nas seguintes zonas nacionais: a) Zona Norte – Viana do Castelo, Braga, Porto, Vila Real e Bragança; b) Zona Centro - Aveiro, Viseu, Guarda, Coimbra, Leiria e Castelo Branco; c) Zona de Lisboa e Vale do Tejo – Santarém, Lisboa e Setúbal; d) Zona do Alentejo – Portalegre, Évora e Beja; e) Zona do Algarve – Faro; f) Zona das Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores (devido ao baixo nº de casos agrupámos estas as regiões Autónomas).

Função principal - definimos quatro categorias que, em nosso entender, abrangem as principais funções dos técnicos de desporto de natureza:

- a) Dirigente – “desempenha funções de direcção/gestão numa empresa, clube, escola;
- b) Formador – aquele que tem responsabilidades na formação de outros técnicos;
- c) Técnico Principal – aquele que é o responsável pela actividade;
- d) Técnico Auxiliar – aquele que auxilia um técnico principal.

Especialidade dominante – identificação da especialidade (ADN) dominante em termos de intervenção profissional, considerando as seguintes ADN: a) Orientação; b) BTT; c) Escalada; d) Montanhismo; e) Canoagem; f) Mergulho; g) Parapente.

Experiência como praticante – a experiência da prática desportiva, foi medida através de uma escala de apreciação Likert com 5 níveis, em que o nível (1) = muito fraca experiência, e o nível (5) = muito boa experiência.

Nº de anos de experiência na actividade – Para aferir as classes referentes a esta variável, recorremos a Huberman (1992) citado por Fontes (2006a) que propôs cinco classes de experiência profissional: a) 1 a 3 anos; b) 4 a 6 anos; c) 7 a 25 anos; d) 26 a 35 anos; e) 36 a 40 anos; e a Berliner (1988) citado por Piéron (1996), que apresentou cinco fases de desenvolvimento: a) 1 ano; b) 2 anos; c) 3 a 4 anos; d) 5 ou mais anos; e) “experts”.

Em nosso entender, optámos por adaptar as categorizações anteriores da seguinte forma: a) 1 a 2 anos; b) 3 a 6 anos; c) 7 a 12 anos; d) 13 ou mais anos.

Níveis etários com que trabalha - para estabelecer as classes etárias relativas aos praticantes de DN, tivemos como referência os estádios de desenvolvimento de Erikson

(1975) citado por Harder (2002). Deste modo, são apresentados oito estádios no total, sendo quatro para as crianças até aos 11 anos; um para adolescentes entre os 12 e os 17 anos; dois para os adultos entre os 18 e os 64 anos; e finalmente um para adultos seniores a partir dos 65 anos de idade.

No nosso estudo, de modo a compreender um maior número de casos, optámos por juntar alguns estádios obtendo as seguintes classes: a) crianças até aos 11 anos; b) jovens entre 12 - 17 anos; c) adultos entre 18 - 64 anos; d) seniores dos 65 anos ou mais.

## **4.2. Variáveis Dependentes**

São variáveis (cognitivas) dependentes do poder de decisão dos técnicos desportivos e dizem respeito à opinião destes acerca da formação, das funções profissionais e das competências profissionais.

Na dimensão associada à formação, estudámos as variáveis: “formação realizada” e “expectativas de formação”.

### **4.2.1. Formação realizada:**

Último curso de formação realizado - nesta sub-variável, considerámos as seguintes categorias: a) duração da componente teórica; b) duração da componente prática; c) cumprimento dos objectivos propostos; d) pertinência dos conteúdos programáticos; e) metodologias de formação; f) recursos pedagógico-didácticos; g) qualidade das instalações e equipamentos; h) modelo de avaliação; i) acessibilidade (custo) da formação; j) nível técnico dos formadores; l) nível pedagógico dos formadores; m) razão (rácio) formador / formando; n) satisfação geral; o) outro.

As respostas foram analisadas através de uma escala de apreciação *Likert* de 5+1 níveis: desde o nível (1) = muito insuficiente; nível (5) = muito bom, + (s/o) = sem opinião.

Intervenção das organizações na área da formação – nesta sub-variável, solicitámos aos técnicos que avaliassem a intervenção das organizações ao nível da formação (nas especialidades seleccionadas), considerando as seguintes categorias: a) Federação Desportiva (que tutela a modalidade); b) IEFP (instituto do emprego e formação

profissional); c) ensino superior; d) ensino secundário (desporto escolar); e) clubes, associações; f) empresas (privadas), g) autarquias; h) inatel; i) outro(s).

As respostas foram analisadas através duma escala de apreciação *Likert* de 5+1 níveis: desde o nível (1) = muito fraca, até ao nível (5) = muito boa, + (s/o) = sem opinião.

#### **4.2.2. Expectativas de formação:**

Factores de desempenho na actividade - nesta sub-variável, solicitámos aos técnicos de DN que atribuísem um grau de importância aos seguintes factores de desempenho profissional: a) a experiência como praticante; b) a experiência da sua intervenção profissional; c) participação em cursos e acções de formação; d) participação em congressos e seminários; e) a leitura de livros e/ou revistas especializadas; f) a formação académica; g) a observação de actividades e eventos da especialidade; h) as suas características pessoais; i) outro(s).

As respostas foram analisadas através duma escala de apreciação *Likert* com 7 níveis: desde o nível (0) = nada importante, até ao nível (6) = extremamente importante.

Pressupostos e estratégias de formação - nesta sub-variável, apresentámos um conjunto de 16 afirmações, que se referem a pressupostos e estratégias de formação no âmbito do desporto de natureza.

As respostas foram analisadas através duma escala de concordância de 7 níveis: desde o nível (-3) = discordo totalmente, até ao nível (3) = concordo totalmente.

Devido à extensão das afirmações (categorias) sujeitas para análise, remetemos a respectiva consulta para o anexo 10.

#### **4.2.3. Funções profissionais:**

Dirigente – *Tem conhecimentos de gestão e desporto, coordena programas, dirige técnicos, actividades e concebe projectos de desenvolvimento. Dedicar-se à direcção e gestão de uma empresa, clube, autarquia, escola, etc.;*

Formador - *Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros técnicos. Desenvolve e participa em projectos de formação e investigação;*

Técnico Principal - *Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É responsável pelos praticantes e tem autonomia na actividade que desenvolve;*

Técnico Auxiliar - *Coopera e presta auxílio a um TP. Tem conhecimento técnico e desenvolve a prática da actividade.*

As respostas foram analisadas através duma escala de concordância de 7 níveis: desde o nível (-3) = discordo completamente, até ao nível (3) = concordo totalmente.

#### **4.2.4. Competências profissionais**

Importância das CP: Nesta variável, foram estudadas as seguintes sub-variáveis: CP genéricas (n=50) e CP específicas (n=10).

Auto-percepção das CP: Nesta variável, foram estudadas as seguintes sub-variáveis: CP genéricas (n=50) e CP específicas (n=10);

Necessidades de formação: Nesta variável, foram estudadas as seguintes sub-variáveis: CP genéricas (n=50) e CP específicas (n=10).

As respostas foram analisadas através de uma escala de apreciação *Likert* de 7 níveis: desde o nível (0) = nada importante, até ao nível (6) = extremamente importante.

Também neste caso, devido à extensa listagem de competências (categorias), remetemos a respectiva consulta para o anexo 11.

## **5. O Instrumento de Medida – Questionário**

Para recolher os dados do nosso estudo, utilizámos o Questionário como instrumento de medida. Segundo Hill e Hill (2000), o questionário é um instrumento composto por um conjunto de perguntas, que poderão ser abertas (quando as respostas são construídas e escritas por palavras próprias) ou fechadas (quando a resposta traduz uma escolha entre um conjunto de alternativas).

Neste estudo, optámos por utilizar na grande maioria perguntas fechadas, por permitirem uma maior objectividade apesar de poderem implicar um tipo de conclusões mais simples. No entanto, também utilizámos algumas questões abertas, de modo a possibilitar uma maior riqueza de exploração das opiniões dos inquiridos.

### **5.1. Construção do Questionário**

As razões que justificam a construção de um questionário de raiz para o nosso estudo assentam nos seguintes factos: em primeiro lugar, não encontramos um instrumento de medida já construído e validado, que medisse aquilo que pretendemos medir. Em segundo lugar, por considerarmos que a investigação no âmbito do desporto de natureza é quase inexistente, julgámos que seria importante, dispor no futuro de um novo instrumento que pudesse ser utilizado e alargado ao estudo de outras especialidades e contextos desportivos. Neste sentido, para construir e validar o Questionário, utilizámos os seguintes procedimentos metodológicos:

#### **5.1.1. Dados da Revisão da Literatura**

A análise de alguns estudos no âmbito da pedagogia do desporto (Piéron, 1996; Harari & Noa, 1997; Almeida, 2001; Lima, 2001; Rodrigues *et al.*, 2003; Claudino, 2002; Carvalhinho & Rodrigues, 2004) despertou a nossa curiosidade e o interesse para o tipo de metodologias e levantamento de questões-chave, que nos orientaram para a construção do instrumento de medida.

Centrámos a atenção nas questões associadas aos perfis pessoais, sociais e profissionais dos diversos agentes desportivos (professores de Educação Física e Desporto

Escolar, Treinadores Desportivos e outros Técnicos de Desporto). Por outro lado, a formação foi outra temática em destaque, uma vez que parece ser unânime o seu papel decisivo na qualidade dos recursos humanos. Por último, analisámos alguns estudos portugueses (Simão, 1998; Rosado, 2000b; Carvalhinho, 2003), e estrangeiros (Leonardo da Vinci, 2004), que contribuíram para identificar as funções profissionais e os perfis de competências que lhe estão associadas.

Depois de concluída a fase anterior, reunimos os elementos suficientes para prosseguir com os restantes procedimentos metodológicos.

### **5.1.2. Construção do Guião para a Entrevista (exploratória)**

Iniciámos o processo de construção de um guião para a entrevista (exploratória), considerando o âmbito deste estudo e os objectivos traçados. Formulámos as principais questões da entrevista, que se traduziram em perguntas abertas de modo a não limitar qualquer tipo de resposta ou comentário por parte dos inquiridos.

Este documento serviu como base de trabalho para ser analisado e discutido na fase seguinte, ou seja, numa reunião de peritos. Nesse sentido, enviámos a nossa proposta para esse grupo de peritos (anexo 12).

### **5.1.3. Reunião de Peritos nº1 (validação do guião)**

Nesta reunião de trabalho, pretendeu-se discutir a estrutura e a organização da entrevista, a importância e a pertinência das suas questões face aos objectivos de estudo, a sua clareza, bem como a análise do seu conteúdo. Deste modo, convidámos um conjunto de peritos (n=5) da área das ciências do desporto, com o intuito de construir um guião para a entrevista exploratória (anexo 13-A).

### **5.1.4. A Entrevista (exploratória)**

A entrevista teve como objectivo, numa primeira abordagem, recolher informação sobre as características pessoais e sócio-profissionais dos TDN, e numa segunda, a opinião destes acerca da formação, das funções e das competências profissionais.

Na medida em que existem vários tipos de entrevistas, as não estruturadas ou livres, as estruturadas ou dirigidas, e as semi-estruturadas ou guiadas, optámos por esta última por considerarmos que estava mais adequada aos nossos objectivos. Deste modo, foram utilizadas perguntas relativamente abertas de modo a dar mais liberdade aos entrevistados, não pretendendo vincular os entrevistados ou os entrevistadores, a uma sequência rígida no questionamento. Pelo contrário, existiu sempre a possibilidade do entrevistador reencaminhar as respostas face aos objectivos traçados. Assim, a entrevista foi organizada em três conjuntos de questões:

- 1) Caracterização pessoal e sócio-profissional dos TDN, através da especialidade, idade, género, residência, grau académico, profissão, tipo de entidade, experiência como praticante, técnico e formador;*
- 2) Caracterização e valorização dos modelos de formação implementados em Portugal;*
- 3) Caracterização das competências profissionais e sua valorização por especialidade;*

Por último, demos a oportunidade aos entrevistados para efectuarem alguns comentários finais sobre qualquer questão associada à temática em estudo. Foi nosso propósito portanto, tentar captar o máximo de informação (variáveis, sub-variáveis, categorias), que pudesse ser incluída no principal instrumento de medida (Questionário).

#### **5.1.4.1. Metodologia da Aplicação da Entrevista**

Na aplicação das entrevistas, procedemos do seguinte modo: 1) Seleccionámos um conjunto de indivíduos (n=10), com uma representatividade muito semelhante à amostra final, considerando as ADN seleccionadas, as diversas organizações e as várias funções profissionais identificadas; 2) Estabelecemos o contacto directo e/ou telefónico com os indivíduos e agendámos a aplicação da entrevista; 3) Planeámos a logística necessária (materiais, deslocações, locais, horários, etc.); 4) Os entrevistados foram devidamente informados acerca do âmbito, objectivos e importância do estudo; 5) Durante as entrevistas tentámos manter um ambiente agradável, mantendo uma posição neutra, utilizando uma linguagem acessível e evitando colocar em causa os valores e a personalidade dos entrevistados; 6) As entrevistas foram aplicadas em locais devidamente apropriados, permitindo a recolha dos dados em áudio através de um micro-gravador.



#### 5.1.4.2. Análise dos Dados da Entrevista

De acordo com alguns estudos efectuados na área dos treinadores desportivos (Rodrigues, *et al.*, 2003), e na área do Desporto de Natureza (Carvalhinho, *et al.*, 2005), utilizámos uma metodologia semelhante para codificar as entrevistas, efectuando os seguintes procedimentos: 1) transcrevemos as entrevistas para protocolos escritos, dando forma aos dados susceptíveis de serem trabalhados, isto é, codificados; 2) recorremos ao método da análise de conteúdo, que consiste em processos de redução gradual ao nível da abrangência, através de procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens; 3) seleccionámos as unidades de informação, através de uma lógica semântica, inventariando e definindo as diversas categorias de conteúdo relevante (anexo 13-B).

#### 5.1.4.3. Validade e Fidelidade da Entrevista

A discussão permanente com outros investigadores e o recurso a alguns estudos que abordaram este tipo de metodologias (Quivy & Campenhoudt, 1992; Ghiglione & Matalon, 2001; Rodrigues, *et al.*, 2003) contribuiu para assegurar as propriedades inerentes à validação das categorias que emergiram do discurso dos entrevistados.

Em termos de fidelidade, de modo a garantir que o mesmo codificador em momentos diferentes tivesse efectuado uma análise semelhante, procedemos à apreciação da fidelidade intra-codificador. Para isso, seleccionámos aleatoriamente uma entrevista, codificando-a em dois momentos distintos, intervalados por um período de uma semana. Nesta situação, utilizámos o índice de Bellack (Siedentop, 1983), a que numerosos estudos recorrem, calculando a concordância (IC) relativa à quantidade de categorias registadas, através da seguinte fórmula:

$$IC = \frac{\text{n}^\circ \text{ mais baixo de categorias registadas} \times 100}{\text{n}^\circ \text{ mais alto de categorias registadas}}$$

O resultado de 91,8% de concordância (anexo 13-C) traduz uma aceitável fidelidade intra-codificador, uma vez que se encontra acima de 70% (Januário, 1992). Quanto à fidelidade inter-codificador, não foi necessário efectuar porque as codificações das entrevistas foram realizadas apenas por um investigador.

Após esta fase, identificámos as variáveis, sub-variáveis e categorias, dando origem às questões que permitiram iniciar o processo de construção do questionário. A partir daqui, efectuámos um conjunto de passos metodológicos (que apresentaremos nos pontos seguintes), que tiveram como objectivo, aperfeiçoar o questionário até à sua versão final, não esquecendo porém, os procedimentos de validação que deverão estar associados.

### **5.1.5. Plano de Organização do Questionário**

A partir deste momento, elaborámos um plano de organização para o Questionário, considerando algumas das finalidades apresentadas por Hill e Hill (2000):

- a) Listar todas as variáveis da investigação;
- b) Estabelecer o número de perguntas para medir cada uma das variáveis;
- c) Estabelecer os grandes grupos de questões, e verificar a sua sintonia relativamente aos objectivos e hipóteses de pesquisa;
- d) Incluir as variáveis, as sub-variáveis e as categorias, na sua versão inicial, de acordo com a revisão da literatura e o resultado das entrevistas;
- e) Definir as opções de resposta e a respectiva escala de medida;
- f) Descrever as instruções associadas a cada pergunta;
- g) Planear as secções ou dimensões do questionário.

### **5.1.6. Reunião de Peritos nº2 (validação)**

De acordo com Leça-Veiga (1995) e Serpa (1995), julgámos importante realizar uma reunião com um conjunto de peritos (n=5) pertencentes a diversas áreas das ciências do desporto, de modo a efectuar uma validação por peritagem. Nesta reunião visaram-se os seguintes objectivos (Hill & Hill, 2000):

- a) Construir as questões e definir estratégias ao nível da extensão das perguntas;
- b) Filtrar a terminologia e utilizar palavras simples e acessíveis;
- c) Facilitar as respostas, evitando perguntas múltiplas e neutras, e por outro lado, possibilitar respostas alternativas (gerais) suficientes;
- d) Verificar a clareza das questões.

### **5.1.7. Reunião de Peritos nº3 (formatação do Questionário)**

Julgámos importante ainda, realizar uma outra reunião de trabalho com peritos (n=2), com experiência ao nível da formatação e apresentação de questionários, de modo a torná-lo por um lado mais atraente, e por outro, evitar que a sua própria extensão seja um factor de inibição na participação dos inquiridos.

### **5.1.8. Aplicação-piloto (experimental) / Reunião de Técnicos nº1**

Num primeiro momento aplicámos o Questionário a um conjunto de técnicos (n=7) representantes da amostra (ADN seleccionadas). Antes de iniciarem o preenchimento propriamente dito, foi solicitada a colaboração destes técnicos para registarem as suas observações, relativamente aos seguintes objectivos:

- a) Filtrar a terminologia específica (da especialidade);
- b) Verificar a possibilidade de respostas alternativas suficientes e adequadas;
- c) Analisar o conteúdo, a pertinência e a clareza das questões contribuindo com sugestões;
- d) Identificar as dificuldades e as dúvidas relativamente à compreensão e preenchimento do Questionário.

Após o preenchimento dos questionários, deu-se início a uma reunião que teve como finalidade a discussão sobre as “observações” de cada um dos colaboradores.

## **5.2. Objectividade do Instrumento de Medida (Questionário)**

De acordo com Rodrigues (1997), quando se constrói um novo instrumento de medida, será necessário descrever os procedimentos que perseguem a determinação da objectividade do próprio instrumento, ou seja, será importante garantir a validade e a credibilidade dos seus resultados.

Nesse sentido, Thomas e Nelson (1990) afirmam que se um teste não for consistente também não pode ser de confiança. Certamente, que um teste pode ser fidedigno mas não válido, mas nunca poderá ser válido se não for fidedigno.

Hill e Hill (2000), referem que um dos principais passos para construir um Questionário que contemple variáveis latentes, envolve o exame de duas características de

medida – validade e fiabilidade. Por outro lado, a existência de fiabilidade adequada é necessária, mas não suficiente, para garantir validade adequada.

### **5.2.1. Validade**

Thomas e Nelson (1990) referem que, de acordo com a *American Psychological Association* (APA) e com a *American Educational Research Association* (AERA), os quatro tipos de validade básicos são, a validade lógica ou aparente, a validade de conteúdo, a validade prática (validade concorrente e validade preditiva) e a validade de construção. Neste estudo, destacamos as seguintes:

#### **5.2.1.1. Validade aparente**

Desde o início da construção do questionário, que tivemos a preocupação de relacionar as grandes questões com as principais variáveis e objectivos de estudo. Por outro lado, tentámos efectuar os ajustes e adaptações necessárias, de modo a ir ao encontro das principais preocupações dos TDN relativamente à formação e actividade profissional. Uma vez que este tipo de validade não é comprovado estatisticamente, mas sim através da sua definição, estamos em crer que existe uma aceitável validade lógica.

#### **5.2.1.2. Validade de conteúdo**

Tal como na validade anterior, não existe um cálculo evidente que possa comprovar esta validade. No entanto, através das entrevistas realizadas numa fase anterior, permitimos aos técnicos que apresentassem a sua opinião sobre a temática da nossa pesquisa. Parece-nos que de uma forma natural, o conteúdo das questões traduzem também a opinião destes técnicos, além de reflectirem também os principais resultados da análise da literatura. Porém, devemos realçar que este questionário não se encontra totalmente fechado, podendo ser registado na grande maioria das questões, outras opções de resposta além das já apresentadas.

### **5.2.1.3. Validade prática**

Esta validade pode ser analisada em dois contextos, o da validade concorrente e o da validade preditiva.

#### a) Validade concorrente

Nesta validade, devemos ter em consideração a comparação com outros estudos de modo a poder correlacionar os seus resultados. Tendo em conta que o nosso instrumento de medida foi construído de raiz para ser aplicado a uma nova realidade (desporto de natureza), julgámos que não seria adequado querer compará-lo com qualquer outro. No entanto, este tipo de validade resultou no facto de termos efectuado constantemente reuniões com peritos que acompanharam e participaram no processo de validação.

#### b) Validade preditiva

Este tipo de validade, pressupõe que o instrumento de medida possa ser utilizado numa mesma amostra ou população, no sentido de verificar as alterações de comportamentos ou de opinião, antes e após a ocorrência de um determinado acontecimento ou programa de formação. Neste sentido, poderíamos efectuar a aplicação do questionário, num outro momento espaçado no tempo, de modo a analisar as alterações de opinião dos técnicos desportivos. Portanto, poderíamos comparar e correlacionar os resultados de modo a provar a insenção do Questionário, e a obter a validade preditiva.

### **5.2.1.4. Validade de construção**

Consiste em verificar se realmente o Questionário avalia as categorias a que se propõe avaliar. Nesta situação, realizámos vários procedimentos para identificar as diversas categorias, entre os quais, a revisão da literatura, as entrevistas exploratórias, as reuniões com peritos e as aplicações-piloto. Depois de todos os processos de construção e validação, seleccionámos as principais variáveis. Por outro lado, julgamos que as opções de resposta, estão directamente relacionadas com aquilo que pretendemos medir, possibilitando a comparação da opinião dos TDN em relação aos mesmos temas.

## 5.2.2. Fiabilidade

Como já referimos anteriormente, o facto de termos utilizado um novo instrumento, colocou-se a necessidade de estabelecer o seu grau de confiança, ou seja, a sua consistência. De acordo com Thomas e Nelson (1990) e Hill e Hill (2000), existem vários métodos (coeficientes) para estimar a fiabilidade de um teste, entre os quais, a consistência em termos de estabilidade temporal, a consistência em termos de equivalência de medidas e a consistência interna. Neste estudo, optámos por destacar os seguintes:

### 5.2.2.1. Método de “versões equivalentes”

Por considerarmos que este método seria apropriado ao nosso estudo e aos nossos objectivos, introduzimos algumas questões de controlo, para verificar a estabilidade das respostas. Este princípio de controlo consistiu na introdução de 10 (dez) questões (10% nos principais grupos de questões), distribuídas aleatoriamente pelo Questionário, com o mesmo significado de outras já existentes, resultando nos seguintes pares de questões:

**Quadro 5 – Questões de controlo - Pressupostos e estratégias de formação**

<b>Pares</b>	<b>Categorias</b>
P5 P20	<i>A formação deve ser realizada em pequenos grupos de trabalho</i> <i>A formação não deve ser organizada em grupos com elevado nº de praticantes</i>
P10 P25	<i>A formação poderá ser realizada através do ensino à distância</i> <i>A formação poderá ser realizada s/ que seja obrigatório um regime presencial do formador</i>
P15 P30	<i>A formação deve ter uma predominância da componente prática</i> <i>A duração da carga horária da formação prática deverá ser maior que a formação teórica</i>

**Quadro 6 – Questões de controlo - Competências profissionais genéricas**

<b>Pares</b>	<b>Categorias</b>
P1 P75	<i>Domínio das diferentes técnicas e estilos de ensino</i> <i>Conhecimentos na área da pedagogia do desporto</i>
P2 P43	<i>Conhecimentos de organização técnica e planeamento de actividades</i> <i>Saber planear e organizar uma actividade</i>
P6 P57	<i>Envolvimento em trabalhos de pesquisa em Desporto de Natureza</i> <i>Projectos de investigação em Desporto de Natureza</i>
P34 P10	<i>Teoria e metodologia do treino</i> <i>Conhecer e utilizar metodologias de desenvolvimento da performance</i>
P11 P77	<i>Utilização de atitude positiva, aberta e democrática</i> <i>Ser optimista e respeitar a opinião dos outros</i>
P12 P59	<i>Actualização e acompanhamento da evolução dos materiais</i> <i>Estar atento ao desenvolvimento dos materiais</i>
P16 P69	<i>Informática</i> <i>Conhecimentos na área dos computadores</i>

A introdução destas questões de controlo, permitiu-nos efectuar mais uma aplicação-piloto e posterior análise da correlação das respectivas respostas.

a) “Teste-Reteste” - aplicámos o Questionário num primeiro momento, a um conjunto de indivíduos (n=70), pertencentes às especialidades e funções profissionais em estudo.

b) Correlação face às questões de controlo - optámos por analisar a correlação dos dados entre os vários pares das questões de controlo após o 1º momento de aplicação. Utilizámos a técnica de correlação não-paramétrica - *Spearman*, uma vez que não se verificou a normalidade (anexo 14). Os resultados permitiram verificar que existiu uma correlação elevada (anexo 15), e conseqüentemente, um elevado grau de confiança para o Questionário.

Deste modo, retirámos as seguintes questões de controlo:

Sub-variável - Pressupostos e estratégias de formação - P20, P25 e P30

Sub-variável – Competências profissionais genéricas - P10, P43, P57, P59, P69, P75 e P77

#### **5.2.2.2. Método de “estabilidade temporal” (teste-reteste)**

Tivemos o objectivo de verificar a consistência do Questionário através da constância dos seus resultados, efectuando os seguintes procedimentos:

a) “Teste-Reteste” - aplicámos o Questionário num segundo momento, ao mesmo conjunto de indivíduos (n=70). De maneira a não permitir que factores de desenvolvimento individual, ou modificações inerentes ao tempo pudessem influenciar os resultados, espaçámos as duas aplicações com uma semana de intervalo;

b) Correlação face ao “Teste-Reteste” – depois de efectuar o 2º momento de aplicação do Questionário, analisámos o nível de correlação existente entre os resultados das duas aplicações, nos diversos grupos de questões. Os resultados obtidos através do coeficiente de *Spearman* (anexo 16) demonstram existir elevada correlação entre as duas aplicações do “Teste-Reteste”, verificando-se uma fiabilidade aceitável.

### **5.3. Revisão Final do Questionário**

Uma vez que continuámos a receber sugestões para reduzir um pouco o Questionário (30 minutos), efectuámos os seguintes procedimentos:

#### **5.3.1. Reunião de Técnicos nº2**

Organizámos mais uma reunião de técnicos (n=5) com o objectivo de reduzir o Questionário. Por consenso do grupo, retirámos mais algumas questões de modo a retirar cerca de 5 a 10 minutos à sua duração total. Nesse sentido, reduzimos as questões do grupo “pressupostos e estratégias de formação” e do grupo das “competências profissionais”, sem contudo comprometer os objectivos e as hipóteses de estudo.

#### **5.3.2. Aplicação-piloto (final)**

Por continuarmos ainda preocupados com a extensão do questionário, quisemos averiguar na prática, qual o tempo necessário para preencher o questionário. Deste modo, resolvemos efectuar uma última aplicação a um pequeno grupo de técnicos (n=7), um por especialidade, com o objectivo de medir o tempo do respectivo preenchimento. Este grupo demorou entre 20 e 25 minutos, o que nos deixou ainda um pouco aquém das expectativas. Assim, retirámos mais algumas questões (categorias) tendo como critérios os procedimentos anteriores. Por outro lado, aproveitámos também para efectuar uma revisão estética final, no sentido de tornar o Questionário mais atractivo.

### **5.4. Finalidade e Estrutura do Questionário**

O Questionário utilizado (anexo 17), teve como finalidade geral, conhecer a opinião dos técnicos portugueses de DN com intervenção profissional na área, relativamente à temática da formação e das competências profissionais. A estrutura base do Questionário foi constituída por 5 grupos de questões, que visaram caracterizar as seguintes variáveis:



I - Perfil pessoal e sócio-profissional: género, idade, habilitações literárias, experiência como praticante, tipo de organização onde trabalha, zona de trabalho, função principal, especialidade dominante, experiência profissional e níveis etários com que trabalha.

II - Formação realizada: último curso realizado e intervenção das organizações na área da formação.

III - Expectativas em relação à formação: factores de desempenho na actividade e pressupostos e estratégias de formação.

IV - Funções profissionais.

V - Competências profissionais: Importância das CP, Auto-percepção das CP, e Necessidades de formação.

### **5.5. Metodologia da Aplicação dos Questionários**

Nesta etapa, optámos por constituir uma pequena equipa de investigadores (n=8) de forma a atingirmos uma amostra maior e mais alargada em termos de território nacional.

Uma outra razão consistiu em querermos garantir algum rigor nas respostas dadas ao Questionário, na medida em que foi garantida a presença do investigador durante o respectivo preenchimento. Em nosso entender, esta medida preveniu eventuais falhas, que normalmente podem estar associadas ao preenchimento de inquéritos sem a presença de um responsável para prestar esclarecimentos.

Neste sentido, efectuámos um treino “inter-investigadores”, de modo a que todos os colaboradores procedessem exactamente do mesmo modo durante a respectiva aplicação dos questionários. Efectuámos algumas reuniões de “pares”, de modo a cumprir os seguintes objectivos: a) preencher o questionário e registar todas as dúvidas referentes ao seu preenchimento; b) esclarecer todas as questões e dúvidas levantadas; c) estabelecer as

normas e procedimentos a utilizar durante a aplicação do questionário aos elementos da amostra; d) planificar a aplicação do questionário, incluindo toda a logística necessária.

Depois desta fase, elaborámos os ofícios para solicitar a colaboração no estudo (anexo 18). O contacto com os indivíduos da amostra foi realizado por contacto directo, por telefone, por e-mail e por fax. Após recebermos as respostas positivas de colaboração, programámos as várias deslocações.

De modo a podermos abranger as várias organizações portuguesas, percorremos o país (de norte a sul), aplicando o Questionário a técnicos das federações desportivas, associações, clubes, estabelecimentos de ensino superior e secundário, empresas e autarquias. Seleccionámos locais apropriados e antes da respectiva aplicação, informámos os inquiridos sobre o âmbito, tema, objectivos do estudo, normas para preenchimento e garantia do anonimato.

Como estratégia de aplicação, tentámos privilegiar os momentos em que se reuniram vários técnicos simultaneamente (ex: reuniões e sessões de trabalho, eventos desportivos, etc.), de modo a recolher o maior número possível de questionários em cada deslocação. Por outro lado, houve também a necessidade de efectuar uma aplicação mais individual ou em pequenos grupos. A recolha dos questionários foi efectuada imediatamente após a sua aplicação.

## **6. Tratamento dos Dados e Procedimentos Estatísticos**

No sentido de permitir apresentar a opinião dos técnicos de DN (n=830), optámos por utilizar os seguintes procedimentos e técnicas estatísticas:

Efectuámos numa primeira fase, uma análise descritiva das variáveis, sub-variáveis e categorias, de modo a estudar o perfil pessoal e sócio-profissional, a formação realizada, as expectativas de formação, as funções e as competências profissionais dos técnicos de desporto de natureza.

Para analisar e interpretar os resultados, utilizámos parâmetros de tendência central (média) e de dispersão (desvio-padrão, valor mínimo e máximo). Para facilitar a sua análise e interpretação, foram elaborados os respectivos quadros.

Na segunda fase, procedemos à análise comparativa das variáveis dependentes (formação realizada, expectativas de formação, funções e competências profissionais), considerando como variáveis independentes, a “especialidade” e a “função principal”. Neste sentido, tínhamos optado inicialmente por utilizar a “Análise da Variância – Anova”, como técnica paramétrica. Mas de facto, após verificarmos que não se reuniam os pressupostos para utilizar esta técnica estatística, tivemos de optar, em alternativa, por utilizar a técnica não-paramétrica “Kruscall-Wallis”.

Em seguida, sempre que se encontraram diferenças estatisticamente significativas (para um nível de significância igual ou inferior a 0,05.), utilizámos a técnica não-paramétrica “U de Mann-Whitney”, de modo a complementar a respectiva análise nas diferenças encontradas.

Para tratar os dados, utilizámos o programa informático de estatística *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS, 2006)* na versão 14, do sistema operativo Microsoft Windows XP profissional.

### III - PARTE

#### Apresentação e Discussão dos Resultados

Este estudo englobou 7 actividades (Orientação, BTT, Escalada, Montanhismo, Canoagem, Mergulho e Parapente), seleccionadas inicialmente através do “MAT-EDN”, estando os resultados organizados em dois grandes capítulos: 1) Estudo das actividades, tendo em conta as várias funções profissionais; e 2) Estudo das funções profissionais, tendo em conta as várias actividades.

#### Capítulo I - Estudo das Actividades de Desporto de Natureza

##### 1. Introdução

A amostra referente a este estudo foi constituída por N=830 indivíduos, sendo distribuída da seguinte forma:

*Quadro 7 – Distribuição da Amostra por Actividade*

Actividades	Total	Dirigente (D)	Formador (F)	Téc. Principal (TP)	Téc. Auxiliar (TA)
<b>Ori</b>	<b>157</b>	21	14	31	91
<b>Btt</b>	<b>179</b>	25	13	52	89
<b>Esc</b>	<b>123</b>	16	10	38	59
<b>Mon</b>	<b>111</b>	25	12	27	47
<b>Can</b>	<b>126</b>	19	6	20	81
<b>Mer</b>	<b>66</b>	22	7	14	23
<b>Par</b>	<b>68</b>	21	13	12	22
<b>Totais</b>	<b>830</b>	<b>149</b>	<b>75</b>	<b>194</b>	<b>412</b>

Em cada actividade, apresentamos as caracterizações do perfil pessoal e sócio-profissional, formação realizada, expectativas de formação, funções e competências profissionais. Neste sentido, recorreremos à análise descritiva dos resultados globais e por cada grupo, bem como à análise comparativa entre os respectivos grupos.

## 2. Estudo da Actividade de “Orientação”

Nesta actividade, estudámos as seguintes dimensões de variáveis: perfil pessoal e sócio-profissional, formação realizada, expectativas de formação, funções profissionais e competências profissionais.

### 2.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Orientação)

O estudo do perfil pessoal e sócio-profissional foi estruturado em duas análises: a análise do perfil pessoal e a análise do perfil sócio-profissional.

#### 2.1.1. Perfil Pessoal

Para caracterizar este perfil, utilizámos as seguintes variáveis independentes: “Género”, “Idade”, “Habilitações literárias” e “Experiência como praticante”.

**Quadro 8 - Caracterização do perfil pessoal dos técnicos de Orientação**

Variáveis	Categorias	Total (n=157)		D (n=21)		F (n=14)		TP (n=31)		TA (n=91)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Género</b>	<i>Masculino</i>	106	<b>67,5</b>	21	<b>100</b>	9	<b>64,3</b>	21	<b>67,7</b>	55	<b>60,4</b>
	<i>Feminino</i>	51	32,5	0	0,0	5	35,7	10	32,3	36	39,6
<b>Idade</b>	<i>Até 25</i>	81	<b>51,6</b>	3	14,3	4	28,6	7	22,6	67	<b>73,6</b>
	<i>26 – 35</i>	44	28,0	7	33,3	6	<b>42,9</b>	13	<b>41,9</b>	18	19,8
	<i>36 – 45</i>	28	17,8	8	<b>38,1</b>	4	28,6	10	32,3	6	6,6
	<i>46 +</i>	4	2,5	3	14,3	0	0,0	1	3,2	0	0,0
	<i>Média (DP) (mín./máx.)</i>	<b>28,2</b>	(7,99) (18/56)	<b>36,33</b>	(8,43) (25/56)	30,29	(7,19) (21/45)	32,03	(7,48) (21/50)	<b>24,71</b>	(5,93) (18/44)
<b>Habilitações literárias</b>	<i>Até 9ºano</i>	14	8,9	1	4,8	0	0,0	2	6,5	11	12,1
	<i>Secundário</i>	58	36,9	6	28,6	2	14,3	7	22,6	43	<b>47,3</b>
	<i>Bach./Licenc.</i>	84	<b>53,4</b>	13	<b>61,9</b>	14	<b>85,7</b>	22	<b>71,0</b>	37	40,7
	<i>Mestr./Doutor</i>	1	0,6	1	4,8	0	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Experiência praticante</b>	<i>Média (DP) (mín./máx.)</i>	<b>3,44</b>	(0,85) (1/5)	<b>3,86</b>	(0,96) (1/5)	3,50	(0,86) (2/5)	3,39	(0,84) (1/5)	<b>3,35</b>	(0,81) (1/5)

De um modo global podemos verificar que, cerca de dois terços dos técnicos são do género “Masculino” (67,5%), apresentam uma média de idade de 28,2 anos sendo a classe modal “Até aos 25 anos” (51,6%), têm “Habilitações literárias” maioritariamente de nível “superior” (53,4%) e apresentam uma “Experiência como praticante” entre razoável e boa (3,44).

Do ponto de vista dos vários grupos, os técnicos são sempre em maior percentagem do género “Masculino”, com destaque para os **D** (100%). Em relação à idade, os **D** apresentam uma média maior (36,33 anos) com classe modal “36 aos 45 anos” (38,1%), enquanto que os **TA** apresentam a menor média (24,71 anos) com classe modal “Até aos 25 anos” (73,6%). As “Habilitações literárias” apresentam quase sempre maior representatividade na categoria de “Bacharel/Licenciatura” (D=61,9%; F=85,7%; TP=71%), com a excepção dos **TA** que prevalece o nível “Secundário” (47,3%). Por último, na “Experiência como praticante”, verificamos que todos os grupos se encontram entre o nível razoável e bom, destacando os **D** com a maior média (3,86) e os **TA** com a menor (3,35).

### 2.1.2. Perfil Sócio-Profissional

Em relação ao perfil sócio-profissional do TDN, utilizámos as seguintes variáveis independentes: “Profissão principal”, “Tipo de organização”, “Zona de trabalho”, “Nº anos na actividade” e “Níveis etários com que trabalha”.

**Quadro 9 - Caracterização do perfil sócio-profissional dos técnicos de Orientação**

Variáveis	Categorias	Total (n=157)		D (n=21)		F (n=14)		TP (n=31)		TA (n=91)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Profissão principal	TDN	13	8,3	0	0,0	1	7,1	5	16,1	7	7,7
	Prof. EF	51	32,5	1	4,8	10	71,4	13	41,9	27	29,7
	Trab./Estud.	50	31,8	0	0,0	1	7,1	4	12,9	45	49,5
	Outras profiss.	43	27,4	20	95,2	2	14,3	9	29,0	12	13,2
Tipo de organização (DN)	Federação/Desp	3	1,9	2	9,5	0	0,0	0	0,0	1	1,1
	Assoc./Clubes	34	21,7	13	61,9	2	14,3	5	16,1	14	15,4
	Empresas	44	28,0	3	14,3	5	35,7	14	45,2	22	24,2
	Autarquias	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Estab. Ensino	72	45,9	0	0,0	7	50,0	12	38,7	53	58,2
Inst.Milit./GNR	4	2,5	3	14,3	0	0,0	0	0,0	1	1,1	
Zona trabalho	Norte	17	10,8	2	9,5	3	21,4	3	9,7	9	9,9
	Centro	55	35,0	7	33,3	0	0,0	5	16,1	43	47,3
	Lx e V. Tejo	60	38,2	8	38,1	8	57,1	15	48,4	29	31,9
	Alentejo	11	7,0	3	14,3	2	14,3	6	19,4	0	0,0
	Algarve	12	7,6	0	0,0	1	7,1	1	3,2	10	11,0
	Ilhas (M/A)	2	1,3	1	4,8	0	0,0	1	3,2	0	0,0
Nº anos actividade	1 a 2	69	43,9	3	14,3	4	28,6	7	22,6	58	63,7
	3 a 6	54	34,4	6	28,6	5	35,7	13	41,9	28	30,8
	7 a 12	24	15,3	8	38,1	4	28,6	10	32,3	2	2,2
	13 +	10	6,4	4	19,0	1	7,1	1	3,2	3	3,3
	Média (DP) (mín./máx.)	4,68	(4,62) (1/25)	8,67	(6,54) (1/25)	6,29	(5,28) (1/20)	6,39	(4,15) (1/18)	2,93	(3,10) (1/20)
Níveis com q trabalha	Crianças	62	39,5	5	23,8	6	42,9	14	45,2	37	40,7
	Jovens	103	65,6	14	66,7	12	85,7	25	80,6	52	57,1
	Adultos	80	51,0	12	57,1	6	42,9	20	64,5	42	46,2
	Seniores	14	8,9	6	28,6	0	0,0	5	16,1	3	3,3

De um modo global podemos verificar que, os técnicos apresentam maiores valores nas profissões “Prof. Ed. Física” (32,5%) e “Trabalhador/estudante” (31,8%). No âmbito do DN, desempenham a sua função com maior incidência nos “Estabelecimentos de Ensino” (45,9%) e na zona de “Lisboa e V. Tejo” (38,2%). Quanto ao “Número de anos na actividade”, apresentam uma média de 4,68 anos, sendo a classe modal “1 a 2 anos” (43,9%). Por fim, a classe dos “Jovens”, é o nível etário com que os técnicos mais trabalham (65,6%).

Analisando os vários grupos, podemos verificar os **D** têm na grande maioria “outras profissões” não associadas ao desporto (95,2%). Por outro lado, os **F** (71,4%) e os **TP** (41,9%) são em maior percentagem “Prof. Ed. Física”, enquanto que os **TA** são “Trabalhadores/estudantes” (49,5%). Em relação ao tipo de organização onde trabalham, destacamos as “Associações/Clubes” nos **D** (61,9%), os “Estabelecimentos de Ensino” nos **F** (50%) e **TA** (58,2%), e as “Empresas” nos **TP** (45,2%). A zona de “Lisboa e V. Tejo” é onde os **D** (38,1%), os **F** (57,1%) e os **TP** (48,4%) mais exercem a sua função profissional, excepto os **TA** que a exercem mais na zona “Centro”. Quanto ao “Número de anos de experiência na actividade”, os **D** são os mais experientes (8,67 anos de média e classe modal de 7 a 12 anos), enquanto que os **TA** são os menos experientes (2,93 anos de média e classe modal de 1 a 2 anos). Por fim, observamos uma uniformidade entre os técnicos em relação às classes etárias com que trabalham, pois surgem em primeiro plano os “Jovens” e em seguida os “Adultos”.

## **2.2. Formação Realizada (Orientação)**

Nesta dimensão, estudámos as seguintes variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

### **2.2.1. Último Curso de Formação Realizado**

De um modo geral, da avaliação do último curso de formação realizado (quadro 10), podemos destacar as categorias com melhor avaliação (nível “bom” ou mais): “Nível

técnico dos formadores” (4,15), “Nível pedagógico dos formadores” (4,08) e “Razão formador/formando” (3,97).

**Quadro 10 – Avaliação do último curso de formação realizado - Orientação**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Último curso de formação realizado	Média	Média	Média	Média	Média
10	Nível técnico dos formadores	<b>4,15</b>	<b>4,00</b>	<b>4,29</b>	<b>4,05</b>	<b>4,24</b>
11	Nível pedagógico dos formadores	<b>4,08</b>	3,93	<b>4,00</b>	<b>4,00</b>	<b>4,21</b>
12	Razão entre formador / formando	<b>3,97</b>	3,64	<b>4,25</b>	3,85	<b>4,12</b>
3	Cumprimento dos objectivos propostos	3,93	3,87	3,76	<b>3,95</b>	<b>4,00</b>
13	Satisfação geral	3,93	3,73	3,86	<b>4,05</b>	<b>3,97</b>
4	Pertinência dos conteúdos programáticos	3,89	3,93	3,75	<b>4,00</b>	3,84
9	Acessibilidade (custo) da formação	3,80	<b>4,00</b>	3,88	3,90	3,64
7	Qualidade das instalações e equipamentos	3,75	3,73	3,50	3,90	3,73
5	Metodologias de formação	3,74	3,47	<b>4,13</b>	3,75	3,76
6	Recursos pedagógico-didácticos	3,74	3,20	3,88	3,75	3,94
8	Modelo de avaliação	3,62	3,53	3,63	3,56	3,72
1	Duração da componente teórica	3,60	3,60	3,63	3,50	3,66
2	Duração da componente prática	3,58	2,93	<b>4,00</b>	3,60	3,76
	<b>Médias</b>	<b>3,83</b>	<b>3,66</b>	<b>3,89</b>	<b>3,84</b>	<b>3,89</b>

Verificamos que a melhor avaliação média global foi atribuída pelos **F** (3,89) e **TA** (3,89), enquanto que os **D** atribuíram a avaliação mais baixa (3,66).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar as seguintes categorias:

**D** - P10 (4,00) e P9 (4,00);

**F** - P10 (4,29), P12 (4,25), P5 (4,13), P11 (4,00) e P2 (4,00);

**TP** - P10 (4,05), P13 (4,05), P11 (4,00), P4 (4,00) e P3 (3,95);

**TA** - P10 (4,24), P11 (4,21), P12 (4,12), P3 (4,00) e P13 (3,97).

Deste modo, constatamos que o “Nível técnico dos formadores” obteve em todos os grupos, avaliações de nível “bom” (ou mais), enquanto que a “Qualidade das instalações...”, os “Recursos pedagógico-didácticos”, o “Modelo de avaliação” e a “Duração da componente teórica”, nunca atingiram esse nível.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 11 - Comparação entre grupos - Último curso de formação realizado**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
6	Recursos pedagógico-didácticos	11,482	<b>0,009*</b>	D x F D x TP D x TA	32,500 81,500 109,000	<b>0,042*</b> <b>0,014*</b> <b>0,001*</b>
2	Duração da componente prática	10,578	<b>0,014*</b>	D x F D x TA	21,000 105,000	<b>0,013*</b> <b>0,002*</b>

\* diferenças significativas



**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Último curso de formação realizado”, relativamente às seguintes categorias: P2 ( $p=0,014$ ) e P6 ( $p=0,009$ ).

A cultura própria desta modalidade, implica que os **D** tenham um papel bastante activo, participativo e crítico em relação ao seu desenvolvimento. Neste caso, o facto de apresentarem maior idade, maior experiência desportiva e profissional, poderá levá-los a serem mais exigentes, e conseqüentemente, atribuírem avaliações mais baixas. Por isso, parecem estar menos satisfeitos com a formação realizada, quando comparados com os restantes grupos, principalmente em relação à “Duração da componente prática” e aos “Recursos pedagógico-didácticos” onde as opiniões são significativamente diferentes.

Por outro lado, considerando que os **F** participam na formação de outros técnicos, também poderão estar mais envolvidos em processos de decisão, organização e operacionalização, o que naturalmente, tendem a avaliar melhor a respectiva formação.

No entanto, parece existir algum consenso no destaque positivo do “nível técnico e pedagógico dos formadores” e a “razão entre formador/formando”.

### 2.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

*Quadro 12 – Avaliação da Intervenção das organizações na área da formação - Orientação*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Intervenção das organizações...</u>	Média	Média	Média	Média	Média
5	<i>Clubes, Associações</i>	<b>3,36</b>	<b>3,67</b>	<b>3,69</b>	<b>3,44</b>	<b>3,19</b>
1	<i>Federação Desportiva (que tutela)</i>	<b>3,15</b>	<b>3,76</b>	<b>3,62</b>	<b>3,07</b>	2,87
3	<i>Ensino Superior</i>	2,85	2,40	<b>3,00</b>	<b>3,19</b>	2,76
6	<i>Empresas (privadas)</i>	2,83	2,08	2,67	2,76	<b>3,03</b>
4	<i>Ensino Secundário (desp. escolar)</i>	2,74	2,93	<b>3,15</b>	2,93	2,56
8	<i>INATEL</i>	2,71	2,42	2,88	2,50	2,84
7	<i>Autarquias</i>	2,36	2,57	2,86	2,23	2,31
2	<i>IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)</i>	2,00	1,92	2,13	2,05	1,98
	<b>Médias</b>	<b>2,75</b>	<b>2,72</b>	<b>3,00</b>	<b>2,77</b>	<b>2,69</b>

De um modo geral, a intervenção das organizações na área da formação, destacou positivamente (nível “satisfatório” ou mais) os “Clubes/Associações” (3,36) e a “Federação Desportiva” (3,15).

Podemos constatar que os **F** foram os únicos a atribuir uma avaliação média positiva (3,00), enquanto que os restantes grupos situaram-se abaixo desse nível.

Quanto à análise por grupos, podemos destacar as seguintes organizações:

**D** - P1 (3,76) e P5 (3,67);

**F** - P5 (3,69), P1 (3,62), P4 (3,15) e P3 (3,00);

**TP** - P5 (3,44), P3 (3,19) e P1 (3,07);

**TA** - P5 (3,19) e P6 (3,03).

Deste modo, verificamos que os “Clubes, Associações” obtiveram sempre avaliações positivas por parte dos grupos, enquanto que o “INATEL”, as “Autarquias” e o “IEFP” nunca as obtiveram.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 13 - Comparação entre grupos - Intervenção das organizações na área da formação**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
1	Federação Desportiva (que tutela)	13,843	<b>0,003*</b>	D x TA F x TA	328,500 221,500	<b>0,001*</b> <b>0,011*</b>
6	Empresas (privadas)	9,145	<b>0,027*</b>	D x TP D x TA	99,500 219,500	<b>0,041*</b> <b>0,003*</b>
4	Ensino Secundário (desporto escolar)	10,034	<b>0,018*</b>	F x TA TP x TA	281,000 730,500	<b>0,013*</b> <b>0,035*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na variável “Intervenção das organizações na área da formação”, relativamente às seguintes categorias: P1 ( $p=0,003$ ), P4 ( $p=0,018$ ) e P6 ( $p=0,027$ ).

O facto de os **TA** se encontrarem em início de carreira, poderá implicar um menor conhecimento sobre a intervenção das organizações resultando numa menor avaliação, nomeadamente em relação à federação desportiva e aos estabelecimentos de ensino. Por outro lado, uma vez que a maioria dos **D** pertencem a clubes e associações (61,9%), poderá justificar a menor avaliação atribuída às empresas.

Existe assim, um certo consenso em considerar os clubes e as associações como o tipo de organização que melhor intervenção apresenta na área da formação.

Podemos confirmar através dos resultados que, a federação desportiva tem efectuado um trabalho positivo no desenvolvimento da modalidade.

### 2.3. Expectativas de Formação (Orientação)

Nesta dimensão, estudámos as seguintes variáveis: “Factores de desempenho profissional” e “Pressupostos e estratégias de formação”.

### 2.3.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 14 – Importância dos factores de desempenho na actividade - Orientação*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Factores de desempenho na actividade	Média	Média	Média	Média	Média
3	Participação em cursos e acções formação	4,19	4,38	4,43	4,45	4,01
2	Experiência da intervenção profissional	4,10	3,95	4,57	4,32	3,98
7	Observação actividades e eventos especialidade	4,10	4,67	4,71	4,07	3,88
8	Características pessoais	4,10	4,05	4,21	3,68	4,23
1	Experiência como praticante	4,06	4,76	4,93	4,29	3,69
6	Formação académica	3,64	3,00	3,86	3,23	3,89
5	Leitura livros e/ou revistas especializadas	3,57	3,57	3,86	3,48	3,56
4	Participação em congressos e seminários	3,47	3,62	3,50	3,42	3,45
	<b>Médias</b>	<b>3,90</b>	<b>4,00</b>	<b>4,26</b>	<b>3,87</b>	<b>3,84</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho da actividade foram: “Participação em cursos...” (4,19), “Experiência da intervenção profissional” (4,10), “Observação actividades...” (4,10), “Características pessoais” (4,10) e “Experiência como praticante” (4,06).

Verificamos a atribuição da maior valorização média por parte dos **F** (4,26) e a menor por parte dos **TA** (3,84).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os seguintes factores:

**D** - P3 (4,38), P2 (3,95), P7 (4,67), P8 (4,05) e P1 (4,76);

**F** - P3 (4,43), P2 (4,57), P7 (4,71), P8 (4,21) e P1 (4,93);

**TP** - P3 (4,45), P2 (4,32), P7 (4,07) e P1 (4,29);

**TA**, P3 (4,01), P2 (3,98) e P8 (4,23).

Deste modo, constatamos que a “Participação em cursos...” e a “Experiência da intervenção profissional”, foram considerados factores importantes por todos os grupos, enquanto que a “Formação académica”, a “Leitura de livros...” e a “Participação em congressos...”, nunca o foram.

Em termos de análise comparativa podemos verificar (quadro 15) que, **existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Factores de desempenho na actividade”, relativamente às seguintes categorias: P1 ( $p=0,000$ ), P6 ( $p=0,014$ ) e P7 ( $p=0,002$ ).

**Quadro 15 - Comparação entre grupos - Factores de desempenho na actividade**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
7	Observação de actividades e eventos da especialidade	14,603	<b>0,002*</b>	D x TP D x TA F x TA	223,000 551,500 365,500	<b>0,047*</b> <b>0,002*</b> <b>0,007*</b>
1	Experiência como praticante	19,655	<b>0,000*</b>	D x TA F x TA TP x TA	525,000 288,000 1052,500	<b>0,001*</b> <b>0,001*</b> <b>0,031*</b>
6	Formação académica	10,589	<b>0,014*</b>	D x TA TP x TA	609,500 1027,500	<b>0,008*</b> <b>0,021*</b>

\* diferenças significativas

Mais uma vez, a menor experiência dos TA poderá estar associada à menor valorização destes em relação aos restantes grupos, nas categorias “Experiência como praticante” e “Observação de actividades...”. Por outro lado, considerando que estes são, na maioria, trabalhadores/estudantes (49,5%) ou professores de Educação Física (29,7%), poderá justificar a maior valorização da formação académica.

No entanto, destacamos a “Participação em cursos...” e a “Experiência da intervenção profissional”, como os factores mais valorizados por todos os grupos.

### 2.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

**Quadro 16 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação - Orientação**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<b>Pressupostos e estratégias de formação</b>	Média	Média	Média	Média	Média
3	As federações desportivas deverão promover formação...	<b>2,06</b>	<b>2,33</b>	<b>2,21</b>	<b>2,10</b>	<b>1,96</b>
16	Os parques naturais deverão possuir “guias de natureza”...	<b>1,75</b>	1,29	<b>2,21</b>	<b>1,94</b>	<b>1,71</b>
7	A formação deverá ter uma predominância da componente...	<b>1,71</b>	1,48	<b>2,00</b>	<b>1,97</b>	<b>1,64</b>
14	O Estado deverá ter iniciativa para reunir com as várias...	<b>1,66</b>	1,48	<b>1,71</b>	<b>1,83</b>	<b>1,64</b>
15	Somente as empresas privadas que cumprem os requisitos...	<b>1,59</b>	1,48	<b>2,00</b>	<b>2,03</b>	1,40
6	A formação deverá considerar todos os níveis de qualificação...	1,49	1,19	<b>1,50</b>	1,32	<b>1,61</b>
1	A frequência de A.F. de reciclagem/actualização deverá ser...	1,44	<b>1,71</b>	<b>2,07</b>	1,13	1,39
10	Os modelos de formação deverão contemplar duas vertentes...	1,41	<b>1,52</b>	<b>2,14</b>	1,42	1,26
11	Será necessário definir a progressão da carreira do técnico...	1,36	<b>1,67</b>	<b>1,71</b>	1,07	1,33
9	A formação deverá assentar em vários níveis de competências...	1,32	1,48	<b>1,79</b>	1,45	1,17
8	Modelos formação utilizados noutros países com mais exper...	1,24	1,29	1,36	1,35	1,18
12	O IEFEP deverá promover a formação profissional de técnicos...	1,19	1,14	<b>1,71</b>	1,19	1,11
2	O Estado deverá ser responsável pela regulamentação...	1,16	0,57	<b>1,64</b>	1,42	1,13
5	Formação deverá ser mais abrangente de modo...	1,12	1,24	0,71	1,10	1,16
13	Todas as organizações responsáveis pela formação deverão...	0,97	0,43	1,43	1,10	0,98
4	Só entidades acreditadas pelo Estado deverão promover form...	0,68	1,14	1,07	1,03	0,38

Em termos gerais, podemos destacar 5 (cinco) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), a saber: P3 (2,06), P16 (1,75), P7 (1,71), P14 (1,66) e P15 (1,59). Por outro lado, as restantes estratégias

carecem em nossa opinião de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Podemos verificar também que os **F** são os mais favoráveis face às estratégias apresentadas, enquanto que os **D** são os menos favoráveis.

Quanto à análise por grupos, podemos destacar as seguintes estratégias:

**D** - P3, P1, P10 e P11;

**F** - P3, P16, P7, P14, P15, P6, P1, P10, P11, P9, P12 e P2;

**TP** - P3, P16, P7, P14 e P15

**TA** - P3, P16, P7, P14 e P6.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 17 - Comparação entre grupos - Pressupostos e estratégias de formação*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
10	Os MF deverão contemplar duas...	7,536	0,057	F x TP F x TA	135,000 366,000	<b>0,036*</b> <b>0,008*</b>

*\* diferenças significativas*

A categoria P10 apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,057$ ). Neste sentido, prosseguimos com o “pósteste” (MW-U), encontrando **diferenças significativas** entre os grupos: **F x TP** ( $p=0,036$ ) e **F x TA** ( $p=0,008$ ).

Esta diferença deveu-se ao maior nível de concordância por parte dos **F** em relação aos restantes grupos. Neste caso, a grande maioria dos **F** (71,4%) são professores de Educação Física e naturalmente exercem a sua profissão principal em estabelecimentos de ensino, o que poderá implicar uma maior sensibilidade para defender uma estratégia de formação diferenciada para praticantes e para técnicos.

Apesar de não existirem mais diferenças significativas, gostaríamos de destacar que de um modo geral, os **F** concordam com a maioria das estratégias, enquanto que os **D** não. Será que o facto dos **D** terem “outras profissões” não associadas ao desporto (95,2%) e uma média de idades superior (36,33 anos), poderá causar algumas reservas e pouca flexibilidade para aceitar novas estratégias de formação?

Deste modo, destacamos a opinião consensual dos técnicos em concordar com a importância do papel que a federação deverá assumir na promoção de formação técnica especializada a todos os níveis.

## 2.4. Funções Profissionais (Orientação)

Quadro 18 – Concordância com as funções profissionais - Orientação

P	Variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Funções profissionais</u>	Média	Média	Média	Média	Média
1	<b>Dirigente</b> – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige técnicos, actividades...	1,99	1,76	2,43	2,10	1,93
2	<b>Formador</b> – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros técnicos...	1,86	1,76	1,79	2,13	1,80
3	<b>Técnico principal</b> – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É responsável pelos...	1,85	1,71	2,21	2,13	1,73
4	<b>Técnico auxiliar</b> – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento técnico...	1,74	1,52	2,21	2,07	1,60
	<b>Médias</b>	<b>1,86</b>	<b>1,69</b>	<b>2,16</b>	<b>2,11</b>	<b>1,77</b>

Em termos gerais, podemos verificar que todas as funções profissionais reúnem um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **D** (1,99).

Quanto à análise por grupos, verificamos que existem níveis médios de concordância aceitáveis em todas as funções apresentadas, com destaque para os **F** (2,16).

Todas as categorias apresentam valores próximos do significado de “concordo”, levando-nos a admitir que existe um nível aceitável de concordância em relação às funções profissionais. No entanto, a opinião dos **D** sobre a função dos **TA**, apresenta o valor mais baixo (1,52) entre “concordo em parte” e “concordo”, implicando em nosso entender, a necessidade de uma maior discussão.

Em termos de análise comparativa verificámos que, **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na variável “Funções profissionais” (anexo 19).

Uma vez que não existem diferenças significativas entre os grupos e que as funções profissionais apresentam valores bastante aceitáveis por parte de todos os grupos, consideramos que existe um relativo consenso de opinião. Deste modo, parece-nos razoável aceitar a definição destas funções profissionais para futuros trabalhos.

## 2.5. Competências Profissionais (Orientação)

Nesta dimensão utilizámos as seguintes variáveis: “Importância das CP”, “Auto-percepção das CP” e “Necessidades de formação”. Em cada variável, estudámos as sub-variáveis: “CP genéricas” e “CP específicas”.

## 2.5.1. Importância das Competências Profissionais

### 2.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

*Quadro 19 - Importância das CP genéricas - Orientação*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Importância das CP genéricas</u>	Média	Média	Média	Média	Média
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	<b>4,86</b>	4,48	<b>5,57</b>	<b>5,03</b>	<b>4,78</b>
45	<i>Actualização permanente conhecimentos</i>	<b>4,82</b>	<b>4,81</b>	<b>5,43</b>	4,81	<b>4,73</b>
46	<i>Capacidade p/a tomar decisões</i>	<b>4,82</b>	<b>4,95</b>	5,14	<b>4,87</b>	<b>4,71</b>
49	<i>Avaliar praticantes e adequar actividades...</i>	<b>4,81</b>	4,43	<b>5,29</b>	<b>4,97</b>	<b>4,77</b>
2	<i>Organização técnica e planeamento activid....</i>	<b>4,79</b>	<b>4,67</b>	<b>5,29</b>	<b>4,87</b>	<b>4,71</b>
42	<i>Saber ouvir outros e procurar consensos</i>	4,76	<b>4,71</b>	<b>5,57</b>	<b>4,94</b>	4,59
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	4,76	4,48	4,86	<b>5,13</b>	4,69
50	<i>Integração jovens com dificuldades sociais...</i>	4,69	4,29	5,07	4,61	<b>4,75</b>
15	<i>Conhecimentos de locais prática</i>	4,66	4,38	5,00	4,84	4,62
43	<i>Ética moral e profissional</i>	4,65	<b>4,67</b>	<b>5,29</b>	<b>4,87</b>	4,47
5	<i>Capacidade crítica, auto-crítica e auto-aval...</i>	4,63	4,38	5,00	4,65	4,63
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	4,63	3,71	5,07	<b>4,87</b>	4,69
35	<i>Resolução de problema</i>	4,61	4,38	<b>5,36</b>	4,65	4,54
16	<i>Auto-estima e auto-confiança</i>	4,61	4,14	5,07	4,81	4,58
38	<i>Responsabilidade e sensibilidade</i>	4,61	<b>4,67</b>	5,00	4,74	4,48
	<b>Médias</b>	<b>4,71</b>	<b>4,48</b>	<b>5,20</b>	<b>4,84</b>	<b>4,65</b>

Em termos gerais, podemos verificar que a maior parte das CP genéricas estão associadas à área pessoal. No entanto, as mais valorizadas foram: “Dinâmicas de grupo” (4,86), “Actualização permanente...” (4,82), “Capacidade...tomar decisões” (4,82), “Avaliar praticantes...” (4,81) e “Organização técnica...” (4,79).

Quanto à análise dos grupos, podemos destacar os **F** pela maior valorização média global (5,20) e os **D** pela menor (4,48).

Em relação às CP genéricas, destacamos as mais importantes para cada grupo:

**D** - P46 (4,95), P45 (4,81), P42 (4,71), P2 (4,67), P43 (4,67) e P38 (4,67);

**F** - P48 (5,57), P42 (5,57), P45 (5,43), P49 (5,29), P2 (5,29) e P43 (5,29);

**TP** - P40 (5,13), P48 (5,03), P49 (4,97), P42 (4,94), P46 (4,87), P2 (4,87), P43 (4,87) e P9 (4,87);

**TA** - P48 (4,78), P49 (4,77), P50 (4,75), P45 (4,73), P46 (4,71) e P2 (4,71).

Salientamos a “Organização técnica e planeamento de actividades” por ter sido destacada por todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 20 - Comparação entre grupos - Importância das CP genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	11,201	<b>0,011*</b>	D x F D x TP F x TA	55,000 221,500 377,500	<b>0,001*</b> <b>0,043*</b> <b>0,010*</b>
42	<i>Saber ouvir outros e procurar consensos</i>	12,863	<b>0,005*</b>	D x F F x TP F x TA	60,500 118,500 306,500	<b>0,002*</b> <b>0,009*</b> <b>0,001*</b>
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	8,474	<b>0,037*</b>	D x TP TP x TA	179,500 1048,500	<b>0,004*</b> <b>0,026*</b>
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	11,547	<b>0,009*</b>	D x F D x TP D x TA	68,000 172,500 590,000	<b>0,006*</b> <b>0,003*</b> <b>0,005*</b>
35	<i>Resolução de problemas</i>	8,758	<b>0,033*</b>	D x F F x TP F x TA	66,500 127,000 378,500	<b>0,005*</b> <b>0,020*</b> <b>0,012*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P48 (p=0,011), P42 (p=0,005), P40 (p=0,037), P9 (p=0,009) e P35 (p=0,033).

O facto de existirem diferenças significativas em cerca de 1/3 das CP genéricas, indica que os vários grupos apresentam valorizações diferenciadas de acordo com a função desempenhada. Isto é, as diversas CP genéricas não assumem a mesma importância para todos os grupos, uma vez que os **F** tendem a valorizar mais estas CP por estarem claramente associadas às funções exercidas pelos técnicos do “terreno”, sendo natural a menor valorização por parte dos **D**.

No entanto, parece existir uma maior valorização e preocupação para as competências pessoais e sociais.

### 2.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas

Podemos verificar que as CP específicas mais valorizadas foram: “Utilização...mapas...” (5,18), “Planeamento...itinerários...” (5,13), “Conhecimentos de cartografia” (5,08), “Técnicas de orientação...” (5,04) e “Marcação de percursos” (4,99).



Quadro 21 - Importância das CP específicas - Orientação

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
53	Utilização e interpretação de mapas...	5,18	4,90	5,43	5,35	5,14
59	Planeamento de itinerários em função do...	5,13	4,52	5,64	5,35	5,12
51	Conhecimentos de cartografia	5,08	4,71	5,50	5,42	4,99
54	Técnicas de orientação sem auxílio bússola	5,04	4,90	5,50	5,23	4,93
58	Marcação de percursos de orientação	4,99	4,48	5,50	5,06	5,01
56	Marcação de "rumos" e "azimutes"	4,85	4,81	4,79	4,77	4,90
55	Técnicas de orientação c/ sinais naturais	4,64	4,00	5,14	4,68	4,70
60	Construção material didático (prismas,...)	4,47	3,29	5,14	4,94	4,48
52	Conhecimentos da fauna e flora terrestre	4,41	3,67	4,71	4,39	4,55
57	Utilização de GPS	3,83	2,38	4,00	3,84	4,13
	Médias	4,76	4,17	5,14	4,90	4,80

Quanto à análise dos grupos, podemos destacar os **F** pela maior valorização média global (5,14) e os **D** pela menor (4,17).

Em relação às CP específicas, destacamos as mais importantes para cada grupo:

**D** - P53 (4,90), P54 (4,90), P56 (4,81), P51 (4,71) e P59 (4,52);

**F** - P59 (4,64), P51 (4,50), P54 (4,50), P58 (4,50) e P53 (5,43);

**TP** - P51 (5,42), P53 (5,35), P59 (5,35), P54 (5,23) e P58 (5,06);

**TA** - P53 (5,14), P59 (5,12), P51 (4,99), P58 (5,01) e P54 (4,93).

Salientamos o consenso existente entre as CP específicas mais destacadas por cada grupo (P53, P59, P51 e P54).

Quadro 22 - Comparação entre grupos - Importância das CP específicas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
59	Planeamento de itinerários em função do nível dos praticantes	14,451	0,002*	D x F D x TP D x TA	51,000 170,000 619,000	0,001* 0,002* 0,008*
51	Conhecimentos de cartografia	9,580	0,022*	D x F D x TP	79,500 194,000	0,016* 0,008*
60	Construção material didático	22,015	0,000*	D x F D x TP D x TA	28,000 104,500 481,000	0,000* 0,000* 0,000*
52	Conhecimentos da fauna e flora terrestre	10,205	0,017*	D x F D x TA	84,000 566,000	0,030* 0,003*
57	Utilização de GPS	15,600	0,001*	D x F D x TP D x TA	84,000 181,000 463,000	0,032* 0,006* 0,000*

\* diferenças significativas

Em termos de análise comparativa podemos verificar que, **existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável "Importância das CP específicas", relativamente às seguintes categorias: P59 (p=0,002), P51 (p=0,022), P60 (p=0,000), P52 (p=0,017) e P57 (p=0,001).

Nesta situação podemos confirmar que, diferentes funções profissionais implicam também uma valorização diferente ao nível das CP específicas. Tendo estas um cariz essencialmente técnico e operacional, é natural que os **D** lhes atribuam menor importância quando comparados com os restantes grupos devido à especificidade das suas funções. Por outro lado, os **F** e os **TP** tenderam a valorizar melhor as CP específicas na medida em que, normalmente, assumem uma maior responsabilidade na formação e no enquadramento das actividades propriamente ditas.

## 2.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais

### 2.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

*Quadro 23 - Auto-percepção das CP genéricas - Orientação*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Auto-percepção das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
5	Capacidade crítica, auto-crítica e auto-aval...	<b>4,17</b>	4,14	4,50	<b>4,16</b>	<b>4,13</b>
43	Ética moral e profissional	<b>4,13</b>	<b>4,38</b>	4,43	<b>4,32</b>	<b>3,96</b>
46	Capacidade p/a tomar decisões	<b>4,08</b>	<b>4,29</b>	<b>4,64</b>	<b>4,29</b>	3,88
49	Avaliar praticantes e adequar actividades...	<b>4,08</b>	4,05	<b>4,93</b>	4,10	<b>3,95</b>
16	Auto-estima e auto-confiança	<b>4,04</b>	<b>4,24</b>	4,21	<b>4,16</b>	<b>3,93</b>
48	Dinâmicas de grupo	4,02	4,00	<b>4,71</b>	4,10	<b>3,89</b>
42	Saber ouvir outros e procurar consensos	4,01	<b>4,24</b>	<b>4,71</b>	3,97	3,86
45	Actualização permanente conhecimentos	3,98	<b>4,19</b>	4,50	3,90	3,88
2	Organização técnica e planeamento activid....	3,93	<b>4,19</b>	<b>4,64</b>	3,90	3,77
38	Responsabilidade e sensibilidade	3,92	4,05	4,29	<b>4,26</b>	3,73
15	Conhecimentos de locais prática	3,87	3,95	4,43	3,68	3,84
35	Resolução de problema	3,86	4,10	4,07	3,84	3,78
40	Noções gerais de segurança	3,76	3,57	4,29	3,84	3,70
50	Integração jovens com dificuldades sociais...	3,72	3,48	4,21	3,68	3,71
9	Traumatologia e socorrismo	3,46	2,90	4,21	3,58	3,43
	<b>Médias</b>	<b>3,94</b>	<b>3,98</b>	<b>4,45</b>	<b>3,99</b>	<b>3,83</b>

Em termos gerais, as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: “Capacidade crítica, auto-crítica...” (4,17), “Ética moral e profissional” (4,13), “Capacidade para tomar decisões” (4,08), “Avaliar praticantes...” (4,08) e “Auto-estima e auto-confiança” (4,04).

Quanto à análise dos grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,45) e os **TA** pela menos elevada (3,83).

As CP genéricas com melhor nível de auto-percepção em cada grupo foram:

**D** - P43 (4,38), P46 (4,29), P16 (4,24), P42 (4,24), P45 (4,19) e P2 (4,19);

**F** - P49 (4,93), P48 (4,71), P42 (4,71), P46 (4,64) e P2 (4,64);

**TP** - P43 (4,32), P46 (4,29), P38 (4,26), P5 (4,16) e P16 (4,16);

**TA** - P5 (4,13), P43 (3,96), P49 (3,95), P16 (3,93) e P48 (3,89).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 24 - Comparação entre grupos - Auto-percepção das CP genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
46	Capacidade p/a tomar decisões	8,813	<b>0,032*</b>	F x TA	400,500	<b>0,022*</b>
49	Avaliar praticantes e adequar actividades...	8,837	<b>0,032*</b>	D x F	74,500	<b>0,010*</b>
				F x TP	124,000	<b>0,018*</b>
				F x TA	342,500	<b>0,004*</b>
2	Organização técnica e planeamento actividades	12,725	<b>0,005*</b>	D x TP	688,000	<b>0,036*</b>
				F x TP	117,500	<b>0,009*</b>
				F x TA	335,500	<b>0,003*</b>
42	Saber ouvir outros e procurar consensos	9,285	<b>0,026*</b>	F x TP	129,000	<b>0,023*</b>
				F x TA	359,000	<b>0,007*</b>
9	Traumatologia e socorrismo	9,554	<b>0,023*</b>	D x F	61,500	<b>0,003*</b>
				D x TP	215,500	<b>0,033*</b>
				F x TA	417,500	<b>0,034*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P46 ( $p=0,032$ ), P49 ( $p=0,032$ ), P2 ( $p=0,005$ ), P42 ( $p=0,026$ ) e P9 ( $p=0,023$ ).

Também ao nível da auto-percepção, existem diferenças significativas em 1/3 das CP genéricas. Neste caso, os **F** julgam possuir melhores CP enquanto que os **TA** julgam possuir menores CP em comparação com os restantes grupos.

Por um lado, podemos observar uma melhor auto-percepção global face a CP de dimensão pessoal, enquanto que a CP de dimensão biológica apresenta os valores mais baixos. Neste caso, julgamos que esta diferença está claramente associada ao exercício profissional, uma vez que os **F** e os **TP** têm maior necessidade de ter essa CP quando comparados com os **D** e os **TA**.

### 2.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas

Em termos gerais, podemos verificar no quadro 25, que as CP específicas que apresentaram valores médios mais elevados ao nível da auto-percepção foram: “Utilização e interpretação...” (4,38), “Técnicas de orientação...” (4,27), “Planeamento de itinerários...” (4,12), “Conhecimentos de cartografia” (4,11) e “Marcação de percursos...” (4,01).

Quadro 25 - Auto-percepção das CP específicas - Orientação

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Auto-percepção das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
53	Utilização e interpretação mapas diferentes...	4,38	4,90	4,79	4,48	4,16
54	Técnicas de orientação sem auxílio bússola	4,27	4,52	4,79	4,55	4,03
59	Planeamento de itinerários em função do...	4,12	4,10	4,86	4,29	3,96
51	Conhecimentos de cartografia	4,11	4,24	4,86	4,23	3,92
58	Marcação de percursos de orientação	4,01	4,10	4,50	4,00	3,91
56	Marcação de “rumos” e “azimutes”	3,97	4,57	4,21	3,87	3,84
55	Técnicas de orientação com sinais naturais	3,92	3,57	4,43	4,13	3,86
52	Conhecimentos de fauna e flora terrestre	3,57	3,10	4,36	3,35	3,63
60	Construção de material didáctico	3,68	3,24	4,50	4,03	3,54
57	Utilização de GPS	2,70	2,05	2,43	2,61	2,92
	Médias	3,87	3,84	4,37	3,95	3,78

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,37) e os **TA** pela menos elevada (3,78).

As CP específicas com melhor nível de auto-percepção em cada grupo foram:

**D** - P53 (4,90), P56 (4,57), P56 (4,57), P54 (4,52), P59 (4,10) e P58 (4,10);

**F** - P59 (4,86), P51 (4,86), P53 (4,79), P54 (4,79), P58 (4,50) e P60 (4,50);

**TP** - P54 (4,55), P53 (4,48), P59 (4,29), P51 (4,23) e P55 (4,13);

**TA** - P53 (4,16), P54 (4,03), P59 (3,96), P51 (3,92) e P58 (3,91).

Podemos observar um certo consenso entre os grupos, na medida em que estes destacaram a P53, P54, P59 e P51 como das mais valorizadas.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 26 - Comparação entre grupos - Auto-percepção das CP específicas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann	Whitney	(p)
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	
53	Utilização e interpretação de mapas com diferentes escalas	9,882	0,020*	D x TA F x TA	618,500 435,500	0,009* 0,050*
54	Técnicas de orientação sem auxílio da bússola	8,310	0,040*	F x TA TP x TA	420,000 1085,500	0,035* 0,048*
59	Planeamento de itinerários em função do nível dos praticantes	7,651	0,054	D x F F x TA	90,000 377,500	0,045* 0,011*
52	Conhecimentos de fauna e flora terrestre	8,697	0,034*	D x F F x TP	75,500 132,500	0,014* 0,034*
60	Construção de material didáctico	10,935	0,012*	D x F D x TP F x TA	65,500 199,000 399,500	0,005* 0,015* 0,021*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP específicas”, relativamente às seguintes categorias: P53 (p=0,020), P54 (p=0,040), P52 (p=0,034) e P60 (p=0,012).

Por outro lado, uma vez que a categoria P59 apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,054$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre: **D** x **F** ( $p=0,045$ ); **F** x **TA** ( $p=0,011$ ).

Ao nível da auto-percepção, existem diferenças significativas em metade das CP apresentadas, com uma tendência geral para os **F** apresentarem valores mais elevados e os **TA** menos elevados. Uma vez que se trata de CP específicas de cariz técnico, também julgamos normal a auto-percepção mais elevada dos **TP** em relação aos **D**, considerando que estes deverão ter melhores CP ao nível da gestão.

### 2.5.3. Necessidades de Formação

#### 2.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas

*Quadro 27 - Necessidades de formação genéricas - Orientação*

P	Sub-variável Necessidades de formação genéricas	Total	D	F	TP	TA
		Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
9	Traumatologia e socorrismo	<b>1,17</b>	<b>0,81</b>	<b>0,86</b>	<b>1,29</b>	<b>1,26</b>
40	Noções gerais de segurança	<b>1,00</b>	<b>0,90</b>	0,57	<b>1,29</b>	<b>0,99</b>
50	Integração jovens c/ dificuldades sociais..	<b>0,97</b>	<b>0,81</b>	<b>0,86</b>	0,94	<b>1,03</b>
2	Organização técnica e planeamento act...	<b>0,86</b>	0,48	0,64	<b>0,97</b>	<b>0,95</b>
48	Dinâmicas de grupo	<b>0,84</b>	0,48	<b>0,86</b>	0,94	<b>0,89</b>
45	Actualização permanente conhecimentos	0,83	<b>0,62</b>	<b>0,93</b>	0,90	0,85
15	Conhecimentos de locais prática	0,79	0,43	0,57	<b>1,16</b>	0,78
42	Saber ouvir outros e procurar consensos	0,76	0,48	<b>0,86</b>	<b>0,97</b>	0,74
35	Resolução de problemas	0,75	0,29	<b>1,29</b>	0,81	0,76
46	Capacidade p/a tomar decisões	0,73	<b>0,67</b>	0,50	0,58	0,84
49	Avaliar praticantes e adequar activid...	0,73	0,38	0,36	0,87	0,82
38	Responsabilidade e sensibilidade	0,68	<b>0,62</b>	0,71	0,48	0,76
16	Auto-estima e auto-confiança	0,57	-0,10	<b>0,86</b>	0,65	0,65
43	Ética moral e profissional	0,52	0,29	<b>0,86</b>	0,55	0,52
5	Capacidade crítica, auto-crítica e auto...	0,46	0,24	0,50	0,48	0,49
Médias		<b>0,78</b>	<b>0,49</b>	<b>0,75</b>	<b>0,86</b>	<b>0,82</b>

Em termos gerais, podemos verificar que as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas às áreas técnico-pedagógica e sócio-profissional. No entanto, destacamos a “Traumatologia...” (1,17), as “Noções gerais...segurança” (1,00), “Integração de jovens...” (0,97), “Organização técnica...” (0,86) e “Dinâmicas de grupo” (0,84).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TP** pela maior necessidade de formação média global (0,86) e os **D** pela menor (0,49).

As maiores necessidades de formação reveladas por cada grupo foram:

**D** - P40 (0,90), P50 (0,81), P9 (0,81), P46 (0,67), P45 (0,62) e P38 (0,62);

**F** - P35 (1,29), P45 (0,93), P9 (0,86), P50 (0,86), P48 (0,86), P42 (0,86), P16 (0,86) e P43 (0,86);

**TP** - P9 (1,29), P40 (1,29), P15 (1,16), P2 (0,97) e P42 (0,97);

**TA** - P9 (1,26), P50 (1,03), P40 (0,99), P2 (0,95) e P48 (0,89).

Podemos destacar a “Traumatologia e socorrismo” como uma necessidade de formação que reuniu consenso entre todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 28 - Comparação entre grupos – Necessidades de formação genéricas*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
16	Auto-estima e auto-confiança	7,669	0,053	D x F	81,000	<b>0,022*</b>
				D x TP	212,000	<b>0,028*</b>
				D x TA	643,000	<b>0,015*</b>

\* diferenças significativas

A categoria P16 da sub-variável “Necessidades de formação genéricas” apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,053$ ). Deste modo, optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando **diferenças significativas** entre os grupos: **D x F** ( $p=0,022$ ), **D x TP** ( $p=0,028$ ) e **D x TA** ( $p=0,015$ ).

A diferença significativa encontrada deve-se à menor necessidade de formação dos **D** em comparação com os restantes grupos, observando-se a mesma situação em relação às restantes CP. Julgamos que esta situação poderá estar associada às características pessoais e sócio-profissionais dos **D**, uma vez que estes apresentam maior experiência como praticantes e maior experiência profissional. Provavelmente, além de terem sido também praticantes, poderão ter desempenhado outras funções profissionais como é habitual na especialidade de Orientação antes de chegarem a **D**.

### 2.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas

Em termos gerais, podemos verificar no quadro 29, que as maiores necessidades de formação específicas foram: “Utilização de GPS” (1,13), “Planeamento de itinerários...” (1,01), “Marcação de percursos...” (0,99), “Conhecimentos de cartografia” (0,97) e “Marcação de rumos e azimutes...” (0,88).

Quadro 29 - Necessidades de formação específicas - Orientação

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Necessidades de formação específicas	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
57	Utilização de GPS	<b>1,13</b>	0,33	<b>1,57</b>	<b>1,23</b>	<b>1,21</b>
59	Planeamento de itinerários em função do...	<b>1,01</b>	<b>0,43</b>	<b>0,79</b>	<b>1,06</b>	<b>1,16</b>
58	Marcação de percursos de orientação	<b>0,99</b>	<b>0,38</b>	<b>1,00</b>	<b>1,06</b>	<b>1,10</b>
51	Conhecimentos de cartografia	<b>0,97</b>	<b>0,48</b>	0,64	<b>1,19</b>	<b>1,07</b>
56	Marcação de “rumos” e “azimutes”	<b>0,88</b>	0,24	0,57	0,90	<b>1,07</b>
52	Conhecim./ fauna e flora...	0,85	<b>0,57</b>	0,36	<b>1,03</b>	0,92
53	Utilização e interpretação mapas diferentes...	0,80	0,00	0,64	0,87	0,98
60	Construção material didáctico	0,79	0,05	0,64	0,90	0,95
54	Técnicas de orientação sem auxílio bússola	0,77	<b>0,38</b>	<b>0,71</b>	0,68	0,90
55	Téc. orient. c/ sinais naturais	0,72	<b>0,43</b>	<b>0,71</b>	0,55	0,85
	Médias	<b>0,89</b>	<b>0,33</b>	<b>0,76</b>	<b>0,95</b>	<b>1,02</b>

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (1,02) e os **D** pela menor (0,33).

As maiores necessidades de formação reveladas em cada grupo foram:

**D** - P52 (0,57), P51 (0,48), P59 (0,43), P55 (0,43), P58 (0,38) e P54 (0,38);

**F** - P57 (1,57), P58 (1,00), P59 (0,79), P54 (0,71) e P55 (0,71);

**TP** - P57 (1,23), P51 (1,19), P59 (1,06), P58 (1,06) e P52 (1,03);

**TA** - P57 (1,21), P59 (1,16), P58 (1,10), P51 (1,07) e P56 (1,07).

Podemos observar um certo consenso relativamente ao “Planeamento de itinerários...” e “Marcação de percursos de orientação”, uma vez que são destacadas em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 30 – Necessidades de formação específicas - Orientação

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
53	Utilização e interpretação mapas diferentes...	9,312	<b>0,025*</b>	D x TP D x TA	206,500 575,500	<b>0,016*</b> <b>0,003*</b>
57	Utilização de GPS	10,366	<b>0,016*</b>	D x F D x TP D x TA	65,500 210,500 582,500	<b>0,004*</b> <b>0,025*</b> <b>0,004*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação específicas”, relativamente às categorias: P53 (p=0,025) e P57 (p=0,016).

De um modo geral, podemos verificar menores necessidades de formação por parte dos **D** em relação aos restantes grupos. Este facto justifica também as diferenças significativas encontradas na P53 e P57.

A justificação apresentada nas necessidades de formação genéricas face ao posicionamento dos **D** poderá ser semelhante também no âmbito das necessidades de formação específicas.

Será que a maior experiência profissional e como praticante, poderá contribuir para que estes técnicos apresentem menores necessidades de formação nos vários domínios?

## **2.6. Síntese (Orientação)**

Encontrámos diferenças significativas em todas as variáveis estudadas, excepto nas “Funções profissionais”. Estes resultados permitem aceitar as hipóteses de pesquisa 1, 2 e 3. De facto, os técnicos de **Ori** avaliam, valorizam e sentem a modalidade de formas diferente de acordo com a função profissional que desempenham.

O nível técnico e pedagógico dos formadores e os clubes foram as categorias e as organizações melhor avaliadas.

A participação em cursos e acções de formação foi o factor mais valorizado, enquanto que a federação desportiva deverá assumir um papel importante na promoção de formação técnica especializada. Em relação às restantes estratégias de formação, parece existirem algumas reservas o que demonstra alguma falta de receptividade, principalmente na opinião dos dirigentes.

As funções profissionais revelaram ter bons níveis de concordância.

As dinâmicas de grupo e a utilização e interpretação de mapas foram as CP mais valorizadas, enquanto que a capacidade crítica, auto-crítica e auto-confiança, bem como a utilização e interpretação de mapas, foram as CP que os técnicos julgam melhor possuir. As maiores necessidades de formação foram a traumatologia e socorrismo e a utilização de GPS.

A actividade de **Ori** no panorama nacional parece apresentar uma considerável oferta de formação e desenvolvimento da modalidade. O trabalho e a dinâmica implementada nos últimos anos pelos clubes e respectiva federação parece ser positivo, o



que podemos constatar pelo aumento do número de eventos, de praticantes e de cursos de formação disponíveis.

A valorização das dinâmicas de grupo revela uma certa preocupação em captar e fidelizar novos praticantes, não esquecendo porém, as maiores necessidades de formação apresentadas ao nível do socorrismo e de novas tecnologias (GPS).

No entanto julgamos que estas necessidades encontram-se a um nível de formação mais elevado, pois como refere Fleming (1994), os mapas são a base para planear viagens e terminá-las com êxito. Numa emergência, um mapa pode proporcionar rotas alternativas e seguras. Portanto, saber utilizar e interpretar mapas é uma ferramenta básica e essencial na actividade de **Ori**. De acordo também com Múrcia (2002), sem um bom mapa de pouco valem normalmente outras técnicas de navegação mais sofisticadas (ex: GPS). Por outro lado, as condições atmosféricas poderão limitar a capacidade de orientação, implicando neste caso, a utilização de novas tecnologias ao dispor para os profissionais desta área.

### 3. Estudo da Especialidade de “BTT”

Nesta especialidade, estudámos as seguintes variáveis: perfil pessoal e sócio-profissional, formação realizada, expectativas de formação, funções profissionais e competências profissionais.

#### 3.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (BTT)

O estudo do perfil pessoal e sócio-profissional foi estruturado em duas análises: a análise do perfil pessoal e a análise do perfil sócio-profissional.

##### 3.1.1. Perfil Pessoal

Para caracterizar este perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Género”, “Idade”, “Habilitações literárias” e “Experiência como praticante”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

*Quadro 31 - Caracterização do perfil pessoal dos técnicos de BTT*

Variáveis	Categorias	Total (n=179)		D (n=25)		F (n=13)		TP (n=52)		TA (n=89)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Género</b>	<i>Masculino</i>	129	<b>72,1</b>	20	<b>80,0</b>	10	<b>76,9</b>	39	<b>75,0</b>	60	<b>67,4</b>
	<i>Feminino</i>	50	27,9	5	20,0	3	23,1	13	25,0	29	32,6
<b>Idade</b>	<i>Até 25</i>	51	28,5	0	0,0	1	7,7	11	21,2	39	<b>43,8</b>
	<i>26 – 35</i>	91	<b>50,8</b>	14	<b>56,0</b>	10	<b>76,9</b>	30	<b>57,7</b>	37	41,6
	<i>36 – 45</i>	30	16,8	7	28,0	2	15,4	9	17,3	12	13,5
	<i>46 +</i>	7	3,9	4	16,0	0	0,0	2	3,8	1	1,1
	<i>Média (DP) (mín./máx.)</i>	<b>30,1</b>	(7,50) (18/63)	<b>36,60</b>	(6,00) (28/49)	30,46	(5,30) (22/44)	31,27	(6,88) (21/50)	<b>27,54</b>	(7,30) (18/63)
<b>Habilitações literárias</b>	<i>Até 9ºano</i>	4	2,2	0	0,0	0	0	0	0,0	4	4,5
	<i>Secundário</i>	85	47,5	4	16,0	4	30,8	15	28,8	62	<b>69,7</b>
	<i>Bach./Licenc.</i>	89	<b>49,7</b>	21	<b>84,0</b>	9	<b>69,2</b>	37	<b>71,2</b>	22	24,7
	<i>Mestr./Doutor</i>	1	0,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	1,1
<b>Experiência praticante</b>	<i>Média (DP) (mín./máx.)</i>	<b>3,51</b>	(0,76) (1/5)	3,88	(0,67) (3/5)	<b>4,00</b>	(0,70) (3/5)	3,65	(0,59) (2/5)	<b>3,26</b>	(0,79) (1/5)

Em termos gerais, a grande maioria dos técnicos são do género “Masculino” (72,1%), apresentam uma média de “Idade” de 30,1 anos e classe modal “26-35 anos” (50,8%). Cerca de metade (49,7%) têm “Habilitações literárias” de nível superior e outra metade (47,5%) de nível “Secundário”, apresentando uma “Experiência como praticante” entre razoável e boa (3,51).

Em relação aos vários grupos verificamos também que, a grande maioria são do género “Masculino” com destaque para os **D** (80%). Existe uma tendência para a grupo dos **D** apresentarem maior média de “Idade” (36,6 anos) com classe modal “26-35 anos” (56%) e os **TA** apresentarem menor média de “Idade” (27,54 anos) com classe modal “Até 25 anos” (43,8%). Podemos verificar ainda a mesma situação relativamente às “Habilitações literárias” de nível superior, ou seja, entre os **D** (80%) e os **TA** (24,7%). Em relação à “Experiência como praticante” verificamos que, os **F** apresentam a maior média (4,00), enquanto que os **TA** apresentam a menor (3,26).

### 3.1.2. Perfil Sócio-Profissional

Neste perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Profissão principal”, “Tipo de organização”, “Zona de trabalho”, “Nº anos na actividade” e “Níveis etários com que trabalha”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

**Quadro 32 - Caracterização do perfil sócio-profissional dos técnicos de BTT**

Variáveis	Categorias	Total (n=179)		D (n=25)		F (n=13)		TP (n=52)		TA (n=89)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Profissão principal	TDN	26	14,5	1	4,0	2	15,4	8	15,4	15	16,9
	Prof. EF	41	22,9	13	52,0	6	46,2	13	25,0	9	10,1
	Trab./Estud.	28	15,6	0	0,0	0	0,0	7	13,5	21	23,6
	Outras profiss.	84	46,9	11	44,0	5	38,5	24	46,2	44	49,4
Tipo de organização (DN)	Federação/Desp	3	1,7	0	0,0	0	0,0	3	5,8	0	0,0
	Assoc./Clubes	40	22,3	2	8,0	2	15,4	12	23,1	24	27,0
	Empresas	86	48,0	20	80,0	3	23,1	22	42,3	41	46,1
	Autarquias	27	15,1	0	0,0	5	38,5	7	13,5	15	16,9
	Estab. Ensino	23	12,8	3	12,0	3	23,1	8	15,4	9	10,1
Zona trabalho	Norte	15	8,4	2	8,0	2	15,2	7	13,5	4	4,5
	Centro	53	29,6	9	36,0	1	7,7	10	19,2	33	37,1
	Lx e V. Tejo	54	30,2	9	36,0	6	46,2	15	28,8	24	27,0
	Alentejo	44	24,6	4	16,0	3	23,1	16	30,8	21	23,6
	Algarve	13	7,3	1	4,0	1	7,7	4	7,7	7	7,9
Nº anos actividade	1 a 2	33	18,4	0	0,0	1	7,7	3	5,8	29	32,6
	3 a 6	65	36,3	5	20,0	2	15,4	21	40,4	37	41,6
	7 a 12	43	24,0	7	28,0	2	15,4	16	30,8	18	20,2
	13 +	38	21,2	13	52,0	8	61,5	12	23,1	5	5,6
	Média (DP) (mín./máx.)	7,84	(6,38) (1/37)	13,80	(7,93) (3/33)	13,46	(6,51) (2/21)	8,50	(5,88) (1/37)	4,94	(3,98) (1/20)
Níveis com q trabalha	Crianças	74	41,3	15	60,0	7	53,8	22	42,3	30	33,7
	Jovens	117	65,4	20	80,0	10	76,9	36	69,2	51	57,3
	Adultos	109	60,9	20	80,0	8	61,5	34	65,4	47	52,8
	Seniores	34	19,0	13	52,0	3	23,1	12	23,1	6	6,7

De um modo geral, cerca de metade (46,9%) dos técnicos exercem a “Profissão principal” não associada à área do desporto, exercendo no âmbito do desporto de natureza, a sua função nas “Empresas” (48,0%). Estes trabalham preferencialmente nas Zonas de “Lisboa e V. Tejo” (30,2%) e “Centro” (29,6%) apresentam uma média de 7,84 anos de

“Experiência na actividade profissional” com classe modal “3-6 anos” (36,3%) e trabalham maioritariamente com “Jovens” (65,4%) e “Adultos” (60,9%).

Na análise por grupos verificamos que, a maioria os **D** (52%) e **F** (46,2%) exercem a profissão de “Prof. Ed. Física”, enquanto que os **TP** (46,2%) e os **TA** (49,4%) têm outras profissões não associadas ao desporto. As “empresas” são as organizações onde os **D** (80,0%), **TP** (42,3%) e **TA** (46,1%) desempenham a sua função principal, enquanto que os **F** (38,5%) a desempenham nas “Autarquias”. Para os **D**, as “Zonas de trabalho” são preferencialmente o “Centro” (36,0%) e “Lisboa e V. Tejo” (36,0%), para os **F** é a zona de “Lisboa e V: Tejo” (46,2%), para os **TP** é a zona do “Alentejo” (30,8%) e para os **TA** é a zona “centro” (37,1%). Em relação à “Experiência profissional”, temos naturalmente os **D** com maior média (13,80 anos) com classe modal “13 ou + anos” (52%), e por outro lado, os **TA** com a menor média (4,94 anos) com classe modal “3-6 anos” (41,6%). Por último, todos os grupos trabalham predominantemente com “Jovens”, salientando-se ainda os **D** que também trabalham com “Adultos” (80,0%).

### 3.2. Formação Realizada (BTT)

Nesta dimensão, agrupámos as seguintes variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

#### 3.2.1. Último Curso de Formação Realizado

Quadro 33 – Avaliação do último curso de formação realizado - BTT

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Último curso de formação realizado	Média	Média	Média	Média	Média
12	Razão entre formador / formando	<b>4,09</b>	3,80	<b>5,00</b>	<b>4,44</b>	3,75
10	Nível técnico dos formadores	<b>4,04</b>	<b>4,40</b>	<b>4,00</b>	<b>4,22</b>	3,63
11	Nível pedagógico dos formadores	<b>4,04</b>	<b>4,40</b>	<b>4,00</b>	<b>4,22</b>	3,63
5	Metodologias de formação	3,96	<b>4,00</b>	<b>5,00</b>	3,89	3,88
7	Qualidade das instalações e equipamentos	3,87	<b>4,20</b>	<b>5,00</b>	<b>4,22</b>	3,13
6	Recursos pedagógico-didáticos	3,83	<b>4,00</b>	<b>5,00</b>	<b>4,00</b>	3,38
13	Satisfação geral	3,83	<b>4,00</b>	<b>5,00</b>	<b>4,00</b>	3,38
9	Acessibilidade (custo) da formação	3,77	3,80	<b>5,00</b>	3,67	3,71
4	Pertinência dos conteúdos programáticos	3,70	<b>4,00</b>	<b>5,00</b>	3,67	3,38
3	Cumprimento dos objectivos propostos	3,65	3,80	<b>4,00</b>	3,78	3,38
8	Modelo de avaliação	3,63	3,40	3,00	3,83	3,71
1	Duração da componente teórica	3,52	3,20	<b>5,00</b>	3,33	3,75
2	Duração da componente prática	3,30	3,40	<b>5,00</b>	3,22	3,13
	<b>Médias</b>	<b>3,79</b>	<b>3,88</b>	<b>4,62</b>	<b>3,88</b>	<b>3,53</b>

Em termos gerais, as categorias que obtiveram melhor avaliação (nível “bom” ou mais) foram: “Razão formador/formando” (4,09), “Nível técnico dos formadores” (4,04) e “Nível pedagógico dos formadores” (4,04), enquanto que a “Duração da componente prática”, obteve a avaliação mais baixa (3,30).

Quanto à análise dos grupos, verificamos que a avaliação média global mais elevada foi atribuída pelos **F** (4,62), enquanto que os **TA** atribuíram a mais baixa (3,53).

As categorias melhor avaliadas por cada grupo (nível “bom” ou mais) foram:

**D** - P10, P11, P5, P7, P6, P13 e P4);

**F** - P12, P10, P11, P5, P7, P6, P13, P9, P4, P3, P1 e P2;

**TP** - P12, P10, P11, P7, P6 e P13);

**TA** - (nenhuma categoria).

De facto, podemos observar a discrepância da avaliação entre os **F** que consideraram quase todas as categorias de nível “bom” ou “muito bom” (com a excepção da P8), e os **TA** que nunca atribuíram essa avaliação.

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Último curso formação...” (anexo 19).

Apesar de não se encontrarem diferenças significativas entre os grupos, destacamos a avaliação média global dos **F** (4,62) e **TA** (3,53). Neste caso, existe a tendência geral para uma avaliação sobrevalorizada por parte dos **F**, e subvalorizada por parte dos **TA**. Uma vez que estamos na presença de uma especialidade em que cerca de metade dos técnicos têm “outras profissões” não relacionadas com o desporto, consideramos que será necessário no futuro, criar um espaço de introspecção e discussão.

No entanto, o nível dos formadores e o *rácio* formador/formando não parecem estar em causa, uma vez que obtiveram a melhor avaliação global. Assim, parece existir recursos humanos capazes de efectuar um trabalho positivo, desde que este seja eficazmente planeado, gerido e apoiado.

### **3.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação**

Em termos gerais, as organizações que obtiveram melhor avaliação (nível “satisfatório” ou mais) foram: “Ensino Superior” (3,34), “Empresas” (3,32) e

“Clubes/Associações” (3,30). Por outro lado, as restantes organizações obtiveram avaliações negativas, tendo o “IEFP” a avaliação global mais baixa (2,22).

**Quadro 34 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação - BTT**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Intervenção das organizações...</u>	Média	Média	Média	Média	Média
3	<i>Ensino Superior</i>	<b>3,34</b>	<b>3,65</b>	<b>3,54</b>	<b>3,41</b>	<b>3,13</b>
6	<i>Empresas (privadas)</i>	<b>3,32</b>	<b>3,54</b>	<b>3,62</b>	<b>3,24</b>	<b>3,26</b>
5	<i>Clubes, Associações</i>	<b>3,30</b>	<b>3,44</b>	<b>3,46</b>	<b>3,20</b>	<b>3,29</b>
1	<i>Federação Desportiva (que tutela)</i>	2,90	2,91	<b>3,31</b>	2,96	2,79
4	<i>Ensino Secundário (desporto escolar)</i>	2,85	<b>3,04</b>	<b>3,15</b>	2,84	2,74
7	<i>Autarquias</i>	2,58	2,64	<b>3,08</b>	2,57	2,48
8	<i>INATEL</i>	2,50	2,38	2,69	2,55	2,48
2	<i>IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)</i>	2,22	2,22	2,46	2,34	2,09
	<b>Médias</b>	<b>2,88</b>	<b>2,98</b>	<b>3,16</b>	<b>2,89</b>	<b>2,78</b>

Quanto à análise dos grupos, podemos constatar que os **F** (3,16) e os **D** (2,98) atribuíram uma avaliação média global positiva, enquanto que os restantes grupos situaram-se abaixo desse nível.

As organizações melhor avaliadas em cada grupo foram:

**D** - P3 (3,65), P6 (3,54), P5 (3,44) e P4 (3,04);

**F** – P6 (3,62), P3 (3,54), P5 (3,46), P1 (3,31), P4 (3,15) e P7 (3,08);

**TP** – P3 (3,41), P6 (3,24) e P5 (3,20);

**TA** - P5” (3,29), P6 (3,26) e P3 (3,13).

Deste modo, verificamos que o “Ensino Superior”, as “Empresas” e os “Clubes, Associações”, obtiveram sempre avaliações positivas por parte dos grupos, enquanto que o “INATEL” e o “IEFP” não obtiveram qualquer avaliação desse nível.

Através da análise comparativa verificámos que, **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Intervenção das organizações” (anexo 19).

De facto, a avaliação positiva atribuída ao “Ensino Superior”, às “Empresas” e aos “Clubes e Associações” parece ser consensual. Por outro lado, a federação desportiva e as restantes organizações parecem estar um pouco aquém do desejado, na área da formação. No caso da federação, a tradição e o mediatismo do ciclismo de estrada tem limitado o desenvolvimento do Btt (facto esse assumido pelos próprios dirigentes). No entanto, o Btt está em franca expansão, principalmente ao nível da participação na área da recreação.

### 3.3. Expectativas de Formação (BTT)

Nesta dimensão de variáveis, estudámos as seguintes sub-variáveis: Factores de desempenho profissional e Pressupostos e estratégias de formação.

#### 3.3.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 35 – Importância dos factores de desempenho na actividade – BTT*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Factores de desempenho na actividade	Média	Média	Média	Média	Média
3	Participação em cursos / acções de formação	<b>4,25</b>	<b>4,72</b>	<b>5,38</b>	<b>4,23</b>	<b>3,96</b>
2	Experiência da intervenção profissional	<b>4,21</b>	<b>4,56</b>	<b>5,08</b>	<b>4,33</b>	3,92
1	Experiência como praticante	3,94	<b>4,08</b>	<b>4,54</b>	3,88	3,84
6	Formação académica	3,82	<b>4,08</b>	<b>5,00</b>	<b>3,96</b>	3,49
4	Participação em congressos e seminários	3,79	<b>4,00</b>	<b>4,62</b>	<b>4,00</b>	3,49
7	Observação de actividades e eventos...	3,70	3,68	<b>4,54</b>	3,83	3,52
5	Leitura livros e/ou revistas especializadas	3,69	3,48	<b>4,77</b>	3,81	3,53
8	Características pessoais	3,40	3,80	3,31	3,46	3,26
	Médias	<b>3,85</b>	<b>4,05</b>	<b>4,66</b>	<b>3,94</b>	<b>3,63</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho da actividade foram: “Participação em cursos...” (4,25) e “Experiência da intervenção profissional” (4,21).

Quanto à análise dos grupos, podemos destacar uma maior valorização média global por parte dos **F** (4,66) e uma menor por parte dos **TA** (3,63).

Os factores de desempenho mais importantes para cada grupo foram:

**D** - P3 (4,72), P2 (4,56), P1 (4,08), P6 (4,08) e P4 (4,00);

**F** - P3 (5,38), P2 (5,08), P6 (5,00), P1 (4,54), P5 (4,77), P4 (4,62) e P7 (4,54);

**TP** - P2 (4,33), P3 (4,23), P4 (4,00) e P6 (3,96);

**TA** - P3 (3,96).

Deste modo, constatamos que a “Participação em cursos...” foi um factor considerado importante por todos os grupos, enquanto que as “Características pessoais” nunca o foi.

Em termos de análise comparativa, podemos verificar o seguinte:

**Quadro 36 - Comparação entre grupos - Factores de desempenho na actividade**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
3	Participação em cursos e acções formação	22,593	<b>0,000*</b>
2	Experiência da intervenção profissional	21,501	<b>0,000*</b>
6	Formação académica	21,205	<b>0,000*</b>
4	Participação em congressos e seminários	16,920	<b>0,001*</b>
7	Observação actividades e eventos da especialidade	14,748	<b>0,002*</b>
5	Leitura livros e/ou revistas especializadas	18,154	<b>0,000*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Factores de desempenho na actividade”, relativamente às seguintes categorias: P2 (p=0,000), P3 (p=0,000), P4 (p=0,001), P6 (p=0,000), P5 (p=0,000) e P7 (p=0,002).

Relativamente aos resultados da comparação entre grupos, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

A maioria das categorias apresenta diferenças significativas entre os grupos. Esta situação resulta, em primeira instância, da maior valorização por parte dos **F** e menor por parte dos **TA**. Por isso, julgamos que as diferentes valorizações atribuídas aos factores de desempenho na actividade estão associadas às diferentes funções profissionais.

Gostaríamos de destacar a “Participação em cursos / acções de formação”, não só por ser considerado o factor mais importante para o desempenho da actividade, mas também por ser destacado e considerado importante por todos os grupos.

### 3.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

**Quadro 37 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação - BTT**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Pressupostos e estratégias de formação</u>	Média	Média	Média	Média	Média
16	Os parques naturais deverão possuir “guias de natureza”...	<b>2,08</b>	<b>2,08</b>	<b>2,38</b>	<b>2,17</b>	<b>1,99</b>
7	A formação deverá ter uma predominância da componente...	<b>1,89</b>	<b>2,12</b>	<b>1,69</b>	<b>2,00</b>	<b>1,80</b>
3	As federações desportivas deverão promover formação...	<b>1,88</b>	<b>1,80</b>	<b>1,92</b>	<b>2,02</b>	<b>1,81</b>
1	A frequência de A.F. de reciclagem/actualização deverá ser...	<b>1,66</b>	<b>1,92</b>	<b>2,31</b>	<b>1,71</b>	1,47
9	A formação deverá assentar em vários níveis de competências...	<b>1,66</b>	1,48	<b>1,77</b>	<b>1,88</b>	<b>1,57</b>
11	Será necessário definir a progressão da carreira do técnico...	<b>1,66</b>	<b>1,76</b>	<b>2,00</b>	<b>1,75</b>	<b>1,53</b>
14	O Estado deverá ter iniciativa para reunir com as várias...	<b>1,59</b>	1,36	1,00	<b>1,67</b>	<b>1,69</b>
6	A formação deverá considerar todos os níveis de qualificação...	<b>1,55</b>	1,32	<b>2,00</b>	<b>1,77</b>	1,42
15	Somente as empresas privadas que cumprem os requisitos...	<b>1,55</b>	1,24	<b>1,85</b>	1,23	<b>1,79</b>
4	Só as entidades acreditadas pelo Estado deverão promover...	<b>1,53</b>	1,04	<b>1,92</b>	1,35	<b>1,71</b>
10	Modelos formação deverão contemplar duas vertentes desenv...	1,47	<b>1,88</b>	<b>1,85</b>	1,42	1,33
2	Estado deverá ser o responsável pela regulamentação, fiscaliz..	1,44	1,28	<b>2,00</b>	1,75	1,22
5	Formação deverá ser mais abrangente de modo a sustentar...	1,43	1,16	<b>1,54</b>	<b>1,60</b>	1,39
12	IEFP deverá promover a formação profissional de técnicos...	1,31	1,04	<b>1,92</b>	1,38	1,25
8	Modelos formação utilizados noutros países com mais exper...	1,29	1,28	1,15	1,31	1,30
13	Organizações responsáveis p/ formação deverão adoptar progr.	1,24	1,00	1,08	1,38	1,25



Em termos gerais, podemos destacar 10 (dez) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), a saber: P16 (2,08), P7 (1,89), P3 (1,88), P1 (1,66), P9 (1,66), P11 (1,66), P14 (1,59), P6 (1,55), P15 (1,55) e P4 (1,53). Por outro lado, as restantes estratégias carecem em nossa opinião, de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Verificamos que os **F** são os mais favoráveis face às estratégias apresentadas, enquanto que os **D** são os menos favoráveis.

Quanto à análise por grupos, podemos destacar o seguinte:

**D** - P16, P7, P3, P1, P11 e P10;

**F** - P16, P7, P3, P1, P9, P11, P6, P15, P4, P2, P5, P10 e P12;

**TP** - P16, P7, P3, P1, P9, P11, P14, P6, P2 e P5;

**TA** - P16, P7, P3, P9, 11, P14, P15 e P4.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 38 - Comparação entre grupos - Pressupostos e estratégias de formação**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
1	<i>A frequência de A.F. de reciclagem, actualização deverá ser obrigatória</i>	12,508	<b>0,006*</b>	D x TA F x TP F x TA	839,500 205,500 297,500	<b>0,048*</b> <b>0,020*</b> <b>0,003*</b>
2	<i>Estado deverá ser o responsável pela regulamentação, fiscalização</i>	12,138	<b>0,007*</b>	F x TA TP x TA	347,500 1642,500	<b>0,013*</b> <b>0,003*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente às categorias P1 ( $p=0,006$ ) e P” ( $p=0,007$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram do maior nível de concordância por parte dos **F** e menor por parte dos **TA**. Parece existir um certo afastamento dos **TA** perante os aspectos relacionados com a actualização de conhecimentos e com a regulamentação da actividade, pois estes são mais novos, menos experientes, desempenham funções de menos responsabilidade e metade destes têm “outras profissões” não relacionadas com o desporto.

Por outro lado, os **F** parecem estar mais abertos à mudança e à implementação de novas estratégias no sector, por terem obviamente um papel determinante na área da

formação. Os **D** por sua vez mantêm uma posição mais reservada em relação aos pressupostos e estratégias apresentadas.

No entanto, podemos verificar que a maioria dos pressupostos e estratégias de formação reuniram um bom nível de concordância, com destaque para o papel dos guias de natureza nos parques naturais, o reforço da componente prática e o ênfase para o papel da federação na promoção de formação técnica especializada.

### 3.4. Funções Profissionais (BTT)

*Quadro 39 – Concordância com as funções profissionais - BTT*

P	Variável	Total	D	F	TP	TA
	Funções profissionais	Média	Média	Média	Média	Média
4	<b>Técnico auxiliar</b> – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento técnico e desenv...	2,31	2,32	2,38	2,37	2,27
3	<b>Técnico principal</b> – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É responsável pelos pratic...	2,27	2,32	2,38	2,23	2,27
2	<b>Formador</b> – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros técnicos. Desenvolve...	2,24	2,36	2,08	2,23	2,24
1	<b>Dirigente</b> – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige técnicos, actividades...	2,23	2,16	2,23	2,19	2,27
	<b>Médias</b>	2,26	2,29	2,27	2,26	2,26

Em termos gerais, podemos verificar que todas as funções profissionais definidas no quadro anterior reúnem um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **TA** (2,31).

Quanto à análise por grupos, observamos que existem níveis médios globais de concordância aceitável em todas as funções apresentadas, com destaque para os **D** (2,29).

As restantes categorias apresentam valores sempre acima do significado “concordo” (valor mais baixo = 2,08), levando-nos a admitir que existe um bom nível geral de concordância em relação às funções profissionais.

Em termos de análise comparativa verificámos que, **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na variável “Funções profissionais” (anexo 19).

De facto, além de não existirem diferenças significativas entre os grupos, estes apresentam também um certo consenso de opinião uma vez que, concordam com todas as funções profissionais apresentadas. Deste modo, estamos perante uma situação que deverá ser reconhecida e utilizada no desenvolvimento de futuros trabalhos.

### 3.5. Competências Profissionais (BTT)

Nesta dimensão utilizámos três variáveis: a “Importância das CP”, a “Auto-percepção das CP” e as “Necessidades de formação”. Em cada variável, estudámos as sub-variáveis “CP genéricas” e as “CP específicas”.

#### 3.5.1. Importância das Competências Profissionais

##### 3.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

*Quadro 40 - Importância das CP genéricas - BTT*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	<b>5,50</b>	<b>5,40</b>	<b>5,85</b>	<b>5,58</b>	<b>5,43</b>
45	<i>Actualização permanente dos conhecimentos</i>	<b>5,44</b>	<b>5,32</b>	<b>5,92</b>	<b>5,35</b>	<b>5,46</b>
49	<i>Avaliar praticantes e adequar actividades...</i>	<b>5,37</b>	5,20	<b>5,77</b>	<b>5,33</b>	<b>5,38</b>
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	<b>5,36</b>	<b>5,48</b>	<b>5,69</b>	<b>5,37</b>	5,27
46	<i>Capacidade para tomar decisões</i>	<b>5,29</b>	5,16	<b>5,46</b>	<b>5,23</b>	<b>5,34</b>
15	<i>Conhecimentos dos locais prática</i>	5,23	5,24	5,23	5,13	5,29
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	5,23	4,80	5,38	5,19	<b>5,35</b>
28	<i>Legislação e regulamentação sobre o DN</i>	5,16	5,20	5,31	5,13	5,15
35	<i>Resolução de problemas</i>	5,15	4,96	<b>5,46</b>	5,15	5,15
43	<i>Ética moral e profissional</i>	5,13	5,04	5,31	<b>5,23</b>	5,07
23	<i>Actualização e acomp. da evolução materiais</i>	5,11	<b>5,32</b>	5,23	5,06	5,06
2	<i>Organização técnica e planeamento de activ...</i>	5,09	<b>5,32</b>	5,23	5,10	5,00
12	<i>Criatividade e espírito de iniciativa</i>	5,08	5,04	4,77	5,21	5,07
33	<i>Planificação e condução de actividades</i>	5,04	4,76	4,92	5,12	5,10
42	<i>Saber ouvir os outros e procurar consensos</i>	5,02	4,88	5,00	5,04	5,06
	<b>Médias</b>	<b>5,21</b>	<b>5,14</b>	<b>5,37</b>	<b>5,21</b>	<b>5,21</b>

Em termos gerais, podemos verificar que as CP genéricas mais valorizadas estão associadas na maioria, à dimensão técnico-pedagógica e à dimensão pessoal. No entanto, destacamos as mais importantes: “Noções gerais de segurança” (5,50), “Actualização permanente dos conhecimentos” (5,44), “Avaliar praticantes...” (5,37), “Traumatologia e socorrismo” (5,36)” e “Capacidade para tomar decisões” (5,29).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela maior valorização média global (5,37), e os **D** pela menor (5,14).

As CP genéricas mais valorizadas por cada grupo foram:

**D** - P9 (5,48), P40 (5,40), P45 (5,32), P 23 (5,32) e P2 (5,32);

**F** – P45 (5,92), P40 (5,85), P49 (5,32), P9 (5,69), P46 (5,46) e P35 (5,46);

**TP** – P40 (5,58), P9 (5,37), P45 (5,35), P49 (5,33), P46 (5,23) e P43 (5,04).

**TA** – P45 (5,46), P40 (5,43), P49 (5,38), P48 (5,35) e P46 (5,34).

Gostaríamos de salientar as “Noções gerais de segurança” e a “Actualização permanente dos conhecimentos” por terem sido destacadas por todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 41 - Comparação entre grupos - Importância das CP genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
45	Actualização permanente dos conhecimentos	7,727	0,052	D x F	95,000	<b>0,013*</b>
				F x TP	197,500	<b>0,008*</b>
				F x TA	359,000	<b>0,011*</b>
48	Dinâmicas de grupo	8,907	<b>0,031*</b>	D x TA	720,500	<b>0,004*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P48 ( $p=0,031$ ).

Por outro lado, uma vez que a categoria P45 apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,052$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre os seguintes grupos: **D x F** ( $p=0,013$ ); **F x TP** ( $p=0,008$ ); **F x TA** ( $p=0,011$ ).

A diferença significativa P45 resultou da maior valorização por parte dos **F** em relação aos restantes grupos. É natural que a actualização permanente de conhecimentos seja uma preocupação evidente nos **F** uma vez que são estes os principais responsáveis por transmitir os conhecimentos (formação).

Em relação à P48, o facto dos **TA** poderem intervir directamente com os participantes, poderá levá-los a valorizar mais as “dinâmicas de grupo”, em comparação com os **D** que normalmente têm tarefas mais administrativas.

No entanto, parece existir algum consenso nas CP genéricas mais valorizadas por todos os grupos, com destaque para as “Noções gerais de segurança” e “Actualização permanente de conhecimentos”.

### 3.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas

Em termos gerais, podemos verificar no quadro 42, que as CP específicas mais valorizadas foram: “Conhecimento sobre as regras...” (5,58), “Ajustamento da BTT...” (5,55), “Saber escolher uma BTT” (5,47), “Reconhecimento e marcação...” (5,47) e “Capacidade de orientação” (5,46).

**Quadro 42 - Grau de importância atribuído às CP específicas - BTT**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
52	Conhec./ regras seg. grupo	5,58	5,44	5,77	5,52	5,63
54	Ajustam/. BTT morfologia...	5,55	5,48	5,54	5,54	5,58
59	Saber escolher uma BTT	5,47	5,40	5,38	5,29	5,62
57	Reconh/.marcação percursos	5,47	5,16	5,62	5,37	5,60
58	Capacidade de orientação	5,46	5,40	5,46	5,35	5,55
53	Utiliz. correcta "mudanças"	5,37	5,04	5,38	5,33	5,48
51	Conhec/. "mecânica" de BTT	5,32	5,12	5,46	5,15	5,45
55	Técnicas subir,descer,curvar	5,31	5,20	5,31	5,37	5,30
60	Construção de "road-book"	5,25	5,04	5,31	5,08	5,39
56	Técnicas de "Down-hill"	4,93	4,64	4,69	4,90	5,06
	<b>Médias</b>	<b>5,37</b>	<b>5,19</b>	<b>5,39</b>	<b>5,29</b>	<b>5,47</b>

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior valorização média global (5,47) e os **D** pela menor (5,19).

Em relação às CP específicas, destacamos as mais importantes por cada grupo:

**D** – P54 (5,48), P52 (5,44), P59 (5,40), P58 (5,40) e P55 (5,20);

**F** – P52 (5,77), P57 (5,62), P54 (5,54), P58 (5,46) e P51 (5,46);

**TP** – P54 (5,54), P52 (5,52), P57 (5,37), P55 (5,37) e P58 (5,35);

**TA** – P52 (5,63), P59 (5,62), P57 (5,60), 54 (5,58) e P58 (5,55).

Salientamos ainda que o “Conhecimento...regras...”, o “Ajustamento da BTT...” e a “Capacidade de orientação”, foram por consenso destacadas por todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 43 - Comparação entre grupos - Importância das CP específicas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
59	Saber escolher uma BTT	7,625	0,054	TP x TA	1769,000	0,008*
57	Reconhecimento e marcação percursos	9,222	0,026*	D x TA	781,000	0,008*
				TP x TA	1901,000	0,040*
60	Construção de "road-book"	8,052	0,045*	TP x TA	1755,500	0,009*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP específicas”, relativamente às seguintes categorias: P57 ( $p=0,026$ ) e P60 ( $p=0,045$ ).

Por outro lado, uma vez que a categoria P59, apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,054$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre os grupos: **TP x TA** ( $p=0,008$ ).

Em relação às diferenças significativas encontradas, consideramos que as tarefas de base estão mais associadas aos **TA** o que poderá estar na origem da maior valorização do “Reconhecimento e marcação de percursos”, “Saber escolher uma BTT” e “Construção de *road-book*”. Normalmente, cabe aos **TP** testar no terreno (à posteriori), o trabalho efectuado pelos **TA**. Por outro lado, os **D** tendem a valorizar mais os aspectos logísticos.

### 3.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais

#### 3.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

*Quadro 44 - Auto-percepção das CP genéricas - BTT*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Auto-percepção das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
43	<i>Ética moral e profissional</i>	<b>4,41</b>	<b>4,64</b>	<b>4,85</b>	<b>4,63</b>	<b>4,16</b>
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	<b>4,33</b>	<b>4,60</b>	<b>5,08</b>	<b>4,62</b>	<b>3,98</b>
46	<i>Capacidade para tomar decisões</i>	<b>4,21</b>	<b>4,56</b>	4,62	4,37	<b>3,96</b>
12	<i>Criatividade e espírito iniciativa</i>	4,20	4,92	4,31	4,25	<b>3,94</b>
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	<b>4,19</b>	4,28	<b>4,85</b>	<b>4,44</b>	3,92
42	<i>Saber ouvir os outros e procurar consensos</i>	4,17	4,12	4,38	4,40	<b>4,01</b>
35	<i>Resolução de problemas</i>	4,15	<b>4,56</b>	4,62	4,33	3,87
49	<i>Avaliar praticantes e adequar actividades...</i>	4,13	4,28	4,92	<b>4,48</b>	3,78
15	<i>Conhecimentos dos locais de prática</i>	4,09	4,40	4,54	4,23	3,85
45	<i>Actualização permanente dos conhecimentos</i>	4,08	<b>4,76</b>	<b>4,92</b>	4,19	3,70
33	<i>Planificação, condução e avaliação actividades</i>	4,03	4,40	4,46	4,31	3,70
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	4,02	4,36	4,69	<b>4,46</b>	3,57
23	<i>Actualização e acomp. da evolução materiais</i>	3,95	4,52	4,62	3,98	3,67
2	<i>Organização técnica e planeamento de activ...</i>	3,94	4,52	<b>4,85</b>	4,17	3,52
28	<i>Legislação e regulamentação sobre o DN</i>	3,64	4,32	4,00	3,83	3,28
	<b>Médias</b>	<b>4,10</b>	<b>4,48</b>	<b>4,65</b>	<b>4,31</b>	<b>3,79</b>

Em termos gerais, as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: a “Ética moral e profissional” (4,41), as “Noções gerais de segurança” (4,33), a “Capacidade para tomar decisões” (4,21), a “Criatividade e espírito de iniciativa” (4,20) e as “Dinâmicas de grupo” (4,19).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,65), e os **TA** pela menos elevada (3,79).

Em relação às categorias, gostaríamos de destacar as que apresentaram valores mais elevados de auto-percepção em cada grupo.

**D** – P12 (4,92), P45 (4,76), P43 (4,64), P40 (4,60), P46 (4,56) e P35 (4,56);

**F** – P40 (5,08), P49 (4,92), P45 (4,92), P43 (4,85), P48 (4,85) e P2 (4,85);

**TP** – P43 (4,63), P40 (4,62), P49 (4,48), P9 (4,46) e P48 (4,44);

**TA** – P43 (4,16), P42 (4,01), P40 (3,98), P46 (3,96) e P12 (3,94).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 45 - Comparação entre grupos – Auto-percepção das CP genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
40	Noções gerais de segurança	23,221	<b>0,000*</b>
45	Actualização permanente dos conhecimentos	30,184	<b>0,000*</b>
49	Avaliar praticantes e adequar actividades...	25,594	<b>0,000*</b>
9	Traumatologia e socorrismo	27,353	<b>0,000*</b>
46	Capacidade para tomar decisões	13,560	<b>0,004*</b>
15	Conhecimentos dos locais de prática	9,364	<b>0,025*</b>
48	Dinâmicas de grupo	18,641	<b>0,000*</b>
28	Legislação e regulamentação sobre o DN	20,064	<b>0,000*</b>
35	Resolução de problemas	18,762	<b>0,000*</b>
43	Ética moral e profissional	11,388	<b>0,010*</b>
23	Actualização e acompanhamento da evolução dos materiais	16,790	<b>0,001*</b>
2	Organização técnica e planeamento de actividades	39,359	<b>0,000*</b>
33	Planificação, condução e avaliação de actividades	23,331	<b>0,000*</b>
12	Criatividade e espírito iniciativa	19,912	<b>0,000*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P40 (p=0,000); P45 (p=0,000); P49 (p=0,000); P9 (p=0,000); P46 (p=0,004); P15 (p=0,025); P48 (p=0,000); P28 (p=0,000); P35 (p=0,000); P43 (p=0,010); P23 (p=0,001); P2 (0,000); P33 (p=0,000) e P12 (p=0,000).

Relativamente aos resultados da comparação entre grupos, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Como podemos observar, ao nível da auto-percepção das CP genéricas, existem diferenças significativas em quase as categorias, também com uma tendência geral de sobrevalorização por parte dos **F** e subvalorização por parte dos **TA**. Parece estarmos mais uma vez na presença de uma associação entre as CP que os técnicos julgam possuir e o desempenho das suas funções profissionais.

No entanto, a “Ética moral e profissional” e as “Noções gerais de segurança” reuniram consenso na auto-percepção das CP mais destacadas pelos vários grupos.

## 3.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas

Quadro 46 - Auto-percepção das CP específicas - BTT

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Auto-percepção das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
53	Utilização correcta das “mudanças”	4,78	5,04	5,08	4,96	4,56
54	Ajustam/. BTT morfologia...	4,73	4,88	5,23	5,02	4,44
59	Saber escolher uma BTT	4,73	4,88	5,23	4,87	4,54
52	Conhec/. regras segurança grupo	4,70	4,88	5,31	5,00	4,39
55	Técnicas de subir, descer, curvar	4,66	4,88	5,15	5,00	4,33
58	Capacidade de orientação	4,64	4,72	5,08	4,77	4,48
57	Reconh/.marcação percursos	4,55	4,64	5,08	4,85	4,28
51	Conhecimentos “mecânica” de BTT	4,43	4,72	4,77	4,65	4,17
60	Construção de “road-book”	4,42	4,60	5,15	4,52	4,20
56	Técnicas de “Down-hill”	4,06	4,08	4,38	4,31	3,85
	<b>Médias</b>	<b>4,57</b>	<b>4,73</b>	<b>5,05</b>	<b>4,80</b>	<b>4,32</b>

Em termos gerais, as CP específicas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: “Utilização correcta das mudanças” (4,78), “Ajustamento da BTT...” (4,73), “Saber escolher uma BTT” (4,73), “Conhecimento sobre as regras...” (4,70) e “Técnicas de subir...” (4,66).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (5,05) e os **TA** pela menos elevada (4,32).

Em relação às categorias, gostaríamos de destacar os valores mais elevados de auto-percepção em cada grupo. Assim temos:

**D** – P53 (5,04), P52 (4,88), P54 (4,88), P59 (4,88) e P55 (4,88);

**F** – P52 (5,31), P54 (5,23), P59 (5,23), P55 (5,15) e P60 (5,15);

**TP** – P54 (5,02), P52 (5,00), P55 (5,00), P53 (4,96) e P59 (4,87);

**TA** – P53 (4,56), P59 (4,54), P58 (4,48), P54 (4,44) e P52 (4,39).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 47 - Comparação entre grupos – Auto-percepção das CP específicas

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
53	Utiliz. correcta “mudanças”	8,801	0,032*
54	Ajustam/. BTT morfologia...	14,263	0,003*
52	Conhec/. regras de segurança	21,108	0,000*
55	Técnicas subir,descer,curvar	14,907	0,002*
57	Reconh/.marcação percursos	12,914	0,005*
51	Conhec/. “mecânica” de BTT	10,033	0,018*
60	Construção de “road-book”	10,986	0,012*

\* diferenças significativas



**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na variável “Auto-percepção das CP específicas”, relativamente às seguintes categorias: P52 ( $p=0,000$ ); P54 ( $p=0,003$ ); P57 ( $p=0,005$ ); P53 ( $p=0,032$ ); P51 ( $p=0,018$ ), P55 ( $p=0,002$ ) e P60 ( $p=0,012$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre grupos, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Uma vez que as CP específicas têm um cariz essencialmente técnico e de relação directa com a escolha, ajustamento e domínio da Btt, consideramos que a experiência como praticante e profissional poderá justificar a tendência dos resultados obtidos, face ao maior domínio (auto percebido) por parte dos F.

Em relação às técnicas de “Down-hill”, verificamos que além de ser a menos valorizada por todos os grupos é também a CP com menos domínio. Este facto resulta da menor expressão da vertente de “Down-hill” em relação ao “Cross-country”.

### 3.5.3. Necessidades de Formação

#### 3.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas

*Quadro 48 - Necessidades de formação genéricas - BTT*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de formação genéricas</u>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
28	<i>Legislação e regulamentação sobre o DN</i>	<b>1,53</b>	<b>0,88</b>	<b>1,31</b>	<b>1,31</b>	<b>1,87</b>
45	<i>Actualização permanente dos conhecimentos</i>	<b>1,36</b>	0,56	<b>1,00</b>	<b>1,15</b>	<b>1,76</b>
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	<b>1,34</b>	<b>1,12</b>	<b>1,00</b>	0,90	<b>1,70</b>
49	<i>Avaliar praticantes e adequar actividades...</i>	<b>1,23</b>	<b>0,92</b>	<b>0,85</b>	0,85	<b>1,61</b>
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	<b>1,17</b>	<b>0,80</b>	0,77	<b>0,96</b>	1,45
23	<i>Actualização e acomp. da evolução materiais</i>	1,16	<b>0,80</b>	0,62	<b>1,08</b>	1,38
15	<i>Conhecimentos dos locais de prática</i>	1,15	<b>0,84</b>	0,69	0,90	1,44
2	<i>Organização técnica e planeamento de activ...</i>	1,15	<b>0,80</b>	0,38	0,92	<b>1,48</b>
46	<i>Capacidade para tomar decisões</i>	1,08	0,60	<b>0,85</b>	0,87	1,38
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	1,04	0,52	0,54	0,75	1,43
33	<i>Planificação, condução, avaliação actividades</i>	1,02	0,36	0,46	0,81	1,40
35	<i>Resolução de problemas</i>	0,99	0,40	<b>0,85</b>	0,83	1,28
12	<i>Criatividade e espírito iniciativa</i>	0,89	0,12	0,46	<b>0,96</b>	1,12
42	<i>Saber ouvir os outros e procurar consensos</i>	0,85	0,76	0,62	0,63	1,04
43	<i>Ética moral e profissional</i>	0,72	0,40	0,46	0,60	0,91
	<b>Médias</b>	<b>1,11</b>	<b>0,66</b>	<b>0,72</b>	<b>0,90</b>	<b>1,42</b>

Em termos gerais podemos verificar que, as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas à área técnico-pedagógica. No entanto, destacamos a “Legislação e regulamentação...” (1,53), a “Actualização permanente...” (1,36), a

“Traumatologia e socorrismo” (1,34), o “Avaliar praticantes...” (1,23) e as “Noções gerais de segurança” (1,17).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (1,42) e os **D** pela menor (0,66).

Em relação às categorias, gostaríamos de destacar as CP que apresentaram maiores necessidades de formação em cada grupo. Assim temos:

**D** – P9 (1,12), P49 (0,92), P28 (0,88), P15 (0,84), P40 (0,80), P23 (0,80) e P2 (0,80);

**F** – P45 (1,31), P45 (1,00), P9 (1,00), P49 (0,85), P46 (0,85) e P35 (0,85);

**TP** – P28 (1,31), P45 (1,15), P23 (1,08), P40 (0,96) e P12 (0,96);

**TA** – P28 (1,87), P45 (1,76), P9 (1,70), P49 (1,61) e P2 (1,48).

Gostaríamos de salientar um certo consenso relativamente à “Legislação e regulamentação sobre o DN”, uma vez que foi destacada por todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 49 - Comparação entre grupos – Necessidades de formação genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
40	Noções gerais de segurança	14,126	<b>0,003*</b>
45	Actualização permanente...	26,798	<b>0,000*</b>
49	Avaliar praticantes e adequar actividades ao seu nível	20,816	<b>0,000*</b>
9	Traumatologia e socorrismo	18,516	<b>0,000*</b>
46	Capacidade para tomar decisões	16,693	<b>0,001*</b>
15	Conhecimentos dos locais prática	8,145	<b>0,043*</b>
48	Dinâmicas de grupo	26,390	<b>0,000*</b>
28	Legislação e regulamentação...	18,332	<b>0,000*</b>
35	Resolução de problemas	15,082	<b>0,002*</b>
23	Actualização e acomp. da evolução materiais	9,641	<b>0,022*</b>
2	Organização técnica e planeamento de actividades	29,925	<b>0,000*</b>
12	Criatividade e espírito iniciativa	22,785	<b>0,000*</b>
33	Planificação, condução, avaliação...	35,305	<b>0,000*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação genéricas”, relativamente às categorias: P40 (p=0,003); P45 (p=0,000); P49 (p=0,000); P9 (p=0,000); P46 (p=0,001); P15 (p=0,043); P48 (p=0,000); P28 (p=0,000); P35 (p=0,002); P23 (p=0,022), P2 (p=0,000), P12 (p=0,000) e P33 (p=0,000).

Relativamente aos resultados da comparação entre grupos, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Podemos verificar que existem diferenças significativas em quase todas as categorias, resultando da maior necessidade de formação por parte dos **TA** e menor por parte dos **D** e **F**. Esta situação é consequência das diferenças encontradas ao nível da

importância e da auto-percepção das CP genéricas. Como constatámos anteriormente, as diferentes funções desempenhadas pelos técnicos, acabaram por determinar diferentes perfis de competências e naturalmente, necessidades de formação também diferenciadas.

Destacamos ainda a necessidade para conhecer a regulamentação no âmbito do desporto de natureza, que é escassa, recente e pouco implementada no nosso país.

### 3.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas

*Quadro 50 - Necessidades de formação específicas - BTT*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de formação específicas</u>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
57	<i>Reconhecimento e marcação percursos</i>	<b>0,92</b>	<b>0,52</b>	<b>0,54</b>	<b>0,52</b>	<b>1,31</b>
51	<i>Conhecimentos de mecânica de BTT</i>	<b>0,89</b>	0,40	<b>0,69</b>	0,50	<b>1,28</b>
52	<i>Conhec./ regras segurança prática grupo</i>	<b>0,88</b>	<b>0,56</b>	<b>0,46</b>	<b>0,52</b>	<b>1,24</b>
56	<i>Técnicas de “Down-hill”</i>	<b>0,87</b>	<b>0,56</b>	<b>0,31</b>	<b>0,60</b>	<b>1,20</b>
54	<i>Ajustam/. BTT morfologia do praticante</i>	<b>0,83</b>	<b>0,60</b>	<b>0,31</b>	<b>0,52</b>	1,15
60	<i>Construção de “road-book”</i>	<b>0,83</b>	0,44	0,15	<b>0,56</b>	<b>1,19</b>
58	<i>Capacidade de orientação</i>	0,82	<b>0,68</b>	<b>0,38</b>	<b>0,58</b>	1,07
59	<i>Saber escolher uma BTT</i>	0,74	<b>0,52</b>	0,15	0,42	1,08
55	<i>Técnicas de subir, descer e curvar</i>	0,65	0,32	0,15	0,37	0,98
53	<i>Utilização correcta das mudanças</i>	0,59	0,00	<b>0,31</b>	0,37	0,92
	<b>Médias</b>	<b>0,80</b>	<b>0,46</b>	<b>0,35</b>	<b>0,50</b>	<b>1,14</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação específicas foram: “Reconhecimento e marcação de percursos” (0,92), “Conhecimentos de mecânica...” (0,89), “Conhecimentos sobre regras...” (0,88), “Técnicas de Down-hill (0,87), “Ajustamento da BTT...” (0,83) e “Construção de road-book” (0,83).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (1,14) e os **F** pela menor (0,35).

Em relação às categorias, gostaríamos de destacar as que apresentaram maiores necessidades de formação em cada grupo. Assim temos:

**D** – P58 (0,68), P54 (0,60), P52 (0,56), P56 (0,56), P57 (0,52) e P59 (0,52);

**F** – P51 (0,69), P57 (0,54), P52 (0,46), P58 (0,38), P56 (0,31), P54 (0,31) e P53 (0,31);

**TP** – P56 (0,60), P58 (0,58), P60 (0,56), P57 (0,52), P52 (0,52) e P54 (0,52);

**TA** – P57 (1,31), P51 (1,28), P52 (1,24), P56 (1,20) e P60 (1,19).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 51 - Comparação entre grupos – Necessidades de formação específicas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
52	Conhec./ regras seg. grupo	27,968	<b>0,000*</b>
54	Ajustam/. BTT morfologia...	17,561	<b>0,001*</b>
59	Saber escolher uma BTT	20,784	<b>0,000*</b>
57	Reconh./marcação percursos	25,029	<b>0,000*</b>
58	Capacidade de orientação	12,240	<b>0,007*</b>
53	Utiliz. correcta “mudanças”	20,366	<b>0,000*</b>
51	Conhec/. “mecânica” de BTT	25,472	<b>0,000*</b>
55	Técnicas subir, descer, curvar	22,221	<b>0,000*</b>
56	Técnicas de “Down-Hill”	12,430	<b>0,006*</b>
60	Construção de “road-book”	24,183	<b>0,000*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação específicas”, relativamente às seguintes categorias: P52 ( $p=0,000$ ); P54 ( $p=0,001$ ); P59 ( $p=0,000$ ); P57 ( $p=0,000$ ); P58 ( $p=0,007$ ); P53 ( $p=0,000$ ); P51 ( $p=0,000$ ); P55 ( $p=0,000$ ); P56 ( $p=0,006$ ) e P60 ( $p=0,000$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre grupos, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Ao nível das CP específicas encontrámos diferenças significativas em todas as categorias, devido à maior necessidade de formação por parte dos TA em comparação com os restantes grupos. Como já referimos, a maior juventude, as menores habilitações e a menor experiência a todos os níveis dos TA, poderão justificar as diferenças entre os grupos ao nível das necessidades de formação.

Por um lado, a constante evolução do material e a necessidade de utilizar novos espaços de prática, parecem implicar maiores preocupações de formação por parte dos técnicos. Por outro lado, a formação relacionada com a utilização e domínio da Btt ficou remetida para último plano.

### 3.6. Síntese (BTT)

Encontrámos diferenças significativas na maioria das variáveis estudadas, com a excepção das “Funções profissionais”. No entanto, as sub-variáveis “Último curso de

formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação” não existem diferenças significativas. Estes resultados permitem-nos aceitar as hipóteses 1 (na generalidade), 2 e 3 (na totalidade). Os técnicos de **Btt** valorizam e sentem a modalidade de forma diferente de acordo com a função profissional que desempenham.

A razão formador/formando, o nível técnico e o nível pedagógico dos formadores, apresentaram um bom nível de avaliação, bem como as organizações do ensino superior e empresas.

A participação em cursos de formação foi considerado o factor de desempenho profissional mais importante. Destacamos o maior nível de concordância para a inserção de guias de natureza nos parques naturais.

As funções profissionais revelaram ter um bom nível de concordância.

As noções gerais de segurança foram as CP mais valorizadas, enquanto que a ética moral e profissional foi a CP melhor auto-percepcionada. As maiores necessidades de formação encontraram-se ao nível da legislação e regulamentação sobre o DN. Estes técnicos, julgam possuir um bom domínio de utilização da Btt mas sentem necessidades de formação na marcação de percursos.

Para praticar **Btt** em espaços naturais (matas, serras, montanhas), além de ser necessário possuir uma razoável condição física e destreza técnica para utilizar correctamente a bicicleta, será importante também ter conhecimentos mínimos de orientação, de modo a saber interpretar mapas e saber marcar percursos (Bueno, 1992).

Por outro lado, de acordo com Alpiarça (2002), a segurança nas actividades é um aspecto fundamental na aprendizagem. Prevenir acidentes e situações que coloquem o ciclista ou o grupo em causa, é potenciar uma aprendizagem pela experiência positiva.

O número de praticantes de **Btt** tem vindo a crescer de forma significativa no nosso país. A evolução constante e comercialização dos materiais, a facilidade de acesso à prática desportiva e algum “modismo”, poderão justificar esta situação. Por outro lado, ao nível da formação de técnicos, são os estabelecimentos de ensino superior, as empresas e os clubes que assumem o protagonismo. De facto, de acordo com os nossos resultados, a federação de ciclismo não parece desenvolver um trabalho positivo no **Btt** de recreação, uma vez que está mais direccionada para a vertente competitiva.

## 4. Estudo da Especialidade de “Escalada”

### 4.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Escalada)

O estudo do perfil pessoal e sócio-profissional foi estruturado em duas análises: a análise do perfil pessoal e a análise do perfil sócio-profissional.

#### 4.1.1. Perfil Pessoal

Para caracterizar este perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Género”, “Idade”, “Habilitações literárias” e “Experiência como praticante”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

*Quadro 52 - Caracterização do perfil pessoal dos técnicos de Escalada*

Variáveis	Categorias	Total (n=123)		D (n=16)		F (n=10)		TP (n=38)		TA (n=59)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Género</b>	<i>Masculino</i>	94	<b>76,4</b>	12	<b>75,0</b>	9	<b>90,0</b>	31	<b>81,6</b>	42	<b>71,2</b>
	<i>Feminino</i>	29	23,6	4	25,0	1	10,0	7	18,4	17	28,8
<b>Idade</b>	<i>Até 25</i>	64	<b>52,0</b>	5	31,3	3	10,0	10	26,3	46	<b>78,0</b>
	<i>26 – 35</i>	42	34,1	8	<b>50,0</b>	7	<b>70,0</b>	17	<b>44,7</b>	10	16,9
	<i>36 – 45</i>	12	9,8	2	12,5	0	0,0	8	21,1	2	3,4
	<i>46 +</i>	5	4,1	1	6,3	0	0,0	3	7,9	1	1,7
	<i>Média (DP) (mín./máx.)</i>	<b>27,6</b> 18	(7,09) 51	30,38 (23/47)	(7,04)	27,30 (20/31)	(3,47)	<b>31,4</b> (21/51)	(7,56)	<b>24,37</b> (18/46)	(5,68)
<b>Habilitações literárias</b>	<i>Até 9ºano</i>	12	9,8	3	18,8	3	30,0	3	7,9	3	5,1
	<i>Secundário</i>	51	41,5	4	25,0	2	20,0	6	15,8	19	<b>66,1</b>
	<i>Bach./Licenc.</i>	58	<b>47,2</b>	9	<b>56,3</b>	5	<b>50,0</b>	28	<b>73,7</b>	16	27,1
	<i>Mestr./Doutor</i>	2	1,6	0	0,0	0	0,0	1	2,6	1	1,7
<b>Experiência praticante</b>	<i>Média (DP)</i>	<b>3,41</b>	(0,89)	3,56	(0,96)	<b>4,00</b>	(0,67)	3,60	(0,92)	<b>3,14</b>	(0,80)
	<i>(mín./máx.)</i>	1	5		(1/5)		(3/5)		(2,5)		(2/5)

De um modo geral, os técnicos são em grande maioria do género “Masculino” (76,4%), apresentam uma média de “Idade” de 27,6 anos com classe modal “até 25 anos”. Cerca de metade (47,2%) têm “Habilitações literárias” de nível superior e têm uma “Experiência como praticante” entre razoável e boa (3,41).

Quanto à análise por grupos verificamos que, todos apresentam valores acima dos 71% para o género “Masculino” com destaque para os **F** (90%). Em relação à “Idade”, os **TP** apresentam a maior média (31,4 anos) com classe modal “26-35 anos” (70%), enquanto que os **TA** apresentam a menor média (24,37 anos) com classe modal “até 25 anos” (78%). Em termos de “Habilitações literárias”, os **D**, os **F** e os **TP** têm na maioria uma formação de nível superior, enquanto que os **TA** têm maioritariamente formação de

nível “Secundário”. Por último, os **F** apresentam a maior “Experiência como praticante” (4,00), tendo os **TA** por outro lado, a menor experiência (3,14).

#### 4.1.2. Perfil Sócio-Profissional

Para caracterizar este perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Profissão principal”, “Tipo de organização”, “Zona de trabalho”, “Nº anos na actividade” e “Níveis etários com que trabalha”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

*Quadro 53 - Caracterização do perfil sócio-profissional dos técnicos de Escalada*

Variáveis	Categorias	Total (n=123)		Dirigente (n=16)		Formador (n=10)		T. Principal (n=38)		T. Auxiliar (n=59)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Profissão principal</b>	<i>TDN</i>	17	13,8	5	<b>31,3</b>	2	20,0	7	18,4	3	5,1
	<i>Prof. EF</i>	35	28,5	4	25,0	2	20,0	19	<b>50,0</b>	10	16,9
	<i>Trab./Estud.</i>	44	<b>35,8</b>	4	25,0	2	20,0	3	7,9	35	<b>59,3</b>
	<i>Outras profiss.</i>	27	22,0	3	18,8	4	<b>40,0</b>	9	23,7	11	18,6
<b>Tipo de organização (DN)</b>	<i>Federação/Desp</i>	4	3,3	0	0,0	0	0,0	3	7,9	1	1,7
	<i>Assoc./Clubes</i>	48	<b>39,0</b>	10	<b>62,5</b>	7	<b>70,0</b>	13	<b>34,2</b>	18	30,5
	<i>Empresas</i>	38	30,9	6	37,5	1	10,0	11	28,9	20	<b>33,9</b>
	<i>Autarquias</i>	2	1,6	0	0,0	1	10,0	0	0,0	1	1,7
	<i>Estab. Ensino</i>	31	25,2	0	0,0	1	10,0	11	28,9	19	32,2
<b>Zona trabalho</b>	<i>Norte</i>	17	13,8	2	12,5	0	0,0	3	7,9	12	20,3
	<i>Centro</i>	30	14,4	5	<b>31,3</b>	4	40,0	10	26,3	11	18,6
	<i>Lx e V. Tejo</i>	60	<b>48,8</b>	4	25,0	6	<b>60,0</b>	22	<b>57,9</b>	28	<b>47,5</b>
	<i>Alentejo</i>	5	4,1	0	0,0	0	0,0	2	5,3	3	5,1
	<i>Algarve</i>	10	8,1	4	25,0	0	0,0	1	2,6	5	8,5
	<i>Ilhas (M/A)</i>	1	0,8	1	6,3	0	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Nº anos actividade</b>	<i>1 a 2</i>	39	31,7	1	6,3	1	10,0	7	18,4	30	<b>50,8</b>
	<i>3 a 6</i>	44	<b>35,8</b>	3	18,8	6	<b>60,0</b>	13	<b>34,2</b>	22	37,3
	<i>7 a 12</i>	27	22,0	10	<b>62,5</b>	2	20,0	9	23,7	6	10,2
	<i>13 +</i>	13	10,6	2	12,5	1	10,0	9	23,7	1	1,7
	<i>Média (DP) (mín./máx.)</i>	<b>6,15</b> 1	(5,73) 30	<b>9,13</b> (2/20)	(5,07) (2/20)	6,00 (2/15)	(3,56) (2/15)	8,87 (1/30)	(7,55) (1/30)	<b>3,61</b> (1/14)	(3,19) (1/14)
<b>Níveis com q trabalha</b>	<i>Crianças</i>	71	57,7	10	62,5	4	40,0	23	60,5	34	57,6
	<i>Jovens</i>	96	<b>78,0</b>	15	<b>93,8</b>	7	<b>70,0</b>	35	<b>92,1</b>	39	<b>66,1</b>
	<i>Adultos</i>	78	63,4	14	87,5	7	<b>70,0</b>	25	65,8	32	54,2
	<i>Seniores</i>	12	9,8	1	12,5	0	0,0	5	13,2	5	8,5

De um modo geral, os técnicos de escalada são “Trabalhadores/estudantes” (35,8%) e “Prof. Ed. Física” (28,5%). Por outro lado, no âmbito do DN, trabalham em “Associações/Clubes” (39,0%) e em “Empresas” (30,9%), desempenhando a sua actividade profissional na Zona de “Lisboa e V. Tejo” (48,8%). Estes apresentam uma média de 6,15 anos de “Idade” com classe modal “3-6 anos” (35,8%), trabalhando preferencialmente com “Jovens” (78,0%), “Adultos” (63,4%) e “Crianças” (57,7%).

Quanto à análise por grupos verificamos que, os **D** são representados em primeiro lugar por “TDN” (31,3%), os **F** por “Outras profissões” (40%), os **TP** por “Prof. Ed.

Física” (50%) e os **TA** por “Trabalhadores/estudantes” (59,3%). Em relação ao “Tipo de organização”, os **D** (62,5%), os **F** (70%) e os **TP** (34,2%), trabalham com maior incidência em “Associações/Clubes”, enquanto que os **TA** trabalham em “Empresas” (33,9%). Em termos de “Zonas de trabalho”, os **D** desempenham a sua função preferencialmente na zona “Centro” (31,1%), enquanto que os restantes grupos, **F** (60%), **TP** (57,9%) e **TA** (47,5%) incidem mais na zona de “Lisboa e V. Tejo”. Em relação ao “Nº de anos na actividade”, destacam-se os **D** com média de 9,13 anos e classe modal “7-12 anos” (62,5%), e por outro lado, os **TA** com uma média de 3,61 anos e classe modal “1-2 anos” (50,8%). Por último, os **D** (93,8%), os **TP** (92,1%) e os **TA** (66,1%), trabalham preferencialmente com “Jovens”, enquanto que os **F** trabalham simultaneamente “Jovens” e “Adultos” (70%).

#### 4.2. Formação Realizada (Escalada)

Nesta dimensão, agrupámos as seguintes sub-variáveis: avaliação do último curso de formação realizado; avaliação da intervenção das organizações na área da formação.

##### 4.2.1. Último Curso de Formação Realizado

*Quadro 54 – Avaliação do último curso de formação realizado - Escalada*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Avaliação do último curso realizado</u>	Média	Média	Média	Média	Média
10	<i>Nível técnico dos formadores</i>	<b>4,17</b>	<b>4,17</b>	<b>4,11</b>	<b>4,28</b>	<b>4,09</b>
11	<i>Nível pedagógico dos formadores</i>	<b>4,06</b>	<b>4,00</b>	<b>4,22</b>	<b>4,08</b>	<b>4,00</b>
4	<i>Pertinência dos conteúdos programáticos</i>	<b>3,98</b>	<b>4,40</b>	<b>4,00</b>	3,84	<b>4,04</b>
12	<i>Razão entre formador / formando</i>	3,89	<b>4,00</b>	3,78	3,84	<b>3,96</b>
13	<i>Satisfação geral</i>	3,89	3,83	3,78	3,92	3,91
5	<i>Metodologias de formação</i>	3,84	3,50	<b>4,11</b>	3,79	3,87
3	<i>Cumprimento dos objectivos propostos</i>	3,77	<b>4,00</b>	3,78	3,74	3,74
2	<i>Duração da componente prática</i>	3,75	3,83	3,63	3,79	3,74
1	<i>Duração da componente teórica</i>	3,68	3,33	<b>4,00</b>	3,38	<b>3,96</b>
7	<i>Qualidade das instalações e equipamentos</i>	3,63	3,50	3,78	3,80	3,41
9	<i>Acessibilidade (custo) da formação</i>	3,59	3,50	3,67	3,71	3,45
6	<i>Recursos pedagógico-didáticos</i>	3,56	3,00	3,44	3,58	3,74
8	<i>Modelo de avaliação</i>	3,34	3,00	3,22	3,38	3,43
	<b>Médias</b>	<b>3,78</b>	<b>3,70</b>	<b>3,81</b>	<b>3,78</b>	<b>3,80</b>

Em termos gerais da avaliação do último curso de formação realizado, podemos destacar as categorias com melhor avaliação (nível “bom” ou mais): “Nível técnico...”



(4,17), “Nível pedagógico...” (4,06) e “Pertinência dos conteúdos...” (3,98), enquanto que o “Modelo de avaliação” obteve a avaliação mais baixa (3,34).

Quanto à análise por grupos, verificamos que a melhor avaliação média global foi atribuída pelos **F** (3,81), enquanto que os **D** atribuíram a mais baixa (3,70).

Gostaríamos de destacar também, as categorias melhor avaliadas por cada grupo (nível “bom” ou mais). Assim temos:

**D** - P4 (4,40), P10 (4,17), P11 (4,00), P12 (4,00) e P3 (4,00);

**F** - P11 (4,22), P10 (4,11), P5 (4,11), P4 (4,00) e P1 (4,00);

**TP** - P10 (4,28) e P11 (4,08);

**TA** - P10 (4,09), P4 (4,04), P11 (4,00), P12 (3,96) e P1 (3,96).

Deste modo, as categorias “Nível técnico dos formadores” e “Nível pedagógico dos formadores” obtiveram avaliações de nível “bom” em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 55 - Comparação entre grupos - Último curso de formação realizado*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
1	<i>Duração da componente teórica</i>	8,766	<b>0,033*</b>	F x TP TP x TA	63,000 167,000	<b>0,049*</b> <b>0,012*</b>

*\* diferenças significativas*

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Último curso de formação realizado”, relativamente à categoria P1(p=0,033).

A única diferença significativa entre os grupos resultou da menor avaliação atribuída pelos **TP** em relação aos **F** e aos **TA**. O facto dos **TP** apresentarem mais idade, mais experiência profissional, maiores habilitações literárias e serem em grande parte professores de educação física, poderá justificar uma avaliação mais exigente perante a formação em geral, e em particular nesta categoria. No entanto, apesar de não estar em causa o “nível técnico e pedagógico dos formadores” por terem sido as categorias melhor avaliadas, não deixa de ser curioso o facto de, cerca de 30% dos **F** apresentarem somente o 9º ano de escolaridade. Julgamos portanto, que existem aqui algumas limitações para exercer a função de **F**, apesar de estes apresentarem também a melhor experiência como praticantes. Deste modo, talvez se encontre aqui uma razão para justificar a menor avaliação atribuída ao “Modelo de avaliação”.

#### 4.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

**Quadro 56 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação - Escalada**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Intervenção das organizações...	Média	Média	Média	Média	Média
5	Clubes, Associações	<b>3,38</b>	<b>3,87</b>	<b>3,22</b>	<b>3,48</b>	<b>3,22</b>
6	Empresas (privadas)	<b>3,13</b>	<b>3,31</b>	2,25	<b>3,04</b>	<b>3,29</b>
3	Ensino Superior	2,84	2,54	2,40	2,73	<b>3,08</b>
1	Federação Desportiva (que tutela)	2,77	2,69	2,11	2,88	2,85
4	Ensino Secundário (desp. escolar)	2,61	2,56	2,44	2,88	2,49
8	INATEL	2,58	2,60	1,71	2,58	2,73
7	Autarquias	2,40	2,64	1,56	2,59	2,39
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	1,97	1,60	1,89	2,05	2,05
	<b>Médias</b>	<b>2,71</b>	<b>2,73</b>	<b>2,20</b>	<b>2,78</b>	<b>2,76</b>

Em termos gerais, a avaliação da intervenção das organizações na área da formação, destacou positivamente (nível “satisfatório” ou mais) os “Clubes/Associações” (3,38) e as “Empresas” (3,13). Por outro lado, as restantes organizações obtiveram avaliações negativas, tendo o “IEFP” a avaliação global mais baixa (1,97).

Quanto à análise por grupos, podemos constatar que os **TA**, apesar de não atribuírem uma avaliação média global positiva (2,76), acabaram por avaliar positivamente um maior número de organizações (3), enquanto que os **F** apenas avaliaram a P5.

Em relação às categorias, destacamos positivamente as seguintes:

**D** – P5 (3,87) e P6 (3,31);

**F** – P5 (3,22);

**TP** – P5 (3,48) e P6 (3,04);

**TA** – P6 (3,29), P5 (3,22) e P3 (3,08).

Deste modo, verificamos que os “Clubes, Associações”, obtiveram avaliações positivas em todos os grupos, enquanto que a “Federação Desportiva”, o “Ensino secundário”, o “INATEL”, as “Autarquias” e o “IEFP” nunca obtiveram essa avaliação.

Em termos de análise comparativa, podemos verificar o seguinte:

**Quadro 57 - Comparação entre grupos - Intervenção das organizações na área da formação**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
5	Clubes, Associações	8,170	<b>0,043*</b>	D x F D x TA	34,500 241,000	<b>0,030*</b> <b>0,010*</b>
7	Autarquias	7,893	<b>0,048*</b>	D x F F x TP F x TA	26,500 50,000 108,000	<b>0,017*</b> <b>0,006*</b> <b>0,027*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Intervenção das organizações na área da formação”, relativamente às seguintes categorias: P6 ( $p=0,043$ ) e P7 ( $p=0,048$ ).

As diferenças significativas existentes na P5 resultam da melhor avaliação atribuída por parte dos **D**, enquanto que na P7, resultam da menor avaliação por parte dos **F**. Uma vez que a maioria dos **D**, **F** e **TP** exerceram as suas funções em clubes e associações, e em seguida nas empresas, poderá justificar os resultados positivos obtidos. No entanto, os clubes e as associações obtiveram uma avaliação positiva e consensual.

De acordo com os nossos resultados, destacamos também a melhor posição do ensino superior em relação à federação desportiva. Se por um lado, o ensino superior tem vindo a melhorar a oferta da formação, por outro, o persistente conflito existente entre as duas federações desportivas (FCMP e FPME), tem dividido a opinião dos praticantes e atrasado o desenvolvimento da modalidade. Neste sentido, seria desejável que as diversas instituições envolvidas na promoção e regulação da actividade (IDP) encontrassem uma forma de resolver o problema e que desenvolvessem seriamente esta modalidade.

### 4.3. Expectativas de Formação (Escalada)

Nesta dimensão de variáveis, efectuámos o estudo das seguintes sub-variáveis: “Factores de desempenho profissional” e “Pressupostos e estratégias de formação”.

#### 4.3.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 58 – Importância dos factores de desempenho na actividade - Escalada*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<b>Factores de desempenho na actividade</b>	Média	Média	Média	Média	Média
1	<i>Experiência como praticante</i>	<b>4,65</b>	<b>4,88</b>	<b>5,50</b>	<b>4,42</b>	<b>4,59</b>
3	<i>Participação em cursos e acções formação</i>	<b>4,50</b>	<b>4,38</b>	<b>4,50</b>	<b>4,61</b>	<b>4,47</b>
2	<i>Experiência da intervenção profissional</i>	<b>4,49</b>	<b>4,31</b>	<b>5,10</b>	<b>4,50</b>	<b>4,42</b>
8	<i>Características pessoais</i>	<b>4,10</b>	3,75	<b>4,30</b>	<b>4,08</b>	<b>4,17</b>
7	<i>Observação de actividades e eventos...</i>	<b>3,98</b>	<b>4,06</b>	<b>4,10</b>	<b>4,03</b>	3,92
5	<i>Leitura de livros/revistas especializadas</i>	3,89	<b>4,06</b>	<b>4,20</b>	<b>4,00</b>	3,73
6	<i>Formação académica</i>	3,63	3,56	3,70	3,66	3,61
4	<i>Participação congressos, seminários</i>	3,56	3,44	3,90	3,58	3,53
	<b>Médias</b>	<b>4,10</b>	<b>4,06</b>	<b>4,41</b>	<b>4,11</b>	<b>4,06</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho profissional foram: “Experiência como praticante” (4,65), “Participação em cursos...” (4,50), “Experiência da intervenção profissional” (4,49), “Características pessoais” (4,10) e “Observação de actividades...” (3,98).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar uma maior valorização média global por parte dos **F** (4,41) e uma menor por parte dos **D** (4,06) e **TA** (4,06).

Em relação à importância dos factores em cada grupo, podemos destacar:

**D** - P1 (4,88), P3 (4,38), P2 (4,31), P7 (4,06) e P5 (4,06);

**F** - P1 (5,50), P2 (5,10), P3 (4,50), P8 (4,30), P5 (4,20), P7 (4,10);

**TP** - P3 (4,61), P2 (4,50), P1 (4,42), P8 (4,08), P7 (4,03), P5 (4,00);

**TA** - P1 (4,59), P3 (4,47), P2 (4,42) e P8 (4,17).

Deste modo, constatámos que a “Experiência como praticante”, a “Participação em cursos...” e a “Experiência da intervenção na actividade”, foram considerados factores importantes por todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 59 - Comparação entre grupos - Factores de desempenho na actividade**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
1	A experiência como praticante	9,606	<b>0,022*</b>	F x TP F x TA	84,000 156,000	<b>0,005*</b> <b>0,013*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Factores de desempenho na actividade”, relativamente à categoria P1 (p=0,022).

Esta diferença significativa resultou da maior importância atribuída pelos **F**. O facto dos **F** apresentarem a melhor “experiência como praticante” (4,0) e exercerem a sua função maioritariamente em clubes e associações, poderá traduzir uma forte relação com a prática desportiva da Escalada. Por isso, consideramos natural que estes técnicos valorizem bastante a “experiência como praticante” (5,50), sendo de longe o factor de desempenho na actividade mais importante.

No entanto, existe algum consenso entre os grupos perante os factores considerados mais relevantes, ou seja, a “experiência como praticante”, a “participação em cursos...” e a “experiência profissional”.

### 4.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

**Quadro 60 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação - Escalada**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Pressupostos e estratégias de formação	Média	Média	Média	Média	Média
3	As federações desportivas deverão promover formação...	2,24	2,50	2,50	2,29	2,10
7	A formação deverá ter uma predominância da componente...	2,03	2,38	2,20	1,87	2,02
16	Os parques naturais deverão possuir “guias de natureza”...	1,99	2,38	2,00	2,16	1,78
14	O Estado deverá ter iniciativa para reunir com as várias...	1,92	2,13	1,90	1,97	1,83
11	Será necessário definir a progressão da carreira do técnico...	1,85	2,31	2,40	1,58	1,81
6	A formação deverá considerar todos os níveis de qualificação...	1,80	2,19	1,80	1,97	1,59
10	Os modelos de formação deverão contemplar duas vertentes...	1,74	2,00	2,00	1,55	1,75
9	A formação deverá assentar em vários níveis de competências...	1,71	1,88	2,10	1,74	1,58
1	A frequência de A.F. de reciclagem/actualização deverá ser...	1,69	2,00	2,30	1,61	1,56
8	Os modelos de formação utilizados noutros países com mais...	1,56	1,81	1,70	1,45	1,54
2	O Estado deverá ser responsável pela regulamentação...	1,55	1,56	1,90	1,37	1,61
5	A formação deverá ser mais abrangente de modo sustentar...	1,50	1,88	1,70	1,39	1,44
13	Organizações responsáveis p/ formação deverão adoptar prog...	1,46	2,00	1,70	1,61	1,17
15	Somente as empresas privadas que cumprem requisitos legais...	1,15	0,94	1,50	1,32	1,05
4	Só entidades acreditadas pelo Estado deverão promover form...	1,02	1,25	1,40	0,95	0,93
12	IEFP deverá promover formação profissional de técnicos à...	1,00	1,38	1,90	0,71	0,93

Em termos gerais, podemos destacar 12 (doze) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), a saber: P3 (2,24), P7 (2,03), P16 (1,99), P14 (1,92), P11 (1,85), P6 (1,80), P10 (1,74), P9 (1,71), P1 (1,69), P8 (1,56), P2 (1,55) e P5 (1,50). Por outro lado, as restantes estratégias carecem em nossa opinião, de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Podemos verificar também que os **F** são os mais favoráveis face às estratégias apresentadas, enquanto que os **TP** são os menos favoráveis.

Quanto à análise por grupos, podemos destacar o seguinte:

**D** - P3, P7, P16, P14, P11, P6, P10, P9, P1, P8, P2, P5 e P13;

**F** - P3, P7, P16, P14, P11, P6, P10, P9, P1, P8, P2, P5, P13, P15 e P12;

**TP** - P3, P7, P16, P14, P11, P6, P10, P9, P1 e P13;

**TA** - P3, P7, P16, P14, P11, P6, P10, P9, P1, P8 e P2.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 61 - Comparação entre grupos – Pressupostos e estratégias de formação**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
11	Será necessário definir a progressão da carreira do técnico desportivo...	11,426	0,010*	D x TP F x TP	163,500 88,000	0,005* 0,006*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente à categoria P11 ( $p=0,010$ ).

O facto de existir 50% de **TP** que têm como profissão principal “Prof. Ed. Física”, poderá implicar uma menor preocupação com a progressão da carreira dos técnicos desportivos. Por outro lado, uma vez que existe uma percentagem razoável de “TDN” nos **D** (31,3%) e nos **F** (20%), poderá justificar a maior concordância com a estratégia de definição das respectivas carreiras profissionais, bem como o contacto mais próximo com as decisões e discussão desta temática.

No entanto, podemos considerar que existe um certo consenso entre os vários grupos de técnicos de Escalada, devido aos níveis de concordância atribuídos para a maioria dos pressupostos e estratégias de formação apresentadas, com destaque para a promoção de formação técnica especializada por parte da federação, para a valorização da componente prática e para a importância de colocar guias de natureza nos parques naturais.

#### 4.4. Funções Profissionais (Escalada)

*Quadro 62 – Concordância com as funções profissionais - Escalada*

P	Variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Funções profissionais</u>	Média	Média	Média	Média	Média
2	<b>Formador</b> – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros técnicos. Desenvolve...	2,24	2,44	2,30	2,24	2,19
3	<b>Técnico principal</b> – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É responsável pelos pratic...	2,19	2,63	2,10	2,05	2,17
1	<b>Dirigente</b> – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige técnicos, actividades...	2,10	2,56	2,20	2,13	1,93
4	<b>Técnico auxiliar</b> – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento técnico e desenv...	2,05	2,50	2,20	1,95	1,97
	<b>Médias</b>	2,15	2,53	2,20	2,09	2,07

Em termos gerais podemos verificar que, todas as funções profissionais definidas no quadro anterior reúnem um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **F** (2,24).

Quanto à análise por grupos, podemos observar também que, existem níveis de concordância aceitáveis em todas as funções apresentadas, com destaque para os **D** (2,53).

As restantes categorias apresentam na sua maioria, valores entre o significado de “concordo” e “concordo totalmente”, levando-nos a admitir que existe um bom nível de concordância em relação às funções profissionais.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 63 - Comparação entre grupos - Funções profissionais**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
3	TP – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É responsável pelos praticantes e tem...	8,922	<b>0,030*</b>	D x F D x TP D x TA	42,500 183,000 282,000	<b>0,047*</b> <b>0,011*</b> <b>0,006*</b>
1	D – Tem conhecimentos de gestão e desporto, coordena programas...	9,615	<b>0,022*</b>	D x TP D x TA	200,000 257,000	<b>0,028*</b> <b>0,002*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na variável “Funções profissionais”, relativamente às seguintes categorias: P1 (p=0,022) e P3 (p=0,030).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre do maior nível de concordância por parte dos **D**. O facto de estes se associarem em maior percentagem à profissão de “TDN” (31,3%) e apresentarem maior média de anos na actividade (9,13 anos), poderá ter contribuído para uma maior familiarização e concordância com as definições apresentadas.

No entanto, salientamos mais uma vez que, todos os grupos atribuíram um bom nível de concordância, o que nos permite considerar que existe uma aceitação consensual perante as respectivas funções profissionais.

#### 4.5. Competências Profissionais (Escalada)

Nesta dimensão utilizamos três variáveis: a “Importância das CP”, a “Auto-percepção das CP” e as “Necessidades de formação”. Em cada variável, estudámos as sub-variáveis “CP genéricas” e as “CP específicas”.

#### 4.5.1. Importância das Competências Profissionais

##### 4.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

*Quadro 64 - Importância das CP genéricas - Escalada*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
40	Noções gerais de segurança	<b>5,28</b>	<b>5,44</b>	<b>5,20</b>	<b>5,53</b>	<b>5,10</b>
45	Actualização permanente...	<b>5,00</b>	<b>5,38</b>	<b>5,30</b>	5,08	<b>4,80</b>
46	Capacidade tomar decisões...	<b>4,98</b>	<b>5,31</b>	5,10	<b>5,11</b>	<b>4,80</b>
49	Avaliar praticantes e adeq...	<b>4,98</b>	4,94	5,10	<b>5,18</b>	<b>4,83</b>
32	Domínio prático conteúdos...	<b>4,96</b>	<b>5,25</b>	5,20	<b>5,13</b>	4,73
35	Resolução de problemas	4,93	4,94	5,10	<b>5,11</b>	<b>4,80</b>
38	Responsabilidade e sensib...	4,92	<b>5,13</b>	4,80	<b>5,13</b>	4,75
10	Particip. activid. Competit...	4,88	4,75	<b>5,20</b>	5,03	4,76
16	Auto-estima e auto-confiança	4,84	5,06	<b>5,50</b>	4,89	4,63
2	Organização técnica e plan...	4,82	5,06	<b>5,20</b>	5,00	4,58
9	Traumatologia e socorrismo	4,81	4,75	4,90	5,00	4,69
43	Ética moral e profissional	4,80	4,81	4,60	5,03	4,68
48	Dinâmicas de grupo	4,78	4,75	5,10	5,03	4,58
42	Saber ouvir outros proc consens	4,77	4,63	4,90	5,08	4,59
1	Domínio técn .estilos ensino	4,76	5,06	4,90	4,92	4,56
	<b>Médias</b>	<b>4,90</b>	<b>5,02</b>	<b>5,07</b>	<b>5,08</b>	<b>4,73</b>

Em termos gerais, podemos verificar que as CP genéricas mais valorizadas estão associadas na maioria, à dimensão técnico-pedagógica e dimensão pessoal. No entanto, destacamos as “Noções...segurança” (5,28), “Actualização permanente...” (5,00), “Capacidade...tomar decisões” (4,98), “Avaliar praticantes...” (4,98) e “Domínio prático dos conteúdos...” (4,96).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TP** pela maior valorização média global (5,08) e os **TA** pela menor (4,73).

Em relação às categorias, salientamos as mais importantes para cada grupo:

**D** – P40 (5,44), P45 (5,38), P46 (5,31), P32 (5,25) e P38 (5,13);

**F** – P16 (5,50), P45 (5,30), P40 (5,20), P10 (5,20) e P2 (5,20);

**TP** – P40 (5,53), P49 (5,18), P32 (5,13), P38 (5,13), P46 (5,11) e P35 (5,11);

**TA** – P40 (5,10), P49 (4,83), P45 (4,80), P46 (4,80) e P35 (4,80).

Gostaríamos de salientar ainda, as “Noções gerais de segurança” como a única CP que foi destacada em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa, podemos verificar que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP genéricas” (anexo 19).



Apesar de não existirem diferenças significativas entre os grupos podemos salientarmos a maior valorização por parte dos **TP** e dos **F** em relação aos restantes grupos.

Por outro lado, observamos um certo consenso perante o destaque das CP genéricas associadas às dimensões técnico-pedagógica e pessoal, nomeadamente, ao nível das “Noções gerais de segurança”. Esta valorização (preocupação) por parte de todos os grupos revela, claramente, que a Escalada é uma especialidade onde o risco está sempre presente, e por isso, os técnicos reconhecem que as questões de segurança são fundamentais e prioritárias em relação a outras questões.

#### 4.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas

*Quadro 65 - Importância das CP específicas - Escalada*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
55	Técnicas segurança escalador...	5,46	5,69	5,70	5,61	5,27
51	Utilização de mosquetões...	5,46	5,81	5,60	5,55	5,27
60	Resgate e auto-resgate	5,41	5,63	5,60	5,47	5,27
54	Conhecer, fazer, utilizar nós...	5,37	5,63	5,70	5,45	5,20
57	Montagem de “reuniões”	5,30	5,63	5,30	5,50	5,08
53	Técnica de “Rapel”	5,24	5,56	5,60	5,13	5,17
56	Técnica de “proteger/cintar”	5,24	5,44	5,60	5,34	5,07
52	Técnica de escalada à frente...	5,20	5,25	5,70	5,37	5,00
58	Análise/interpr. “topo-guias”	5,07	5,00	5,40	5,24	4,92
59	Técnica escalada “clássica”	5,05	5,38	5,40	5,13	4,85
	<b>Médias</b>	<b>5,28</b>	<b>5,50</b>	<b>5,56</b>	<b>5,38</b>	<b>5,11</b>

Em termos gerais, podemos verificar que as CP específicas mais valorizadas foram: “Técnicas de segurança...” (5,46), “Utilização de mosquetões...” (5,46), “Resgate e auto-resgate” (5,41), “Conhecer, saber fazer...” (5,37), e “Montagem de reuniões” (5,30).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela maior valorização média global (5,56) e os **TA** pela menor (5,11).

Em relação às categorias, salientamos as mais importantes em cada grupo:

**D** – P51 (5,81), P55 (5,69), P60 (5,63), P54 (5,63) e P57 (5,63);

**F** – P55 (5,70), P54 (5,70), P52 (5,70), P51 (5,60), P60 (5,60), P53 (5,60) e P56 (5,60);

**TP** – P55 (5,61), P51 (5,55), P57 (5,50), P60 (5,47) e P54 (5,45);

**TA** – P55 (5,27), P51 (5,27), P60 (5,27), P54 (5,20) e P53 (5,17).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 66 - Comparação entre grupos - Importância das CP específicas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
51	Utilização de mosquetões...	8,149	<b>0,043*</b>	D x TA	297,500	<b>0,012*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP específicas”, relativamente à categoria P51 ( $p=0,043$ ).

A diferença significativa encontrada resultou da maior valorização dos **D** em relação aos **TA**. No entanto, a “Utilização de mosquetões, expressos, descensores” foi bastante valorizada por todos os grupos, naturalmente porque constitui um conhecimento básico e imprescindível para os técnicos de Escalada.

Mais uma vez podemos verificar a importância e a preocupação manifestada perante a segurança dos praticantes, com destaque para as “Técnicas de segurança ao escalador”, a “Utilização de mosquetões...”, o “Resgate e auto-resgate” e o “Conhecer, fazer nós...”, por reuniram um certo consenso, sendo destacadas em todos os grupos.

#### 4.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais

##### 4.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

**Quadro 67 - Nível de auto-percepção das CP genéricas - Escalada**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Auto-percepção das CP genéricas</u>	Média	Média	Média	Média	Média
40	Noções gerais de segurança	<b>4,50</b>	<b>4,69</b>	<b>4,50</b>	<b>4,79</b>	<b>4,25</b>
38	Responsabilidade e sensibilidade	<b>4,37</b>	<b>4,50</b>	4,20	<b>4,63</b>	<b>4,20</b>
42	Saber ouvir outros proc consensos	<b>4,37</b>	<b>4,44</b>	4,30	<b>4,66</b>	<b>4,19</b>
43	Ética moral e profissional	<b>4,34</b>	<b>4,44</b>	3,90	<b>4,63</b>	<b>4,20</b>
46	Capacidade tomar decisões...	<b>4,24</b>	4,31	4,20	<b>4,37</b>	<b>4,15</b>
49	Avaliar praticantes e adeq...	4,19	4,25	<b>4,50</b>	4,24	4,08
16	Auto-estima e auto-confiança	4,14	4,19	<b>5,20</b>	4,18	3,92
48	Dinâmicas de grupo	4,14	4,00	4,30	4,32	4,03
35	Resolução de problemas	4,11	4,31	4,10	4,11	4,07
32	Domínio prático conteúdos...	4,08	4,38	<b>4,80</b>	4,32	3,73
45	Actualização permanente...	4,00	4,19	4,20	3,95	3,95
2	Organização técnica e plan...	3,93	<b>4,75</b>	<b>4,40</b>	4,00	3,59
9	Traumatologia e socorrismo	3,90	4,06	4,00	4,03	3,76
1	Domínio técn .estilos ensino	3,72	4,13	3,90	3,84	3,51
10	Particip. activid. Competit...	3,65	3,44	3,90	3,82	3,56
	<b>Médias</b>	<b>4,11</b>	<b>4,27</b>	<b>4,29</b>	<b>4,26</b>	<b>3,95</b>

Em termos gerais, as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: “Noções gerais de segurança” (4,50), “Responsabilidade e sensibilidade (4,37), “Saber ouvir os outros...” (4,37), “Ética moral e profissional” (4,34) e “Capacidade para tomar decisões” (4,24).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,29) e os **TA** pela menos elevada (3,95).

Em relação às categorias, salientamos as que apresentaram valores mais elevados de auto-percepção em cada grupo. Assim temos:

**D** – P2 (4,75), P40 (4,69), P38 (4,50), P42 (4,44) e P43 (4,44);

**F** – P16 (5,20), P32 (4,80), P40 (4,50), P49 (4,50) e P2 (4,40);

**TP** – P40 (4,79), P42 (4,66), P38 (4,63), P43 (4,63) e P46 (4,37);

**TA** – P40 (4,25), P38 (4,20), P43 (4,20), P42 (4,19) e P46 (4,15).

Gostaríamos ainda de salientar que, as “Noções gerais de segurança” reuniu um certo consenso uma vez que foi destacada em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 68 - Comparação entre grupos – Auto-percepção das CP genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
16	<i>Auto-estima e auto-confiança</i>	11,762	<b>0,008*</b>	D x F F x TP F x TA	43,000 87,500 104,500	<b>0,039*</b> <b>0,007*</b> <b>0,001*</b>
32	<i>Domínio prático conteúdos específicos...</i>	15,943	<b>0,001*</b>	D x TA F x TA TP x TA	288,000 125,500 778,000	<b>0,013*</b> <b>0,003*</b> <b>0,008*</b>
2	<i>Organização técnica e planeamento actividades</i>	17,369	<b>0,001*</b>	D x TP D x TA F x TA	157,000 203,000 178,000	<b>0,003*</b> <b>0,000*</b> <b>0,038*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P32 (p=0,001), P16 (p=0,008) e P2 (p=0,001).

Consideramos mais uma vez que, a exigência do exercício das várias funções e tarefas profissionais e ainda a experiência profissional dos respectivos técnicos, poderá implicar diferentes domínios e, conseqüentemente, diferentes auto-percepções ao nível das CP. Esta conjuntura poderá explicar a sobrevalorização dos **F** e a subvalorização dos **TA** relativamente aos resultados obtidos. Portanto, também consideramos que os diferentes grupos possuem, efectivamente diferentes domínios de CP genéricas.

Em relação às CP genéricas que os técnicos julgam possuir, podemos também observar o destaque das “Noções gerais de segurança” atribuído por todos os grupos. Este facto traduz-nos um certo sentido de responsabilidade assumido pelos respectivos técnicos.

#### 4.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas

*Quadro 69 - Nível de auto-percepção das CP específicas - Escalada*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Auto-percepção das CP específicas</u>	Média	Média	Média	Média	Média
53	Técnica de “Rapel”	4,92	5,25	5,50	5,05	4,64
51	Utilização mosquetões/expressos	4,87	5,19	5,40	4,97	4,63
55	Técnicas segurança ao escalador...	4,70	5,00	5,70	4,74	4,42
56	Técnica de “proteger/cintar”	4,61	5,19	5,40	4,50	4,39
54	Conhecer, saber fazer, utilizar “nós”	4,56	4,63	5,30	4,58	4,41
52	Técnica escalada à frente...	4,36	4,69	5,40	4,47	4,02
57	Montagem de “reuniões”	4,33	4,81	5,40	4,39	3,97
58	Análise e interpretação “topo-guias”	4,29	4,75	5,40	4,29	3,98
60	Resgate e auto-resgate	3,50	4,00	4,90	3,66	3,03
59	Técnica de escalada “clássica”	3,28	3,75	4,60	3,34	2,90
	<b>Médias</b>	<b>4,34</b>	<b>4,73</b>	<b>5,30</b>	<b>4,40</b>	<b>4,04</b>

Em termos gerais podemos verificar que, as CP específicas que apresentaram valores mais elevados de auto-percepção foram: “Técnica de rapel” (4,92), “Utilização de mosquetões...” (4,87), “Técnicas segurança...” (4,70), “Técnica de proteger...” (4,61) e “Conhecer, saber fazer...” (4,56).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (5,30) e os **TA** pela menos elevada (4,04).

Em relação às categorias, gostaríamos de salientar as que apresentaram valores mais elevados de auto-percepção em cada grupo. Assim temos:

**D** – P53 (5,25), P51 (5,19), P56 (5,19), P55 (5,00) e P57 (4,81);

**F** – P55 (5,70), P53 (5,50), P51 (4,40), P56 (4,40), P52 (5,40), P57 (4,40) e P58 (5,40);

**TP** – P53 (5,05), P51 (4,97), P55 (4,74), P54 (4,58) e P56 (4,50);

**TA** – P53 (4,64), P51 (4,63), P55 (4,42), P54 (4,41) e P56 (4,39).

Gostaríamos ainda de destacar que, a “Técnica de rapel”, a “Utilização de mosquetões...”, as “Técnicas segurança...” e a “Técnica de proteger...”, reuniram um certo consenso uma vez que foram destacadas em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 70 - Comparação entre grupos – Auto-percepção das CP específicas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
53	<i>Técnica de Rapel</i>	8,916	<b>0,030*</b>
51	<i>Utilização mosquetões/expressos</i>	8,838	<b>0,032*</b>
55	<i>Técnicas segurança ao escalador</i>	13,338	<b>0,004*</b>
56	<i>Técnica de “proteger/cintar”</i>	12,022	<b>0,007*</b>
52	<i>Técnica escalada à frente...</i>	10,188	<b>0,017*</b>
57	<i>Montagem de “reuniões”</i>	11,229	<b>0,011*</b>
58	<i>Análise e interp. ”topo-guias”</i>	10,498	<b>0,015*</b>
60	<i>Resgate e auto-resgate</i>	13,312	<b>0,004*</b>
59	<i>Técnica de escalada “clássica”</i>	9,561	<b>0,023*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP específicas, relativamente às seguintes categorias: P55 (p=0,004), P51 (p=0,032), P60 (p=0,004), P57 (p=0,011), P53 (p=0,030), P56 (p=0,007), P52 (p=0,017), P58 (p=0,015) e P59 (p=0,023).

Relativamente aos resultados da comparação entre grupos, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Nesta situação, como podemos verificar, a grande maioria das CP específicas apresentam diferenças significativas entre os grupos, resultando sempre da maior valorização por parte dos **F** e menor por parte dos **TA**. No entanto salientamos que, as quatro CP específicas com melhores resultados médios globais (P53, P51, P55 e P56) acabaram também por ser das mais destacadas em todos os grupos.

Deste modo, considerando o cariz específico dessas CP, podemos constatar que existe um conjunto básico de CP que os técnicos de Escalada julgam possuir para o desempenho das suas funções, e num segundo plano, um outro conjunto de CP de maior exigência técnica só possível e exigível aos técnicos com maior experiência e autonomia.

### 4.5.3. Necessidades de Formação

#### 4.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas

*Quadro 71 - Necessidades de formação genéricas - Escalada*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de formação genéricas</u>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
10	<i>Particip. activid. competit...</i>	<b>1,23</b>	<b>1,31</b>	<b>1,30</b>	<b>1,21</b>	<b>1,20</b>
1	<i>Domíni... técn .estilos ensino</i>	<b>1,04</b>	<b>0,94</b>	<b>1,00</b>	<b>1,08</b>	<b>1,05</b>
45	<i>Actualização permanente...</i>	<b>1,00</b>	<b>1,19</b>	<b>1,10</b>	<b>1,13</b>	0,85
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	<b>0,91</b>	0,69	<b>0,90</b>	0,97	<b>0,93</b>
2	<i>Organização técnica e plan...</i>	<b>0,89</b>	0,31	0,80	<b>1,00</b>	<b>0,98</b>
32	<i>Domínio prático conteúdos...</i>	0,88	<b>0,88</b>	0,40	0,82	<b>1,00</b>
35	<i>Resolução de problemas</i>	0,82	0,63	<b>1,00</b>	<b>1,00</b>	0,73
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	0,79	0,75	0,70	0,74	0,85
49	<i>Avaliar praticantes e adeq...</i>	0,79	0,69	0,60	0,95	0,75
46	<i>Capacidade tomar decisões...</i>	0,74	<b>1,00</b>	<b>0,90</b>	0,74	0,64
16	<i>Auto-estima e auto-confiança</i>	0,70	<b>0,88</b>	0,30	0,71	0,71
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	0,64	0,75	0,80	0,71	0,54
38	<i>Responsabilidade e sensib...</i>	0,54	0,63	0,60	0,50	0,54
43	<i>Ética moral e profissional</i>	0,46	0,38	0,70	0,39	0,47
42	<i>Saber ouvir outros proc cons</i>	0,40	0,19	0,60	0,42	0,41
	<b>Médias</b>	<b>0,79</b>	<b>0,75</b>	<b>0,78</b>	<b>0,82</b>	<b>0,78</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas à dimensão técnico-pedagógica. No entanto, destacamos a “Participação em actividades...” (1,23), “Domínio...técnicas e estilos...” (1,04), “Actualização permanente...” (1,00), “Traumatologia e socorrismo” (0,91) e “Organização técnica...” (0,86).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TP** pela maior necessidade de formação média global (0,82) e os **D** pela menor (0,75).

Em relação às categorias, gostaríamos de destacar as que apresentaram maiores necessidades de formação em cada grupo. Assim temos:

**D** – P10 (1,31), P45 (1,19), P46 (1,00), P1 (0,94), P32 (0,88) e P16 (0,88);

**F** – P10 (1,30), P45 (1,10), P1 (1,00), P35 (1,00), P9 (0,90) e P46 (0,90);

**TP** – P10 (1,21), P45 (1,13), P1 (1,08), P2 (1,00) e P35 (1,00);

**TA** – P10 (1,20), P1 (1,05), P32 (1,00), P2 (0,98) e P9 (0,93).

Gostaríamos ainda de destacar que, a “Participação em actividades...” e o “Domínio de diferentes técnicas e estilos de ensino”, reuniram um certo consenso uma vez que foram destacadas em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa, **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação genéricas” (anexo 19).

Apesar de não existirem diferenças significativas entre os grupos, podemos salientar a “Participação em actividades competitivas” e o “Domínio das diferentes técnicas e estilos de ensino” como as categorias que revelaram maiores necessidades de formação, quer em termos gerais quer ao nível dos grupos. De facto as características e o desenvolvimento da Escalada nos últimos anos implicam uma maior competência nos técnicos em vertentes de maior nível de exigência, como o caso das actividades competitivas e o caso do ensino técnico-pedagógico. Esta situação resulta também de uma procura mais diversificada por parte dos praticantes de escalada e de uma maior implementação da modalidade ao nível nacional.

Gostaríamos de destacar ainda, a necessidade de “Actualização permanente de conhecimentos” que está relacionada, em nosso entender, com a constante evolução e comercialização de equipamentos e materiais específicos. Em seguida, surgiu a “Traumatologia e socorrismo”, naturalmente associada às questões de risco e às próprias características desta actividade como referimos anteriormente.

#### 4.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas

*Quadro 72 - Necessidades de formação específicas - Escalada*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de formação específicas</u>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
60	<i>Resgate e auto-resgate</i>	<b>1,90</b>	<b>1,63</b>	<b>0,70</b>	<b>1,82</b>	<b>2,24</b>
59	<i>Técnica escalada “clássica”</i>	<b>1,76</b>	<b>1,63</b>	<b>0,80</b>	<b>1,79</b>	<b>1,95</b>
57	<i>Montagem de “reuniões”</i>	<b>0,98</b>	<b>0,81</b>	-0,10	<b>1,11</b>	<b>1,12</b>
52	<i>Técnica escalada à frente...</i>	<b>0,85</b>	0,56	<b>0,30</b>	<b>0,89</b>	<b>0,98</b>
54	<i>Conhecer/fazer/utilizar “nós”</i>	<b>0,81</b>	<b>1,00</b>	<b>0,40</b>	0,87	0,80
58	<i>Análise/interpr. “topo-guias”</i>	0,77	0,25	0,00	<b>0,95</b>	<b>0,93</b>
55	<i>Técnicas segur. escalador...</i>	0,76	<b>0,69</b>	0,00	0,87	0,85
56	<i>Técnica de “proteger/cintar”</i>	0,63	0,25	<b>0,20</b>	0,84	0,68
51	<i>Utiliz. mosquetões/express...</i>	0,59	0,63	<b>0,20</b>	0,58	0,64
53	<i>Técnica de “Rapel”</i>	0,33	0,31	0,10	0,08	0,53
	<b>Médias</b>	<b>0,94</b>	<b>0,78</b>	<b>0,26</b>	<b>0,98</b>	<b>1,07</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação específicas foram: “Resgate e auto-resgate” (1,90), “Técnica de escalada clássica” (1,76), “Montagem de reuniões” (0,98), “Técnica de escalada à frente” (0,85) e “Conhecer, saber fazer...” (0,81).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (1,07) e os **F** pela menor (0,26).

Em relação às categorias, gostaríamos de destacar as que apresentaram maiores necessidades de formação em cada grupo. Assim temos:

**D** – P60 (1,63), P59 (1,63), P54 (1,00), P57 (0,81), P55 (0,69);

**F** – P59 (0,80), P60 (0,70), P54 (0,40), P52 (0,30), P56 (0,20) e P51 (0,20);

**TP** – P60 (1,82), P59 (1,79), P57 (1,11), P58 (0,95), P52 (0,89);

**TA** – P60 (2,24), P59 (1,95), P57 (1,12), P52 (0,98) e P58 (0,93).

Gostaríamos de destacar que, o “Resgate e auto-resgate” e a “Técnica de escalada clássica” reuniram um certo consenso uma vez que foram destacadas em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 73 - Comparação entre grupos – Necessidades de formação específicas*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
60	Resgate e auto-resgate	8,728	<b>0,033*</b>	F x TA	136,500	<b>0,006*</b>
57	Montagem de “reuniões”	7,485	0,058	F x TP F x TA	99,000 149,500	<b>0,015*</b> <b>0,010*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação específicas”, relativamente à categoria P60 ( $p=0,033$ ).

Por outro lado, uma vez que a categoria P57, apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,058$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre: **F x TP** ( $p=0,015$ ) e **F x TA** ( $p=0,010$ ).

Mais uma vez, as diferenças significativas encontradas resultaram da (natural) menor necessidade de formação por parte dos **F**. A maior exigência da função de **F** implica um grande domínio de conhecimentos e uma actualização constante, cabendo a estes técnicos a responsabilidade de os transmitirem. Por outro lado, as “técnicas de resgate” e “montagem de reuniões” não são normalmente tarefas dos **TA**, que associando a menor experiência destes, contribui para a maior necessidade de formação nestas áreas.

Quer numa perspectiva global quer na perspectiva dos vários grupos, o “Resgate e auto-resgate” e a “Escalada clássica” demonstram ser claramente as CP que necessitam de maior investimento na formação. No entanto, consideramos que estas CP situam-se a um nível superior de formação e que deverão ter cabimento após o domínio de outras CP fundamentais por parte dos técnicos.



#### **4.6. Síntese (Escalada)**

Encontrámos diferenças significativas em todas as variáveis estudadas. No entanto, nas sub-variáveis “Importância das CP genéricas” e “Necessidades de formação genéricas” existem diferenças significativas. Estes resultados permitem aceitar as hipóteses 1 e 3 (na generalidade) e rejeitando a hipótese 2. De qualquer modo, os técnicos de **Esc** avaliam, valorizam e sentem a modalidade de forma diferente de acordo com a função profissional que desempenham.

O nível técnico e pedagógico dos formadores, os clubes, as empresas e o ensino superior foram as categorias e as organizações melhor avaliadas.

O factor considerado mais importante no desempenho profissional foi a experiência como praticante. O papel da federação desportiva na área da formação parece ser uma estratégia importante na opinião dos respectivos técnicos. As funções profissionais apresentaram um bom nível de concordância.

Em relação às CP, os aspectos associados à segurança foram os mais valorizados e os melhor auto-percepcionados. As maiores necessidades de formação estão envolvidas com a vertente competitiva de modalidade e com o resgate e auto-resgate.

De acordo com Strobl e Zeller (1997), as quedas serão sempre uma possibilidade na **Esc**, mas normalmente não será arriscado se forem tomadas as correctas precauções de segurança. Se aplicarmos correctamente as técnicas de segurança e garantirmos o bom funcionamento da cadeia de segurança, é possível praticar escalada desportiva de maneira muito segura (Winter, 2000). As situações de resgate e auto-resgate variam muito e, por isso, é necessário estabelecer uma prioridade nas tarefas a realizar, dependendo estas do estado da vítima, do material disponível, do contexto e das condições atmosféricas e da competência dos técnicos responsáveis. Neste sentido, as técnicas de resgate e auto-resgate também devem ser treinadas de modo a aumentar a eficácia por parte de quem as utiliza (Múrcia, 2001).

Por outro lado, o responsável por um grupo de praticantes de escalada deve servir de exemplo com o seu comportamento baseado na segurança, principalmente junto de crianças e jovens por revelarem maior tendência para imitar o seu líder ou a sua referência.

Assim, os técnicos de **Esc** devem estar preparados para intervir a qualquer momento, em qualquer situação e da forma mais rápida quanto possível.

## 5. Estudo da Especialidade de “Montanhismo”

### 5.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Montanhismo)

O estudo do perfil pessoal e sócio-profissional foi estruturado em duas análises: o perfil pessoal e o perfil sócio-profissional.

#### 5.1.1. Perfil Pessoal

Para caracterizar este perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Género”, “Idade”, “Habilitações literárias” e “Experiência como praticante”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

*Quadro 74 - Caracterização do perfil pessoal dos técnicos de Montanhismo*

Variáveis	Categorias	Total (n=111)		D (n=25)		F (n=12)		TP (n=27)		TA (n=47)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Género</b>	Masculino	92	<b>82,9</b>	24	<b>96,0</b>	11	<b>91,7</b>	24	<b>88,9</b>	33	<b>70,2</b>
	Feminino	19	17,1	1	4,0	1	8,3	3	11,1	14	29,8
<b>Idade</b>	Até 25	33	29,7	3	12,0	0	0,0	4	14,8	26	<b>55,3</b>
	26 – 35	49	<b>44,1</b>	10	<b>40,0</b>	5	<b>41,7</b>	17	<b>63,0</b>	17	36,2
	36 – 45	25	22,5	10	<b>40,0</b>	5	<b>41,7</b>	6	22,2	4	8,5
	46 +	4	3,6	2	8,0	2	16,7	0	0,0	0	0,0
	<b>Média (DP)</b> (mín./máx.)	<b>30,36</b> 19	(7,45) 54	34,84 24	(7,54) 54	<b>36,50</b> 26	(8,19) 50	30,48 22	(4,86) 44	<b>26,34</b> 19	(6,05) 43
<b>Habilitações literárias</b>	Até 9ºano	7	6,3	0	0,0	2	16,7	1	3,7	4	8,5
	Secundário	39	35,1	4	16,0	1	8,3	8	29,6	26	<b>55,3</b>
	Bach./Licenc.	60	<b>54,1</b>	21	<b>84,0</b>	8	<b>66,7</b>	15	<b>55,6</b>	16	34,0
	Mestr./Doutor	5	4,5	0	0,0	1	8,3	3	11,1	1	2,1
<b>Experiência praticante</b>	<b>Média (DP)</b>	<b>3,59</b>	(0,74)	3,64	(0,70)	<b>4,17</b>	(0,58)	3,89	(0,32)	<b>3,26</b>	(0,82)
	(mín./máx.)	1	5	3	5	3	5	3	4	1	5

De um modo geral verificamos que, a grande maioria dos técnicos são do género “Masculino” (82,9%), apresentam uma média 30,36 anos de “Idade” com classe modal “26-35 anos” (44,1%). As “Habilitações literárias” são em maioria de nível superior (54,1%) e têm uma “Experiência como praticante” entre razoável e boa (3,59).

Do ponto de vista dos vários grupos, o género “Masculino” é dominante com destaque para os **D** (96,0%). Em relação à idade, os **F** apresentam a média maior (36,50 anos) com classes modais “26-35 anos” e “36-45 anos” (41,7%), enquanto que por outro lado, os **TA** apresentam uma média menor (26,34 anos) com classe modal “até 25 anos” (55,3%). Quanto às “Habilitações literárias”, quase todos os grupos apresentam maior representatividade na categoria de “Bacharel/Licenciatura” (D=84%; F=66,7%;

TP=55,6%), excepto os **TA** que apresentam na categoria “Secundário” (55,3%). Por último, na “Experiência como praticante”, podemos verificar que os **F** apresentam a maior média (4,17), enquanto que os **TA** apresentam a menor (3,26).

### 5.1.2. Perfil Sócio-Profissional

Para caracterizar este perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Profissão principal”, “Tipo de organização”, “Zona de trabalho”, “Nº anos na actividade” e “Níveis etários com que trabalha”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

*Quadro 75 - Caracterização do perfil sócio-profissional dos técnicos de Montanhismo*

Variáveis	Categorias	Total (n=111)		D (n=25)		F (n=12)		TP (n=27)		TA (n=47)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Profissão principal</b>	<i>TDN</i>	10	9,0	2	8,0	1	8,3	3	11,1	4	8,5
	<i>Prof. EF</i>	19	17,1	5	20,0	3	25,0	6	22,2	5	10,6
	<i>Trab./Estud.</i>	32	28,8	2	8,0	0	0,0	9	33,3	21	44,7
	<i>Outras profiss.</i>	50	45,0	16	64,0	8	66,7	9	33,3	17	36,2
<b>Tipo de organização (DN)</b>	<i>Federação/Desp</i>	6	5,4	2	8,0	2	16,7	1	3,7	1	2,1
	<i>Assoc./Clubes</i>	36	32,4	4	16,0	5	41,7	12	44,4	15	31,9
	<i>Empresas</i>	45	40,5	16	64,0	1	8,3	8	29,6	20	42,6
	<i>Autarquias</i>	4	3,6	0	0,0	1	8,3	2	7,4	1	2,1
	<i>Estab. Ensino</i>	20	18,0	3	12,0	3	25,0	4	14,8	10	21,3
<b>Zona trabalho</b>	<i>Norte</i>	19	17,1	6	24,0	2	16,7	4	14,8	7	14,9
	<i>Centro</i>	30	27,0	7	28,0	3	25,0	9	33,3	11	23,4
	<i>Lx e V. Tejo</i>	50	45,0	8	32,0	7	58,3	12	44,4	23	48,9
	<i>Alentejo</i>	2	1,8	1	4,0	0	0,0	1	3,7	0	0,0
	<i>Algarve</i>	9	8,1	2	8,0	0	0,0	1	3,7	6	12,8
	<i>Ilhas (M/A)</i>	1	0,9	1	4,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Nº anos actividade</b>	<i>1 a 2</i>	23	20,7	4	16,0	0	0,0	0	0,0	19	40,4
	<i>3 a 6</i>	40	36,0	7	28,0	2	16,7	14	51,9	17	36,2
	<i>7 a 12</i>	31	27,9	4	16,0	6	50,0	11	40,7	10	21,3
	<i>13 +</i>	17	15,3	10	40,0	4	33,3	2	7,4	1	2,1
	<i>Média (DP)</i>	7,21	(5,69)	10,16	(7,0)	11,75	(6,78)	7,44	(4,02)	4,34	(3,64)
	<i>(mín./máx.)</i>	1	25	1	23	3	25	3	20	1	17
<b>Níveis com q trabalha</b>	<i>Crianças</i>	35	31,5	4	16,0	7	58,3	9	33,3	15	31,9
	<i>Jovens</i>	70	63,1	14	56,0	9	75,0	20	74,1	27	57,4
	<i>Adultos</i>	82	73,9	23	92,0	10	83,3	21	77,8	28	59,6
	<i>Seniores</i>	15	13,5	1	4,0	4	33,3	5	18,5	5	10,6

De um modo geral, estes técnicos têm como profissão principal “Outras profissões” (45%), mas no âmbito do DN, desempenham a sua função com maior incidência nas “Empresas” (40,5%) e nas Zonas “Lisboa e V. Tejo” (45%). Em relação ao “Nº anos de experiência na actividade”, apresentam uma média de 7,21 anos, com classe modal “3-6 anos” (36%), trabalhando preferencialmente com “Adultos” (73,9%).

Analisando os vários grupos podemos verificar que, as “Outras profissões”, traduzem a profissão principal nos **D** (64%), nos **F** (66,7%) e nos **TP** (33,3%), enquanto que os “Trabalhadores/Estudantes” estão mais representados nos **TA** (44,7%) e nos **TP** (33,3%). Em relação ao “Tipo de organização” onde trabalham, destacamos as “Associações/Clubes” nos **F** (41,7%) e nos **TP** (44,4%), enquanto que os **D** (64%) e os **TA** (42,6%) trabalham em maior nas “Empresas”. A zona “Lisboa e V. Tejo” e a zona “Centro” são as zonas preferenciais de trabalho de todos os grupos. Quanto ao “Nº de anos de experiência na actividade”, os **F** são os mais experientes (11,75 anos de média, com classe 7-12 anos), enquanto que os **TA** são os menos experientes (4,34 anos de média, com classe modal 1-2 anos). Por fim, podemos observar uma certa uniformidade entre os técnicos, no que se refere aos “Níveis etários” com que trabalham, pois surgem em primeiro plano os “Adultos” e em seguida os “Jovens”.

## 5.2. Formação Realizada (Montanhismo)

Nesta variável, agrupámos as seguintes sub-variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

### 5.2.1. Último Curso de Formação Realizado

*Quadro 76 – Avaliação do último curso de formação realizado - Montanhismo*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Último curso de formação realizado</u>	Média	Média	Média	Média	Média
10	<i>Nível técnico dos formadores</i>	<b>4,43</b>	<b>4,47</b>	<b>4,40</b>	<b>4,35</b>	<b>4,47</b>
4	<i>Pertinência dos conteúdos programáticos</i>	<b>4,29</b>	<b>4,33</b>	<b>4,80</b>	<b>4,12</b>	<b>4,15</b>
13	<i>Satisfação geral</i>	<b>4,23</b>	<b>4,21</b>	<b>4,30</b>	<b>4,18</b>	<b>4,25</b>
3	<i>Cumprimento dos objectivos propostos</i>	<b>4,16</b>	<b>4,07</b>	<b>4,30</b>	<b>4,12</b>	<b>4,20</b>
11	<i>Nível pedagógico dos formadores</i>	<b>4,15</b>	<b>4,13</b>	<b>4,10</b>	<b>4,18</b>	<b>4,15</b>
9	<i>Acessibilidade (custo) da formação</i>	<b>4,10</b>	<b>4,07</b>	<b>4,40</b>	3,82	<b>4,22</b>
12	<i>Razão entre formador / formando</i>	<b>4,07</b>	3,93	<b>4,00</b>	<b>4,06</b>	<b>4,22</b>
7	<i>Qualidade das instalações e equipamentos</i>	<b>4,06</b>	<b>4,13</b>	<b>4,20</b>	<b>4,18</b>	3,85
5	<i>Metodologias de formação</i>	<b>4,05</b>	<b>4,20</b>	<b>4,20</b>	<b>4,06</b>	3,84
6	<i>Recursos pedagógico-didáticos</i>	<b>4,03</b>	3,93	<b>4,40</b>	<b>4,12</b>	3,84
2	<i>Duração da componente prática</i>	<b>3,98</b>	3,93	3,70	3,88	<b>4,25</b>
1	<i>Duração da componente teórica</i>	3,82	3,87	<b>4,10</b>	3,88	3,60
8	<i>Modelo de avaliação</i>	3,80	3,71	3,90	3,71	3,89
	<b>Médias</b>	<b>4,09</b>	<b>4,08</b>	<b>4,22</b>	<b>4,05</b>	<b>4,07</b>

Em termos gerais, podemos destacar as categorias com melhor avaliação (nível “bom” ou mais): “Nível técnico...” (4,43), “Pertinência dos conteúdos...” (4,29),

“Satisfação geral” (4,23), “Cumprimento dos objectivos...” (4,16), “Nível pedagógico...” (4,15), “Acessibilidade...formação” (4,10), “Razão formador/formando” (4,07), “Qualidade das instalações...” (4,06), “Metodologias de formação” (4,05), “Recursos pedagógico-didácticos” (4,03) e “Duração da componente prática” (3,98). Por outro lado, o “Modelo de avaliação” obteve a avaliação mais baixa (3,80).

Quanto à análise por grupos, verificamos que a melhor avaliação média global foi atribuída pelos **F** (4,22), enquanto que os **TP** atribuíram a avaliação mais baixa (4,05).

Gostaríamos de destacar também, as categorias melhor avaliadas em cada grupo:

**D** - P10 (4,47), P4 (4,33), P13 (4,21), P5 (4,20), P11 (4,13), P7 (4,13), P3 (4,07) e P9 (4,07);

**F** - P4 (4,80), P10 (4,40), P9 (4,40), P6 (4,40), P13 (4,30), P3 (4,30), P7 (4,20), P5 (4,20), P11 (4,10), P1 (4,10) e P12 (4,00);

**TP** – P10 (4,35), P13 (4,18), P11 (4,18), P7 (4,18), P4 (4,12), P3 (4,12), P6 (4,12), P12 (4,06) e P5 (4,06);

**TA** - P10 (4,47), P13 (4,25), P2 (4,25), P9 (4,22), P12 (4,22), P3 (4,20), P4 (4,15) e P11 (4,15);

Em termos de análise comparativa, podemos verificar o seguinte:

**Quadro 77 - Comparação entre grupos - Último curso de formação realizado**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
4	Pertinência dos conteúdos programáticos	8,261	0,041*	D x F	40,000	0,025*
				F x TP	35,000	0,005*
				F x TA	55,000	0,029*

\*diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Último curso de formação realizado”, relativamente à categoria P4 (p=0,041).

Julgamos que esta diferença significativa poderá estar associada ao envolvimento da função de **F**, isto é, uma vez que os formadores participam normalmente na concepção e aplicação dos programas de formação, será também natural que a avaliação efectuada por este grupo atinja níveis superiores em comparação com os restantes grupos. Esta tendência por parte dos **F** pode ser também observada em relação à maioria das categorias, obtendo assim o maior valor médio (4,22).

Por outro lado, é muito positivo verificar que a maioria das categorias foram avaliadas de nível “bom” ou mais, deixando a ideia que os técnicos de Montanhismo estão

bastante satisfeitos com o processo de formação implementado. No entanto, se efectuarmos uma análise mais exigente, identificamos as categorias “Modelo de avaliação” e a “Duração da componente teórica” como aspectos a serem revistos no futuro.

Deste modo, podemos observar que o “Nível técnico dos formadores” obteve a melhor avaliação em cada grupo à excepção dos **F** que avaliaram melhor a “Pertinência dos conteúdos programáticos.

### 5.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

*Quadro 78 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação - Montanhismo*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Intervenção das organizações...	Média	Média	Média	Média	Média
5	Clubes, Associações	3,39	3,12	3,18	3,54	3,53
3	Ensino Superior	3,26	2,75	3,00	3,38	3,53
6	Empresas (privadas)	3,22	3,23	2,50	3,27	3,38
4	Ensino Secundário (desp. escolar)	2,74	2,28	2,55	3,00	2,86
1	Federação Desportiva (que tutela)	2,56	2,24	2,55	2,64	2,73
8	INATEL	2,44	2,21	2,20	2,38	2,71
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	2,39	2,19	2,30	2,41	2,57
7	Autarquias	2,39	1,91	2,27	2,57	2,66
	Médias	2,80	2,49	2,57	2,90	3,00

Em termos gerais, a avaliação da intervenção das organizações na área da formação, destacou positivamente (nível “satisfatório” ou mais) os “Clubes/Associações” (3,39), o “Ensino Superior” (3,26) e as “Empresas” (3,22). Por outro lado, as restantes organizações obtiveram avaliações negativas, tendo o “IEFP” e as “Autarquias” a avaliação global mais baixa (2,39).

Quanto à análise por grupos, podemos constatar que os **TA** foram os únicos a atribuir uma avaliação média positiva (3,00), enquanto que os **D** atribuíram a avaliação média mais baixa (2,49).

Em relação às categorias, destacamos positivamente as seguintes:

**D** – P6 (3,23) e P5 (3,12);

**F** – P5 (3,18) e P3 (3,00);

**TP** – P5 (3,54), P3 (3,38), P6 (3,27) e P4 (3,00);

**TA** – P5 (3,53), P3 (3,53) e P6 (3,00).

Deste modo, verificamos que os “Clubes, Associações”, obtiveram sempre avaliações positivas em todos os grupos, enquanto que a “Federação Desportiva”, o “INATEL”, o “IEFP” e as “Autarquias”, nunca obtiveram essa avaliação.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 79 - Comparação entre grupos - Intervenção das organizações na área da formação**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
3	Ensino Superior	11,903	0,008*	D x TP	159,500	0,042*
				D x TA	196,500	0,001*
				F x TA	127,500	0,035*
4	Ensino Secundário (desporto escolar)	8,870	0,031*	D x TP	103,500	0,011*
				D x TA	211,000	0,019*
7	Autarquias	9,295	0,026*	D x TP	146,000	0,019*
				D x TA	212,000	0,005*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Intervenção das organizações na área da formação”, relativamente às seguintes categorias: P3 (p=0,008), P4 (p=0,031) e P7 (0,026).

As diferenças significativas encontradas resultaram da menor avaliação atribuída por parte dos **D** e **F** quando comparados com os restantes grupos. Se juntarmos os factos de a maioria dos **D** e **F** possuírem formação académica superior, mais experiência, terem “outras profissões” não relacionadas com o desporto e desempenharem as suas funções principais em empresas e clubes, reúne-se uma conjuntura que poderá originar uma maior exigência perante as outras organizações de formação. No entanto, podemos verificar que os resultados gerais não foram bons, merecendo em nosso entender, uma atenção especial no futuro.

Um outro dado interessante é a posição que a federação (que tutela a modalidade) ocupa, ou seja, não se encontra na primeira metade do conjunto das organizações apresentadas. Mais uma vez, à semelhança do que aconteceu na especialidade de Escalada (mesma federação), a situação conflituosa existente (entre federações, clubes e associações), parece contribuir para a fraca avaliação atribuída por todos os grupos de técnicos em estudo.

### 5.3. Expectativas de Formação (Montanhismo)

Nesta variável, efectuámos o estudo das seguintes sub-variáveis: “Factores de desempenho profissional” e “Pressupostos e estratégias de formação”.

### 5.3.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 80 – Importância dos factores de desempenho na actividade - Montanhismo*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Factores de desempenho na actividade	Média	Média	Média	Média	Média
3	Participação em cursos / acções formação	4,63	4,64	4,50	4,89	4,51
2	A experiência intervenção profissional	4,54	4,48	4,42	4,59	4,57
1	A experiência como praticante	4,50	4,68	5,08	4,48	4,26
8	As suas características pessoais	4,25	4,48	3,83	4,22	4,26
6	A formação académica	4,08	3,68	4,00	4,22	4,23
7	A observação actividades e eventos da esp.	3,96	3,88	3,50	4,15	4,02
5	A leitura livros/revistas especializadas	3,92	3,56	4,33	4,15	3,87
4	Participação em congressos e seminários	3,88	3,52	3,75	4,07	4,00
	<b>Médias</b>	<b>4,22</b>	<b>4,12</b>	<b>4,18</b>	<b>4,35</b>	<b>4,22</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho profissional foram: “Participação em cursos...” (4,63), “Experiência da intervenção profissional” (4,54), “Experiência como praticante” (4,50), “Características pessoais” (4,25), “Formação académica” (4,08) e “Observação de actividades...” (3,96).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar uma maior valorização média global por parte dos **TP** (4,35) e uma menor por parte dos **D** (4,12).

Em cada grupo podemos destacar os seguintes factores:

**D** - P1 (4,68), P3 (4,64), P2 (4,48) e P8 (4,48);

**F** - P3 (4,50), P2 (4,42), P1 (5,08), P5 (4,33) e P6 (4,00);

**TP** - P3 (4,89), P2 (4,59), P1 (4,48), P8 (4,22), P6 (4,22), P7 (4,15), P5 (4,15) e P4 (4,07);

**TA** - P3 (4,51), P2 (4,57), P1 (4,26), P8 (4,26), P6 (4,23), P7 (4,02) e P4 (4,00);

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável, “Factores de desempenho na actividade” (anexo 19).

Apesar de não existirem diferenças significativas, os **TP** atribuíram a maior importância global média (4,35) e os **D** a menor (4,12). Parece-nos que os **TP** valorizaram uma maior abrangência de factores para o desempenho da actividade profissional, enquanto que os **F** e os **D** destacaram a “Experiência como praticante” como o factor mais importante.

No entanto, os factores considerados mais importantes e que se destacaram por todos os grupos foram, a “Participação em cursos...”, a “Experiência da intervenção profissional” e a “Experiência como praticante”.



### 5.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

**Quadro 81 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação - Montanhismo**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Pressupostos e estratégias de formação	Média	Média	Média	Média	Média
9	A formação deverá assentar em vários níveis de competências...	1,92	2,00	2,17	1,93	1,81
7	A formação deverá ter uma predominância da componente...	1,87	2,08	1,42	2,07	1,77
8	Os modelos de formação utilizados noutros países com mais...	1,82	2,36	1,83	1,78	1,55
16	Os parques naturais deverão possuir “guias de natureza”...	1,82	1,80	1,42	2,00	1,83
10	Os modelos de formação deverão contemplar duas vertentes...	1,80	1,92	1,75	1,96	1,66
1	A frequência de A.F. de reciclagem/actualização deverá ser...	1,78	1,60	1,75	1,93	1,81
6	A formação deverá considerar todos os níveis de qualificação...	1,75	1,92	2,08	1,56	1,68
14	O Estado deverá ter iniciativa para reunir com as várias...	1,66	1,60	1,75	1,70	1,64
2	O Estado deverá ser responsável pela regulamentação...	1,53	1,64	1,75	1,48	1,45
11	Será necessário definir a progressão da carreira do técnico...	1,51	1,72	1,42	1,52	1,43
3	As federações desportivas deverão promover formação...	1,50	1,64	1,17	1,78	1,36
5	A formação deverá ser mais abrangente de modo sustentar...	1,34	1,52	0,83	1,15	1,49
4	Só as entidades acreditadas pelo Estado deverão promover...	1,30	1,64	1,08	1,33	1,15
13	Organizações responsáveis p/ formação deverão adoptar prog..	1,24	1,20	0,58	1,30	1,40
12	O IEFP deverá promover a formação profissional de técnicos..	1,19	1,04	1,50	1,04	1,28
15	Somente empresas privadas que cumprem os requisitos legais...	0,68	0,64	0,00	0,63	0,91

Em termos gerais, destacamos 11 (onze) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores próximos do nível 2=concordo), a saber: P9 (1,92), P7 (1,87), P8 (1,82), P16 (1,82), P10 (1,80), P1 (1,78), P6 (1,75), P14 (1,66), P2 (1,53), P11 (1,51) e P3 (1,50). As restantes estratégias carecem em nossa opinião de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Verificamos que os **D** são os mais favoráveis face às estratégias apresentadas, enquanto que os **TA** são os menos favoráveis.

Quanto à análise por grupos, podemos destacar o seguinte:

**D** - P9, P7, P8, P16, P10, P1, P6, P14, P2, P11, P3, P5 e P4;

**F** - P9, P8, P10, P1, P6, P14, P2 e P12;

**TP** - P9, P7, P8, P16, P10, P1, P6, P14, P11 e P3;

**TA** - P9, P7, P8, P16, P10, P1, P6 e P14.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 82 - Comparação entre grupos - Pressupostos e estratégias de formação**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
8	Os modelos de formação utilizados noutros países com mais...	9,038	0,029*	D x TA	332,500	0,002*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente à categoria P8 ( $p=0,029$ ).

A diferença significativa encontrada resultou do maior nível de concordância por parte dos **D** em relação aos **TA**. Provavelmente, a maior maturidade e a grande diferença ao nível da experiência profissional, poderá ter permitido aos **D** conhecer outras realidades além fronteiras, levando-os a concordar quase totalmente (2,36) com a respectiva estratégia de formação. No entanto, os restantes grupos também apresentam um bom nível de concordância.

Deste modo, podemos verificar que as estratégias “P9, P8, P10, P1, P6 e P14” reuniram um bom nível de concordância em todos os grupos. No entanto, salientamos que a formação deverá ser organizada em vários níveis de competências, que as experiências de outros países deverão ser analisadas e que a oferta da formação deverá prever duas vertentes de desenvolvimento, a de praticantes e a de técnicos desportivos.

#### 5.4. Funções Profissionais (Montanhismo)

*Quadro 83 – Concordância com as funções profissionais - Montanhismo*

P	Variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Funções profissionais</u>	Média	Média	Média	Média	Média
3	<b>Técnico principal</b> – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É responsável pelos pratic...	2,14	2,28	1,83	2,22	2,09
2	<b>Formador</b> – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros técnicos. Desenvolve...	2,05	2,40	1,92	1,78	2,06
4	<b>Técnico auxiliar</b> – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento técnico e desenv...	2,05	2,36	1,83	2,00	1,98
1	<b>Dirigente</b> – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige técnicos, actividades...	1,95	2,12	1,75	1,85	1,98
	<b>Médias</b>	<b>2,05</b>	<b>2,29</b>	<b>1,83</b>	<b>1,96</b>	<b>2,03</b>

Em termos gerais, verificamos que todas as funções profissionais definidas no quadro anterior reúnem um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **TP** (2,14).

Quanto à análise por grupos, podemos observar também que, existem níveis de concordância aceitáveis em todas as funções apresentadas, com destaque para os **D** (2,29).

As restantes categorias apresentam valores próximos do significado “concordo”, levando-nos a admitir que existe um nível de concordância geral aceitável.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 84 - Comparação entre grupos - Funções profissionais**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
2	<i>Formador – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona...</i>	11,893	<b>0,008*</b>	D x TP D x TA	169,500 429,000	<b>0,001*</b> <b>0,042*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na variável “Funções profissionais”, relativamente à categoria P2 ( $p=0,008$ ).

Apesar de existirem níveis bons níveis de concordância em todas as funções profissionais, os **D** atribuíram sempre maiores valores em comparação aos restantes grupos. No entanto, julgamos a possibilidade dos **D** terem desempenhado anteriormente a função de **F** (como é típico no Montanhismo), aliado ao nível de habilitação académica superior (84%), poderá revelar uma melhor noção e conhecimento da respectiva função profissional. Por outro lado, a menor experiência profissional e o menor nível de habilitação literária por parte dos **TP** e **TA**, poderá demonstrar algumas reservas em relação a este assunto.

### 5.5. Competências Profissionais (Montanhismo)

Nesta dimensão utilizámos três variáveis: a “Importância das CP”, a “Auto-percepção das CP” e as “Necessidades de formação”. Em cada variável, estudámos as sub-variáveis “CP genéricas” e as “CP específicas”.

### 5.5.1. Importância das Competências Profissionais

#### 5.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

**Quadro 85 - Importância das CP genéricas - Montanhismo**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
40	Noções gerais de segurança	5,24	5,28	4,58	5,48	5,26
9	Traumatologia e socorrismo	5,23	5,24	4,67	5,15	5,43
45	Atualização permanente conhecimentos	5,13	5,04	4,75	5,11	5,28
46	Capacidade para tomar decisões	5,09	5,40	4,67	5,15	5,00
43	Ética moral e profissional	5,07	5,08	5,17	5,15	5,00
15	Conhecimentos dos locais de prática	5,07	5,32	4,67	4,96	5,11
49	Avaliar praticantes e adequar actividades...	5,07	5,16	4,50	4,96	5,23
2	Organização técnica e planeamento activ...	5,06	4,92	4,83	5,26	5,09
38	Responsabilidade e sensibilidade	5,01	5,08	5,00	4,96	5,00
32	Domínio prático conteúdos específicos (s.f.)	4,98	5,16	4,83	5,04	4,89
42	Saber ouvir os outros e procurar consensos	4,95	4,92	4,92	5,19	4,83
35	Resolução de problemas	4,91	5,04	4,50	5,11	4,83
48	Dinâmicas de grupo	4,83	5,00	4,50	4,70	4,89
5	Capacidade crítica, auto-crítica, auto-aval.	4,82	4,48	4,75	4,96	4,94
1	Domínio de técnicas e estilos de ensino	4,80	4,80	4,50	5,11	4,70
	<b>Médias</b>	<b>5,02</b>	<b>5,06</b>	<b>4,72</b>	<b>5,09</b>	<b>5,03</b>

Em termos gerais, as CP genéricas mais valorizadas estão associadas, na maioria, à dimensão técnico-pedagógica e à dimensão pessoal. No entanto, destacamos as “Noções gerais de segurança” (5,24), a “Traumatologia e socorrismo” (5,23), a “Atualização permanente...” (5,13), a “Capacidade...tomar decisões” (5,09), a “Ética moral...” (5,07), os “Conhecimentos dos locais...” (5,07) e o “Avaliar praticantes...” (5,07).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TP** pela maior valorização média global (5,09) e os **F** pela menor (4,72).

Em relação às categorias, destacamos as mais importantes em cada grupo:

**D** – P46 (5,40), P15 (5,32), P40 (5,28), P9 (5,24), P49 (5,16) e P32 (5,16);

**F** – P43 (5,17), P38 (5,00), P42 (4,92), P2 (4,83) e P32 (4,83);

**TP** – P40 (5,48), P2 (5,26), P42 (5,19), P9 (5,15), P46 (5,15) e P43 (5,15);

**TA** – P9 (5,43), P45 (5,28), P40 (5,26), P49 (5,23) e P15 (5,11).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 86 - Comparação entre grupos - Importância das CP genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
40	Noções gerais de segurança	9,636	0,022*	D x F F x TP F x TA	78,000 65,500 157,500	0,012* 0,002* 0,012*
9	Traumatologia e socorrismo	7,906	0,048*	F x TA	147,500	0,005*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P9 ( $p=0,048$ ) e P40 ( $p=0,022$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre da menor valorização por parte dos **F** em relação aos restantes grupos. Estes, por outro lado, destacaram em primeiro plano as CP de dimensão pessoal e social. A maior experiência como praticante e profissional dos **F**, leva-nos a crer que poderão estar numa fase da carreira em que, para além das questões técnicas, outras CP devem ser bastante valorizadas.

Por outro lado, os **TP** serão provavelmente os técnicos que têm maior responsabilidade directa com os participantes o que os leva a destacar as “Noções gerais de segurança”. Em relação à traumatologia e socorrismo, também consideramos natural que os **TA** destaquem esta CP devido à possível menor experiência e vivência na área do Montanhismo.

### 5.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas

*Quadro 87 - Importância das CP específicas - Montanhismo*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
54	Cartografia, orientação e navegação	5,39	5,52	5,08	5,56	5,30
56	Técnicas de manobras de cordas	5,36	5,40	4,83	5,33	5,49
59	Progressão em segurança nos diferentes...	5,34	5,28	4,92	5,56	5,36
51	Conhecimento sobre as diferentes activ...	5,25	5,48	4,67	5,33	5,23
55	Interpretação e selecção de itinerários	5,23	5,28	5,00	5,37	5,17
53	Conhecimentos de fisiologia e adaptação...	5,21	5,40	4,92	5,22	5,17
57	Socorrismo, salvamentos e resgate em...	5,21	4,76	4,67	5,41	5,47
58	Condição física para suportar esforços...	5,18	5,12	4,75	5,30	5,26
60	Montagem de acampamentos	5,14	5,12	4,50	5,30	5,21
52	Conhecimentos de meteorologia	4,99	4,96	4,67	5,19	4,98
	<b>Médias</b>	<b>5,23</b>	<b>5,23</b>	<b>4,80</b>	<b>5,36</b>	<b>5,26</b>

Em termos gerais, as CP específicas mais valorizadas foram: “Cartografia, orientação...” (5,39), “Técnicas de manobras...” (5,36), “Progressão em segurança...” (5,34), “Conhecimento...actividades” (5,25) e “Interpretação...itinerários” (5,23).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TP** pela maior valorização média global (5,36) e os **F** pela menor (4,80).

Em relação às categorias, destacamos as mais importantes em cada grupo:

**D** – P54 (5,52), P51 (5,48), P56 (5,40), P53 (5,40), P59 (5,28) e P55 (5,28);

**F** – P54 (5,08), P55 (5,00), P59 (4,92), P53 (4,92) e P56 (4,83);

**TP** – P54 (5,56), P59 (5,56), P57 (5,41), P55 (5,37), P56 (5,33) e P51 (5,33);

**TA** – P56 (5,49), P57 (5,47), P59 (5,36), P54 (5,30) e P51 (5,23).

Salientamos ainda que, a “Cartografia, orientação...”, “Técnicas de manobras...” e “Progressão em segurança...”, reuniram um certo consenso uma vez que foram destacadas em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 88 - Comparação entre grupos - Importância das CP específicas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
56	<i>Técnicas de manobras de cordas</i>	9,266	<b>0,026*</b>	D x F F x TA	86,000 143,000	<b>0,022*</b> <b>0,004*</b>
59	<i>Progressão em segurança nos diferentes...</i>	7,432	0,059	F x TP	82,000	<b>0,007*</b>
57	<i>Socorrismo, salvamentos e resgate em...</i>	12,658	<b>0,005*</b>	D x TA F x TP F x TA	422,500 78,500 139,500	<b>0,029*</b> <b>0,006*</b> <b>0,003*</b>
60	<i>Montagem de acampamentos</i>	8,440	<b>0,038*</b>	D x F F x TP F x TA	88,500 78,500 150,500	<b>0,034*</b> <b>0,007*</b> <b>0,008*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP específicas”, relativamente às seguintes categorias: P56 (p=0,026), P57 (p=0,005) e P60 (p=0,038).

Por outro lado, uma vez que a categoria P59 apresentou um valor próximo do nível de significância (p=0,059), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre: **F x TP** (p=0,007).

As diferenças significativas encontradas resultaram da menor valorização por parte dos **F**. Considerando a situação anterior, parece mais uma vez que quanto maior é a experiência menor é a valorização das CP de dimensão técnica. Por outro lado, uma menor vivência e experiência poderá criar uma certa insegurança e simultaneamente uma grande preocupação para as questões essenciais relacionadas com a segurança, tendo em conta que o Montanhismo é uma actividade bastante abrangente e complexa.

No entanto, existem três CP específicas que foram destacadas globalmente e por todos os grupos: “Cartografia, orientação e navegação”, “Técnicas de manobras de cordas” e “Progressão em segurança nos diferentes tipos de terreno”.

## 5.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais

### 5.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

*Quadro 89 - Auto-percepção das CP genéricas - Montanhismo*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Auto-percepção das CP genéricas</u>	Média	Média	Média	Média	Média
43	<i>Ética moral e profissional</i>	<b>4,45</b>	<b>4,76</b>	<b>4,50</b>	<b>4,33</b>	<b>4,34</b>
38	<i>Responsabilidade e sensibilidade</i>	<b>4,38</b>	4,32	<b>4,75</b>	<b>4,33</b>	<b>4,34</b>
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	<b>4,33</b>	<b>4,44</b>	<b>4,50</b>	<b>4,41</b>	4,19
46	<i>Capacidade para tomar decisões</i>	<b>4,30</b>	<b>4,72</b>	4,33	4,19	4,13
32	<i>Domínio prático conteúdos específicos (s.f.)</i>	<b>4,30</b>	4,40	<b>4,58</b>	<b>4,33</b>	4,15
35	<i>Resolução de problemas</i>	4,29	<b>4,48</b>	4,33	4,19	4,23
5	<i>Capacidade crítica, auto-crítica...</i>	4,26	4,32	4,33	4,19	<b>4,26</b>
15	<i>Conhecimentos dos locais de prática</i>	4,25	<b>4,44</b>	4,42	4,19	4,15
49	<i>Avaliar praticantes e adequar actividades...</i>	4,24	4,08	<b>4,50</b>	4,30	<b>4,23</b>
42	<i>Saber ouvir os outros e procurar consensos</i>	4,23	4,00	<b>4,50</b>	<b>4,41</b>	4,17
45	<i>Atualização permanente conhecimentos</i>	4,22	4,08	4,17	4,19	<b>4,32</b>
2	<i>Organização técnica e planeamento activ...</i>	4,21	4,36	4,25	<b>4,41</b>	4,00
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	4,18	<b>4,52</b>	4,08	3,93	4,17
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	4,06	3,60	3,92	4,26	<b>4,23</b>
1	<i>Domínio de técnicas e estilos de ensino</i>	3,96	4,28	4,08	4,00	3,74
	<b>Médias</b>	<b>4,24</b>	<b>4,32</b>	<b>4,35</b>	<b>4,24</b>	<b>4,18</b>

Em termos gerais, as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: a “Ética moral e profissional” (4,45), a “Responsabilidade e sensibilidade” (4,38), as “Noções gerais de segurança” (4,33), a “Capacidade para tomar decisões” (4,30) e o “Domínio prático...” (4,30).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,35) e os **TA** pela menos elevada (4,18).

Em relação às categorias, destacamos os valores mais elevados em cada grupo:

**D** – P43 (4,76), P46 (4,72), P48 (4,52), P35 (4,48), P40 (4,44) e P15 (4,44);

**F** – P38 (4,75), P32 (4,58), P43 (4,50), P40 (4,50), P49 (4,50) e P42 (4,50);

**TP** – P40 (4,41), P42 (4,41), P2 (4,41), P43 (4,33), P38 (4,33) e P32 (4,33);

**TA** – P43 (4,34), P38 (4,34), P45 (4,32), P5 (4,26), P49 (4,23) e P9 (4,23).

Salientamos ainda que a “Ética moral e profissional” reuniu um certo consenso uma vez que foi destacada por todos os grupos.

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, para a sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas” (anexo 19).

Apesar de não existirem diferenças significativas, destacamos o maior valor médio de auto-percepção por parte dos **F** (4,35) e o menor por parte dos **TA** (4,18).

Em relação à análise das CP genéricas, podemos constatar que a maioria dos grupos julga possuir competência ao nível da “Ética moral e profissional”, “Responsabilidade e sensibilidade” e “Noções gerais de segurança”. Por outro lado, parecem sentir maiores dificuldades ao nível do “Domínio de técnicas e estilos de ensino...” e “Traumatologia e socorrismo”.

Neste caso, o tipo de atribuições ao nível da gestão que caracteriza a função de **D** poderá implicar que estes estejam mais afastados da prática desportiva efectiva. Esta situação também poderá originar uma menor CP ao nível da traumatologia e socorrismo em comparação com os restantes grupos. Por outro lado, os **TA** que estão em início da carreira revelam possuir menores CP ao nível do “Domínio de técnicas e estilos de ensino” tendo em conta a menor autonomia na actividade durante o ensino dos conteúdos programáticos.

### 5.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas

*Quadro 90 - Auto-percepção das CP específicas - Montanhismo*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Auto-percepção das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
55	<i>Interpretação e selecção de itinerários</i>	<b>4,60</b>	<b>4,72</b>	<b>4,67</b>	<b>4,59</b>	<b>4,53</b>
54	<i>Cartografia, orientação e navegação</i>	<b>4,59</b>	<b>4,56</b>	<b>4,83</b>	<b>4,74</b>	<b>4,45</b>
56	<i>Técnicas de manobras de cordas</i>	<b>4,48</b>	<b>4,44</b>	<b>4,92</b>	<b>4,48</b>	<b>4,38</b>
51	<i>Conhecimento sobre as diferentes activ...</i>	<b>4,47</b>	<b>4,56</b>	<b>4,75</b>	<b>4,41</b>	<b>4,38</b>
60	<i>Montagem de acampamentos</i>	<b>4,41</b>	4,08	4,58	<b>4,59</b>	<b>4,45</b>
59	<i>Progressão em segurança nos diferentes...</i>	4,39	4,16	<b>4,75</b>	<b>4,41</b>	<b>4,40</b>
58	<i>Condição física para suportar esforços...</i>	4,29	4,16	4,33	4,22	<b>4,38</b>
53	<i>Conhecimentos de fisiologia e adaptação...</i>	4,24	<b>4,28</b>	4,50	4,15	4,21
52	<i>Conhecimentos de meteorologia</i>	4,10	4,12	4,33	4,15	4,00
57	<i>Socorrismo, salvamentos e resgate em...</i>	4,03	3,48	4,33	4,07	4,21
	<b>Médias</b>	<b>4,36</b>	<b>4,26</b>	<b>4,60</b>	<b>4,38</b>	<b>4,34</b>

Em termos gerais, as CP específicas que apresentaram valores médios mais elevados foram: “Interpretação...itinerários” (4,60), “Cartografia, orientação...” (4,59), “Técnicas de manobras...” (4,48), “Conhecimento...actividades” (4,47) e “Montagem de acampamentos” (4,41).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,60) e os **D** pela menos elevada (4,26).

Em relação às categorias, destacamos os valores mais elevados em cada grupo:

**D** - P55 (4,72), P54 (4,56), P51 (4,56), P56 (4,44) e P53 (4,28);



**F** – P56 (4,92), P54 (4,83), P51 (4,75), P59 (4,75) e P55 (4,67);

**TP** – P54 (4,74), P55 (4,59), P60 (4,59), P56 (4,48), P51 (4,11) e P59 (4,11);

**TA** – P55 (4,53), P54 (4,45), P60 (4,45), P59 (4,40), P56 (4,38), P51 (4,38) e (4,38).

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP específicas” (anexo 19).

Apesar de não existirem diferenças significativas, destacamos o maior valor médio global de auto-percepção por parte dos **F** (4,60) e o menor por parte dos **D** (4,26).

As CP específicas, “Interpretação e selecção de itinerários”, “Cartografia, orientação e navegação”, “Técnicas de manobras de cordas” e “Conhecimento sobre diferentes actividades”, foram destacadas por todos os grupos traduzindo um bom domínio ao nível das CP mais essenciais e relacionadas directamente com a prática da especialidade. Em segundo plano, surge um conjunto de conhecimentos associados a outras ciências, tais como a fisiologia, o socorrismo e a meteorologia.

### 5.5.3. Necessidades de Formação

#### 5.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas

*Quadro 91 - Necessidades de formação genéricas - Montanhismo*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de formação genéricas</u>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	<b>1,17</b>	<b>1,64</b>	<b>0,75</b>	<b>0,89</b>	<b>1,19</b>
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	<b>0,91</b>	0,84	0,08	<b>1,07</b>	<b>1,06</b>
45	<i>Actualização permanente conhecimentos</i>	<b>0,91</b>	<b>0,96</b>	<b>0,58</b>	<b>0,93</b>	<b>0,96</b>
2	<i>Organização técnica e planeamento activ...</i>	<b>0,86</b>	0,56	<b>0,58</b>	0,85	<b>1,09</b>
1	<i>Domínio de técnicas e estilos de ensino</i>	<b>0,84</b>	0,52	<b>0,42</b>	1,11	0,96
49	<i>Avaliar praticantes e adequar actividades...</i>	0,83	<b>1,08</b>	0,00	0,67	<b>1,00</b>
15	<i>Conhecimentos dos locais de prática</i>	0,82	<b>0,88</b>	0,25	0,78	<b>0,96</b>
46	<i>Capacidade para tomar decisões</i>	0,79	0,68	0,33	<b>0,96</b>	0,87
42	<i>Saber ouvir os outros e procurar consensos</i>	0,72	<b>0,92</b>	<b>0,42</b>	0,78	0,66
32	<i>Domínio prático conteúdos específicos (s.f.)</i>	0,68	0,76	0,25	0,70	0,74
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	0,65	0,48	<b>0,42</b>	0,78	0,72
38	<i>Responsabilidade e sensibilidade</i>	0,63	0,76	0,25	0,63	0,66
35	<i>Resolução de problemas</i>	0,62	0,56	0,17	0,93	0,60
43	<i>Ética moral e profissional</i>	0,62	0,32	<b>0,67</b>	0,81	0,66
5	<i>Capacidade crítica, auto-crítica, auto-aval...</i>	0,56	0,16	<b>0,42</b>	0,78	0,68
	<b>Médias</b>	<b>0,77</b>	<b>0,74</b>	<b>0,37</b>	<b>0,84</b>	<b>0,85</b>

Em termos gerais, verificamos que as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas à área técnico-pedagógica. No entanto, destacamos a “Traumatologia e

socorrismo” (1,17), “Noções...segurança” (0,91), “Actualização permanente...” (0,91), “Organização técnica...” (0,86) e “Domínio...técnicas e estilos...” (0,84).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (0,85) e os **F** pela menor (0,37).

Em relação às categorias, destacamos as maiores necessidades em cada grupo:

**D** – P9 (1,64), P49 (1,08), P45 (0,96), P42 (0,92) e P15 (0,88);

**F** – P9 (0,75), P43 (0,67), P45 (0,58), P2 (0,58), P1 (0,42), P42 (0,42), P42 (0,42) e P5 (0,42);

**TP** – P1 (1,11), P40 (1,07), P46 (0,96), P45 (0,93) e P9 (0,89);

**TA** – P9 (1,19), P2 (1,09), P40 (1,06), P49 (1,00), P45 (0,96), P1 (0,96) e P15 (0,96).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 92 - Comparação entre grupos – Necessidades de formação genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
1	Domínio de técnicas e estilos de ensino	8,286	<b>0,040*</b>	D x TP F x TP	211,500 86,500	<b>0,015*</b> <b>0,016*</b>
5	Capacidade crítica, auto-crítica, auto-avaliação	7,528	0,057	D x TP D x TA	200,500 426,500	<b>0,008*</b> <b>0,045*</b>
9	Traumatologia e socorrismo	7,778	0,051	D x F D x TP	74,000 205,000	<b>0,009*</b> <b>0,010*</b>
40	Noções gerais de segurança	8,290	<b>0,040*</b>	D x F F x TP F x TA	84,500 67,000 161,000	<b>0,027*</b> <b>0,002*</b> <b>0,018*</b>
49	Avaliar praticantes e adequar actividades...	9,667	<b>0,022*</b>	D x F F x TP F x TA	69,000 97,500 146,000	<b>0,007*</b> <b>0,039*</b> <b>0,008*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P1 (p=0,040), P40 (p=0,040) e P49 (p=0,022).

Por outro lado, as categorias “Capacidade crítica...” (p=0,057) e “Traumatologia e socorrismo” (p=0,051) apresentaram valores próximos do nível de significância. Deste modo, optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre os grupos: P5 - **D x TP** (p=0,008); **D x TA** (p=0,045); P9 - **D x F** (p=0,009); **D x TP** (p=0,010).

As diferenças significativas encontradas resultaram das menores necessidades de formação reveladas pelos **F** e **D** quando comparados com os **TA** e **TP**.

Se ao nível das CP de dimensão pessoal e técnico-pedagógica, os grupos de maior experiência profissional (**D** e **F**) parecem ter menores necessidades de formação, já ao nível da CP de dimensão biológica (Traumatologia e socorrismo), parece existir uma relação com a exigência da função profissional exercida, ou seja, normalmente os **D** não têm necessidade de intervir a esse nível, enquanto que os **F** e os **TP** deverão possuir algum domínio nessa área.

No entanto, as necessidades de formação associadas à “Traumatologia e socorrismo” e à “Atualização permanente de conhecimentos” foram destacadas por todos os grupos. Por outro lado, a “Capacidade crítica, auto-crítica e auto-avaliação” foi a CP que revelou menor necessidade de formação.

### 5.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas

*Quadro 93 - Necessidades de formação específicas - Montanhismo*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de formação específicas</u>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
57	<i>Socorrismo, salvamentos e resgate em...</i>	<b>1,18</b>	<b>1,28</b>	<b>0,33</b>	<b>1,33</b>	<b>1,26</b>
53	<i>Conhecimentos de fisiologia e adaptação...</i>	<b>0,96</b>	<b>1,12</b>	<b>0,42</b>	<b>1,07</b>	<b>0,96</b>
59	<i>Progressão em segurança nos diferentes...</i>	<b>0,95</b>	<b>1,12</b>	0,17	<b>1,15</b>	<b>0,96</b>
52	<i>Conhecimentos de meteorologia</i>	<b>0,89</b>	0,84	<b>0,33</b>	<b>1,04</b>	<b>0,98</b>
58	<i>Condição física para suportar esforços...</i>	<b>0,89</b>	<b>0,96</b>	<b>0,42</b>	<b>1,07</b>	0,87
56	<i>Técnicas de manobras de cordas</i>	0,88	<b>0,96</b>	-0,08	0,85	<b>1,11</b>
54	<i>Cartografia, orientação e navegação</i>	0,80	<b>0,96</b>	0,25	0,81	0,85
51	<i>Conhecimento sobre as diferentes activ...</i>	0,78	0,92	-0,08	0,93	0,85
60	<i>Montagem de acampamentos</i>	0,72	<b>1,04</b>	-0,08	0,70	0,77
55	<i>Interpretação e selecção de itinerários</i>	0,62	0,56	<b>0,33</b>	0,78	0,64
	<b>Médias</b>	<b>0,87</b>	<b>0,98</b>	<b>0,20</b>	<b>0,97</b>	<b>0,93</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação específicas foram: “Socorrismo, salvamento...” (1,18), “Conhecimentos...fisiologia...” (0,96), “Progressão em segurança...” (0,95), “Conhecimentos de meteorologia (0,89) e “Condição física” (0,89).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **D** pela maior necessidade de formação média global (0,98) e os **F** pela menor (0,20).

Em relação às categorias, destacamos as maiores necessidades em cada grupo:

**D** – P57 (1,28), P53 (1,12), P59 (1,12), P60 (1,04), P58 (0,96), P56 (0,96) e P54 (0,96);

**F** – P53 (0,42), P58 (0,42), P57 (0,33), P52 (0,33), P55 (0,33);

**TP** – P57 (1,33), P59 (1,15), P53 (1,07), P58 (1,07), P52 (1,04);

**TA** – P57 (1,26), P56 (1,11), P52 (0,98), P53 (0,96) e P59 (0,96).

Salientamos que o “Socorrismo, salvamento...” e “Conhecimentos...fisiologia...”, reuniram um certo consenso uma vez que foram destacados em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 94 - Necessidades de formação específicas - Montanhismo**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
59	<i>Progressão em segurança nos diferentes...</i>	7,839	<b>0,049*</b>	D x F F x TP	80,500 88,000	<b>0,019*</b> <b>0,018*</b>
56	<i>Técnicas de manobras de cordas</i>	7,698	0,053	D x F F x TP F x TA	79,000 93,000 144,500	<b>0,017*</b> <b>0,030*</b> <b>0,007*</b>
51	<i>Conhecimento sobre diferentes actividades...</i>	8,787	<b>0,032*</b>	D x F F x TP F x TA	73,000 79,500 162,500	<b>0,008*</b> <b>0,008*</b> <b>0,017*</b>
60	<i>Montagem de acampamentos</i>	9,523	<b>0,023*</b>	D x F F x TP F x TA	60,500 96,000 161,000	<b>0,002*</b> <b>0,036*</b> <b>0,017*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação específicas”, relativamente às seguintes categorias: P51 ( $p=0,032$ ), P59 ( $p=0,049$ ) e P60 ( $p=0,023$ ).

Por outro lado, uma vez que a categoria P56 apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,053$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre os seguintes grupos: **D x F** ( $p=0,017$ ); **F x TP** ( $p=0,030$ ); **F x TA** ( $0,007$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre das menores necessidades de formação reveladas pelos **F** em comparação com os restantes grupos.

Como já referimos anteriormente, ao nível das CP de dimensão técnica, parece que a maior experiência a todos os níveis por parte dos **F**, poderá justificar a menor necessidade de formação nas respectivas categorias.

Por outro lado, uma vez que as CP específicas são de cariz essencialmente técnico, é natural que os **D**, por terem tarefas mais administrativas, sintam maiores necessidades de formação nesta área.

## 5.6. Síntese (Montanhismo)

Encontrámos diferenças significativas em todas as variáveis estudadas. No entanto, nas sub-variáveis “Factores de desempenho na actividade”, “Auto-percepção das CP genéricas” e “Auto-percepção das CP específicas” não existem diferenças significativas. Estes resultados permitem aceitar as hipóteses 1 e 3 (na generalidade) e rejeitar a 2. Estamos portanto, na presença de técnicos de **Mon** com opiniões diferentes, que avaliam e valorizam a formação de forma diferenciada de acordo com a função desempenhada.

Em relação à formação realizada, o nível técnico dos formadores e a pertinência dos conteúdos programáticos foram as categorias melhor avaliadas. Os clubes, o ensino superior e as empresas foram as organizações mais destacadas pelos técnicos.

Estes valorizaram em primeiro lugar, a participação em cursos de formação e as estratégias associadas à estrutura e organização da formação.

As funções profissionais revelaram ter um bom nível de concordância.

As noções gerais de segurança e a cartografia, orientação e navegação foram as CP consideradas mais importantes, enquanto que a ética moral e profissional e a Interpretação e selecção de itinerários apresentaram maiores níveis de auto-percepção. As maiores necessidades de formação foram a traumatologia, socorrismo, salvamentos e resgate.

À semelhança do que acontece no contexto da formação de professores, Sarmiento *et al.* (1997), transmitem-nos que uma forma de permitir estruturar processos de formação ajustados, consiste em proceder à caracterização do comportamento e das preocupações dos professores. Os perfis daí resultantes podem ser entendidos como expressão das suas dificuldades e poderão constituir um instrumento de organização da sua formação. Será também importante, definir perfis para os profissionais que se encontram noutras fases das suas carreiras, de modo a evidenciar as necessidades de formação, que não serão necessariamente as mesmas.

De facto, tanto ao nível das CP genéricas como das CP específicas, existem necessidades de formação diferenciadas entre os técnicos. No entanto, em termos gerais, são as questões associadas à segurança que revelam o maior destaque. Como sabemos, o risco neste tipo de actividade poderá ser baixo (marcha de montanha) ou bastante elevado (alpinismo), pois as alterações atmosféricas em montanha alteram-se rapidamente e o que à

partida parecia ter um risco mínimo poderá passar a ter um risco máximo com consequências graves para os respectivos intervenientes.

Os técnicos responsáveis por actividades de **Mon** deverão ter em primeiro lugar, um conjunto de competências ao nível da cartografia, orientação e navegação, pois caso contrário, a segurança na actividade poderá estar comprometida, principalmente quando acontecem imprevistos (o que acontece com alguma frequência). Stuckl e Sojer (1996), reforçam este pressuposto ao referirem que a planificação dos itinerários a percorrer assentam em vários princípios básicos que devemos conhecer, entre os quais, a região, a altitude, a época do ano, a exposição, as condições meteorológicas, o equipamento e dificuldades existentes e as que se podem vir a encontrar.

O **Mon** tem um posicionamento muito semelhante à **Esc**, uma vez que existem conhecimentos e competências comuns e que precedem umas em relação a outras. Por outro lado, ambas são representadas pelas mesmas federações e pelos mesmos clubes (na maioria). Ao nível da formação, o **Mon** é muito mais abrangente, e por isso, apresenta uma oferta de formação também mais complexa e diversificada.

Neste sentido, apresentamos o exemplo de Espanha (EEAM, 2001), em que a formação/certificação de iniciação ao **Mon** é estruturada nos seguintes temas programáticos: educação ambiental, meteorologia, equipamento e material, técnicas de progressão, orientação e cartografia, técnicas de acampamento e bivaque, animação e comunicação, segurança em montanha, envolvimento jurídico e profissional e história do **Mon**.

Estamos na presença de uma actividade complexa, que implica ter a consciência e o domínio de diversas áreas do conhecimento, onde poderão coexistir diferentes sensações como o prazer, o *reláx*, o risco e a vertigem, numa só actividade, consoante o nível dos praticantes, a qualidade dos locais e a competência dos respectivos líderes.

## 6. Estudo da Especialidade de “Canoagem”

### 6.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Canoagem)

O estudo do perfil pessoal e sócio-profissional foi estruturado em duas análises: o perfil pessoal e o perfil sócio-profissional.

#### 6.1.1. Perfil Pessoal

Para caracterizar este perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Género”, “Idade”, “Habilitações literárias” e “Experiência como praticante”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

*Quadro 95 - Caracterização do perfil pessoal dos técnicos de Canoagem*

Variáveis	Categorias	Total (n=126)		D (n=19)		F (n=6)		TP (n=20)		TA (n=81)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Género</b>	<i>Masculino</i>	86	<b>68,3</b>	15	<b>78,9</b>	4	<b>66,7</b>	18	<b>90,0</b>	49	<b>60,5</b>
	<i>Feminino</i>	40	<i>31,7</i>	4	<i>21,1</i>	2	<i>33,3</i>	2	<i>10,0</i>	32	<i>39,5</i>
<b>Idade</b>	<i>Até 25</i>	56	<b>44,4</b>	1	<i>5,3</i>	0	<i>0,0</i>	6	<i>30,0</i>	49	<b>60,5</b>
	<i>26 – 35</i>	52	<i>41,3</i>	9	<b>47,4</b>	5	<b>83,3</b>	8	<b>40,0</b>	30	<i>37,0</i>
	<i>36 – 45</i>	16	<i>12,7</i>	8	<i>42,1</i>	1	<i>16,7</i>	5	<i>25,0</i>	2	<i>2,5</i>
	<i>46 +</i>	2	<i>1,6</i>	1	<i>5,3</i>	0	<i>0,0</i>	1	<i>5,0</i>	0	<i>0,0</i>
	<i>Média (DP)</i>	<b>28,1</b>	<i>(7,42)</i>	<b>35,74</b>	<i>(7,35)</i>	30,67	<i>(4,50)</i>	32,20	<i>(8,61)</i>	<b>25,11</b>	<i>(5,23)</i>
	<i>(mín./máx.)</i>	18	58		<i>(24/51)</i>		<i>(26/38)</i>		<i>(21/58)</i>		<i>(18/42)</i>
<b>Habilitações literárias</b>	<i>Até 9ºano</i>	10	<i>7,9</i>	4	<i>21,1</i>	0	<i>0,0</i>	0	<i>0,0</i>	6	<i>7,4</i>
	<i>Secundário</i>	61	<b>48,4</b>	2	<i>10,5</i>	0	<i>0,0</i>	6	<i>30,0</i>	53	<b>65,4</b>
	<i>Bach./Licenc.</i>	53	<i>42,1</i>	13	<b>68,4</b>	4	<b>66,7</b>	14	<b>70,0</b>	22	<i>27,2</i>
	<i>Mestr./Doutor</i>	2	<i>1,6</i>	0	<i>0,0</i>	2	<i>33,3</i>	0	<i>0,0</i>	0	<i>0,0</i>
<b>Experiência praticante</b>	<i>Média (DP)</i>	<b>3,37</b>	<i>(0,86)</i>	<b>4,05</b>	<i>(0,85)</i>	3,50	<i>(1,05)</i>	3,50	<i>(0,69)</i>	<b>3,17</b>	<i>(0,80)</i>
	<i>(mín./máx.)</i>	1	5		<i>(3/5)</i>		<i>(2/5)</i>		<i>(3/5)</i>		<i>(1/5)</i>

De um modo geral, cerca de dois terços dos técnicos de Canoagem são do género “Masculino” (68,3%), apresentam uma média de idade de 28,1 anos e classe modal “Até 25 anos”, com “Habilitações literárias” ao nível do “Secundário” (48,4%) e com “Experiência como praticante” um pouco acima do razoável (3,37).

Em relação aos vários grupos em estudo podemos verificar que, apesar de existir em todos uma maioria de técnicos do género “Masculino”, as maiores diferenças situam-se entre os TP (90,0%) e os TA (60,5%). Quanto à “Idade”, destacamos por um lado os D com uma média de 35,74 anos e classe modal “26-35 anos” (47,4%) e por outro lado, os TA com uma média de 25,11 anos e classe modal “Até 25 anos” (60,5%). Relativamente às “Habilitações literárias”, os D (68,4%), os F (66,7%) e os TP (70,0%), apresentam

maioritariamente, uma formação de nível superior, enquanto que os **TA** apresentam de nível “Secundário” (65,4%). Por último, a maior diferença da “Experiência como praticante”, situa-se entre os **D** (4,05) e os **TA** (3,17).

### 6.1.2. Perfil Sócio-Profissional

Neste perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Profissão principal”, “Tipo de organização”, “Zona de trabalho”, “Nº anos na actividade” e “Níveis etários com que trabalha”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

*Quadro 96 - Caracterização do perfil sócio-profissional dos técnicos de Canoagem*

Variáveis	Categorias	Total (n=126)		D (n=19)		F (n=6)		TP (n=20)		TA (n=81)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Profissão principal	<i>TDN</i>	24	19,0	1	5,3	2	33,3	1	50,0	20	24,7
	<i>Prof. EF</i>	28	22,2	4	21,1	3	50,0	11	55,0	10	12,3
	<i>Trab./Estud.</i>	49	38,9	3	15,8	1	16,7	4	20,0	41	50,6
	<i>Outras profiss.</i>	25	19,8	11	57,9	0	0,0	4	20,0	10	12,3
Tipo de organização (DN)	<i>Assoc./Clubes</i>	31	24,6	9	47,4	1	16,7	1	5,0	20	24,7
	<i>Empresas</i>	37	29,4	7	36,8	2	33,3	7	35,0	21	25,9
	<i>Autarquias</i>	6	4,8	0	0,0	0	0,0	2	10,0	4	4,9
	<i>Estab. Ensino</i>	52	41,3	3	15,8	3	50,0	10	50,0	36	44,4
Zona trabalho	<i>Norte</i>	5	4,0	1	5,3	1	16,7	0	0,0	3	3,7
	<i>Centro</i>	19	15,1	2	10,5	0	0,0	5	25,0	12	14,8
	<i>Lx e V. Tejo</i>	82	65,1	15	78,9	4	66,7	11	55,0	52	64,2
	<i>Alentejo</i>	7	5,6	1	5,3	0	0,0	1	5,0	5	6,2
Nº anos actividade	<i>Algarve</i>	13	10,3	0	0,0	1	16,7	3	15,0	9	11,1
	<i>1 a 2</i>	65	51,6	1	5,3	1	16,7	6	30,0	57	70,4
	<i>3 a 6</i>	26	20,6	3	15,8	0	0,0	6	30,0	17	21,0
	<i>7 a 12</i>	24	19,0	10	52,6	4	66,7	4	20,0	6	7,4
	<i>13 +</i>	11	8,7	5	26,3	1	16,7	4	20,0	1	1,2
	<i>Média (DP)</i>	4,86	(5,69)	10,52	(6,19)	8,50	(4,59)	7,60	(8,43)	2,58	(2,83)
	<i>(mín./máx.)</i>	1	36	(1/25)		(1/15)		(1/36)		(1/15)	
Níveis com q trabalha	<i>Crianças</i>	37	29,4	3	15,8	1	16,7	9	45,0	24	29,6
	<i>Jovens</i>	85	67,5	15	78,9	3	50,0	17	85,0	50	61,7
	<i>Adultos</i>	83	65,9	13	68,4	5	83,3	13	65,0	52	64,2
	<i>Seniores</i>	9	7,1	0	0,0	0	0,0	3	15,0	6	7,4

De um modo geral, prevalece a profissão de “Trabalhador/Estudante” (38,9%), mas no âmbito do DN, exercem a sua função principal em “Estabelecimentos de Ensino” (41,3%) na zona de “Lisboa e V. Tejo” (65,1%). Estes técnicos apresentam uma média de Nº anos na actividade, de 4,86 anos e classe modal “1-2 anos” (51,6%), trabalhando preferencialmente com “Jovens” (67,5%) e “Adultos” (65,9%).

Ao analisarmos os vários grupos podemos verificar que, maioritariamente, os **D** têm “Outras profissões” (57,9%), os **F** (50%) e os **TP** (55%) são “Prof. Ed. Física” e os **TA** são “Trabalhadores/Estudantes” (50,6%). As organizações mais representadas nos **D** são as “Associações/Clubes” (47,4%) e nos restantes grupos, **F** (50%), **TP** (50%) e **TA**



(44,4%) são os “Estabelecimentos de Ensino”. Quanto à zona de trabalho, todos os grupos exercem a sua função principal maioritariamente, na zona de “Lisboa e V. Tejo” (D=78,9%, F=66,7%, TP=55%, TA=64,2%). Relativamente à “Idade”, destacamos por um lado, os **D** com uma média de 10,52 anos e classe modal “7-12 anos” (52,6%), e por outro, os **TA** com uma média de 2,58 anos e classe modal “1-2 anos” (70,4%). Por último, podemos verificar que os **D** (78,9%) e os **TP** (85%) trabalham mais com os “Jovens” enquanto que os **F** (83,3%) e os **TA** (64,2%) trabalham mais com os “Adultos”.

## 6.2. Formação Realizada (Canoagem)

Nesta dimensão, agrupámos as seguintes sub-variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

### 6.2.1. Último Curso de Formação Realizado

*Quadro 97 – Avaliação do último curso de formação realizado - Canoagem*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Avaliação do último curso realizado	Média	Média	Média	Média	Média
10	Nível técnico dos formadores	3,98	4,80	4,00	4,00	3,90
11	Nível pedagógico dos formadores	3,76	4,60	3,33	3,67	3,71
13	Satisfação geral	3,70	4,40	4,00	3,71	3,61
12	Razão entre formador / formando	3,65	3,60	3,33	3,50	3,69
4	Pertinência dos conteúdos programáticos	3,56	4,60	3,67	3,67	3,44
3	Cumprimento dos objectivos propostos	3,48	4,20	3,33	3,86	3,35
6	Recursos pedagógico-didáticos	3,41	4,40	3,00	3,80	3,29
5	Metodologias de formação	3,30	4,00	3,67	3,50	3,18
7	Qualidade das instalações e equipamentos	3,30	3,40	4,00	3,43	3,22
9	Acessibilidade (custo) da formação	3,30	3,60	4,00	3,50	3,20
1	Duração da componente teórica	3,25	4,00	2,67	3,43	3,18
8	Modelo de avaliação	3,23	3,40	3,33	3,00	3,23
2	Duração da componente prática	3,19	4,00	3,00	3,50	3,08
	Médias	3,47	4,08	3,49	3,58	3,39

Em termos gerais, destacamos a única categoria que obteve uma avaliação de nível “bom”, “Nível técnico dos formadores” (3,98), enquanto que a “Duração da componente prática” obteve a avaliação mais baixa (3,19).

Quanto à análise por grupos, verificamos que a melhor avaliação média global foi atribuída pelos **D** (4,08), enquanto que os **TA** atribuíram a mais baixa (3,39).

Gostaríamos de destacar também, as categorias melhor avaliadas em cada grupo:

**D** - P10 (4,80), P11 (4,60), P4 (4,60), P13 (4,40), P6 (4,40), P3 (4,20), , P5 (4,00), P1 (4,00) e P2 (4,00);

**F** - P10 (4,00), P13 (4,00), P7 (4,00) e P9 (4,00);

**TP** - P10 (4,00);

**TA** - (nenhuma categoria).

Deste modo, observamos que o “Nível técnico dos formadores” obteve em todos os grupos a avaliação média mais elevada, enquanto que a “Razão formador/formando” e o “Modelo de avaliação” nunca obtiveram uma avaliação de nível “bom”.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 98 - Comparação entre grupos - Último curso de formação realizado*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
4	<i>Pertinência dos conteúdos programáticos</i>	8,426	<b>0,038*</b>	D x TA	31,500	<b>0,004*</b>
6	<i>Recursos pedagógico-didáticos</i>	7,611	0,055	D x TA	45,000	<b>0,014*</b>

*\* diferenças significativas*

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Último curso de formação realizado”, relativamente à categoria P4 ( $p=0,038$ )

Por outro lado, uma vez que a categoria P6 apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,055$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre os grupos: **D x TA** ( $p=0,014$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre da melhor avaliação atribuída por parte dos **D** quando comparados com os **TA**.

A formação ao nível da Canoagem de recreio no nosso país é muito recente, uma vez que, os clubes, as associações e a respectiva federação têm efectuado o seu investimento mais na vertente de competição. Deste modo, considerando a maior experiência profissional dos **D**, cremos que estes possam comparar realidades diferentes, e que naturalmente, reconheçam uma melhoria na qualidade da formação. Por outro lado, tendo em conta que grande parte dos **TA** são trabalhadores estudantes e têm profissões associadas ao desporto, poderá levá-los a adoptar uma atitude mais crítica e exigente. Os valores médios globais por grupos também confirmam esta situação.

No entanto, destacamos o nível técnico e pedagógico dos formadores como as categorias melhor avaliadas globalmente e pela maioria dos grupos.

## 6.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

*Quadro 99 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação – Canoagem*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Intervenção das organizações...	Média	Média	Média	Média	Média
5	Clubes, Associações	3,24	3,33	3,67	3,00	3,25
6	Empresas (privadas)	3,23	2,82	3,83	2,93	3,33
3	Ensino Superior	2,96	2,50	2,83	2,59	3,14
8	INATEL	2,85	2,25	3,17	2,77	2,93
1	Federação Desportiva (que tutela)	2,71	2,40	2,50	2,58	2,83
4	Ensino Secundário (desp. escolar)	2,54	2,36	2,17	2,31	2,67
7	Autarquias	2,51	2,30	2,83	2,50	2,52
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	2,19	1,43	1,50	1,91	2,45
	Médias	2,78	2,42	2,81	2,57	2,89

Em termos gerais, destacamos positivamente (nível “satisfatório” ou mais) as seguintes organizações: “Clubes/Associações” (3,24), “Empresas” (3,23) e “Ensino Superior” (2,96). Por outro lado, as restantes organizações obtiveram avaliações negativas, tendo o “IEFP” a avaliação global mais baixa (2,19).

Quanto à análise por grupos, podemos constatar que os **TA** apresentam a avaliação média global mais elevada (2,89), enquanto que os **D** atribuíram a mais baixa (2,42).

Em relação às categorias, destacamos as avaliações positivas em cada grupo:

**D** – P5 (3,33);

**F** – P6 (3,83), P5 (3,67) e P8 (3,17);

**TP** – P5 (3,00);

**TA** – P6 (3,33), P5 (3,25) e P3 (3,14).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 100 - Comparação entre grupos - Intervenção das organizações na área da formação*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
3	Ensino Superior	7,517	0,057	TP x TA	348,000	0,019*
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	12,776	0,005*	D x TA F x TA	71,500 67,500	0,010* 0,025*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Intervenção das organizações na área da formação”, relativamente à categoria P2 ( $p=0,005$ ).

Por outro lado, uma vez que a categoria P3 apresentou um valor próximo do nível de significância (0,057), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre **TP x TA** ( $p=0,019$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre da melhor avaliação atribuída por parte dos **TA** quando comparados com os restantes grupos. A grande parte dos **D** trabalham em clubes, e talvez por revelarem algum clubismo, tenham atribuído avaliação positiva unicamente a este tipo de organização. Por outro lado, a maior juventude e o início da carreira por parte dos **TA** poderá explicar a quantidade de trabalhadores/estudantes (50,6%), e conseqüentemente, uma melhor apreciação perante a formação académica e profissional, em comparação com os outros técnicos.

No entanto, podemos verificar que os “Clubes, Associações”, obtiveram sempre avaliações positivas por parte dos grupos, enquanto que a “Federação Desportiva”, o “Ensino Secundário”, as “Autarquias” e o “IEFP”, nunca obtiveram essa avaliação.

### 6.3. Expectativas de Formação (Canoagem)

Nesta variável, efectuámos o estudo das seguintes sub-variáveis: “Factores de desempenho profissional” e “Pressupostos e estratégias de formação”.

#### 6.3.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 101 – Importância dos factores de desempenho na actividade - Canoagem*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<b>Factores de desempenho na actividade</b>	Média	Média	Média	Média	Média
1	<i>Experiência como praticante</i>	<b>4,54</b>	<b>4,68</b>	<b>4,50</b>	<b>4,30</b>	<b>4,57</b>
3	<i>Participação em cursos / acções formação</i>	<b>4,33</b>	<b>4,00</b>	<b>4,50</b>	<b>4,50</b>	<b>4,35</b>
2	<i>Experiência intervenção profissional</i>	<b>4,25</b>	<b>4,26</b>	<b>4,83</b>	<b>4,20</b>	<b>4,22</b>
7	<i>Observação actividades e eventos da espec.</i>	<b>4,02</b>	3,74	<b>4,17</b>	<b>4,15</b>	<b>4,04</b>
8	<i>Características pessoais</i>	<b>3,99</b>	3,89	<b>4,00</b>	<b>3,95</b>	<b>4,02</b>
5	<i>Leitura livros/revistas especializadas</i>	3,50	3,11	<b>4,33</b>	3,70	3,48
6	<i>Formação académica</i>	3,50	2,42	3,50	3,55	3,74
4	<i>Participação em congressos e seminários</i>	3,37	2,53	3,67	3,25	3,58
	<b>Médias</b>	<b>3,94</b>	<b>3,58</b>	<b>4,19</b>	<b>3,95</b>	<b>4,00</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho profissional foram: “Experiência...praticante” (4,54), “Participação em cursos...” (4,33), “Experiência da intervenção profissional” (4,25), “Observação de actividades...” (4,02) e “Características pessoais” (3,99).

Quanto à análise por grupos, podemos verificar uma maior valorização média global por parte dos **F** (4,19) e uma menor por parte dos **D** (3,58).

Em relação à importância dos factores em cada grupo, destacamos o seguinte:

**D** - P1 (4,68), P2 (4,26) e P3 (4,00);

**F** - P2 (4,83), P1 (4,50), P3 (4,50), P5 (4,33), P7 (4,17) e P8 (4,00);

**TP** - P3 (4,50), P1 (4,30), P2 (4,20), P7 (4,15) e P8 (3,95),

**TA** - P1 (4,57), P3 (4,35), P2 (4,22), P7 (4,04) e P8 (4,02).

Deste modo, constatamos que a “Experiência como praticante”, a “Participação em cursos...”, e a “Experiência da intervenção profissional”, foram considerados factores importantes por todos os grupos, enquanto que a “Formação académica” e a “Participação em congressos” nunca o foram.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 102 – Comparação entre grupos - Factores de desempenho na actividade*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
6	Formação académica	8,930	<b>0,030*</b>	D x TP D x TA	120,000 446,000	<b>0,045*</b> <b>0,004*</b>
4	Participação congressos e seminários	9,648	<b>0,022*</b>	D x TA	427,000	<b>0,002*</b>

*\* diferenças significativas*

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Factores de desempenho na actividade”, relativamente às categorias, P4 (p=0,022) e P6 (p=0,030).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre da menor valorização por parte dos **D** quando comparados com os restantes grupos. A menor escolaridade obrigatória dos **D** (21,1%) associada à maior experiência profissional, poderá implicar um certo conservadorismo e menor flexibilidade para partilhar novos saberes e novas experiências de formação.

Mais uma vez, os factores mais valorizados foram a experiência como praticante, a participação em cursos e a experiência da intervenção profissional.

### 6.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

**Quadro 103 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação - Canoagem**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Pressupostos e estratégias de formação	Média	Média	Média	Média	Média
16	Os parques naturais deverão possuir “guias de natureza”...	2,21	2,00	2,33	2,45	2,19
7	A formação deverá ter uma predominância da componente...	2,15	2,26	1,83	2,10	2,16
3	As federações desportivas deverão promover formação...	2,13	1,53	1,83	2,50	2,20
6	A formação deverá considerar todos os níveis de qualificação...	1,90	2,00	2,17	1,40	1,99
14	O Estado deverá ter iniciativa para reunir com as várias...	1,88	1,47	1,67	1,75	2,02
9	A formação deverá assentar em vários níveis de competências...	1,71	1,63	1,33	1,85	1,72
11	Será necessário definir a progressão da carreira do técnico...	1,68	1,53	2,17	2,05	1,59
10	Os modelos de formação deverão contemplar duas vertentes...	1,60	1,89	1,17	1,50	1,58
8	Os modelos de formação utilizados noutros países com mais...	1,56	1,32	2,17	1,75	1,53
1	A frequência de A.F. de reciclagem/actualização deverá ser...	1,55	1,84	2,00	0,90	1,60
2	O Estado deverá ser responsável pela regulamentação...	1,43	0,53	0,83	1,80	1,59
5	A formação deverá ser mais abrangente de modo sustentar...	1,43	1,95	1,50	0,90	1,43
15	Somente as empresas privadas que cumprem os requisitos...	1,25	0,74	1,50	1,50	1,30
13	Organizações responsáveis p/ formação deverão adoptar prog...	1,13	0,63	0,50	1,45	1,21
12	IEFP deverá promover formação profissional de técnicos à ...	1,11	0,53	1,17	0,60	1,37
4	Só entidades acreditadas pelo Estado deverão promover form...	0,45	0,00	0,83	1,10	0,37

Em termos gerais, podemos destacar 10 (dez) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), a saber: P16 (2,21), P7 (2,15), P3 (2,13), P6 (1,90), P14 (1,88), P9 (1,71), P11 (1,68), P10 (1,60), P8 (1,56) e P1 (1,55). As restantes estratégias carecem em nossa opinião de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Podemos verificar também que os **TA** são os mais favoráveis face às estratégias apresentadas, enquanto que os **D** são os menos favoráveis.

Quanto à análise por grupos, podemos destacar as seguintes estratégias:

**D** - P16, P7, P3, P6, P9, P11, P10, P1 e P5;

**F** - P16, P7, P3, P6, P14, P11, P8, P1, P5 e P15;

**TP** - P16, P7, P3, P14, P9, P11, P10, P8, P2 e P15;

**TA** - P16, P7, P3, P6, P14, P9, P11, P10, P8, P1 e P2.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 104 – Comparação entre grupos - Pressupostos e estratégias de formação**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
5	A formação deverá ser mais abrangente de modo sustentar uma...	10,218	0,017*	D x TP TP x TA	86,000 561,500	0,002* 0,027*
12	O IEFP deverá promover a formação profissional de técnicos...	8,392	0,039*	D x TA TP x TA	536,000 536,000	0,034* 0,017*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente às categorias P5 ( $p=0,017$ ) e P12 ( $p=0,039$ ).

A diferença significativa encontrada na P5 resultou do menor nível de concordância por parte dos **TP**. Habitualmente são estes técnicos, os responsáveis por enquadrar e acompanhar as actividades, por tomar decisões, por resolver os problemas e encontrar soluções. Neste sentido, será legítimo que estes defendam também uma formação mais específica de modo a desenvolver as suas competências na actividade. Por outro lado, parece-nos que as funções de **D** e **TA** poderão estar mais sujeitas a formações abrangentes.

Em relação à P12, os **TA** atribuíram maior nível de concordância do que os restantes grupos. Como já referimos anteriormente, a maior predisposição e a fase inicial de carreira em que os **TA** se encontram, poderá justificar estes resultados, mesmo sem existir um nível de concordância aceitável nesta estratégia.

No entanto, a necessidade dos parques naturais possuírem guias de natureza qualificados, a valorização da componente prática, a promoção da formação técnica especializada e a definição de carreiras profissionais em vários níveis, reuniram níveis de concordância aceitáveis em todos os grupos.

#### 6.4. Funções Profissionais (Canoagem)

*Quadro 105 – Concordância com as funções profissionais – Canoagem*

P	Variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Funções profissionais</u>	Média	Média	Média	Média	Média
4	<b><u>Técnico auxiliar</u></b> – <i>Coopera e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento técnico e desenv...</i>	2,20	2,53	2,17	2,55	2,04
3	<b><u>Técnico principal</u></b> – <i>Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É responsável pelos pratic...</i>	2,11	2,42	1,50	2,45	2,00
2	<b><u>Formador</u></b> – <i>Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros técnicos. Desenvolve...</i>	2,10	2,47	1,67	2,45	1,95
1	<b><u>Dirigente</u></b> – <i>Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige técnicos, actividades...</i>	1,99	2,05	1,83	2,25	1,93
	<b>Médias</b>	2,10	2,37	1,79	2,43	1,98

Em termos gerais, todas as funções profissionais definidas no quadro anterior, reuniram um bom nível de concordância (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **TA** (2,20).

Quanto à análise por grupos, observamos que existem níveis de concordância aceitáveis em todas as funções apresentadas, com destaque para os **TP** (2,43).

As restantes categorias apresentam valores próximos do significado “concordo” ou acima deste, levando-nos a admitir que existe um bom nível de concordância em relação às funções profissionais. No entanto, a opinião dos **F** sobre a função dos **TP** (1,50), necessita em nosso entender, de uma maior discussão entre os respectivos técnicos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 106 – Comparação entre grupos - Funções profissionais**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
4	<b>TA</b> – <i>Coopera e presta auxílio a um TP. Tem conhecimento técnico e desenvolve...</i>	10,328	<b>0,016*</b>	D x TA TP x TA	525,000 537,000	<b>0,018*</b> <b>0,011*</b>
2	<b>F</b> – <i>Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros técnicos. Desenvolve e participa em projectos de formação</i>	11,076	<b>0,011*</b>	D x F D x TA F x TP TP x TA	24,500 534,000 27,500 570,500	<b>0,036*</b> <b>0,022*</b> <b>0,046*</b> <b>0,025*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na variável “Funções profissionais”, relativamente às seguintes categorias: P2 (p=0,011) e P4 (p=0,016).

As diferenças significativas encontradas resultaram do menor nível de concordância atribuído por parte dos **F** e dos **TA** em relação aos restantes grupos. Provavelmente, os contornos ainda pouco conhecidos e reconhecidos das várias funções profissionais, poderá contribuir para a falta de uniformização dos respectivos deveres profissionais. No entanto, salientamos o bom nível de concordância obtido em todas as funções profissionais.

## 6.5. Competências Profissionais (Canoagem)

Nesta dimensão utilizámos três variáveis: a “Importância das CP”, a “Auto-percepção das CP” e as “Necessidades de formação”. Em cada variável, estudámos as sub-variáveis “CP genéricas” e as “CP específicas”.



## 6.5.1. Importância das Competências Profissionais

### 6.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

Quadro 107 – Importância das CP genéricas – Canoagem

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
9	Traumatologia e socorrismo	5,00	4,74	5,33	5,10	5,01
40	Noções gerais de segurança	4,99	4,89	5,00	5,15	4,98
15	Conhecim/. locais prática	4,88	4,58	5,00	5,00	4,91
46	Capacidade tomar decisões...	4,84	4,68	5,00	4,80	4,88
49	Avaliar praticantes e adeq...	4,82	4,53	5,50	4,90	4,81
32	Domínio prático conteúdos...	4,81	4,79	5,17	4,75	4,80
45	Atualização permanente...	4,78	4,53	5,00	4,85	4,80
38	Responsabilidade e sensib...	4,76	4,37	4,83	4,85	4,83
2	Organização técnica e plan...	4,72	4,21	5,00	4,80	4,80
50	Integração jovens dificult...	4,71	4,32	4,67	4,65	4,81
35	Resolução de problemas	4,70	4,84	4,67	4,60	4,69
42	Saber ouvir outros proc cons	4,67	4,42	4,83	4,40	4,78
43	Ética moral e profissional	4,60	4,47	5,33	4,75	4,53
16	Auto-estima e auto-confiança	4,59	4,11	4,83	4,50	4,70
48	Dinâmicas de grupo	4,56	4,26	5,00	4,30	4,67
	<b>Médias</b>	<b>4,76</b>	<b>4,52</b>	<b>5,01</b>	<b>4,76</b>	<b>4,80</b>

Em termos gerais, as CP genéricas mais valorizadas estão associadas à dimensão pessoal e à dimensão técnico-pedagógica. No entanto, destacamos a “Traumatologia e socorrismo” (5,00), as “Noções gerais de segurança” (4,99), o “Conhecimento dos locais...” (4,88), a “Capacidade...tomar decisões” (4,84) e o “Avaliar praticantes...” (4,82).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela maior valorização média global (5,01) e os **D** pela menor (4,52).

Em relação às categorias, destacamos as mais importantes para cada grupo:

**D** – P40 (4,89), P35 (4,84), P32 (4,79), P9 (4,74) e P46 (4,68);

**F** – P49 (5,50), P9 (5,33), P43 (5,33) e P32 (5,17), P40 (5,00), P15 (5,00), P46 (5,00), P45 (5,00), P2 (5,00) e P48 (5,00);

**TP** – P40 (5,15), P9 (5,10), P15 (5,00), P49 (4,90), P45 (4,85) e P38 (4,85);

**TA** – P9 (5,01), P40 (4,98), P15 (4,91), P46 (4,88) e P38 (4,83).

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP genéricas” (anexo 19).

Apesar de não existirem diferenças significativas, salientamos a maior valorização média global por parte dos **F** (5,01) e a menor por parte dos **D** (4,52).

Em relação às CP genéricas mais valorizadas, podemos destacar por consenso a “Traumatologia e socorrismo” e as “Noções gerais de segurança”. Uma vez que esta especialidade se desenvolve em plano de água, o risco é elevado e está sempre presente. Por isso, a preocupação geral demonstrada com as questões de segurança e com o socorrismo é bastante pertinente, uma vez que a segurança dos praticantes, deverá estar sempre em primeiro lugar neste tipo de actividades. Salientamos ainda que, a valorização do “Conhecimento dos locais de prática” e a “Capacidade para tomar decisões”, revela também a preocupação dos técnicos de Canoagem para o controlo do risco da actividade.

### 6.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas

**Quadro 108 – Importância das CP específicas – Canoagem**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<b>Importância das CP específicas</b>	Média	Média	Média	Média	Média
60	<i>Identificar os riscos existentes...</i>	<b>5,21</b>	<b>5,32</b>	4,67	<b>5,30</b>	<b>5,21</b>
55	<i>Técnica de “remada” em todas..</i>	<b>5,11</b>	<b>5,37</b>	<b>5,33</b>	<b>5,15</b>	<b>5,02</b>
58	<i>Técnica utiliz. corda de resgate</i>	<b>5,08</b>	<b>5,32</b>	<b>5,17</b>	<b>4,90</b>	<b>5,06</b>
54	<i>Técnica entrada/saída caiaque..</i>	<b>5,04</b>	5,16	<b>5,33</b>	4,70	<b>5,07</b>
51	<i>Conhec./utiliz. diferentes embarc</i>	<b>5,04</b>	<b>5,32</b>	<b>5,50</b>	4,75	<b>5,01</b>
57	<i>Técnica de salvamento “H e X”</i>	5,01	5,26	<b>5,00</b>	<b>5,00</b>	4,95
53	<i>Conhec/. rios com águas bravas</i>	4,99	<b>5,47</b>	4,67	<b>4,95</b>	4,91
56	<i>Técnica de “esquimotagem”</i>	4,68	5,11	4,83	4,25	4,68
52	<i>Conhecim/. de hidrodinâmica</i>	4,50	4,58	4,50	4,00	4,60
59	<i>Técnicas construção embarcações</i>	3,99	3,74	3,33	3,45	4,23
	<b>Médias</b>	<b>4,87</b>	<b>5,07</b>	<b>4,83</b>	<b>4,65</b>	<b>4,87</b>

Em termos gerais, as CP específicas mais valorizadas foram: “Identificar os riscos...” (5,21), “Técnica de remada...” (5,11), “Técnica de utilização da corda...” (5,08), “Técnica de entrada/saída...” (5,04) e “Conhecimento e utilização...” (5,04).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **D** pela maior valorização média global (5,07) e os **TP** pela menor (4,65).

Em relação às categorias, destacamos as mais importantes em cada grupo:

**D** – P53 (5,47), P55 (5,37), P60 (5,32), P58 (5,32) e P51 (5,32);

**F** – P51 (5,50), P55 (5,33), P54 (5,33), P58 (5,17) e P57 (5,00);

**TP** – P60 (5,30), P55 (5,15), P57 (5,00), P53 (4,95) e P58 (4,90);

**TA** – P60 (5,21), P54 (5,07), P58 (5,06), P55 (5,02) e P51 (5,01).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 109 – Comparação entre grupos - Importância das CP específicas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
59	Técnicas de construção e reparação de embarcações (de fibra)	7,608	0,055	TP x TA	540,000	<b>0,019*</b>

\* diferenças significativas

A categoria P59 apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,055$ ). Nesse sentido, optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), **encontrando diferenças significativas** entre: **TP x TA** ( $p=0,019$ ).

A diferença significativa encontrada resultou da maior valorização por parte dos **TA**. Provavelmente, a maior percentagem de **TA** existente nos “Clubes e associações” (24,7%) em comparação com os **TP** (5%), poderá ter implicado uma maior valorização nesta área específica uma vez que as embarcações de fibra (maior rendimento) são preferencialmente utilizadas nestas organizações. Por outro lado, nas empresas e nos estabelecimentos de ensino, as embarcações de “plástico” (maior resistência) são as mais utilizadas.

Apesar desta diferença, salientamos um certo consenso na “Técnica de remada...” e na “Técnica de utilização da corda...” uma vez que foram destacadas por todos os grupos.

## 6.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais

### 6.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

Podemos verificar no quadro 110, que as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados foram: “Auto-estima...” (4,33), “Saber ouvir os outros...” (4,22), “Responsabilidade e sensibilidade” (4,21), “Noções...segurança” (4,21) e “Capacidade...tomar decisões” (4,21).

Quadro 110 – Auto-percepção das CP genéricas – Canoagem

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Auto-percepção das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
16	Auto-estima e auto-confiança	4,33	4,42	4,83	4,30	4,28
42	Saber ouvir outros procurar consens	4,22	4,32	5,00	3,90	4,22
38	Responsabilidade e sensibilidade	4,21	4,32	4,33	4,35	4,15
40	Noções gerais de segurança	4,21	4,42	4,67	4,25	4,11
46	Capacidade tomar para decisões	4,21	4,37	4,67	4,30	4,12
32	Domínio prático conteúdos especif...	4,18	4,42	4,83	4,25	4,06
43	Ética moral e profissional	4,13	4,32	5,17	4,15	4,01
35	Resolução de problemas	4,07	4,32	4,33	4,30	3,94
49	Avaliar praticantes e adequar activ..	3,96	4,26	4,83	3,85	3,85
48	Dinâmicas de grupo	3,88	4,05	4,50	3,65	3,85
45	Actualização permanente conhecim.	3,86	3,84	4,67	3,70	3,84
2	Organização técnica e planeamento	3,85	4,32	4,50	4,15	3,62
15	Conhecimento dos locais de prática	3,83	4,16	4,50	3,95	3,68
50	Integração jovens dificult. sociais	3,67	3,74	3,67	3,50	3,70
9	Traumatologia e socorrismo	3,37	3,21	4,00	3,30	3,37
	<b>Médias</b>	<b>4,00</b>	<b>4,17</b>	<b>4,57</b>	<b>3,99</b>	<b>3,92</b>

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,57) e os **TA** pela menos elevada (3,92).

Em relação às categorias, destacamos os valores mais elevados em cada grupo:

**D** – P16 (4,42), P40 (4,42), P32 (4,42), P46 (4,37), P42 (4,32), P38 (4,32), P43 (4,32), P35 (4,32) e P2 (4,32);

**F** – P43 (5,17), P42 (5,00), P16 (4,83), P32 (4,83) e P49 (4,83);

**TP** – P38 (4,35), P16 (4,30), P46 (4,30), P35 (4,30), P40 (4,25) e P32 (4,25);

**TA** – P16 (4,28), P42 (4,22), P38 (4,15), P46 (4,12) e P40 (4,11).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 111 – Comparação entre grupos – Auto-percepção das CP genéricas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
2	Organização técnica e planeamento...	9,523	0,023*	D x TA	522,500	0,025*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente à categoria P2 (p=0,023).

A diferença significativa encontrada resultou da maior valorização por parte dos **D**. Em nossa opinião, a competência de organização técnica e planeamento de actividades é

uma tarefa que deverá estar mais associada à função de **D**, sendo normal portanto, que estes julguem possuir maior CP neste domínio.

De um modo geral, os vários grupos destacam a dimensão pessoal como a área onde possuem melhores CP, nomeadamente ao nível da “Auto-estima e auto-confiança”. Por outro lado, considerando a importância demonstrada anteriormente ao nível da traumatologia e socorrismo, é preocupante verificarmos que esta CP é a que apresenta maior fragilidade pela maior parte dos grupos.

### 6.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas

*Quadro 112 – Nível de auto-percepção das CP específicas - Canoagem*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Auto-percepção das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
54	Técnica entrada e saída caiaque...	4,61	5,05	5,33	4,80	4,41
55	Técnica de “remada” em todas...	4,48	5,11	5,17	4,55	4,27
51	Conhec./utiliz. diferentes embarc...	4,13	4,37	4,83	4,25	4,00
60	Identificar os riscos existentes...	3,96	4,63	4,67	4,25	3,68
58	Técnica utiliz. corda de resgate	3,73	4,37	4,67	4,10	3,42
53	Conhec./ rios com águas bravas	3,58	4,47	4,50	3,75	3,26
57	Técnica de salvamento “H e X”	3,57	3,84	4,67	3,80	3,37
52	Conhecim/. de hidrodinâmica	3,45	3,68	4,17	3,45	3,35
56	Técnica de “esquimotagem”	2,98	3,42	4,17	3,20	2,73
59	Técnicas construção embarc...	2,61	2,95	3,33	2,30	2,56
	<b>Médias</b>	<b>3,71</b>	<b>4,19</b>	<b>4,55</b>	<b>3,85</b>	<b>3,51</b>

Em termos gerais, as CP específicas mais valorizadas foram: “Técnica entrada/saída...” (4,61), “Técnica de “remada” (4,48), “Conhecimento e utilização...” (4,13), “Identificar os riscos...” (3,96) e “Técnica de utilização da corda...” (3,73).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,55) e os **TA** pela menos elevada (3,51).

Em relação às categorias, destacamos os valores mais elevados em cada grupo:

**D** – P55 (5,11), P54 (5,05), P60 (4,63), P53 (4,47), P51 (4,13) e P58 (3,73);

**F** – P54 (5,33), P55 (5,17), P51 (4,83), P60 (4,67), P58 (4,67) e P57 (4,67)

**TP** – P54 (4,80), P55 (4,55), P51 (4,25), P60 (4,25) e P58 (4,10);

**TA** – P54 (4,41), P55 (4,27), P51 (4,00), P60 (3,68) e P58 (3,42).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 113 – Comparação entre grupos – Auto-percepção das CP específicas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
60	Identificar os riscos existentes...	10,671	<b>0,014*</b>	D x TA	464,500	<b>0,006*</b>
55	Técnica de “remada” em todas..	11,616	<b>0,009*</b>	D x TP D x TA	120,500 450,000	<b>0,030*</b> <b>0,004*</b>
58	Técnica utiliz. corda de resgate	8,573	<b>0,036*</b>	D x TA	525,500	<b>0,028*</b>
54	Técnica entrada/saída caiaque..	10,668	<b>0,014*</b>	D x TA F x TA	501,000 121,500	<b>0,014*</b> <b>0,034*</b>
53	Conhec. rios com águas bravas	11,584	<b>0,009*</b>	D x TA	443,000	<b>0,004*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP específicas”, relativamente às seguintes categorias: P60 ( $p=0,014$ ), P55 ( $p=0,009$ ), P58 ( $p=0,036$ ), P54 ( $p=0,014$ ) e P53 ( $p=0,009$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre do maior nível de auto-percepção por parte dos **D** e menor por parte dos **TA**. Julgamos que as diferenças existentes ao nível da experiência profissional e experiência como praticante, poderão ter contribuído para um melhor domínio destas CP por parte dos **D**.

No entanto, as CP específicas mais destacadas foram também as mais destacadas na opinião dos vários grupos. Podemos ainda observar uma certa separação entre as CP mais essenciais, e num segundo plano surge o menor domínio das CP de maior nível de dificuldade, tais como, salvamentos e águas bravas.

### 6.5.3. Necessidades de Formação

#### 6.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas

Em termos gerais, podemos verificar no quadro 114 que as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas à área técnico-pedagógica. No entanto, destacamos a “Traumatologia e socorrismo” (1,63), o “Conhecimento dos locais...” (10,5), a “Integração de jovens...” (1,03), a “Actualização permanente...” (0,92) e a “Organização técnica...” (0,87).

Quadro 114 – Necessidades de formação genéricas - Canoagem

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de formação genéricas</u>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
9	Traumatologia e socorrismo	<b>1,63</b>	<b>1,53</b>	<b>1,33</b>	<b>1,80</b>	<b>1,64</b>
15	Conhecim/. locais prática	<b>1,05</b>	0,42	<b>0,50</b>	<b>1,05</b>	<b>1,23</b>
50	Integração jovens dificult...	<b>1,03</b>	<b>0,58</b>	<b>1,00</b>	<b>1,15</b>	<b>1,11</b>
45	Atualização permanente...	<b>0,92</b>	<b>0,68</b>	0,33	<b>1,15</b>	<b>0,96</b>
2	Organização técnica e plan...	<b>0,87</b>	-0,11	<b>0,50</b>	0,65	<b>1,19</b>
49	Avaliar praticantes e adeq...	0,86	0,26	<b>0,67</b>	<b>1,05</b>	<b>0,96</b>
40	Noções gerais de segurança	0,79	<b>0,47</b>	0,33	0,90	0,86
48	Dinâmicas de grupo	0,68	0,21	<b>0,50</b>	0,65	0,81
32	Domínio prático conteúdos...	0,63	0,37	0,33	0,50	0,74
35	Resolução de problemas	0,63	<b>0,53</b>	0,33	0,30	0,75
46	Capacidade tomar decisões...	0,63	0,32	0,33	0,50	0,75
38	Responsabilidade e sensib...	0,55	0,05	<b>0,50</b>	0,50	0,68
43	Ética moral e profissional	0,46	0,16	0,17	0,60	0,52
42	Saber ouvir outros proc cons	0,44	0,11	-0,17	0,50	0,56
16	Auto-estima e auto-confiança	0,25	-0,32	0,00	0,20	0,42
	<b>Médias</b>	<b>0,76</b>	<b>0,35</b>	<b>0,44</b>	<b>0,77</b>	<b>0,88</b>

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (0,88) e os **D** pela menor (0,35).

Em relação às categorias, destacamos as maiores necessidades em cada grupo:

**D** – P9 (1,53), P45 (0,68), P50 (0,58), P35 (0,53) e P40 (0,47);

**F** – P9 (1,33), P50 (1,00), P49 (0,67), P15 (0,50), P2 (0,50), P48 (0,50) e P38 (0,50);

**TP** – P9 (1,80), P50 (1,15), P45 (1,15), P15 (1,05) e P49 (1,05);

**TA** – P9 (1,64), P15 (1,23), P2 (1,19) e P50 (1,11), P45 (0,96) e P49 (0,96).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 115 – Comparação entre grupos – Necessidades de formação genéricas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
2	Organização técnica e planeamento...	14,352	<b>0,002*</b>	D x TA	367,000	<b>0,000*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação genéricas”, relativamente à categoria P2 ( $p=0,002$ ).

A diferença significativa encontrada resultou da maior necessidade de formação por parte dos **TA**. Uma vez que já tínhamos encontrado diferenças significativas entre estes grupos ao nível da auto-percepção, será normal obter este resultado. Como já referimos

anteriormente, esta CP está muito mais ajustada à função de **D** do que à função de **TA**. Por outro lado, a menor experiência profissional dos **TA** também poderá ter contribuído para esta situação.

Salientamos ainda que, as CP associadas às questões de segurança parecem revelar maiores necessidades de formação por parte dos técnicos de Canoagem, nomeadamente na “Traumatologia e socorrismo”. Por outro lado, as CP de dimensão pessoal parecem estar melhor consolidadas. Por último, a “Integração de jovens com dificuldades...”, traduz uma necessidade de formação ao nível social em todos os grupos.

### 6.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas

*Quadro 116 – Necessidades de formação específicas – Canoagem*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de formação específicas</u>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
56	Técnica de “esquimotagem”	<b>1,71</b>	<b>1,68</b>	<b>0,67</b>	<b>1,05</b>	<b>1,95</b>
57	Técnica de salvamento “H e X”	<b>1,44</b>	<b>1,42</b>	<b>0,33</b>	<b>1,20</b>	<b>1,58</b>
53	Conhec./ rios com águas bravas	<b>1,41</b>	<b>1,00</b>	0,17	<b>1,20</b>	<b>1,65</b>
59	Técnicas construção embarc...	<b>1,38</b>	0,79	0,00	<b>1,15</b>	<b>1,68</b>
58	Técnica utiliz. corda de resgate	<b>1,35</b>	<b>0,95</b>	<b>0,50</b>	0,80	<b>1,64</b>
60	Identificar os riscos existentes...	1,25	0,68	0,00	<b>1,05</b>	1,53
52	Conhecim/. de hidrodinâmica	1,05	0,89	<b>0,33</b>	0,55	1,26
51	Conhec./utiliz. diferentes embarc	0,90	<b>0,95</b>	<b>0,67</b>	0,50	1,01
55	Técnica de “remada” em todas..	0,63	0,26	0,17	0,60	0,75
54	Técnica entrada/saída caiaque..	0,43	0,11	0,00	-0,10	0,67
	<b>Médias</b>	<b>1,16</b>	<b>0,87</b>	<b>0,28</b>	<b>0,80</b>	<b>1,37</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação foram: “Técnica de esquimotagem” (1,71), “Técnica de salvamento H e X” (1,44), “Conhecimento dos rios...” (1,41), “Técnicas de construção...” (1,38) e “Técnica de utilização da corda...” (1,35).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (1,37) e os **F** pela menor (0,28).

Em relação às categorias, destacamos as maiores necessidades em cada grupo:

**D** – P56 (1,68), P57 (1,42), P53 (1,00), P58 (0,95) e P51 (0,95);

**F** – P56 (0,67), P51 (0,67), P58 (0,50), P57 (0,33) e P52 (0,33);

**TP** – P57 (1,20), P53 (1,20), P59 (1,15), P56 (1,05) e P60 (1,05);

**TA** – P56 (1,95), P59 (1,68), P53 (1,65), P58 (1,64) e P57 (1,58).



Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 117 – Comparação entre grupos – Necessidades de formação genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
54	Técnica entrada/saída caiaque..	9,446	<b>0,024*</b>	D x TA TP x TA	541,500 533,000	<b>0,036*</b> <b>0,014*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação específicas”, relativamente à categoria P54 ( $p=0,024$ ).

A diferença significativa encontrada resultou da maior necessidade de formação por parte dos **TA**. A “Técnica de entrada/saída do caiaque” é uma CP essencialmente técnica, dependendo claramente da experiência como praticante, e em parte da experiência profissional. Neste sentido, os valores mais baixos apresentados pelos **TA** parecem justificar este resultado.

Por outro lado, considerando os resultados anteriores, será também normal que as maiores necessidades de formação específicas estejam associadas às técnicas realizadas em “águas bravas” e às técnicas de salvamento, uma vez que requerem uma boa experiência. Este facto foi consensual e revelado em todos os grupos.

## 6.6. Síntese (Canoagem)

Encontrámos diferenças significativas em todas as variáveis estudadas. No entanto, na sub-variável “Importância das CP genéricas” não existem diferenças significativas. Estes resultados permitem aceitar as hipóteses 1 e 3 (na generalidade) e rejeitar a 2. Portanto, os técnicos de **Can** avaliam, sentem e valorizam a formação de forma diferenciada de acordo com a função desempenhada.

Em relação à formação realizada, o nível técnico dos formadores, os clubes e as empresas foram as categorias que obtiveram melhor avaliação.

O factor de desempenho mais valorizado foi a experiência como praticante, enquanto que a existência de guias de natureza qualificados nos parques naturais foi o pressuposto que reuniu maior concordância.

As funções profissionais revelaram ter um bom nível de concordância.

A traumatologia e socorrismo e o saber identificar situações de risco foram as CP mais valorizadas; enquanto que a auto-estima e auto-confiança e a técnica de entrada/saída do caiaque foram as CP que os técnicos julgam melhor possuir: Por último, as maiores necessidades de formação foram a traumatologia e socorrismo e a técnica de esquimotagem.

Os acidentes acontecem com maior frequência em águas aparentemente acessíveis (Rios de classe I), onde navegam principalmente os estreantes. É preciso conhecer o plano de água, estar seguro do material, estar consciente das capacidades físicas e técnicas. Isto pode parecer complexo, porém é este conhecimento global que permite praticar a canoagem nas melhores condições de segurança (Feuillete & Lutz, 1980).

O socorro e o resgate acontecem porque normalmente a prevenção falha. Neste caso, o tempo para resgatar uma vítima em perigo de afogamento é tão reduzido que de pouco vale um grande sistema de emergência com apoio externo. Se os técnicos responsáveis não possuírem conhecimentos de salvamento e 1<sup>os</sup> socorros para resgatar e socorrer a vítima no momento, tudo poderá ficar em causa (McKown, 1992; Graver, 2003).

Analisando o modelo de formação do Reino Unido (Newton, 2003), podemos verificar que a formação/certificação está organizada em cinco níveis de qualificação que correspondem a cinco níveis técnico-profissionais, e que estes estão associados por sua vez a cinco níveis de contextos de planos de água também diferenciados. Por outro lado, existem também pré-requisitos ao nível dos 1<sup>os</sup> socorros e da segurança e do auto-resgate.

A **Can** tem tido, nos últimos anos, um incremento considerável de praticantes devido em grande parte, à vertente do turismo náutico. Sem dúvida que este tipo de actividades não se devem circunscrever ao domínio da competição, porque esta será por natureza selectiva. Por outro lado, deverá ser efectuado um trabalho de base de modo a expandir e desenvolver a modalidade, tornando-a disponível para todos os interessados. Neste caso, os clubes e as empresas têm realizado um trabalho positivo ao nível da formação, enquanto que o papel da federação na área da formação foi considerado negativo de acordo com a opinião dos técnicos da nossa amostra.

## 7. Estudo da Especialidade de “Mergulho”

### 7.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Mergulho)

O estudo do perfil pessoal e sócio-profissional foi estruturado em duas análises: o perfil pessoal e o perfil sócio-profissional.

#### 7.1.1. Perfil Pessoal

Para caracterizar este perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Género”, “Idade”, “Habilitações literárias” e “Experiência como praticante”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

*Quadro 118 – Caracterização do perfil pessoal dos técnicos de Mergulho*

Variáveis	Categorias	Total (n=66)		D (n=22)		F (n=7)		TP (n=14)		TA (n=23)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Género</b>	<i>Masculino</i>	51	77,3	21	95,5	4	57,1	13	92,9	13	56,5
	<i>Feminino</i>	15	22,7	1	4,5	3	42,9	1	7,1	10	43,5
<b>Idade</b>	<i>Até 25</i>	13	19,7	1	4,5	1	14,3	3	21,4	8	34,8
	<i>26 – 35</i>	34	51,5	11	50,0	2	28,6	9	64,3	12	52,2
	<i>36 – 45</i>	16	24,2	7	31,8	4	57,1	2	14,3	3	13,0
	<i>46 +</i>	3	4,5	3	13,6	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	<i>Média (DP)</i>	<b>32,21</b>	(6,27)	<b>36,18</b>	(6,36)	33,71	(4,89)	30,29	(4,60)	<b>29,13</b>	(5,48)
	<i>(mín./máx.)</i>	22	47	25	47	23	37	24	39	22	41
<b>Habilitações literárias</b>	<i>Até 9ºano</i>	3	4,5	1	4,5	0	0,0	0	0,0	2	8,7
	<i>Secundário</i>	19	28,8	4	18,2	1	14,3	5	35,7	9	39,1
	<i>Bach./Licenc.</i>	44	66,7	17	77,3	6	85,7	9	64,3	12	52,2
	<i>Mestr./Doutor</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
<b>Experiência praticante</b>	<i>Média (DP)</i>	<b>4,06</b>	(0,91)	4,50	(0,86)	<b>4,71</b>	0,49	4,07	(0,92)	<b>3,43</b>	(0,66)
	<i>(mín./máx.)</i>	2	5	2	5	4	5	2	5	2	5

De um modo geral podemos verificar que, a maioria dos técnicos de Mergulho são do género “Masculino” (77,3%), apresentam uma média de “Idade” de 32,21 anos e classe modal “26-35 anos” (51,5%). Têm “Habilitações literárias” maioritariamente de nível superior (66,7%) e apresentam uma boa “Experiência como praticante” (4,06).

Do ponto de vista dos vários grupos, a grande maioria dos **D** (95,5%) e **TP** (92,9%) são do género “Masculino”, enquanto que nos **F** (57,1%) e **TA** (56,5%) a distribuição está mais equilibrada. Em relação à “Idade”, os **D** apresentam uma média maior (36,18 anos) com classe modal “26-35 anos” (50%), e por outro lado, os **TA** apresentam a menor média (29,13 anos) com classe modal “26-35 anos” (52,2%). Em termos de “Habilitações literárias”, todos os grupos apresentam maior representatividade na categoria

“Bacharel/Licenciatura” (D=77,3%, F=85,7%, TP=64,3% e TA=52,2%). Por último, podemos observar a maior “Experiência como praticante” por parte dos F (4,71) em detrimento dos TA (3,43).

### 7.1.2. Perfil Sócio-Profissional

Em relação ao perfil sócio-profissional do TDN, utilizámos as seguintes variáveis: “Profissão principal”, “Tipo de organização”, “Zona de trabalho”, “Nº anos na actividade” e “Níveis etários com que trabalha”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

**Quadro 119 – Caracterização do perfil sócio-profissional dos técnicos de Mergulho**

Variáveis	Categorias	Total (n=66)		D (n=22)		F (n=7)		TP (n=14)		TA (n=23)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Profissão principal	TDN	21	31,8	9	40,9	3	42,9	2	14,3	7	30,4
	Prof. EF	1	1,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	4,3
	Trab./Estud.	8	12,1	0	0,0	1	14,3	3	21,4	4	17,4
	Outras profiss.	36	54,5	13	59,1	3	42,9	9	64,3	11	47,8
Tipo de organização (DN)	Federação/Desp	1	1,5	1	4,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Assoc./Clubes	8	12,1	1	4,5	1	14,3	3	21,4	3	13,0
	Empresas	56	84,8	20	90,9	6	85,7	11	78,6	19	82,6
	Autarquias	1	1,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	4,3
	Estab. Ensino	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Zona trabalho	Norte	11	16,7	4	18,2	1	14,3	4	28,6	2	8,7
	Centro	5	7,6	1	4,5	0	0,0	2	14,3	2	8,7
	Lx e V. Tejo	33	50,0	13	59,1	3	42,9	6	42,9	11	47,8
	Alentejo	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	Algarve	8	12,1	2	9,1	0	0,0	1	7,1	5	21,7
	Ilhas (M/A)	9	13,6	2	9,1	3	42,9	1	7,1	3	13,0
Nº anos actividade	1 a 2	16	24,2	4	18,2	1	14,3	2	14,3	9	39,1
	3 a 6	23	34,8	2	9,1	4	57,1	7	50,0	10	43,5
	7 a 12	17	25,8	8	36,4	1	14,3	5	35,7	3	13,0
	13 +	10	15,2	8	36,4	1	14,3	0	0,0	1	4,3
	Média (DP) (mín./máx.)	6,76 1	(5,63) 30	10,64 1	(7,15) 30	6,00 1	3,74 13	5,36 2	(3,15) 11	4,13 1	(3,39) 13
Níveis com q trabalha	Crianças	8	12,1	4	18,2	1	14,3	1	7,1	2	8,7
	Jovens	21	31,8	11	50,0	3	42,9	2	14,3	5	21,7
	Adultos	63	95,5	21	95,5	7	100,0	14	100,0	21	91,3
	Seniores	8	12,1	7	31,8	1	14,3	0	0,0	0	0,0

De um modo geral podemos verificar que, os técnicos de Mergulho, têm como profissão predominante “Outras profissões” (54,5%) e “TDN” (31,8%), mas no âmbito do DN, desempenham a sua função com maior incidência nas “Empresas” (84,8%) da zona “Lisboa e V. Tejo” (50%). Em relação ao “Nº de anos de experiência na actividade”, apresentam uma média de 6,76 anos, com classe modal “3-6 anos” (34,8%). Por fim, a grande maioria trabalha preferencialmente com “Adultos” (95,5%).

Quanto à análise por grupos, podemos verificar que, a categoria “Outras profissões” é mais representada em todos os grupos (D=59,1%, F=42,9%, TP=64,3 e TA=47,8%), com a exceção nos **F** também representada pelos “TDN” (42,9%). Em relação ao tipo de organização onde trabalham, destacamos as “Empresas” em todos os grupos (D=90,9%, F=85,7%, TP=78,6 e TA=82,6%) e a zona de “Lisboa e V. Tejo” (D=59,1%, F=42,9%, TP=42,9 e TA=47,8%), acrescentando as “Ilhas” ao grupo dos **F** (42,9%). Em relação ao “Nº anos de experiência na actividade”, os **D** são os mais experientes, com uma média de 10,64 anos e classes modais “7-12 anos” e “13 ou + anos” (36,4%), enquanto que os **TA** são os menos experientes, com uma média de 4,13 anos e classe modal “3-6 anos” (43,5%). Por fim, podemos observar que, os “Adultos” são os principais destinatários em todos os grupos (D=95,5%, F=100%, TP=100% e TA=91,3%).

## 7.2. Formação Realizada (Mergulho)

Nesta dimensão, estudámos as seguintes sub-variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

### 7.2.1. Último Curso de Formação Realizado

*Quadro 120 – Avaliação do último curso de formação realizado – Mergulho*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Último curso de formação realizado	Média	Média	Média	Média	Média
10	Nível técnico dos formadores	4,41	4,67	4,33	4,00	4,57
11	Nível pedagógico formadores	4,34	4,22	4,67	4,31	4,43
6	Recursos pedagógico-didáticos	4,32	4,28	4,33	4,23	4,57
12	Razão formador / formando	4,30	4,22	4,33	4,31	4,43
4	Pertinência dos conteúdos programáticos	4,23	4,22	4,33	4,23	4,14
13	Satisfação geral	4,20	4,39	4,17	3,92	4,29
5	Metodologias de formação	4,09	4,06	4,50	3,85	4,29
3	Cumprimento dos objectivos propostos	4,02	4,06	3,83	4,08	4,00
8	Modelo de avaliação	3,70	3,78	3,50	3,62	3,86
7	Qualidade das instalações e equipamentos	3,55	3,28	3,33	3,69	4,14
1	Duração da componente teórica	3,50	3,39	3,50	3,46	3,86
2	Duração da componente prática	3,45	3,44	3,17	3,31	4,00
9	Acessibilidade (custo) formação	3,27	2,94	3,33	3,31	4,00
<b>Médias</b>		<b>3,95</b>	<b>3,92</b>	<b>3,95</b>	<b>3,87</b>	<b>4,20</b>

Em termos gerais, podemos destacar as categorias que obtiveram melhor avaliação (nível “bom” ou mais): “Nível técnico...” (4,41), “Nível pedagógico...” (4,34), “Recursos pedagógico-didáticos” (4,32), “Razão formador/formando” (4,30), “Pertinência dos

conteúdos...” (4,23), “Satisfação geral” (4,20), “Metodologias de formação” (4,09) e “Cumprimento dos objectivos...” (4,02). Por outro lado, a “Acessibilidade...da formação” obteve a avaliação mais baixa (3,27).

Quanto à análise por grupos, verificamos que a melhor avaliação média global foi atribuída pelos **TA** (4,20), enquanto que os **TP** atribuíram a mais baixa (3,87).

Gostaríamos de destacar também, as categorias melhor avaliadas em cada grupo:

**D** - P10 (4,67), P13 (4,39), P6 (4,28), P11 (4,22), P12 (4,22), P4 (4,22), P5 (4,06) e P3 (4,06);

**F** - P11 (4,67), P5 (4,50), P10 (4,33), P6 (4,33), P12 (4,33), P4 (4,33) e P13 (4,17);

**TP** - P11 (4,31), P12 (4,31), P6 (4,23), P4 (4,23), P3 (4,08) e P10 (4,00);

**TA** - P10 (4,57), P6 (4,57), P11 (4,43), P12 (4,43), P13 (4,29), P5 (4,29), P4 (4,14), P7 (4,14), P3 (4,00), P2 (4,00) e P9 (4,00).

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Último curso de formação realizado” (anexo 19).

Apesar de não existirem diferenças significativas entre os grupos, podemos salientar a melhor avaliação por parte dos **TA**. Por outro lado, consideramos natural que os **D** sejam mais exigentes perante as questões da formação, uma vez que a maioria dos cursos de formação no Mergulho deverão obedecer a um conjunto de normas internacionais pré-estabelecidas. Por outro lado, existe uma forte relação com o sector do turismo implicando uma maior preocupação a nível empresarial.

Esta situação, permite não só, uma certa uniformização a nível nacional e internacional, em que os praticantes e os técnicos ficam possuidores de uma certificação (cartão internacional e caderneta nacional), que lhes permitirá praticar a modalidade e/ou prosseguir na carreira de acordo com as respectivas normas e regulamentos.

Deste modo, podemos observar um certo consenso entre a avaliação geral e a avaliação efectuada pelos vários grupos, ou seja, a maioria das categorias obtiveram avaliações de nível “bom”, com excepção para a “Acessibilidade da formação” (que tem custos elevados) e para a “duração das componentes teórica e prática”.

## 7.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

*Quadro 121 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação – Mergulho*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Intervenção das organizações...	Média	Média	Média	Média	Média
6	<i>Empresas (privadas)</i>	<b>3,23</b>	<b>3,50</b>	<b>4,00</b>	<b>2,92</b>	<b>3,00</b>
5	<i>Clubes, Associações</i>	2,81	2,53	<b>3,43</b>	2,71	2,86
3	<i>Ensino Superior</i>	2,20	2,00	2,25	2,08	2,38
1	<i>Federação Desportiva (que tutela)</i>	1,91	1,89	2,50	1,58	1,95
4	<i>Ensino Secundário (desp. escolar)</i>	1,72	1,57	1,60	1,71	1,86
7	<i>Autarquias</i>	1,71	1,58	1,40	1,82	1,80
8	<i>INATEL</i>	1,57	1,27	1,00	1,73	1,75
2	<i>IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)</i>	1,45	1,23	1,00	1,18	1,81
	<b>Médias</b>	<b>2,08</b>	<b>1,95</b>	<b>2,15</b>	<b>1,97</b>	<b>2,18</b>

Em termos gerais, a avaliação da intervenção das organizações na área da formação, foi positiva apenas em relação às “Empresas” (3,23), enquanto que as restantes organizações foram avaliadas negativamente.

Quanto à análise por grupos, constatámos que as avaliações médias globais foram negativas, variando entre os **TA** (2,18) e os **D** (1,95).

Em relação às organizações, destacamos as avaliações positivas em cada grupo:

**D** – P6 (3,50);

**F** – P6 (4,00) e P5 (3,43);

**TP** - não existem organizações com avaliação positiva;

**TA** – P6 (3,00).

Assim, verificamos que as “Empresas” obtiveram quase sempre avaliações positivas por parte dos grupos (excepto nos TP - 2,92), enquanto que as restantes organizações obtiveram avaliações quase sempre negativas (com excepção dos “Clubes, Associações”, por parte dos F – 3,43), tendo o “IEFP”, obtido avaliações mais baixas em todos os grupos.

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Intervenção das organizações na área da formação” (anexo 19).

Apesar de não existirem diferenças significativas entre os grupos, podemos salientar positivamente as “Empresas” e negativamente as restantes organizações.

De facto, a grande maioria dos técnicos exercem a sua actividade nas “Empresas” (84,8%). Por outro lado, o elevado custo da formação, a prática da especialidade, a forte

procura do sector do turismo e as exigências financeiras, condicionam a intervenção das restantes organizações nesta área.

Salientamos ainda, a avaliação negativa atribuída à respectiva federação (FPAS), deixando-a numa posição bastante aquém do que seria desejável. De facto, a legislação na área do Mergulho recreativo não sofre alterações desde 1968, implicando que a FPAS tenha de recorrer à Marinha Portuguesa para regulamentar e certificar praticantes e monitores. Desta situação, resulta um certo travão e afastamento das empresas que acabam por recorrer a novas associações e escolas de formação. A situação actual é lamentável, uma vez que a FPAS apenas reconhece a *Confederação Mundial de Actividades Subaquáticas* (CMAS), não reconhecendo por exemplo a *Professional Association of Diving Instructors* (PADI), que é a mais utilizada no EUA e em Portugal.

### 7.3. Expectativas de Formação (Mergulho)

Nesta variável, efectuámos o estudo das seguintes sub-variáveis: “Factores de desempenho profissional” e “Pressupostos e estratégias de formação”.

#### 7.3.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 122 – Importância dos factores de desempenho na actividade – Mergulho*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Factores de desempenho na actividade	Média	Média	Média	Média	Média
1	<i>Experiência como praticante</i>	<b>4,86</b>	<b>5,23</b>	<b>4,86</b>	<b>4,79</b>	<b>4,57</b>
8	<i>Características pessoais</i>	<b>4,61</b>	<b>4,82</b>	<b>5,14</b>	<b>4,86</b>	<b>4,09</b>
3	<i>Participação em cursos / acções formação</i>	<b>4,32</b>	<b>4,55</b>	<b>4,29</b>	<b>4,64</b>	3,91
2	<i>Experiência da intervenção profissional</i>	<b>4,08</b>	<b>4,23</b>	3,29	<b>4,43</b>	<b>3,96</b>
7	<i>Observação de actividades e eventos...</i>	3,50	3,18	3,71	3,64	3,65
4	<i>Participação congressos e seminários</i>	3,36	3,32	3,86	3,79	3,00
5	<i>Leitura de livros/revistas especializadas</i>	3,32	3,41	3,43	3,93	2,83
6	<i>Formação académica</i>	3,08	2,91	3,29	3,21	3,09
	<b>Médias</b>	<b>3,89</b>	<b>3,96</b>	<b>3,98</b>	<b>4,16</b>	<b>3,64</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho profissional foram: “Experiência...praticante” (4,86), “Características pessoais” (4,61), “Participação em cursos...” (4,32) e “Experiência...intervenção profissional” (4,08).



Quanto à análise por grupos, podemos destacar uma maior valorização média por parte dos **TP** (4,16) e uma menor por parte dos **TA** (3,64).

Em relação aos factores, destacamos os mais importantes em cada grupo:

**D** - P1 (5,23), P8 (4,82), P3 (4,55) e P2 (4,23);

**F** - P8 (5,14), P1 (4,86) e P3 (4,29);

**TP** - P8 (4,86), P1 (4,79), P3 (4,64) e P2 (4,43);

**TA** - P1 (4,57), P8 (4,09) e P2 (3,96).

Deste modo, constatámos que a “Experiência como praticante” e as “Características pessoais”, foram considerados factores importantes por todos os grupos, enquanto que a “Observação de actividades...”, a “Participação em congressos...”, a “Leitura de livros...” e a “Formação académica” nunca o foram.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 123 - Comparação entre grupos - Factores de desempenho na actividade*

\*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann	Whitney	(p)
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	
8	<i>Características pessoais</i>	8,158	<b>0,043*</b>	D x TA F x TA	156,000 36,500	<b>0,022*</b> <b>0,026*</b>

*diferenças significativas*

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Factores de desempenho na actividade”, relativamente à categoria P8 ( $p=0,043$ ).

A diferença significativa encontrada resultou da menor valorização atribuída por parte dos **TA**. Como já referimos, a relação com o turismo é muito forte, e deste relacionamento (cativação de clientes), pode depender o sucesso das empresas. Por isso, apesar de as “Características pessoais” traduzirem uma preocupação para todos, cabe aos grupos **D**, **F** e **TP**, as maiores responsabilidades neste domínio.

Gostaríamos de salientar também a “Experiência como praticante”, uma vez que foi a mais valorizada globalmente e pela maior parte dos grupos. Estamos também na presença de uma actividade de risco elevado, onde é exigido um grande nível de conhecimentos.

### 7.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

**Quadro 124 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação - Mergulho**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Pressupostos e estratégias de formação	Média	Média	Média	Média	Média
6	A formação deverá considerar todos os níveis de qualificação...	2,00	2,09	2,14	2,14	1,78
7	A formação deverá ter uma predominância da componente...	1,88	1,95	2,14	1,71	1,83
8	Os modelos de formação utilizados noutros países com mais...	1,82	2,27	2,14	1,29	1,61
16	Os parques naturais deverão possuir “guias de natureza”...	1,70	1,91	2,00	1,50	1,52
1	A frequência de A.F. de reciclagem/actualização deverá ser...	1,62	1,68	1,86	1,43	1,61
11	Será necessário definir a progressão da carreira do técnico...	1,62	1,59	1,57	2,21	1,30
9	A formação deverá assentar em vários níveis de competências...	1,58	1,36	1,43	2,14	1,48
3	As federações desportivas deverão promover formação...	1,55	1,55	1,71	1,07	1,78
10	Os modelos de formação deverão contemplar duas vertentes...	1,55	1,59	1,57	2,00	1,22
15	Somente as empresas privadas que cumprem requisitos legais...	1,36	1,32	1,43	1,43	1,35
2	O Estado deverá ser responsável pela regulamentação...	1,29	1,23	1,29	1,50	1,22
14	O Estado deverá ter iniciativa para reunir com as várias...	1,23	1,05	0,71	1,14	1,61
5	Formação deverá ser mais abrangente de modo a sustentar...	1,21	1,27	1,29	1,29	1,09
12	IEFP deverá promover formação profissional de técnicos à...	0,86	0,45	0,86	1,07	1,13
4	Só entidades acreditadas pelo Estado deverão promover form...	0,47	-0,41	1,00	0,71	1,00
13	Organizações responsáveis p/formação deverão adoptar prog...	0,65	0,73	0,57	0,50	0,70

Em termos gerais, podemos destacar 9 (nove) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), entre os técnicos de Mergulho, a saber: P6 (2,00), P7 (1,88), P8 (1,82), P16 (1,70), P1 (1,62), P11 (1,62), P9 (1,58), P3 (1,55) e P10 (1,55). As restantes estratégias carecem em nossa opinião de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Podemos verificar que os **D** e os **F** são mais favoráveis face às estratégias apresentadas, em relação aos **TP** e aos **TA**.

Quanto à análise por grupos, podemos destacar o seguinte:

**D** - P6, P7, P8, P16, P1, P11, P3 e P10;

**F** - P6, P7, P8, P16, P1, P11, P3 e P10;

**TP** - P6, P7, P16, P11, P9, P10 e P2;

**TA** - P6, P7, P8, P16, P1, P3 e P14.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 125 – Comparação entre grupos - Pressupostos e estratégias de formação**

P	KRUSKAL WALLIS		Mann Whitney			
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
8	Os modelos de formação utilizados noutros países com mais...	8,669	0,034*	D x TP D x TA	80,000 161,000	0,012* 0,026*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente à categoria P8 ( $p=0,034$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram do maior nível de concordância por parte dos **D** em relação aos restantes grupos. Com já referimos anteriormente, a formação no Mergulho recreativo obedece as normas internacionais e que são obviamente utilizadas há muitos anos noutros países (exemplo: CMAS e PADI). Deste modo, considerando que os **D** apresentam maior experiência profissional, e que consequentemente, possam conhecer melhor outras realidades estrangeiras, poderá justificar os resultados obtidos.

Deste modo, de acordo com a opinião dos grupos, a formação deverá considerar todos os níveis de qualificação profissional e deverá ter uma predominância da componente prática. Em relação aos parques naturais, será importante considerar a intervenção dos guias de natureza.

#### 7.4. Funções Profissionais (Mergulho)

*Quadro 126 – Concordância com as funções profissionais – Mergulho*

P	Variável	Total	D	F	TP	TA
	<b>Funções profissionais</b>	Média	Média	Média	Média	Média
1	<b><i>Dirigente</i></b> – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige técnicos, actividades...	2,33	2,36	2,29	2,50	2,22
4	<b><i>Técnico auxiliar</i></b> – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento técnico e desenv...	2,32	2,36	2,29	2,43	2,22
3	<b><i>Técnico principal</i></b> – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É responsável pelos pratic...	2,23	2,23	2,00	2,36	2,22
2	<b><i>Formador</i></b> – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros técnicos. Desenvolve...	2,21	2,32	2,43	2,21	2,04
	<b>Médias</b>	<b>2,27</b>	<b>2,32</b>	<b>2,25</b>	<b>2,38</b>	<b>2,18</b>

Em termos gerais, verificamos que todas as funções profissionais definidas no quadro anterior reúnem um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **D** (2,33).

Quanto à análise por grupos, podemos observar também que, existem níveis médios globais de concordância aceitável, com destaque para a opinião dos **TP** (2,38).

Os restantes valores a partir de “2,00” (concordo), levam-nos a julgar que existe um bom nível de concordância em relação às funções profissionais.

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na variável “Funções profissionais” (anexo 19).

Uma vez que não existem diferenças significativas e que todas as funções apresentam um bom nível de concordância em todos os grupos, consideramos que a definição destas funções profissionais na especialidade do Mergulho (recreativo) devem ser reconhecidas e utilizadas no futuro.

Estes resultados, reforçam bem que uma sólida estrutura e organização dos processos de formação, promovem uma melhor estabilidade na progressão das carreiras profissionais. Um factor importante a considerar é também o reconhecimento internacional que os modelos e os cursos de formação têm na actividade do Mergulho recreativo. Deste modo, julgamos que será normal que os vários grupos de técnicos sejam conhecedores e conscientes das diferentes funções profissionais e correspondentes atribuições que lhes estão adjacentes.

## **7.5. Competências Profissionais (Mergulho)**

Nesta dimensão utilizámos três variáveis: a “Importância das CP”, a “Auto-percepção das CP” e as “Necessidades de formação”. Em cada variável, estudámos as sub-variáveis “CP genéricas” e as “CP específicas”.

### **7.5.1. Importância das Competências Profissionais**

#### **7.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas**

Em termos gerais, podemos verificar no quadro 127, que as CP mais valorizadas estão associadas à dimensão pessoal. No entanto, destacamos o “Domínio prático...” (5,44), a “Capacidade para tomar decisões” (5,42), as “Noções gerais de segurança” (5,41), a “Responsabilidade e sensibilidade” (5,39) e a “Actualização permanente...” (5,38).

Quadro 127 – Importância das CP genéricas – Mergulho

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
32	Domínio prático conteúdos específicos (s.f.)	5,44	5,36	5,71	5,71	5,26
46	Capacidade para tomar decisões	5,42	5,50	5,57	5,36	5,35
40	Noções gerais de segurança	5,41	5,18	5,71	5,71	5,35
38	Responsabilidade e sensibilidade	5,39	5,14	5,86	5,64	5,35
45	Actualização permanente conhecimentos	5,38	5,45	6,00	5,21	5,22
43	Ética moral e profissional	5,32	5,09	5,86	5,00	5,57
15	Conhecimentos dos locais de prática	5,27	5,18	5,86	5,00	5,35
49	Avaliar os praticantes e adequar activid...	5,27	4,95	5,86	5,14	5,48
31	Domínio da expressão língua estrangeira...	5,26	5,27	5,71	4,93	5,30
9	Traumatologia e socorrismo	5,23	5,09	5,29	5,21	5,35
35	Resolução de problemas	5,20	4,95	5,71	5,14	5,30
16	Auto-estima e auto-confiança	5,18	5,14	5,43	5,14	5,17
33	Planificação, condução e avaliação activ...	5,14	5,00	5,86	5,14	5,04
8	Utilização atitude, positiva, aberta, dem...	5,14	5,14	5,00	5,14	5,17
12	Criatividade e espírito de iniciativa	5,12	5,18	5,14	4,86	5,22
	Médias	5,28	5,17	5,64	5,22	5,30

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela maior valorização média global (5,64) e os **D** pela menor (5,17).

Em relação às categorias, destacamos as mais importantes para cada grupo:

**D** – P46 (5,50), P45 (5,45), P32 (5,36), P40 (5,18), P15 (5,18) e P12 (5,18);

**F** – P45 (6,00), P38 (5,86), P43 (5,86), P49 (5,86) e P33 (5,86);

**TP** – P32 (5,71), P40 (5,71), P38 (5,64), P46 (5,36), P45 (5,21) e P9 (5,21);

**TA** – P43 (5,57), P49 (5,48), P46 (5,35), P40 (5,35), P38 (5,35), P15 (5,35) e P9 (5,35).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 128 – Comparação entre grupos - Importância das CP genéricas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann	Whitney	(p)
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	
49	Avaliar os praticantes e adequar actividades	9,411	0,024*	D x F D x TA F x TP	32,000 164,500 23,500	0,014* 0,029* 0,034*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP genéricas”, relativamente à categoria P49 (p=0,024).

As diferenças significativas encontradas resultaram da maior valorização por parte dos **F** e menor por parte dos **D**. Mais uma vez consideramos que, o exercício de uma actividade profissional, exige um perfil de competências que deve ser adequado às funções e tarefas desempenhadas. Neste caso, a competência para “Avaliar os praticantes e adequar

as actividades ao seu nível” parece-nos que não será uma CP prioritária para os **D**, ao contrário do que deverá acontecer com os restantes grupos, principalmente para os responsáveis pela formação.

Do ponto de vista geral, também podemos observar esta tendência. No entanto, as CP associadas ao saber fazer, saber tomar decisões, segurança e responsabilidade, parecem ser as principais preocupações dos técnicos na medida em que o risco na actividade é elevado.

### 7.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas

*Quadro 129 – Importância das CP específicas – Mergulho*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
53	<i>Mergulho de controlo de fluabilidade</i>	5,77	5,86	6,00	5,79	5,61
59	<i>Socorrismo e “suporte básico de vida”</i>	5,71	5,73	6,00	5,64	5,65
58	<i>Salvamento e resgate aquático e sub-aq...</i>	5,62	5,59	6,00	5,50	5,61
51	<i>Mergulho em profundidade (mais 18 m)</i>	5,52	5,55	5,71	5,50	5,43
55	<i>Mergulho de orientação</i>	5,32	5,32	5,57	5,43	5,17
54	<i>Mergulho nocturno</i>	5,21	5,00	5,43	5,36	5,26
56	<i>Conhecimentos de marés e correntes mar.</i>	5,21	5,14	6,00	4,86	5,26
57	<i>Conhecimentos da fauna e flora marítima</i>	5,05	4,91	5,57	4,43	5,39
52	<i>Mergulho em naufrágio</i>	5,00	4,68	5,29	5,07	5,17
60	<i>Condução de embarcações (barcos apoio)</i>	4,52	4,32	5,29	4,00	4,78
	<b>Médias</b>	<b>5,29</b>	<b>5,21</b>	<b>5,69</b>	<b>5,16</b>	<b>5,33</b>

Em termos gerais, as CP específicas mais valorizadas foram: “Mergulho de controlo...” (5,77), “Socorrismo e SBV” (5,71), “Salvamento e resgate...” (5,62), “Mergulho em profundidade” (5,52) e “Mergulho de orientação” (5,32).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela maior valorização média global (5,69) e os **TP** pela menor (5,16).

Em relação às categorias, destacamos as mais importantes em cada grupo:

**D** – P53 (5,86), P59 (5,73), P58 (5,59), P51 (5,55) e P55 (5,32);

**F** – P53 (6,00), P59 (6,00), P58 (6,00), P56 (6,00) e P51 (5,71);

**TP** – P53 (5,79), P59 (5,64), P58 (5,50), P51 (5,50) e P55 (5,43);

**TA** – P59 (5,65), P53 (5,61), P58 (5,61), P51 (5,43) e P57 (5,39).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 130 – Comparação entre grupos - Importância das CP específicas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
56	Conhecimentos de marés e correntes marítimas	8,814	0,032*	D x F	35,000	0,015*
				F x TP	14,000	0,004*
				F x TA	35,000	0,012*
57	Conhecimentos da fauna e flora marítima	15,367	0,002*	D x F	37,500	0,020*
				D x TA	153,500	0,014*
				F x TP	15,500	0,008*
				TP x TA	69,500	0,002*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP específicas”, relativamente às seguintes categorias: P56 ( $p=0,032$ ) e P57 ( $p=0,002$ ).

As diferenças significativas encontradas na P56 resultaram sempre da maior valorização por parte dos **F**, considerando que o nível de conhecimentos na sua área de intervenção deverá ser superior em relação aos restantes grupos. Neste caso, tratando-se de uma questão de segurança, foi natural que tivessem sido obtidos estes resultados.

Em relação à P57, reforçamos também a situação anterior dos **F** e ainda a possível curiosidade e o interesse característico dos **TA** que apresentam menor experiência.

Gostaríamos de salientar ainda que, as técnicas de mergulho mais essenciais e as questões associadas ao socorro e resgate confirmam novamente a preocupação consensual dos técnicos de Mergulho para as questões de segurança na actividade.

## 7.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais

### 7.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

Em termos gerais, podemos verificar no quadro 131, que as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados foram: “Conhecimentos dos locais...” (4,50), “Utilização atitude positiva...” (4,47), “Domínio...língua estrangeira...” (4,44), ” Capacidade...tomar decisões” (4,42), “Noções gerais de segurança” (4,36) e “Criatividade e espírito de iniciativa” (4,36).

Quadro 131 – Auto-percepção das CP genéricas – Mergulho

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Auto-percepção das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
15	Conhecimentos dos locais de prática	4,50	4,95	5,00	4,14	4,13
8	Utilização atitude positiva, aberta, democr...	4,47	4,73	4,57	4,57	4,13
31	Domínio da expressão língua estrangeira...	4,44	4,68	4,43	4,57	4,13
46	Capacidade para tomar decisões	4,42	4,68	4,86	4,21	4,17
40	Noções gerais de segurança	4,36	4,59	4,57	4,57	3,96
12	Criatividade e espírito de iniciativa	4,36	4,32	4,57	4,36	4,35
43	Ética moral e profissional	4,35	4,59	4,71	4,21	4,09
49	Avaliar os praticantes e adequar actividades	4,30	4,41	4,71	4,36	4,04
38	Responsabilidade e sensibilidade	4,29	4,55	5,00	4,36	3,78
35	Resolução de problemas	4,29	4,64	5,00	4,14	3,83
.9	Traumatologia e socorrismo	4,27	4,50	4,71	4,07	4,04
32	Domínio prático conteúdos específicos (s.f.)	4,23	4,68	5,14	4,21	3,52
16	Auto-estima e auto-confiança	4,21	4,73	5,00	4,36	3,39
45	Actualização permanente dos conhecimentos	4,06	4,32	4,71	3,93	3,70
33	Planificação, condução e avaliação de activ.	3,86	4,36	4,29	3,86	3,26
	<b>Médias</b>	<b>4,29</b>	<b>4,58</b>	<b>4,75</b>	<b>4,26</b>	<b>3,90</b>

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,75) e os **TA** pela menos elevada (3,90).

Em relação às categorias, destacamos os valores mais elevados em cada grupo:

**D** - P15 (4,95), P8 (4,73), P16 (4,73), P31 (4,68), P46 (4,68) e “P32 (4,68);

**F** – P32 (5,14), P15 (5,00), P38 (5,00), P35 (5,00) e P16 (5,00);

**TP** – P8 (4,57), P31 (4,57), P40 (4,57), P12 (4,36), P49 (4,36), P38 (4,36) e P16 (4,36);

**TA** – P12 (4,35), P46” (4,17), P15 (4,13), P8 (4,13) e P31 (4,13).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 132 – Comparação entre grupos - Auto-percepção das CP genéricas

P	KRUSKAL WALLIS	
	Categorias	(p)
15	Conhecimentos dos locais de prática	0,008*
16	Auto-estima e auto-confiança	0,000*
46	Capacidade para tomar decisões	0,057
40	Noções gerais de segurança	0,054
38	Responsabilidade e sensibilidade	0,012*
35	Resolução de problemas	0,023*
32	Domínio prático conteúdos específicos (s.f.)	0,001*
33	Planificação, condução e avaliação...	0,018*

\* diferenças significativas



**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P15 ( $p=0,008$ ), P16 ( $p=0,000$ ), P32 ( $p=0,001$ ), P33 ( $p=0,001$ ), P35 ( $p=0,023$ ) e P38 ( $p=0,012$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Por outro lado, uma vez que as categorias P40 ( $p=0,054$ ) e P46 ( $p=0,057$ ) apresentaram valores próximos do nível de significância, optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando as seguintes diferenças significativas: P40, **D x TA** ( $p=0,016$ ) e **TP x TA** ( $p=0,035$ ); P46, **D x TP** ( $p=0,047$ ) e **D x TA** ( $p=0,031$ );

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre do maior nível de auto-percepção por parte dos **D** e **F**, e menor por parte dos **TA**. Julgamos que o exercício das funções de **D** e **F** implica uma maior exigência ao nível das CP genéricas. Deste modo, se aliarmos a menor experiência dos **TA**, consideramos natural que estes julguem possuir menores CP quando comparados com os restantes grupos. O facto de existirem diferenças significativa na maioria das CP genéricas, pressupõe que os vários grupos de técnicos possuem diferentes perfis de CP.

No entanto, podemos salientar uma certa predisposição para as questões de segurança e para as relações interpessoais, com particular ênfase para a relação com clientes (estrangeiros) reforçada pelo domínio da língua estrangeira.

### 7.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas

*Quadro 133 – Auto-percepção das CP específicas – Mergulho*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Auto-percepção das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
53	<i>Mergulho de controlo de flutuabilidade</i>	<b>5,23</b>	<b>5,59</b>	<b>5,86</b>	<b>5,07</b>	<b>4,78</b>
54	<i>Mergulho nocturno</i>	<b>4,92</b>	<b>5,18</b>	<b>5,43</b>	<b>5,29</b>	4,30
51	<i>Mergulho em profundidade (mais 18 m)</i>	<b>4,89</b>	5,05	<b>5,71</b>	<b>5,00</b>	<b>4,43</b>
59	<i>Socorrismo e “suporte básico de vida”</i>	<b>4,86</b>	<b>5,18</b>	<b>5,29</b>	4,50	<b>4,65</b>
55	<i>Mergulho de orientação</i>	<b>4,83</b>	<b>5,14</b>	<b>5,29</b>	<b>4,86</b>	<b>4,39</b>
58	<i>Salvamento e resgate aquático e sub-aquático</i>	<b>4,83</b>	<b>5,18</b>	<b>5,57</b>	4,43	<b>4,52</b>
52	<i>Mergulho em naufrágio</i>	4,59	4,77	<b>5,29</b>	<b>4,57</b>	4,22
56	<i>Conhecimentos de marés e correntes mar.</i>	4,33	4,59	5,00	3,86	4,17
57	<i>Conhecimentos da fauna e flora marítima</i>	4,05	4,27	4,57	3,50	4,00
60	<i>Condução de embarcações (barcos apoio)</i>	3,64	3,68	3,29	3,36	3,87
	<b>Médias</b>	<b>4,62</b>	<b>4,86</b>	<b>5,13</b>	<b>4,44</b>	<b>4,33</b>

Em termos gerais, as CP específicas com melhores níveis de auto-percepção foram: “Mergulho de controlo de fluutuabilidade” (5,23), “Mergulho nocturno” (4,92), “Mergulho em profundidade” (4,89), “Socorrismo e SBV” (4,86), “Mergulho de orientação” (4,83), “Salvamento e resgate...” (4,83).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (5,13) e os **TA** pela menos elevada (4,33).

Em relação às categorias, destacamos os valores mais elevados em cada grupo:

**D** – P53 (5,59), P54 (5,18), P59 (5,18), P58 (5,18) e P55 (5,14);

**F** – P53 (5,86), P51 (5,71), P58 (5,57) e P54 (5,43), P59 (5,29), P55 (5,29) e P52 (5,29);

**TP** – P54 (5,29), P53 (5,07), P51 (5,00), P55 (4,86) e P52 (4,57);

**TA** – P53 (4,78), P59 (4,65), P58 (4,52), P51 (4,43) e P55 (4,39)

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 134 – Comparação entre grupos - Auto-percepção das CP específicas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
53	Mergulho de controlo de fluutuabilidade	18,121	<b>0,000*</b>
54	Mergulho nocturno	18,887	<b>0,000*</b>
51	Mergulho em profundidade (mais 18 m)	12,888	<b>0,005*</b>
59	Socorrismo e “suporte básico de vida”	8,541	<b>0,036*</b>
55	Mergulho de orientação	11,045	<b>0,001*</b>
58	Salvamento e resgate aquático e sub-aquático	14,920	<b>0,002*</b>
52	Mergulho em naufrágio	8,556	<b>0,036*</b>
56	Conhecimentos de marés e correntes marítimas	7,649	0,054
57	Conhecimentos da fauna e flora marítima	9,891	<b>0,020*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP específicas”, e nas categorias: P51 (p=0,005), P52 (p=0,036), P53 (p=0,000), P54 (p=0,000), P55 (p=0,001), P56 (p=0,020), P58 (p=0,002), P59 (p=0,036).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Por outro lado, uma vez que a categoria P56 apresentou um valor próximo do nível de significância (p=0,054), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre: **F** x **TP** (p=0,026) e **F** x **TA** (p=0,042).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre do maior nível de auto-percepção por parte dos **D** e **F**, e menor por parte dos **TA**. Também em relação às CP específicas, a situação entre os grupos é muito semelhante às CP genéricas, ou seja, a

influência da função desempenhada e a experiência de cada grupo, poderá explicar os resultados obtidos. Em nossa opinião, o facto de ser habitual encontrar **D** com elevada experiência como praticante e ainda experiência (anterior) ao nível da intervenção técnico-pedagógica, poderá ter contribuído para um bom domínio das CP específicas apresentadas.

No entanto, em termos gerais, destacamos o domínio dos vários mergulhos técnicos que correspondem ao *Advanced Open Water* (2º nível de mergulho recreativo), nomeadamente, o “Mergulho de controlo de fluutuabilidade” e o “Mergulho de orientação” que foram destacados por todos os grupos.

### 7.5.3. Necessidades de Formação

#### 7.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas

*Quadro 135 – Necessidades de formação genéricas – Mergulho*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<b>Necessidades de formação genéricas</b>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
45	<i>Actualização permanente dos conhecimentos</i>	<b>1,32</b>	<b>1,14</b>	<b>1,29</b>	<b>1,29</b>	<b>1,52</b>
33	<i>Planificação, condução e avaliação de activ.</i>	<b>1,27</b>	<b>0,64</b>	<b>1,57</b>	<b>1,29</b>	<b>1,78</b>
32	<i>Domínio prático conteúdos específicos (s.f.)</i>	<b>1,21</b>	<b>0,68</b>	0,57	<b>1,50</b>	<b>1,74</b>
38	<i>Responsabilidade e sensibilidade</i>	<b>1,11</b>	0,59	0,86	<b>1,29</b>	<b>1,57</b>
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	<b>1,05</b>	0,59	<b>1,14</b>	<b>1,14</b>	1,39
46	<i>Capacidade para tomar decisões</i>	1,00	<b>0,82</b>	0,71	<b>1,14</b>	1,17
43	<i>Ética moral e profissional</i>	0,97	0,50	<b>1,14</b>	0,79	1,48
49	<i>Avaliar os praticantes e adequar actividades</i>	0,97	0,55	<b>1,14</b>	0,79	1,43
16	<i>Auto-estima e auto-confiança</i>	0,97	0,41	0,43	0,79	<b>1,78</b>
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	0,95	0,59	0,57	<b>1,14</b>	1,30
35	<i>Resolução de problemas</i>	0,91	0,32	0,71	1,00	1,48
31	<i>Domínio da expressão língua estrangeira...</i>	0,82	0,59	<b>1,29</b>	0,36	1,17
15	<i>Conhecimentos dos locais de prática</i>	0,77	0,23	0,86	0,86	1,22
12	<i>Criatividade e espírito de iniciativa</i>	0,76	<b>0,86</b>	0,57	0,50	0,87
8	<i>Utilização atitude, positiva, aberta, democr...</i>	0,67	0,41	0,43	0,57	1,04
	<b>Médias</b>	<b>0,98</b>	<b>0,59</b>	<b>0,89</b>	<b>0,96</b>	<b>1,40</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas às áreas técnico-pedagógica e pessoal. Deste modo, destacamos a “Actualização permanente...” (1,32), a “Planificação, condução...” (1,27), o “Domínio prático...” (1,21), a “Responsabilidade e sensibilidade” (1,11) e as “Noções gerais de segurança” (1,05),

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (1,40) e os **D** pela menor (0,59).

Em relação às categorias, destacamos as maiores necessidades em cada grupo:

**D** – P45 (1,14), P12 (0,86), P46 (0,82), P32 (0,68) e P33 (0,64);

**F** – P33 (1,57), P45 (1,29), P31 (1,29), P40 (1,14), P43 (1,14) e P49 (1,14);

**TP** – P32 (1,50), P45 (1,29), P33 (1,29), P38 (1,29), P40 (1,14), P43 (1,14) e P49 (1,14);

**TA** – P33 (1,78), P16 (1,78), P32 (1,74), P38 (1,57) e P45 (1,52).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 136 – Comparação entre grupos – Necessidades de formação genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
33	Planificação, condução e avaliação...	9,275	<b>0,026*</b>
32	Domínio prático conteúdos específicos	11,981	<b>0,007*</b>
38	Responsabilidade e sensibilidade	10,797	<b>0,013*</b>
49	Avaliar os praticantes e adequar...	8,585	<b>0,035*</b>
16	Auto-estima e auto-confiança	16,879	<b>0,001*</b>
9	Traumatologia e socorrismo	8,012	<b>0,046*</b>
35	Resolução de problemas	12,338	<b>0,006*</b>
31	Domínio... numa língua estrangeira	8,701	<b>0,034*</b>
15	Conhecimentos dos locais de prática	11,584	<b>0,009*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P9 (p=0,046), P15 (p=0,009), P16 (p=0,001), P31 (p=0,034), P32 (p=0,007), P33 (p=0,026), P35 (p=0,006), P38 (p=0,013) e P49 (p=0,035).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre das menores necessidades de formação por parte dos **D** e **F**, e maiores por parte dos **TA**. Julgamos que estes resultados seriam previsíveis tendo em conta os resultados obtidos ao nível valorização (apenas uma diferença significativa) e da auto-percepção (maioria com diferenças significativas) das respectivas CP. Deste modo, tornámos a encontrar diferenças na maioria das CP genéricas. No entanto, destacamos a “Actualização permanente de conhecimentos” e a “Planificação, condução e avaliação de actividades” como as CP que apresentam maiores necessidades de formação. Em nossa opinião, a constante evolução dos equipamentos e a maior procura de formação no mergulho recreativo, resulta numa maior concorrência e qualidade da oferta de produtos e serviços.

Neste sentido, reforçamos mais uma vez a ideia de que, os modelos de formação devem assentar em diferentes níveis de formação, devidamente organizados, de forma a

permitir a progressão e o reconhecimento na carreira dos técnicos como acontece na especialidade de Mergulho (recreativo).

### 7.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas

*Quadro 137 – Necessidades de formação específicas – Mergulho*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de formação específicas</u>	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC	Dif. IC-APC
57	Conhecimentos da fauna e flora marítima	<b>1,00</b>	<b>0,64</b>	<b>1,00</b>	<b>0,93</b>	<b>1,39</b>
56	Conhecimentos de marés e correntes mar.	<b>0,88</b>	<b>0,55</b>	<b>1,00</b>	<b>1,00</b>	<b>1,09</b>
60	Condução de embarcações (barcos apoio)	<b>0,88</b>	<b>0,64</b>	<b>2,00</b>	0,64	0,91
59	Socorrismo e “suporte básico de vida”	<b>0,85</b>	<b>0,55</b>	<b>0,71</b>	<b>1,14</b>	<b>1,00</b>
58	Salvamento e resgate aquático e sub-aq...	<b>0,79</b>	0,41	<b>0,43</b>	<b>1,07</b>	<b>1,09</b>
51	Mergulho em profundidade (mais 18 m)	0,62	<b>0,50</b>	0,00	0,50	<b>1,00</b>
53	Mergulho de controlo de flutuabilidade	0,55	0,27	0,14	<b>0,71</b>	0,83
55	Mergulho de orientação	0,48	0,18	0,29	0,57	0,78
52	Mergulho em naufrágio	0,41	-0,09	0,00	0,50	0,96
54	Mergulho nocturno	0,29	-0,18	0,00	0,07	0,96
	<b>Médias</b>	<b>0,68</b>	<b>0,35</b>	<b>0,56</b>	<b>0,71</b>	<b>1,00</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação específicas foram: “Conhecimentos da fauna...” (1,00), “Conhecimentos de marés...” (0,88), “Condução de embarcações...” (0,88), “Socorrismo e SBV” (0,85) e “Salvamento e resgate...” (0,79).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (1,00) e os **D** pela menor (0,35).

Em relação às categorias, destacamos as maiores necessidades em cada grupo:

**D** – P57 (0,64), P60 (0,64), P56 (0,55), P59 (0,55) e P51 (0,50);

**F** – P60 (2,00), P57 (1,00), P56 (1,00), P59 (0,71) e P58 (0,43);

**TP** – P59 (1,14), P58 (1,07), P56 (1,00), P57 (0,93) e P53 (0,71);

**TA** – P57 (1,39), P56 (1,09), P58 (1,09), P59 (1,00) e P51 (1,00).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 138 – Comparação entre grupos - Necessidades de formação específicas*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
58	Salvamento e resgate aquático e sub-aquático	8,813	<b>0,032*</b>	D x TA F x TA	152,000 43,000	<b>0,014*</b> <b>0,045*</b>
53	Mergulho de controlo de flutuabilidade	9,836	<b>0,020*</b>	D x TA F x TA	148,500 37,500	<b>0,009*</b> <b>0,021*</b>
52	Mergulho em naufrágio	12,910	<b>0,005*</b>	D x TA F x TA	108,000 35,500	<b>0,001*</b> <b>0,018*</b>
54	Mergulho nocturno	12,785	<b>0,005*</b>	D x TA F x TA TP x TA	119,000 38,500 91,500	<b>0,001*</b> <b>0,032*</b> <b>0,022*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação específicas”, relativamente às seguintes categorias: P52 ( $p=0,005$ ), P53 ( $p=0,020$ ), P54 ( $p=0,005$ ) e P58 ( $p=0,032$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre das menores necessidades de formação por parte dos **D** e **F**, e maiores por parte dos **TA**. A justificação para estes resultados poderá ser semelhante às explicações anteriores, ou seja, a menor experiência a todos os níveis dos **TA** implica, naturalmente, menores CP e consequentemente, maiores necessidades de formação também ao nível das CP específicas. No caso do Mergulho recreativo, o principal pré-requisito para evoluir e aceder a outros níveis de formação, assenta fundamentalmente na experiência como praticante contabilizada através no número de mergulhos efectuados. Esta situação poderá explicar as diferenças encontradas entre os vários grupos de técnicos.

Por outro lado, as maiores necessidades de formação específicas estão associadas ao envolvimento da actividade (fauna, flora, marés, correntes) e a conhecimentos complementares, como é o caso da “Condução de embarcações”, uma vez que normalmente esta tarefa é efectuada por outras pessoas contratadas para esse efeito.

## **7.6. Síntese (Mergulho)**

Encontrámos diferenças significativas na maioria das variáveis estudadas. No entanto, nas sub-variáveis “Último curso de formação realizado”, “Intervenção das organizações na área da formação” e “Funções profissionais” existem diferenças significativas. Estes resultados permitem aceitar a hipótese 1 (na generalidade), 2 e 3 (na totalidade). Os técnicos de **Mer** avaliam a formação de maneira semelhante, mas valorizam-na de modo diferente de acordo com a função profissional que desempenham.

O nível técnico e pedagógico dos formadores foram as categorias melhor avaliadas, enquanto que as empresas foram as organizações que obtiveram a melhor avaliação.

A experiência como praticante foi o factor mais valorizado; em que as estratégias associadas à estrutura e organização dos modelos de formação reuniram a maior concordância.

As funções profissionais revelaram ter um bom nível de concordância.

O domínio prático dos conteúdos e o mergulho de controlo de fluabilidade, foram as CP mais valorizadas, enquanto que os conhecimentos dos locais de prática e o mergulho de controlo de fluabilidade foram as CP que os técnicos julgaram melhor possuir. As maiores necessidades de formação foram a actualização permanente dos conhecimentos e os conhecimentos da fauna e flora marítima.

De acordo com os modelos de formação da (PADI, 2006) e da (CMAS, 2006), o domínio de mergulhos específicos (profundidade, nocturno, orientação, fraca visibilidade) são competências fundamentais para a progressão da formação de praticantes e profissionais de **Mer**.

A evolução constante dos equipamentos e tecnologias implicam uma necessidade constante de actualização de conhecimentos. Por outro lado, os conhecimentos associados ao envolvimento específico desta actividade podem pressupor uma maior necessidade de formação em áreas complementares, como no caso da fauna e da flora marítima.

Em termos gerais, verificamos que esta actividade está fortemente associada ao sector do turismo, em que as empresas destacam-se também pelo trabalho realizado na área da formação. Por outro lado, de acordo com os nossos resultados, o papel da federação portuguesa não se faz notar em relação à oferta formativa, levando-nos a admitir que a formação na área do **Mer** recreativo está dependente do sector privado.

## 8. Estudo da Especialidade de “Parapente”

### 8.1. Perfil Pessoal e Sócio-Profissional (Parapente)

O estudo do perfil pessoal e sócio-profissional foi estruturado em duas análises: o perfil pessoal e o perfil sócio-profissional.

#### 8.1.1. Perfil Pessoal

Para caracterizar este perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Género”, “Idade”, “Habilitações literárias” e “Experiência como praticante”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

*Quadro 139 – Caracterização do perfil pessoal dos técnicos de Parapente*

Variáveis	Categorias	Total (n=68)		D (n=21)		F (n=13)		TP (n=12)		TA (n=22)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>Género</b>	<i>Masculino</i>	59	<b>86,8</b>	18	<b>85,7</b>	12	<b>92,3</b>	12	<b>100,0</b>	17	<b>77,3</b>
	<i>Feminino</i>	9	13,2	3	14,3	1	7,7	0	0,0	5	22,7
<b>Idade</b>	<i>Até 25</i>	8	11,8	0	0,0	0	0,0	3	25,0	5	22,7
	<i>26 – 35</i>	30	<b>44,1</b>	8	38,1	7	<b>53,8</b>	4	<b>33,3</b>	11	<b>50,0</b>
	<i>36 – 45</i>	21	30,9	9	<b>42,9</b>	4	30,8	3	25,0	5	22,7
	<i>46 +</i>	9	13,2	4	19,0	2	15,4	2	16,7	1	4,5
	<i>Média (DP) (mín./máx.)</i>	<b>34,9</b> 18	(7,57) 51	<b>37,71</b> (6,99) (27/49)	36,62 (6,16) (28/47)	33,33 (9,12) (22/51)	<b>32,14</b> (7,21) (18/50)				
<b>Habilitações literárias</b>	<i>Até 9ºano</i>	6	8,8	4	19,0	1	7,7	1	8,3	0	0,0
	<i>Secundário</i>	30	<b>44,1</b>	5	23,8	5	<b>38,5</b>	4	33,3	16	<b>72,7</b>
	<i>Bach./Licenc.</i>	29	42,6	11	<b>52,4</b>	5	<b>38,5</b>	7	<b>58,3</b>	6	27,3
	<i>Mestr./Doutor</i>	3	4,4	1	4,8	2	15,4	0	0,0	0	0,0
<b>Experiência praticante</b>	<i>Média (DP)</i>	<b>3,93</b>	(0,72)	3,90	(0,83)	<b>4,31</b>	(0,86)	4,00	(0,60)	<b>3,68</b>	(0,48)
	<i>(mín./máx.)</i>	2	5	(2/5)	(3/5)	4,00	(3/5)	3,68	(3/4)		

De um modo geral, a grande maioria dos técnicos de parapente são do género “Masculino” (86,8%), apresentam uma média de “Idade” de 34,9 anos com classe modal “26-35 anos” (44,1%) têm “Habilitações literárias” de nível superior (47%) e “Secundário” (44,1%) e apresentam uma boa “Experiência como praticante” (3,93).

Em relação aos vários grupos podemos verificar que, também existe uma grande maioria de técnicos do género “Masculino” (valores entre 77,3% e 100%). Quanto à “Idade”, naturalmente os **D** apresentam a maior média, 37,71 anos (com classe modal “36-45 anos), enquanto que os **TA** apresentam a menor média, 32,14 anos (com classe modal 26-35 anos). Relativamente às “Habilitações literárias”, prevalece uma formação de nível superior nos **D** (57,2%=52,4+4,8), nos **F** (53,9%=38,5+15,4) e nos **TP** (58,3%), enquanto



que nos TA prevalece o nível “secundário” (72,7%). Por último, os F apresentam a maior “Experiência como praticante” (4,31), e por outro lado, os TA, apresentam a menor (3,68).

### 8.1.2. Perfil Sócio-Profissional

Neste perfil, utilizámos as seguintes variáveis: “Profissão principal”, “Tipo de organização”, “Zona de trabalho”, “Nº anos na actividade” e “Níveis etários com que trabalha”. Os dados referentes a este perfil, podem ser analisados no seguinte quadro:

**Quadro 140 - Caracterização do perfil sócio-profissional dos técnicos de Parapente**

Variáveis	Categorias	Total (n=68)		D (n=21)		F (n=13)		TP (n=12)		TA (n=22)	
		n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Profissão principal	<i>TDN</i>	8	11,8	1	4,8	3	23,1	1	8,3	3	13,6
	<i>Prof. EF</i>	2	2,9	0	0,0	1	7,7	1	8,3	0	0,0
	<i>Trab./Estud.</i>	2	2,9	1	4,8	0	0,0	0	0,0	1	4,5
	<i>Outras profiss.</i>	56	82,4	19	90,5	9	69,2	10	83,3	18	81,8
Tipo de organização (DN)	<i>Federação/Desp</i>	8	11,8	5	23,8	2	15,4	0	0,0	1	4,5
	<i>Assoc./Clubes</i>	28	41,2	10	47,6	4	30,8	4	33,3	10	45,5
	<i>Empresas</i>	30	44,1	6	28,6	6	46,2	8	66,7	10	45,5
	<i>Estab. Ensino</i>	2	2,9	0	0,0	1	7,7	0	0,0	1	4,5
Zona trabalho	<i>Norte</i>	11	16,2	6	28,6	3	23,1	2	16,7	0	0,0
	<i>Centro</i>	15	22,1	2	9,5	4	30,8	5	41,7	4	18,2
	<i>Lx e V. Tejo</i>	25	36,8	9	42,9	5	38,5	3	25,0	8	36,4
	<i>Alentejo</i>	1	1,5	0	0,0	0	0,0	0	0,0	1	4,5
	<i>Algarve</i>	12	17,6	2	9,5	0	0,0	2	16,7	8	36,4
	<i>Ilhas (M/A)</i>	4	5,9	2	9,5	1	7,7	0	0,0	1	4,5
Nº anos actividade	<i>1 a 2</i>	3	4,4	0	0,0	0	0,0	0	0,0	3	13,6
	<i>3 a 6</i>	24	35,3	6	28,6	1	7,7	3	25,0	14	63,6
	<i>7 a 12</i>	33	48,5	13	61,9	8	61,5	7	58,3	5	22,7
	<i>13 +</i>	8	11,8	2	9,5	4	30,8	2	16,7	0	0,0
	<i>Média (DP)</i>	7,84	(3,89)	8,67	(3,81)	10,77	(2,74)	9,17	(3,61)	4,59	(2,28)
	<i>(mín./máx.)</i>	1	15		(3/15)		(5/15)		(3/13)		(1/10)
Níveis com q trabalha	<i>Crianças</i>	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0	0	0,0
	<i>Jovens</i>	7	10,3	2	9,5	1	7,7	2	83,3	2	9,1
	<i>Adultos</i>	66	97,1	20	95,2	13	100,0	12	100,0	21	95,5
	<i>Seniores</i>	2	2,9	0	0,0	2	15,4	0	0,0	21	95,5

De um modo geral, a grande maioria dos técnicos de parapente têm como profissão principal “Outras profissões”, (82,4%); trabalham na maioria em “Empresas” (44,1%) e “Associações/Clubes” (41,2%), desempenham a sua actividade em várias zonas do país com destaque para “Lisboa e V. Tejo” (36,8%), apresentam uma média de “Idade” de 7,84 anos (com classe modal “7-12 anos) e trabalham preferencialmente com “Adultos” (97,1%).

Em relação à análise por grupos podemos verificar que, são as “Outras profissões” que prevalecem em todos os grupos (D=90,5%, F=69,2%, TP=83,3% e TA=81,8%) em que, as organizações mais representadas para os D são as “Associações/Clubes” (47,6%),

para os **F** (46,2%) e **TP** (66,7%) são as “Empresas, e para os **TA**, são simultaneamente as “Associações/Clubes” e as “Empresas” (45,5%). Quanto à zona de trabalho, os **D** (42,9%) e os **F** (38,5%) desempenham a sua função com maior incidência na zona de “Lisboa e V Tejo”, os **TP** na zona “Centro”, e os **TA** de igual modo na zona de “Lisboa e V. Tejo” e “Algarve” (36,4%). O N° de anos na actividade varia entre os **F** que são os mais experientes (10,77 anos com classe modal 7-12 anos) e os **TA** que são os menos experientes (4,59 anos com classe modal 3-6 anos). Por último, o nível etário com que os técnicos mais trabalham é os “Adultos” (D=95,2%, F=100%, TP=100% e TA=95,5%).

## 8.2. Formação Realizada (Parapente)

Nesta dimensão, agrupámos as seguintes sub-variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

### 8.2.1. Último Curso de Formação Realizado

*Quadro 141 – Avaliação do último curso de formação realizado – Parapente*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Último curso realizado	Média	Média	Média	Média	Média
10	Nível técnico dos formadores	<b>3,98</b>	<b>4,27</b>	3,86	<b>4,40</b>	<b>4,46</b>
11	Nível pedagógico dos formadores	3,76	3,82	3,86	<b>4,40</b>	<b>4,46</b>
13	Satisfação geral	3,70	3,82	3,57	<b>4,00</b>	<b>4,31</b>
12	Razão formador / formando	3,65	3,64	3,71	<b>4,00</b>	<b>4,15</b>
4	Pertinência dos conteúdos programáticos	3,56	<b>4,00</b>	3,86	<b>4,40</b>	<b>4,00</b>
3	Cumprimento dos objectivos propostos	3,48	3,91	3,57	<b>4,00</b>	<b>4,08</b>
6	Recursos pedagógico-didácticos	3,41	3,64	<b>4,14</b>	<b>4,00</b>	3,85
5	Metodologias de formação	3,30	3,73	<b>4,00</b>	<b>4,00</b>	<b>4,08</b>
7	Qualidade das instalações e equipamentos	3,30	3,73	3,86	3,40	3,69
9	Acessibilidade (custo) formação	3,30	3,73	3,29	<b>4,20</b>	3,85
1	Duração da componente teórica	3,25	3,36	3,29	3,80	3,69
8	Modelo de avaliação	3,23	3,20	3,71	3,00	3,69
2	Duração da componente prática	3,19	3,64	2,71	2,75	3,54
	<b>Médias</b>	<b>3,47</b>	<b>3,73</b>	<b>3,65</b>	<b>3,87</b>	<b>3,99</b>

Em termos gerais, podemos destacar a (única) categoria que obteve avaliação de nível “bom”: “Nível técnico dos formadores” (3,98), enquanto que a “Duração da componente prática” (3,19) obteve a avaliação mais baixa.

Quanto à análise por grupos, verificamos que a avaliação média global mais elevada foi atribuída pelos **TA** (3,99), enquanto que os **F** atribuíram a mais baixa (3,65).

As categorias melhor avaliadas por cada grupo (nível “bom” ou mais) foram:

**D** - P10 (4,27) e P4 (4,00);

**F** - P6 (4,14) e P5 (4,00);

**TP** - P10 (4,40), P11 (4,40), P4 (4,40) P9 (4,20), P13 (4,00), P12 (4,00), P3 (4,00), P6 (4,00) e P5 (4,00);

**TA** - P10 (4,46), P11 (4,46), P13 (4,31), P12 (4,15), P3 (4,08), P5 (4,08) e P4 (4,00).

Deste modo, podemos observar que os **D** e os **F** apenas atribuíram avaliações de nível “bom” a duas categorias, enquanto que os **TP** e os **TA** atribuíram esse nível à maioria das categorias.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 142 – Comparação entre grupos - Último curso de formação realizada*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
11	Nível pedagógico dos formadores	8,088	<b>0,044*</b>	D x TA	34,500	<b>0,015*</b>

*\* diferenças significativas*

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Último curso de formação realizado”, relativamente à categoria P11 (p=0,044).

A diferença significativa encontrada resultou da menor avaliação atribuída por parte dos **D** em comparação com os **TA**. Em nosso entender, a maior vivência e experiência na actividade dos **D** poderá estar na origem de uma maior exigência perante os processos de formação, nomeadamente, em relação ao nível pedagógico dos formadores. No entanto, quer o “Nível pedagógico...” quer o “Nível técnico dos formadores” acabam por ser as categorias melhor avaliadas, seguida pela “Satisfação geral”, querendo dizer que, a formação na especialidade do Parapente parece estar no bom caminho, contribuindo de forma importante, a qualidade dos seus recursos humanos.

## 8.2.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

**Quadro 143 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação - Parapente**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Intervenção das organizações...	Média	Média	Média	Média	Média
1	Federação Desportiva (que tutela)	<b>3,11</b>	<b>3,11</b>	<b>3,42</b>	<b>3,58</b>	2,68
5	Clubes, Associações	<b>3,03</b>	<b>3,25</b>	2,82	<b>3,30</b>	2,80
7	Autarquias	2,41	2,69	2,78	2,86	1,84
8	INATEL	2,34	2,54	1,89	2,67	2,25
6	Empresas (privadas)	2,33	2,25	2,40	2,20	2,44
3	Ensino Superior	2,15	2,23	1,90	2,33	2,21
4	Ensino Secundário (desp. escolar)	2,04	2,33	1,60	2,00	2,13
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	1,62	2,08	1,13	2,00	1,38
	<b>Médias</b>	<b>2,38</b>	<b>2,56</b>	<b>2,24</b>	<b>2,62</b>	<b>2,22</b>

Em termos gerais, as organizações que obtiveram avaliação positiva foram: “Federação Desportiva” (3,11) e “Clubes, Associações” (3,03). Por outro lado, as restantes organizações obtiveram avaliação negativa.

Quanto à análise por grupos, constatamos que, globalmente, as avaliações foram negativas em todos os grupos, variando entre os TA (2,62) e os TA (2,22).

Em relação às organizações, destacamos as seguintes avaliações positivas:

**D** – P5 (3,25) e P1 (3,11);

**F** – P1 (3,42);

**TP** – P1 (3,58) e P5 (3,30);

**TA** (não existem avaliações positivas).

Deste modo, verificamos que a “Federação Desportiva”, obteve quase sempre avaliações positivas por parte dos grupos (excepto nos TA - 2,68). Por outro lado, as “Autarquias”, o “INATEL”, as “Empresas”, o Ensino Superior”, o “Ensino Secundário” e o “IEFP”, obtiveram sempre avaliações negativas.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 144 – Comparação entre grupos - Intervenção das organizações na área da formação**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann	Whitney	
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	
7	Autarquias	7,947	<b>0,047*</b>	D x TA F x TA TP x TA	85,000 47,500 33,000	<b>0,021*</b> <b>0,050*</b> <b>0,040*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Intervenção das organizações na área da formação”, em relação à categoria P7 ( $p=0,047$ ).

A diferença significativa encontrada resultou da menor avaliação atribuída por parte dos TA em comparação com os restantes grupos. Mais uma vez, julgamos que a menor experiência e o menor nível de habilitações literárias dos TA poderá justificar o menor conhecimento da realidade e a dificuldade de análise no âmbito da formação.

Gostaríamos de salientar também, a “Federação Desportiva...” e os “Clubes, Associações” como as organizações que melhor avaliação obtiveram. Contrariamente à maioria das especialidades estudadas, o papel da federação parece ser positivo, sendo reconhecido pela maioria dos técnicos de Parapente. Por outro lado, mais uma vez se confirma a ausência de formação profissional, através dos valores obtidos pelo “IEFP”.

### 8.3. Expectativas de Formação (Parapente)

Nesta variável, efectuámos o estudo das seguintes sub-variáveis: “factores de desempenho profissional” e “pressupostos e estratégias de formação”.

#### 8.3.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 145 – Importância dos factores de desempenho na actividade – Parapente*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<b>Factores de desempenho na actividade</b>	Média	Média	Média	Média	Média
1	<i>Experiência como praticante</i>	<b>4,84</b>	<b>4,48</b>	<b>5,33</b>	<b>5,42</b>	<b>4,59</b>
3	<i>Participação em cursos / acções formação</i>	<b>4,40</b>	<b>4,33</b>	<b>4,50</b>	<b>4,67</b>	<b>4,27</b>
7	<i>Observação actividades / eventos especialidade</i>	<b>4,07</b>	<b>4,38</b>	3,75	<b>4,08</b>	<b>3,95</b>
8	<i>Características pessoais</i>	<b>4,07</b>	<b>4,33</b>	<b>4,58</b>	3,75	3,73
4	<i>Participação em congressos e seminários</i>	3,99	3,71	3,75	<b>4,67</b>	<b>4,00</b>
5	<i>Leitura de livros / revistas especializadas</i>	3,91	3,86	3,67	<b>4,25</b>	3,91
2	<i>Experiência da intervenção profissional</i>	3,69	3,76	3,83	3,42	3,68
6	<i>Formação académica</i>	2,78	3,10	3,00	2,17	2,68
	<b>Médias</b>	<b>3,97</b>	<b>3,99</b>	<b>4,05</b>	<b>4,05</b>	<b>3,85</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho profissional foram: “Experiência como praticante” (4,84), “Participação em cursos...” (4,40), “Observação de actividades...” (4,07), “Características pessoais” (4,07) e “Participação em congressos...” (3,99).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar uma maior valorização média global por parte dos **F** e **TP** (4,05) e uma menor por parte dos **TA** (3,85).

Em relação à importância dos factores em cada grupo, destacamos o seguinte:

**D** - P1 (4,38), P7 (4,38), P3 (4,33), e P8 (4,33);

**F** - P1 (5,33), P8 (4,58) e P3 (4,50);

**TP** - P1 (5,42), P3 (4,67), P4 (4,67), P5 (4,25) e P7 (4,08);

**TA** - P1 (4,59), P3 (4,27), P4 (4,00) e P7 (3,95).

Deste modo, constatamos que a “Experiência como praticante” e a “Participação em cursos...”, foram considerados factores importantes por todos os grupos, enquanto que a “Experiência da intervenção profissional” e a “Formação académica” nunca o foram.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 146 – Comparação entre grupos - Factores de desempenho na actividade**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
1	A experiência como praticante	13,406	<b>0,004*</b>	D x F	65,000	<b>0,016*</b>
				D x TP	59,000	<b>0,008*</b>
				F x TA	70,500	<b>0,020*</b>
				TP x TA	65,000	<b>0,012*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Factores de desempenho na actividade”, relativamente à categoria P1 (p=0,006).

As diferenças significativas encontradas resultaram da maior valorização por parte dos **F** e **TP** quando comparados com os **D** e **TA**. Em nosso entender, a exigência da função desempenhada pelos **F** e **TP** implica uma maior competência ao nível do “saber fazer” tendo em conta que estes técnicos devem ser uma referência tanto para os **TA** como para os praticantes em geral. Por outro lado, a função de **D** não obriga, necessariamente, um elevado domínio dessa competência, uma vez que as suas exigências profissionais deverão estar associadas em primeiro lugar, a competências da área da gestão.

No entanto, existe uma forte valorização da “Experiência como praticante” quer em termos gerais quer na opinião dos vários grupos, o que faz pressupor uma certa ideologia própria nesta especialidade, em que todos devem ser praticantes independentemente das funções que desempenham. O facto de a “Observação de actividades...” surgir com algum destaque, reforça também a necessidade de uma certa aproximação para a prática efectiva.

### 8.3.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

**Quadro 147 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação - Parapente**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Pressupostos e estratégias de formação</u>	Média	Média	Média	Média	Média
3	<i>As federações desportivas deverão promover formação...</i>	<b>2,30</b>	<b>2,29</b>	<b>2,42</b>	<b>2,42</b>	<b>2,18</b>
16	<i>Os parques naturais deverão possuir “guias de natureza”...</i>	<b>1,93</b>	<b>1,81</b>	<b>2,17</b>	<b>1,75</b>	<b>2,00</b>
11	<i>Será necessário definir a progressão da carreira do técnico...</i>	<b>1,88</b>	<b>1,76</b>	<b>2,25</b>	<b>2,25</b>	<b>1,59</b>
10	<i>Os modelos de formação deverão contemplar duas vertentes...</i>	<b>1,85</b>	<b>2,19</b>	<b>2,00</b>	<b>2,00</b>	1,36
13	<i>Todas as organizações responsáveis pela formação deverão...</i>	<b>1,84</b>	<b>2,00</b>	<b>2,00</b>	<b>1,92</b>	<b>1,55</b>
9	<i>A formação deverá assentar em vários níveis de competências...</i>	<b>1,70</b>	<b>1,62</b>	<b>2,25</b>	<b>1,58</b>	<b>1,55</b>
7	<i>A formação deverá ter uma predominância da componente...</i>	<b>1,61</b>	<b>2,10</b>	<b>1,58</b>	0,75	<b>1,64</b>
8	<i>Os modelos de formação utilizados noutros países com mais...</i>	<b>1,61</b>	<b>1,86</b>	1,33	<b>1,92</b>	1,36
15	<i>Somente as empresas privadas que cumprem os requisitos...</i>	<b>1,57</b>	<b>1,52</b>	<b>1,58</b>	<b>2,00</b>	1,36
1	<i>A frequência de A.F. de reciclagem/actualização deverá ser...</i>	<b>1,54</b>	<b>1,57</b>	1,33	<b>1,67</b>	<b>1,55</b>
6	<i>A formação deverá considerar todos os níveis de qualificação...</i>	1,49	1,43	<b>1,75</b>	1,17	<b>1,59</b>
14	<i>O Estado deverá ter iniciativa para reunir com as várias...</i>	1,37	1,14	1,42	<b>1,50</b>	<b>1,50</b>
2	<i>Estado deverá ser responsável pela regulamentação, fiscaliz...</i>	0,63	1,14	0,38	-0,08	0,68
4	<i>Só entidades acreditadas pelo Estado deverão promover form...</i>	0,28	0,33	0,23	-0,17	0,50
5	<i>Formação deverá ser mais abrangente de modo a sustentar...</i>	0,74	0,62	0,38	0,08	1,41
12	<i>IEFP deverá promover formação profissional de técnicos à...</i>	0,50	1,10	0,15	-0,83	0,86

Em termos gerais, podemos destacar 10 (dez) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), a saber: P3 (2,30), P16 (1,93), P11 (1,88), P10 (1,85), P13 (1,84), P9 (1,70), P7 (1,61), P8 (1,61), P15 (1,57) e P1 (1,54). As restantes estratégias carecem em nossa opinião de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Podemos também verificar que os **D** e os **TP** são mais favoráveis face às estratégias apresentadas, enquanto que os **F** e os **TA** são menos favoráveis.

Quanto à análise por grupos, podemos destacar o seguinte:

**D** - P3, P16, P11, P10, P13, P9, P7, P8, P15 e P1;

**F** - P3, P16, P11, P10, P13, P9, P7, P15 e P6;

**TP** - P3, P16, P11, P10, P13, P9, P8, P15, P1 e P14;

**TA** - P3, P16, P11, P13, P9, P7, P1, P6 e P14.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 148 – Comparação entre grupos - Pressupostos e estratégias de formação*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
10	<i>Os modelos de formação deverão contemplar duas vertentes...</i>	8,801	<b>0,032*</b>	D x TA	121,500	<b>0,004*</b>
12	<i>IEFP deverá promover formação profissional de técnicos à...</i>	9,191	<b>0,027*</b>	D x TP TP x TA	60,000 61,000	<b>0,012*</b> <b>0,008*</b>

*\* diferenças significativas*

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente à categoria P10 ( $p=0,032$ ) e P12 ( $p=0,027$ ).

A diferença significativa encontrada na P10 resultou do maior nível de concordância por parte dos **D**. Parece-nos que estes têm um posicionamento mais claro em relação aos modelos de formação, provavelmente fruto da sua maior experiência e vivência na modalidade, enquanto que os **TA** optam por uma posição mais reservada.

No que diz respeito à P12, julgamos que os **TP** estão em desacordo com esta estratégia, por sentirem que o IEFP não lhes garante condições que suportem um bom perfil de CP. Se considerarmos que a maioria dos **TP** têm formação académica superior, e que valorizam a “Participação em cursos e acções de formação” e a “Participação em congressos e seminários”, podemos entender esta tendência dos resultados obtidos.

Podemos também verificar que a maioria das estratégias de formação apresentadas apresentaram um bom nível de concordância. Por outro lado, destacamos o papel da federação na promoção de formação técnica especializada, a necessidade de colocar guias de natureza nos parques naturais, e as questões associadas ao desenvolvimento das carreiras profissionais.

#### **8.4. Funções Profissionais (Parapente)**

Em termos gerais podemos verificar no quadro 149, que todas as funções profissionais definidas no quadro anterior reúnem um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **F** (2,16).



Quadro 149 – Concordância com as funções profissionais - Parapente

P	Variável	Total	D	F	TP	TA
	<b>Funções profissionais</b>	Média	Média	Média	Média	Média
2	<b>Formador</b> – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros técnicos. Desenvolve...	2,16	2,29	2,00	2,25	2,09
4	<b>Técnico auxiliar</b> – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento técnico e desenv...	2,12	2,24	1,92	2,17	2,09
1	<b>Dirigente</b> – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige técnicos, actividades...	2,00	1,90	2,08	2,08	2,00
3	<b>Técnico principal</b> – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É responsável pelos pratic...	1,96	2,10	1,75	1,92	1,95
	<b>Médias</b>	<b>2,06</b>	<b>2,13</b>	<b>1,94</b>	<b>2,11</b>	<b>2,03</b>

Quanto à análise por grupos, podemos observar também que, existem níveis de concordância aceitáveis em todas as funções apresentadas, com destaque para a opinião dos **D** (2,13).

As restantes categorias apresentam na maioria, valores próximos do significado “concordo”, levando-nos a admitir que existe um nível de concordância aceitável em relação às funções profissionais.

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre os grupos, na variável “Funções profissionais” (anexo 19).

Apesar de não existirem diferenças significativas salientamos o maior nível de concordância atribuído pelos **D** (2,13). Por outro lado, todos os grupos apresentam um bom nível de concordância em todas as funções. Neste sentido, consideramos que existe um razoável reconhecimento perante as principais funções profissionais e que estas deverão ser também consideradas no futuro.

### 8.5. Competências Profissionais (Parapente)

Nesta dimensão utilizámos as seguintes variáveis: a “Importância das CP”, a “Auto-percepção das CP” e as “Necessidades de formação”. Em cada variável estudámos as sub-variáveis “CP genéricas” e “CP específicas”.

## 8.5.1. Importância das Competências Profissionais

### 8.5.1.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

Quadro 150 – Importância das CP genéricas – Parapente

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP genéricas	Média	Média	Média	Média	Média
15	Conhecimentos dos locais de prática	5,12	5,19	4,75	5,00	5,32
42	Saber ouvir os outros e procurar consensos	5,01	5,29	4,58	4,42	5,32
40	Noções gerais de segurança	4,99	4,62	5,00	5,17	5,23
38	Responsabilidade e sensibilidade	4,94	4,86	4,50	5,00	5,23
41	Conhecimentos de climatologia, meteorologia	4,93	4,52	4,58	4,92	5,50
43	Ética moral e profissional	4,91	4,95	4,75	4,33	5,27
46	Capacidade para tomar decisões	4,88	4,90	5,00	4,25	5,14
49	Avaliar praticantes e adequar as actividades...	4,85	4,71	4,75	4,67	5,14
45	Actualização permanente dos conhecimentos...	4,85	5,00	4,58	4,58	5,00
32	Domínio prático dos conteúdos específicos...	4,75	4,52	4,50	4,83	5,05
33	Planificação, condução e avaliação de activ...	4,70	4,57	4,58	4,75	4,86
48	Dinâmicas de grupo	4,70	4,67	4,67	4,42	4,91
34	Contacto e trabalho com outros especialistas	4,69	4,71	4,50	4,42	4,91
35	Resolução de problemas	4,66	4,67	4,50	4,58	4,77
1	Domínio de técnicas e estilos de ensino	4,61	4,14	4,42	5,17	4,86
	Médias	4,84	4,75	4,64	4,70	5,10

Em termos gerais, as CP genéricas mais valorizadas estão associadas à área técnico-pedagógica. No entanto, destacamos os “Conhecimentos dos locais...” (5,12), o “Saber ouvir os outros...” (5,01), as “Noções gerais de segurança” (4,99), a “Responsabilidade e sensibilidade” (4,94) e os “Conhecimentos de climatologia...” (4,93).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os TA pela maior valorização média global (5,10) e os F pela menor (4,64).

Em relação às categorias, destacamos as mais importantes para cada grupo:

**D** – P42 (5,29), P15 (5,19), P45 (5,00), P43 (4,95) e P46 (4,90);

**F** – P40 (5,00), P46 (5,00), P15 (4,75), P43 (4,75) e P49 (4,75);

**TP** – P40 (5,17), P1 (5,17), P15 (5,00), P38 (5,00) e P41 (4,92);

**TA** – P41 (5,50), P15 (5,32), P42 (5,32), P43 (5,27), P40 (5,23) e P38 (5,23).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 151 – Comparação entre grupos - Importância das CP genéricas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
42	Saber ouvir os outros e procurar consensos	7,590	0,055	D x TP TP x TA	74,000 76,000	0,040* 0,033*
41	Conhecimentos de climatologia, meteorologia e geomorfologia	9,027	0,029*	D x TA F x TA	119,500 77,000	0,004* 0,030*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP genéricas”, relativamente à categoria P41 ( $p=0,029$ ).

Por outro lado, uma vez que a categoria P42, apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,055$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U) encontrando diferenças significativas entre: **D x TP** ( $p=0,040$ ); **TP x TA** ( $p=0,033$ ).

As diferenças significativas encontradas na P41 resultaram da maior valorização por parte dos **TA**. Provavelmente, alguma insegurança nesta área de conhecimentos poderá ter levado a uma maior valorização, uma vez que é um tipo de saber que se adquire também com a experiência.

Relativamente à P42, a diferença significativa foi resultado da menor valorização por parte dos **TP**. Julgamos mais uma vez que, o desempenho de determinadas tarefas deverão estar adaptadas ao exercício de cada função profissional. Portanto, julgamos que é normal que os **D** e os **TA** valorizem melhor o “Saber ouvir os outros e procurar consensos”, quando comparados com os **TP** e os **F** na medida em que, para além de terem mais autonomia na actividade, têm de tomar decisões que devem obedecer a critérios rigorosos e indiscutíveis (ex: questões de segurança).

No entanto, quer em termos gerais quer na opinião dos vários grupos, o “Conhecimento dos locais de prática” foi destacado positivamente, reforçando também, a necessária preocupação em controlar o risco existente neste tipo de actividade.

### 8.5.1.2. Importância das Competências Profissionais Específicas

*Quadro 152 – Importância das CP específicas – Parapente*

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	Importância das CP específicas	Média	Média	Média	Média	Média
54	<i>Pilotagem</i>	<b>5,24</b>	<b>4,95</b>	<b>5,08</b>	<b>5,50</b>	<b>5,45</b>
52	<i>Conhecim/. de meteorologia</i>	<b>5,15</b>	<b>4,90</b>	<b>5,00</b>	<b>5,33</b>	<b>5,36</b>
58	<i>Gestão da segurança</i>	<b>5,10</b>	<b>4,76</b>	<b>5,25</b>	4,83	<b>5,50</b>
51	<i>Conhecim/. de aerodinâmica</i>	<b>5,01</b>	<b>4,71</b>	<b>5,17</b>	<b>5,17</b>	5,14
59	<i>I<sup>o</sup>s socorros</i>	<b>4,97</b>	4,52	<b>4,83</b>	<b>5,08</b>	<b>5,41</b>
55	<i>Asas e Equipamento</i>	4,96	<b>4,71</b>	4,67	<b>5,08</b>	<b>5,27</b>
53	<i>Legislação e direito desportivo</i>	4,67	4,48	4,42	5,00	4,82
56	<i>Planeam/organiz. sessões ensino</i>	4,63	4,33	4,50	4,75	4,91
60	<i>Processos, estratégias supervisão</i>	4,49	4,10	3,92	5,00	4,91
57	<i>Introdução ao associativismo</i>	4,42	4,24	3,92	4,42	4,86
	<b>Médias</b>	<b>4,86</b>	<b>4,57</b>	<b>4,68</b>	<b>5,02</b>	<b>5,16</b>

Em termos gerais, as CP específicas mais valorizadas foram: “Pilotagem” (5,24), “Conhecimentos de meteorologia” (5,15), “Gestão da segurança” (5,10), “Conhecimentos de aerodinâmica” (5,01) e “1ºs socorros” (4,97).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior valorização média global (5,16) e os **D** pela menor (4,57).

Em relação às categorias, destacamos as mais importantes em cada grupo:

**D** – P54 (4,95), P52 (4,90), P58 (4,76), P51 (4,71) e P55 (4,71);

**F** – P58 (5,25), P51 (5,17), P54 (5,08), P52 (5,00) e P59 (4,83);

**TP** – P54 (5,50), P52 (5,33), P51 (5,17), P59 (5,08) e P55 (5,08);

**TA** – P58 (5,50), P54 (5,45), P59 (4,41), P52 (5,36) e P55 (5,27).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 153 – Comparação entre grupos - Importância das CP específicas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
58	Gestão da segurança	8,515	0,036*	D x TA	128,000	0,007*
				TP x TA	83,000	0,050*
60	Processos e estratégias de supervisão...	9,226	0,026*	D x TP	74,000	0,045*
				D x TA	147,000	0,036*
				F x TP	40,000	0,031*
				F x TA	79,000	0,024*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Importância das CP específicas”, relativamente às seguintes categorias: P58 (p=0,036) e P60 (p=0,026).

As diferenças significativas encontradas resultaram da maior valorização por parte dos **TP** e dos **TA** quando comparados com os **D** e **F**. Com referimos anteriormente, consideramos que as CP de cada grupo devem estar em consonância com a função profissional desempenhada. Neste sentido, uma vez que os **TP** e os **TA** são normalmente os técnicos responsáveis por acompanhar e enquadrar os praticantes nas actividades, é natural que estes valorizem melhor os aspectos associados à segurança e à supervisão.

Salientamos globalmente que, as CP específicas mais valorizadas estão também associadas às questões de segurança, nomeadamente a “Pilotagem”, os “Conhecimentos de meteorologia” e a “Gestão da Segurança”.

## 8.5.2. Auto-percepção das Competências Profissionais

### 8.5.2.1. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

Quadro 154 – Auto-percepção das CP genéricas – Parapente

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Importância das CP Genéricas</u>	Média	Média	Média	Média	Média
42	<i>Saber ouvir os outros e procurar consensos</i>	<b>4,58</b>	<b>4,62</b>	4,58	<b>4,75</b>	<b>4,45</b>
43	<i>Ética moral e profissional</i>	<b>4,55</b>	<b>4,48</b>	<b>4,83</b>	<b>4,50</b>	<b>4,50</b>
46	<i>Capacidade para tomar decisões</i>	<b>4,42</b>	<b>4,24</b>	<b>4,92</b>	4,42	4,32
15	<i>Conhecimentos dos locais prática</i>	<b>4,39</b>	<b>4,33</b>	4,33	4,17	<b>4,59</b>
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	<b>4,34</b>	4,00	<b>4,83</b>	4,25	<b>4,45</b>
45	<i>Actualização permanente dos conhecimentos...</i>	4,30	<b>4,33</b>	4,17	<b>4,67</b>	4,14
38	<i>Responsabilidade e sensibilidade</i>	4,27	4,05	4,50	4,25	<b>4,36</b>
41	<i>Conhecimentos de climatologia, meteorologia</i>	4,22	4,00	4,33	<b>4,50</b>	4,23
32	<i>Domínio prático dos conteúdos específicos...</i>	4,16	3,95	4,58	4,33	4,05
35	<i>Resolução de problemas</i>	4,15	3,76	<b>4,67</b>	4,25	4,18
49	<i>Avaliar praticantes e adequar as actividades...</i>	4,10	3,38	<b>4,67</b>	4,42	4,32
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	4,03	3,48	4,42	<b>4,42</b>	4,14
33	<i>Planificação, condução e avaliação de activ...</i>	3,88	3,57	4,50	3,75	3,91
34	<i>Contacto e trabalho com outros especialistas</i>	3,87	3,71	4,08	3,67	4,00
1	<i>Domínio de técnicas e estilos de ensino</i>	3,57	2,81	4,17	4,00	3,73
	<b>Médias</b>	<b>4,19</b>	<b>3,91</b>	<b>4,51</b>	<b>4,29</b>	<b>4,22</b>

Em termos gerais, as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: “Saber ouvir os outros...” (4,58), “Ética moral e profissional” (4,55), “Capacidade para tomar decisões” (4,42), “Conhecimentos dos locais...” (4,39) e “Noções gerais de segurança” (4,34).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,51) e os **D** pela menos elevada (3,91).

Em relação às categorias, destacamos os valores mais elevados em cada grupo:

**D** - P42 (4,62), P43 (4,48), P15 (4,33), P45 (4,33) e P46 (4,22);

**F** – P46 (4,92), P43 (4,83), P40 (4,83), P35 (4,67) e P49 (4,67);

**TP** – P42 (4,75), P45 (4,67), P43 (4,50), P41 (4,50) e P48 (4,42);

**TA** – P15 (4,59), P43 (4,50), P42 (4,45), P40 (4,45) e P38 (5,36).

Em termos de análise comparativa podemos verificar no quadro 155, que **existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P49 ( $p=0,017$ ) e P1 ( $p=0,013$ ).

Por outro lado, uma vez que a categoria P48 apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,057$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre: **D x F** ( $p=0,049$ ); **D x TP** ( $p=0,014$ ).

**Quadro 155 – Comparação entre grupos – Auto-percepção das CP genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
49	<i>Avaliar praticantes e adequar as actividades...</i>	10,185	<b>0,017*</b>	D x F D x TP D x TA	69,000 68,000 137,000	<b>0,014*</b> <b>0,025*</b> <b>0,018*</b>
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	7,530	0,057	D x F D x TP	82,500 63,500	<b>0,049*</b> <b>0,014*</b>
1	<i>Domínio de técnicas e estilos de ensino</i>	10,770	<b>0,013*</b>	D x F D x TP D x TA	64,000 64,000 142,000	<b>0,008*</b> <b>0,016*</b> <b>0,025*</b>

\* diferenças significativas

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre do menor nível de auto-percepção por parte dos **D**. Como podemos verificar, estas CP são essencialmente de intervenção técnico-pedagógica e de relacionamento directo com praticantes/formandos. Neste sentido, consideramos que estas devem ser predominantemente do domínio dos **F**, **TP** e **TA**.

Por outro lado, as CP genéricas que apresentaram melhores níveis de auto-percepção estão associadas à dimensão pessoal dos respectivos técnicos, com particular ênfase para a “Ética moral e profissional” que foi destacada por todos os grupos.

### 8.5.2.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Específicas

**Quadro 156 – Nível de auto-percepção das CP específicas – Parapente**

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Auto-percepção das CP específicas</u>	Média	Média	Média	Média	Média
54	<i>Pilotagem</i>	<b>4,52</b>	<b>4,24</b>	<b>4,42</b>	<b>5,00</b>	<b>4,59</b>
55	<i>Asas e Equipamento</i>	<b>4,46</b>	<b>3,90</b>	4,50	<b>4,92</b>	<b>4,73</b>
58	<i>Gestão da segurança</i>	<b>4,46</b>	<b>3,71</b>	<b>5,25</b>	<b>4,58</b>	<b>4,68</b>
52	<i>Conhecim/. de meteorologia</i>	<b>4,43</b>	<b>4,14</b>	<b>4,67</b>	<b>4,67</b>	4,45
51	<i>Conhecim/. de aerodinâmica</i>	<b>4,40</b>	<b>4,10</b>	<b>4,58</b>	<b>4,67</b>	<b>4,45</b>
56	<i>Planeam/organiz. sessões de ensino</i>	3,97	3,48	<b>4,58</b>	3,92	4,14
59	<i>1ºs socorros</i>	3,94	3,24	4,17	3,92	<b>4,50</b>
53	<i>Legislação e direito desport.</i>	3,90	3,57	4,17	4,08	3,95
57	<i>Introdução ao associativismo</i>	3,67	3,48	4,17	3,58	3,64
60	<i>Processos e estratégias de SP</i>	3,51	2,71	3,67	3,75	4,05
	<b>Médias</b>	<b>4,13</b>	<b>3,66</b>	<b>4,42</b>	<b>4,31</b>	<b>4,32</b>

Em termos gerais, as CP específicas que apresentaram valores mais elevados foram: “Pilotagem” (4,52), “Asas e Equipamento” (4,46), “Gestão da segurança” (4,46), “Conhecimentos de meteorologia” (4,43) e “Conhecimentos de aerodinâmica” (4,40).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **F** pela auto-percepção média global mais elevada (4,42) e os **D** pela menos elevada (3,66).

Em relação às categorias, destacamos os valores mais elevados em cada grupo:

**D** – P54 (4,24), P52 (4,14), P51 (4,10), P55 (3,90) e P58 (3,71);

**F** – P58 (5,25), P52 (4,67), P51 (4,58), P56 (4,58) e P54 (4,42);

**TP** – P54 (5,00), P55 (4,92), P52 (4,67), P51 (4,67) e P58 (4,58);

**TA** – P55 (4,73), P58 (4,68), P54 (4,59), P59 (4,50), P52 (4,45) e P51 (4,45).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 157 – Comparação entre grupos – Auto-percepção das CP específicas*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
58	Gestão da segurança	11,333	<b>0,010*</b>	D x F D x TA	57,500 144,000	<b>0,004*</b> <b>0,024*</b>
59	1 <sup>o</sup> s socorros	7,879	<b>0,049*</b>	D x TA	123,500	<b>0,007*</b>
60	Processos e estratégias de SP	7,776	0,051	D x TA	125,500	<b>0,008*</b>

*\* diferenças significativas*

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Auto-percepção das CP específicas”, relativamente às seguintes categorias: P58 (p=0,010) e P59 (p=0,049).

Por outro lado, uma vez que a categoria P60 apresentou um valor próximo do nível de significância (p=0,051), optámos por prosseguir com o “pósteste”, encontrando diferenças significativas entre os grupos: **D x TA** (p=0,008).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre do menor nível de auto-percepção por parte dos **D**. Neste caso, a justificação é semelhante em relação às CP genéricas, uma vez que estas CP também são essencialmente do domínio técnico-pedagógico. Por isso, mais uma vez, os **D** apresentaram níveis mais baixos de auto-percepção em comparação com os restantes grupos.

Gostaríamos de salientar ainda, as CP específicas que reuniram um certo consenso de destaque ao nível da auto-percepção, entre as quais, a “Pilotagem”, “Gestão da segurança” e “Conhecimentos de aerodinâmica”.

### 8.5.3. Necessidades de Formação

#### 8.5.3.1. Necessidades de Formação Genéricas

Quadro 158 – Necessidades de formação genéricas – Parapente

P	Sub-variável	Total	D	F	TP	TA
	<u>Necessidades de Formação genéricas</u>	Dif. Média	Dif. Média	Dif. Média	Dif. Média	Dif. Média
1	<i>Domínio de técnicas e estilos de ensino</i>	<b>1,04</b>	<b>1,33</b>	<b>0,25</b>	<b>1,17</b>	<b>1,14</b>
33	<i>Planificação, condução e avaliação de activ...</i>	<b>0,82</b>	<b>1,00</b>	0,08	<b>1,00</b>	<b>0,95</b>
34	<i>Contacto e trabalho com outros especialistas</i>	<b>0,82</b>	<b>1,00</b>	<b>0,42</b>	<b>0,75</b>	<b>0,91</b>
49	<i>Avaliar praticantes e adequar as actividades...</i>	<b>0,75</b>	<b>1,33</b>	0,08	0,25	0,82
15	<i>Conhecimento dos locais prática</i>	<b>0,73</b>	0,86	<b>0,42</b>	<b>0,83</b>	0,73
41	<i>Conhecimentos de climatologia, meteorologia</i>	0,70	0,52	<b>0,25</b>	0,42	<b>1,27</b>
38	<i>Responsabilidade e sensibilidade</i>	0,67	0,81	0,00	<b>0,75</b>	0,86
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	0,67	<b>1,19</b>	<b>0,25</b>	0,00	0,77
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	0,64	0,62	0,17	<b>0,92</b>	0,77
32	<i>Domínio prático dos conteúdos específicos...</i>	0,58	0,57	-0,08	0,50	<b>1,00</b>
45	<i>Actualização permanente dos conhecimentos...</i>	0,55	0,67	<b>0,42</b>	-0,08	0,86
35	<i>Resolução de problemas</i>	0,51	0,90	-0,17	0,33	0,59
46	<i>Capacidade para tomar decisões</i>	0,46	0,67	0,08	-0,17	0,82
42	<i>Saber ouvir os outros e procurar consensos</i>	0,43	0,67	0,00	-0,33	0,86
43	<i>Ética moral e profissional</i>	0,36	0,48	-0,08	-0,17	0,77
	<b>Médias</b>	<b>0,65</b>	<b>0,84</b>	<b>0,14</b>	<b>0,41</b>	<b>0,87</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas à dimensão técnico-pedagógica. Deste modo, destacamos o “Domínio...técnicas e estilos...” (1,04), “Planificação, condução...” (0,82), “Contacto...outros especialistas” (0,82), “Avaliar praticantes...” (0,75) e “Conhecimento dos locais...” (0,73).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **TA** pela maior necessidade de formação média global (0,87) e os **F** pela menor (0,14).

Em relação às categorias, destacamos as maiores necessidades em cada grupo:

**D** – P1 (1,33), P49 (1,33), P48 (1,19), P33 (1,00) e P34 (1,00)

**F** – P34 (0,42), P15 (0,42), P45 (0,42), P1 (0,25), P41 (0,25) e P48 (0,25);

**TP** – P1 (1,17), P33 (1,00), P40 (0,92), P15 (0,83), P34 (0,75) e P38 (0,75);

**TA** – P41 (1,27), P1 (1,14), P32 (1,00), P33 (0,95) e P34 (0,91).



Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 159 – Comparação entre grupos – Necessidades de formação genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
49	Avaliar praticantes e adequar actividades...	7,772	0,051
41	Conhecimentos de climatologia, meteorologia	8,029	<b>0,045*</b>
48	Dinâmicas de grupo	10,592	<b>0,014*</b>
40	Noções gerais de segurança	7,764	0,051
32	Domínio prático dos conteúdos específicos...	7,434	0,059
35	Resolução de problemas	7,845	<b>0,049*</b>
42	Saber ouvir os outros e procurar consensos	13,017	<b>0,005*</b>
43	Ética moral e profissional	12,098	<b>0,007*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P35 ( $p=0,049$ ), P41 ( $p=0,045$ ), P42 ( $p=0,005$ ), P43 ( $p=0,007$ ) e P48 ( $p=0,014$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre grupos, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Por outro lado, uma vez que as categorias P32 ( $p=0,059$ ), P40 ( $p=0,051$ ) e P49 ( $p=0,051$ ), apresentaram valores próximos do nível de significância, optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U) encontrando **diferenças significativas** entre os seguintes grupos: P32 - F x TA ( $p=0,006$ ); P40 - F x TP ( $p=0,014$ ) e F x TA ( $p=0,020$ ); P49 - D x F ( $p=0,016$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram das maiores necessidades de formação por parte dos **D** e **TA** e menores por parte dos **F** e **TP**. Como já referimos, a especificidade de cada função profissional e a maior experiência quer como praticante quer na actividade, poderá justificar em nosso entender, os resultados obtidos. Neste sentido, uma vez que existem necessidades de formação diferenciadas na maioria das CP genéricas, julgamos que será pertinente, construir programas de formação considerando as necessidades de cada grupo, ou seja, de acordo com as respectivas funções profissionais.

Gostaríamos de salientar também que, as maiores necessidades de formação estão associadas à dimensão pedagógica. Se considerarmos que a maioria dos técnicos não têm formação académica superior (52,9%) e têm “outras profissões” (82,4%) não relacionadas com o desporto, poderemos encontrar aqui uma certa explicação para as necessidades de formação encontradas. Por outro lado, o “Contacto e trabalho com outros especialistas”, também foi destacada em todos os grupos, o que revela uma necessidade de partilhar conhecimentos e experiências profissionais.

## 8.5.3.2. Necessidades de Formação Específicas

Quadro 160 – Necessidades de formação específicas - Parapente

P	Sub-variável Necessidades de formação específicas	Total	D	F	TP	TA
		Dif. Média	Dif. Média	Dif. Média	Dif. Média	Dif. Média
59	1 <sup>o</sup> s socorros	1,03	1,29	0,67	1,17	0,91
60	Processos e estratégias de supervisão	0,99	1,38	0,25	1,25	0,86
53	Legislação e direito desportivo	0,78	0,90	0,25	0,92	0,86
57	Introdução ao associativismo	0,75	0,76	-0,25	0,83	1,23
52	Conhecim <sup>l</sup> . de meteorologia	0,72	0,76	0,33	0,67	0,91
54	Pilotagem	0,72	0,71	0,67	0,50	0,86
56	Planeam <sup>l</sup> . organização sessões ensino	0,66	0,86	-0,08	0,83	0,77
58	Gestão da segurança	0,64	1,05	0,00	0,25	0,82
51	Conhecim <sup>l</sup> . de aerodinâmica	0,61	0,62	0,58	0,50	0,68
55	Asas e Equipamento	0,49	0,81	0,17	0,17	0,55
Médias		0,74	0,91	0,26	0,71	0,85

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação foram: “1<sup>o</sup>s socorros” (1,03), “Processos e estratégias...” (0,99), “Legislação e direito” (0,78), “Introdução ao associativismo” (0,75), “Conhecimentos de meteorologia” (0,72) e “Pilotagem” (0,72).

Quanto à análise por grupos, podemos destacar os **D** pela maior necessidade de formação média (0,91), e os **F** pela menor (0,26).

Em relação às categorias, destacamos as maiores necessidades em cada grupo:

**D** – P60 (1,38), P59 (1,29), P58 (1,05), P53 (0,90), P56 (0,86);

**F** – P59 (0,67), P54 (0,67), P51 (0,58), P52 (0,33), P60 (0,25) e P53 (0,25);

**TP** – P60 (1,25), P54 (1,17), P53 (0,92), P57 (0,83) e P56 (0,83);

**TA** – P57 (1,23), P59 (0,91), P52 (0,91), P60 (0,86), P53 (0,86) e P54 (0,86).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 161 – Comparação entre grupos – Necessidades de formação específicas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Grupos	U	(p)
57	Introdução ao associativismo	9,931	0,019*	D x F F x TA	78,000 54,500	0,029* 0,002*
58	Gestão da segurança	11,805	0,008*	D x F D x TP F x TA	68,500 67,000 79,000	0,005* 0,020* 0,018*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre os grupos, na sub-variável “Necessidades de formação específicas”, relativamente às seguintes categorias: P57 (p=0,019) e P58 (p=0,008).

As diferenças significativas encontradas resultaram das maiores necessidades de formação por parte dos **D** e menores por parte dos **F**.

Em relação à P57, o facto de os **F** valorizarem menos as questões do associativismo, também implicou uma menor necessidade de formação. Por outro lado, os “Clubes e associações” são as organizações mais representadas por **D** e **TA** o que poderá também revelar um maior interesse por parte destes.

No que diz respeito à P58, uma vez que a “Gestão da segurança” é uma competência essencialmente da responsabilidade dos **F** (durante os cursos de formação) e dos **TP** (durante a realização das actividades), é natural que, a uma maior experiência corresponda uma menor necessidade de formação.

Deste modo, considerando que se trata de uma actividade de elevado risco, constatamos que existe uma preocupação na área da segurança, nomeadamente ao nível do socorrismo e da supervisão. Este facto é reforçado precisamente pela opinião dos técnicos, uma vez que foi destacado em todos os grupos.

## **8.6. Síntese (Parapente)**

Encontrámos diferenças significativas na grande maioria das variáveis estudadas, com excepção das “Funções profissionais”. Estes resultados permitem aceitar as hipóteses 1, 2 e 3 na totalidade. De facto, os técnicos de **Par** avaliam e valorizam as questões da formação de modo diferenciado de acordo com a função profissional desempenhada.

O nível técnico e pedagógico dos formadores foram as categorias melhor avaliadas, enquanto que ao nível das organizações, a federação obteve a melhor avaliação global.

A experiência como praticante foi o factor de desempenho profissional mais valorizado, enquanto que o papel da federação na promoção de formação técnica especializada foi mais uma vez reforçado pelo do nível de concordância atribuído por todos os técnicos.

As funções profissionais revelaram ter um bom nível de concordância.

Os conhecimentos dos locais de prática e a pilotagem foram as CP mais valorizadas, enquanto que o saber ouvir os outros procurando consensos e novamente a pilotagem, foram as CP onde se julgou possuir melhor domínio. As maiores necessidades de formação situaram-se ao nível das técnicas e estilos de ensino e dos 1ºs socorros.

Os resultados referentes às CP, maior valorização das competências técnicas, melhor auto-percepção das competências pessoais e maiores necessidades de formação na área pedagógica, são muito semelhantes aos resultados encontrados no estudo de Carvalhinho e Rodrigues (2004), quando se avaliou as CP dos orientadores de estágio no sistema educativo. Deste modo, parece existir alguma relação entre estes dois contextos.

De acordo com Branco (2002), são as escolas que formam os pilotos e, por isso, assumem a responsabilidade sobre a qualidade do serviço que prestam, sendo a elas que compete a prevenção de muitos incidentes que apenas dificultariam a evolução e o crescimento da modalidade. Um bom programa de curso associado a uma competência técnica e pedagógica de gestão da formação deverá ser o ponto de partida de uma escola de formação de pilotos de Voo Livre. São os Instrutores que têm mais credibilidade para poder intervir, alertar, fiscalizar e, sobretudo, formar.

O desenvolvimento desta actividade tem sido notório nos últimos anos. De facto, o modo como é hoje encarada a prática desta actividade é bastante diferente se recuarmos uma dezena de anos. A evolução dos materiais, a evolução do conhecimento e da formação dos diversos responsáveis, a maior exigência perante as questões associadas à segurança dos praticantes e a maior concorrência ao nível da oferta de serviços (nomeadamente nas empresas), levaram à melhoria da qualidade de prática a todos os níveis, incluindo a vertente competitiva. Neste sentido, julgamos que existe uma certa cultura para valorizar a organização de eventos (encontros e competições), como demonstram os resultados através da importância atribuída à observação de actividades e eventos da especialidade e a necessidade de contacto e trabalho com outros especialistas.

Na verdade, de acordo com a opinião dos técnicos de **Par**, o trabalho efectuado pela federação na área da formação tem sido bastante positivo. Também ao nível da vertente competitiva, como referiu Cruz (2003) após o VIII Campeonato do Mundo de **Par** realizado em Portugal (Montalegre), “...foi um enorme esforço, mas valeu a pena o trabalho e algumas lutas que foram ficando pelo caminho. Estão todos de parabéns”.

## Capítulo II - Estudo das Funções dos Técnicos de DN

### 1. Introdução

Nesta pesquisa, o estudo das funções dos TDN englobou um conjunto de 4 (quatro) funções profissionais, que emergiram da revisão da literatura efectuada. Assim, estudámos as seguintes funções: Dirigente (**D**), Formador (**F**), Técnico Principal (**TP**) e Técnico Auxiliar (**TA**).

Em cada função, estudámos a opinião dos TDN acerca da formação, funções e competências profissionais, recorrendo à análise descritiva (geral) e comparativa entre as várias actividades em estudo (orientação, btt, escalada, montanhismo, canoagem, mergulho e parapente). Para esse efeito, utilizámos parâmetros de tendência central (média) e valores das provas estatísticas e probabilidade de erro.

*Quadro 162 – Distribuição da Amostra por Função Principal*

Funções	T	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
<b>D</b>	<b>149</b>	21	25	16	25	19	22	21
<b>F</b>	<b>75</b>	14	13	10	12	6	7	13
<b>TP</b>	<b>194</b>	31	52	38	27	20	14	12
<b>TA</b>	<b>412</b>	91	89	59	47	81	23	22
<i>Totais</i>	<b>830</b>	<b>157</b>	<b>179</b>	<b>123</b>	<b>111</b>	<b>126</b>	<b>66</b>	<b>68</b>

Antes de iniciar a análise propriamente dita, gostaríamos de esclarecer que a amostra utilizada neste Capítulo II (Estudo das Funções dos TDN) é a mesma que utilizámos no Capítulo I (Estudo das ADN). A diferença consiste em abordar perspectivas diferentes de análise, em que os valores médios totais são diferentes, ou seja, enquanto que no Capítulo I estudámos as 7 ADN considerando os diversos grupos de técnicos, neste Capítulo II pretendemos estudar os 4 grupos de TDN considerando as diversas ADN.

## 2. Estudo da Função de “Dirigente”

### 2.1. Formação Realizada (Dirigente)

Nesta variável, estudámos as seguintes sub-variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

#### 2.1.1. Último Curso de Formação Realizado

Quadro 163 – Avaliação do último curso de formação realizado – Dirigentes

P	Sub-variável: Último curso de formação realizado	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
10	Nível técnico dos formadores	<b>4,39</b>	<b>4,00</b>	<b>4,40</b>	<b>4,17</b>	<b>4,47</b>	<b>4,80</b>	<b>4,67</b>	<b>4,27</b>
4	Pertinência dos conteúdos program...	<b>4,18</b>	3,93	<b>4,00</b>	<b>4,40</b>	<b>4,33</b>	<b>4,60</b>	<b>4,22</b>	<b>4,00</b>
11	Nível pedagógico dos formadores	<b>4,11</b>	3,93	<b>4,40</b>	<b>4,00</b>	<b>4,13</b>	<b>4,60</b>	<b>4,22</b>	3,82
13	Satisfação geral	<b>4,07</b>	3,73	<b>4,00</b>	3,83	<b>4,21</b>	<b>4,40</b>	<b>4,39</b>	3,82
3	Cumprimento dos objectivos propostos	<b>3,99</b>	3,87	3,80	<b>4,00</b>	<b>4,07</b>	<b>4,20</b>	<b>4,06</b>	3,91
12	Razão formador / formando	3,88	3,64	3,80	<b>4,00</b>	3,93	3,60	<b>4,22</b>	3,64
5	Metodologias de formação	3,87	3,47	<b>4,00</b>	3,50	<b>4,20</b>	<b>4,00</b>	<b>4,06</b>	3,73
6	Recursos pedagógico-didácticos	3,79	3,20	<b>4,00</b>	3,00	3,93	<b>4,40</b>	<b>4,28</b>	3,64
7	Qualidade das instalações e equipam...	3,69	3,73	<b>4,20</b>	3,50	<b>4,13</b>	3,40	3,28	3,73
9	Acessibilidade (custo) da formação	3,64	<b>4,00</b>	3,80	3,50	<b>4,07</b>	3,60	2,94	3,73
1	Duração da componente teórica	3,55	3,60	3,20	3,33	3,87	<b>4,00</b>	3,39	3,36
2	Duração da componente prática	3,54	2,93	3,40	3,83	3,93	<b>4,00</b>	3,44	3,64
8	Modelo de avaliação	3,53	3,53	3,40	3,00	3,71	3,40	3,78	3,20
	<b>Médias</b>	<b>3,86</b>	<b>3,66</b>	<b>3,88</b>	<b>3,70</b>	<b>4,08</b>	<b>4,08</b>	<b>3,92</b>	<b>3,73</b>

Em termos gerais, podemos destacar as categorias com melhor avaliação (nível “bom” ou mais): “Nível técnico...” (4,39), “Pertinência dos conteúdos...” (4,18), “Nível pedagógico...” (4,11), “Satisfação geral” (4,07) e “Cumprimento dos objectivos...” (3,99). Por outro lado, a “Modelo de avaliação” (3,53), obteve a menor avaliação.

Quanto à análise por actividades, a melhor avaliação média global foi atribuída no **Mon** (4,08) e na **Can** (4,08), enquanto que a **Ori** (3,66), obteve a menor avaliação.

Podemos verificar ainda que, o “Nível técnico...” obteve em todas as actividades, avaliações de nível “bom” (ou mais), enquanto que o “Modelo de avaliação” nunca atingiu esse nível.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 164 – Comparação entre actividades - Último curso de formação realizado**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
6	<i>Recursos pedagógico-didáticos</i>	22,610	<b>0,001*</b>	Ori x Btt	15,000	<b>0,025*</b>
				Ori x Mon	56,500	<b>0,011*</b>
				Ori x Can	12,000	<b>0,011*</b>
				Ori x Mer	37,000	<b>0,000*</b>
				Esc x Can	4,500	<b>0,045*</b>
				Esc x Mer	14,500	<b>0,005*</b>
				Mer x Par	46,500	<b>0,011*</b>
9	<i>Acessibilidade (custo) da formação</i>	13,329	<b>0,038*</b>	Ori x Mer	53,500	<b>0,002*</b>
				Mon x Mer	55,500	<b>0,002*</b>
				Mer x Par	54,000	<b>0,033*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Último curso de formação realizado”, relativamente às seguintes categorias: P6 (p=0,001) e P9 (p=0,038).

As diferenças significativas encontradas na P6 resultaram da menor avaliação atribuída pela **Ori**, **Esc** e **Par**, nas respectivas comparações. Podemos verificar também, que estas actividades são as que apresentam menores valores médios, traduzindo uma tendência geral para avaliações mais baixas. Por outro lado, estas actividades atravessam uma grande fase de desenvolvimento e afirmação, implicando também uma maior exigência e preocupação.

Relativamente à P9, consideramos que o custo da formação em **Mer** é o mais elevado e exigente entre todas as actividades estudadas, o que poderá justificar a menor avaliação atribuída a esta categoria.

## 2.1.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

**Quadro 165 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação – Dirigentes**

P	Sub-variável: <u>Intervenção das organizações...</u>	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
5	<i>Clubes, Associações</i>	<b>3,32</b>	<b>3,67</b>	<b>3,44</b>	<b>3,87</b>	<b>3,12</b>	<b>3,33</b>	2,53	<b>3,25</b>
6	<i>Empresas (privadas)</i>	<b>3,03</b>	2,08	<b>3,54</b>	<b>3,31</b>	<b>3,23</b>	2,82	<b>3,50</b>	2,25
1	<i>Federação Desportiva (que tutela)</i>	2,76	<b>3,76</b>	2,91	2,69	2,24	2,40	1,89	<b>3,11</b>
3	<i>Ensino Superior</i>	2,71	2,40	<b>3,65</b>	2,54	2,75	2,50	2,00	2,23
4	<i>Ensino Secundário (desp. escolar)</i>	2,50	2,93	<b>3,04</b>	2,56	2,28	2,36	1,57	2,33
7	<i>Autarquias</i>	2,35	2,57	2,64	2,64	1,91	2,30	1,58	2,69
8	<i>INATEL</i>	2,27	2,42	2,38	2,60	2,21	2,25	1,27	2,54
2	<i>IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)</i>	1,89	1,92	2,22	1,60	2,19	1,43	1,23	2,08
	<b>Médias</b>	<b>2,60</b>	<b>2,72</b>	<b>2,98</b>	<b>2,73</b>	<b>2,49</b>	<b>2,42</b>	<b>1,95</b>	<b>2,56</b>

Em termos gerais, a intervenção das organizações foi positiva em relação aos “Clubes, Associações” (3,32) e às “Empresas” (3,03). Por outro lado, as restantes organizações obtiveram avaliação negativa.

Quanto à análise por actividades, constatámos que o **Btt** foi a única que obteve uma avaliação média global positiva (2,98), enquanto que as restantes actividades não obtiveram esse tipo de avaliação, com o **Mer** a obter a avaliação mais baixa (1,95).

Deste modo, verificamos que os “Clubes, Associações”, obtiveram avaliações positivas em quase todas as actividades (excepto no **Mer** – 2,53), enquanto que as “Autarquias”, o “INATEL” e o “IEFP” nunca obtiveram essa avaliação.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 166 – Comparação entre actividades - Intervenção das organizações na área da formação**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
5	Clubes, Associações	20,084	<b>0,003*</b>
6	Empresas (privadas)	25,155	<b>0,000*</b>
1	Federação Desportiva (que tutela)	29,045	<b>0,000*</b>
3	Ensino Superior	24,707	<b>0,000*</b>
4	Ensino Secundário (desp. escolar)	24,955	<b>0,000*</b>
7	Autarquias	14,219	<b>0,027*</b>
8	INATEL	15,350	<b>0,018*</b>
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	14,411	<b>0,025*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Intervenção das organizações na área da formação”, relativamente às seguintes categorias: P5 (p=0,003), P6 (p=0,000), P1 (p=0,000), P3 (p=0,000), P4 (p=0,000), P7 (p=0,027), P8 (p=0,018) e P2 (p=0,025).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Mais uma vez, julgamos que a especificidade das várias actividades foi determinante face às diferenças significativas encontradas.

Em relação às “Autarquias”, “INATEL” e “IEFP”, apesar de não terem obtido qualquer avaliação positiva, existe uma tendência do **Btt** para avaliar um pouco melhor estas organizações, enquanto que o **Mer** lhes atribui uma avaliação muito baixa.

Cada actividade tem a sua própria história e cultura de desenvolvimento, e por isso, devido à maior abrangência e acessibilidade por um lado, e menor complexidade e exigência por outro, é natural que exista discrepância nos resultados, pois nem todo o tipo de organizações terão possibilidades e vocação para intervir nestas áreas de formação.



## 2.2. Expectativas de Formação (Dirigente)

Nesta variável, estudámos as seguintes sub-variáveis: “Factores de desempenho profissional” e “Pressupostos e estratégias de formação”.

### 2.2.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 167 – Importância dos factores de desempenho na actividade – Dirigentes*

P	Sub-variável: Factores de desempenho actividade	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
1	<i>Experiência como praticante</i>	<b>4,66</b>	<b>4,76</b>	<b>4,08</b>	<b>4,88</b>	<b>4,68</b>	<b>4,68</b>	<b>5,23</b>	<b>4,48</b>
3	<i>Participação em cursos / A.F.</i>	<b>4,45</b>	<b>4,38</b>	<b>4,72</b>	<b>4,38</b>	<b>4,64</b>	<b>4,00</b>	<b>4,55</b>	<b>4,33</b>
2	<i>Experiência intervenção profissional</i>	<b>4,23</b>	<b>3,95</b>	<b>4,56</b>	<b>4,31</b>	<b>4,48</b>	<b>4,26</b>	<b>4,23</b>	3,76
8	<i>Características pessoais</i>	<b>4,18</b>	<b>4,05</b>	3,80	3,75	<b>4,48</b>	3,89	<b>4,82</b>	<b>4,33</b>
7	<i>Observação actividades e eventos...</i>	3,93	<b>4,67</b>	3,68	<b>4,06</b>	3,88	3,74	3,18	<b>4,38</b>
5	<i>Leitura livros/revistas especializadas</i>	3,56	3,57	3,48	<b>4,06</b>	3,56	3,11	3,41	3,86
4	<i>Participação em congressos e sem...</i>	3,48	3,62	<b>4,00</b>	3,44	3,52	2,53	3,32	3,71
6	<i>Formação académica</i>	3,28	3,00	<b>4,08</b>	3,56	3,68	2,42	2,91	3,10
	<b>Médias</b>	<b>3,97</b>	<b>4,00</b>	<b>4,05</b>	<b>4,05</b>	<b>4,12</b>	<b>3,58</b>	<b>3,95</b>	<b>3,99</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho profissional foram: “Experiência como praticante” (4,66), “Participação em cursos...” (4,45), “Experiência intervenção profissional” (4,23) e “Características pessoais” (4,18).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar uma maior valorização média global no **Mon** (4,12) e uma menor na **Can** (3,58).

Por outro lado, constatamos que a “Experiência como praticante” e a “Participação em cursos...”, são considerados factores importantes em todas as actividades.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 168 – Comparação entre actividades - Factores de desempenho na actividade*

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
1	<i>Experiência como praticante</i>	15,882	<b>0,014*</b>
8	<i>Características pessoais...</i>	18,619	<b>0,005*</b>
7	<i>Observação actividades e eventos...</i>	30,815	<b>0,000*</b>
4	<i>Participação em congressos e sem...</i>	19,695	<b>0,003*</b>
6	<i>Formação académica</i>	18,521	<b>0,005*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Factores no desempenho da actividade”, relativamente às seguintes categorias: P1 (p=0,014), P8 (p=0,005), P7 (p=0,000), P4 (p=0,003) e P6 (p=0,005).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Em nossa opinião, as diferenças significativas encontradas resultaram das seguintes situações:

A “Experiência como praticante” foi mais valorizada no **Mer** e **Esc** em detrimento do **Btt** e **Par**. Consideramos natural, que grande parte dos **D** de **Mer** e **Esc** tenham sido praticantes e que valorizem bastante este factor, pois o domínio do saber fazer é complexo e poderá ser importante para tomar decisões acertadas.

A “Participação em Congressos...” e a “Formação Académica” foi mais valorizada pelo **Btt** e **Mon**, em detrimento da **Can** e **Mer**. Julgamos que o maior conservadorismo da **Can** e o maior reconhecimento profissional do **Mer** implicou uma menor valorização, enquanto que o **Btt** e o **Mon** estão numa boa fase de expansão e partilha de saberes.

Quanto à “Observação de actividades e eventos...”, notámos que existe uma influência positiva do trabalho efectuado pelas federações desportivas de **Ori** e **Par**. Por outro lado, no **Mer** e no **Btt**, o papel das federações está muito aquém das expectativas.

Por último, as “Características pessoais” parecem estar normalmente associadas às actividades onde o contacto directo e permanente com os praticantes é maior. Neste sentido, existe uma maior valorização no **Mer** e no **Mon**, sendo menor na **Esc** e no **Btt**.

## 2.2.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

*Quadro 169 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação – Dirigentes*

P	Sub-variável: Pressupostos e estratégias de formação	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
7	A formação deverá ter uma predominância...	<b>2,04</b>	1,48	<b>2,12</b>	<b>2,38</b>	<b>2,08</b>	<b>2,26</b>	<b>1,95</b>	<b>2,10</b>
3	As federações desportivas deverão prom...	<b>1,92</b>	<b>2,33</b>	<b>1,80</b>	<b>2,50</b>	<b>1,64</b>	<b>1,53</b>	<b>1,55</b>	<b>2,29</b>
16	Os parques naturais deverão possuir “guias..	<b>1,88</b>	1,29	<b>2,08</b>	<b>2,38</b>	<b>1,80</b>	<b>2,00</b>	<b>1,91</b>	<b>1,81</b>
10	Os modelos de formação deverão contemplar	<b>1,85</b>	<b>1,52</b>	<b>1,88</b>	<b>2,00</b>	<b>1,92</b>	<b>1,89</b>	<b>1,59</b>	<b>2,19</b>
1	A frequência de A.F. de reciclagem/actualiz...	<b>1,75</b>	<b>1,71</b>	<b>1,92</b>	<b>2,00</b>	<b>1,60</b>	<b>1,84</b>	<b>1,68</b>	<b>1,57</b>
8	Os modelos de formação utilizados noutros...	<b>1,75</b>	1,29	1,28	<b>1,81</b>	<b>2,36</b>	1,32	<b>2,27</b>	<b>1,86</b>
11	Será necessário definir a progressão da...	<b>1,74</b>	<b>1,67</b>	<b>1,76</b>	<b>2,31</b>	<b>1,72</b>	<b>1,53</b>	<b>1,59</b>	<b>1,76</b>
6	A formação deverá considerar todos os níveis	<b>1,71</b>	1,19	1,32	<b>2,19</b>	<b>1,92</b>	<b>2,00</b>	<b>2,09</b>	1,43
9	A formação deverá assentar em vários níveis	<b>1,63</b>	1,48	1,48	<b>1,88</b>	<b>2,00</b>	<b>1,63</b>	1,36	<b>1,62</b>
14	O Estado deverá ter iniciativa para reunir...	1,44	1,48	1,36	<b>2,13</b>	<b>1,60</b>	1,47	1,05	1,14
5	A formação deverá ser mais abrangente de...	1,35	1,24	1,16	<b>1,88</b>	<b>1,52</b>	<b>1,95</b>	1,27	0,62
2	O Estado deverá ser responsável pela regul...	1,15	0,57	1,28	<b>1,56</b>	<b>1,64</b>	0,53	1,23	1,14
15	Somente as empresas privadas que cumprem	1,13	1,48	1,24	0,94	0,64	0,74	1,32	<b>1,52</b>
13	Todas as organizações responsáveis pela...	1,11	0,43	1,00	<b>2,00</b>	1,20	0,63	0,73	<b>2,00</b>
12	O IEFP deverá promover a formação prof...	0,95	1,14	1,04	1,38	1,04	0,53	0,45	1,10
4	Só as entidades acreditadas pelo Estado...	0,73	1,14	1,04	1,25	<b>1,64</b>	0,00	-0,41	0,33

Em termos gerais, podemos destacar 9 (nove) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), a saber: P7 (2,04), P3 (1,92), P16 (1,88), P10 (1,85), P1 (1,75), P8 (1,75), P11 (1,74), P6 (1,71) e P9 (1,63). As restantes estratégias carecem em nossa opinião, de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Verificámos também que é na **Esc** que existe mais concordância face às estratégias apresentadas, enquanto que na **Ori** existe menos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 170 – Comparação entre actividades - Pressupostos e estratégias de formação**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
8	<i>Os modelos de formação utilizados noutros...</i>	19,496	<b>0,003*</b>
6	<i>A formação deverá considerar todos os níveis</i>	19,675	<b>0,003*</b>
5	<i>A formação deverá ser mais abrangente...</i>	14,914	<b>0,021*</b>
13	<i>Todas as organizações responsáveis pela...</i>	22,856	<b>0,001*</b>
4	<i>Só as entidades acreditadas pelo Estado...</i>	15,781	<b>0,015*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as especialidades, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente às seguintes categorias: P8 (p=0,003), P6 (p=0,003), P5 (p=0,021), P13 (p=0,001) e P4 (p=0,015).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Em nossa opinião, as diferenças encontradas resultaram dos seguintes factos:

Na P8, existe um maior nível de concordância no **Mon** e **Mer** em detrimento do **Btt**, **Ori** e **Can**. Consideramos que a maior predisposição do **Mon** e **Mer** para o contacto internacional é mais visível, enquanto que no **Btt**, **Ori** e **Can**, a formação tem por base a experiência nacional.

A P6 demonstra uma maior concordância na **Esc** e **Mer**, e uma menor na **Ori** e **Btt**. Julgamos que existe uma maior necessidade de formação assente em vários níveis, nas actividades de maior complexidade, onde as questões de segurança e de responsabilidade são determinantes, como nos casos da **Esc** e **Mer**.

Em relação à P5, consideramos que a **Can**, a **Esc** e o **Mon** são actividades de formação de base que permitem uma maior abrangência e polivalência de conhecimentos e

competências. Por outro lado, o **Par** é bastante mais específico o que revela menos flexibilidade e um menor nível de concordância nesta estratégia.

O protagonismo das federações desportivas (P13) na área da formação não é reconhecido da mesma maneira pelas diferentes actividades. Neste sentido, verificamos um maior nível de concordância na **Esc** e **Par** e um menor na **Ori**, **Can** e **Mer**.

Em relação à certificação (P4), parece que a maior aproximação da **Esc** e **Mon** com os modelos de formação federativos e institucionais de outros países vizinhos, poderá ter implicado uma maior concordância em detrimento do **Mer**, **Can** e **Par**.

Por último, podemos constatar que as estratégias “P3, P10, P1 e P11”, reuniram um bom nível de concordância em todas as actividades, com destaque para o papel das federações em relação à promoção de formação técnica especializada.

### 2.3. Funções Profissionais (Dirigente)

Em termos gerais, podemos verificar no quadro 171, que todas as funções profissionais reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **F** (2,29).

*Quadro 171 – Concordância com as funções profissionais – Dirigentes*

P	Variável: Funções profissionais	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
2	<b>Formador</b> – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona...	2,29	1,76	2,36	2,44	2,40	2,47	2,32	2,29
4	<b>Técnico auxiliar</b> – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem...	2,26	1,52	2,32	2,50	2,36	2,53	2,36	2,24
3	<b>Técnico principal</b> – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É...	2,23	1,71	2,32	2,63	2,28	2,42	2,23	2,10
1	<b>Dirigente</b> – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas...	2,12	1,76	2,16	2,56	2,12	2,05	2,36	1,90
	Médias	2,22	1,69	2,29	2,53	2,29	2,37	2,32	2,13

Quanto à análise por actividades, observamos que existem também níveis de concordância aceitáveis em todas as funções, com destaque para a **Esc** (2,53) em detrimento da **Ori** (1,69).

As restantes categorias apresentam na maioria, valores entre o significado de “concordo” e “concordo totalmente” (excepto na **Ori**), levando-nos a admitir que existe um bom nível de concordância entre os técnicos relativamente às funções profissionais.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 172 – Comparação entre actividades – Funções profissionais*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
4	Técnico auxiliar...	17,648	<b>0,007*</b>	Ori x Btt	142,000	<b>0,005*</b>
				Ori x Esc	74,000	<b>0,002*</b>
				Ori x Mon	135,000	<b>0,003*</b>
				Ori x Can	82,500	<b>0,001*</b>
				Ori x Mer	118,000	<b>0,003*</b>
				Ori x Par	130,500	<b>0,016*</b>
3	Técnico principal...	14,730	<b>0,002*</b>	Ori x Btt	165,500	<b>0,023*</b>
				Ori x Esc	74,000	<b>0,002*</b>
				Ori x Mon	172,500	<b>0,035*</b>
				Ori x Can	111,500	<b>0,010*</b>
				Esc x Mer	108,500	<b>0,024*</b>
				Esc x Par	103,000	<b>0,029*</b>
1	Dirigente...	13,268	<b>0,039*</b>	Ori x Esc	68,500	<b>0,001*</b>
				Ori x Mer	131,500	<b>0,009*</b>
				Esc x Can	91,500	<b>0,022*</b>
				Esc x Par	99,500	<b>0,020*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na variável “Funções profissionais”, relativamente às categorias: P4 ( $p=0,007$ ), P3 ( $p=0,002$ ) e P1 ( $p=0,039$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre do maior nível de concordância atribuído na **Esc** e menor na **Ori**. Julgamos que a maior concordância revelada pelos **D** de **Esc** está relacionada com a maior necessidade de separar tarefas e responsabilidades, na medida em que o factor risco é elevado e a avaliação dos praticantes é determinante, exigindo neste caso, maior atenção e maior responsabilidade no enquadramento de actividades. Por outro lado, na **Ori**, parece não existir uma rigidez tão evidente ao nível da atribuição de tarefas pelos vários técnicos.

No entanto, salientamos que os resultados obtidos demonstram existir um bom nível de concordância em todas as funções profissionais.

#### 2.4. Competências Profissionais (Dirigente)

Nesta dimensão estudámos as seguintes variáveis/sub-variáveis: a “Importância das CP genéricas”, a “Auto-percepção das CP genéricas” e as “Necessidades de formação genéricas”.

### 2.4.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

Quadro 173 – Importância das CP genéricas - Dirigentes

P	Sub-variável: Importância das CP genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
46	Capacidade para tomar decisões	<b>5,14</b>	<b>4,95</b>	<b>5,16</b>	<b>5,31</b>	<b>5,40</b>	<b>4,68</b>	<b>5,50</b>	<b>4,90</b>
45	Actualização permanente conhecimentos	<b>5,08</b>	<b>4,81</b>	<b>5,32</b>	<b>5,38</b>	5,04	4,53	<b>5,45</b>	<b>5,00</b>
40	Noções gerais de segurança	<b>5,05</b>	4,48	<b>5,40</b>	<b>5,44</b>	5,28	<b>4,89</b>	<b>5,18</b>	4,62
15	Conhecimentos dos locais de prática	<b>4,98</b>	4,38	<b>5,24</b>	4,75	<b>5,32</b>	4,58	<b>5,18</b>	<b>5,19</b>
32	Domínio prático dos conteúdos	<b>4,90</b>	4,57	4,68	<b>5,25</b>	<b>5,16</b>	<b>4,79</b>	<b>5,36</b>	4,52
43	Ética moral e profissional	4,89	<b>4,67</b>	5,04	4,81	5,08	4,47	5,09	<b>4,95</b>
49	Avaliar praticantes e adequar activid...	4,87	4,43	5,20	4,94	<b>5,16</b>	4,53	4,95	4,71
38	Responsabilidade e sensibilidade	4,85	<b>4,67</b>	4,68	<b>5,13</b>	5,08	4,37	5,14	4,86
35	Resolução de problemas	4,83	4,38	4,96	4,94	5,04	<b>4,84</b>	4,95	4,67
42	Saber ouvir outros e procurar consensos	4,79	4,71	4,88	4,63	4,92	4,42	4,55	<b>5,29</b>
2	Organização técnica e planeamento...	4,77	<b>4,67</b>	<b>5,32</b>	5,06	4,92	4,21	4,91	4,19
33	Planificação, condução e avaliação...	4,75	4,48	4,76	<b>5,13</b>	4,80	4,58	5,00	4,57
48	Dinâmicas de grupo	4,74	4,48	4,80	4,75	5,00	4,26	5,14	4,67
9	Traumatologia e socorrismo	4,74	3,71	5,48	4,75	<b>5,24</b>	<b>4,74</b>	5,09	3,95
16	Auto-estima e auto-confiança	4,64	4,14	<b>5,00</b>	5,06	4,68	4,11	5,14	4,33
	<b>Médias</b>	<b>4,87</b>	<b>4,50</b>	<b>5,06</b>	<b>5,02</b>	<b>5,07</b>	<b>4,53</b>	<b>5,11</b>	<b>4,70</b>

Em termos gerais, as CP genéricas mais valorizadas estão associadas à dimensão pessoal e dimensão técnico-pedagógica, com destaque para a “Capacidade para tomar decisões” (5,14), “Actualização permanente...” (5,08), “Noções gerais de segurança” (5,05), “Conhecimento dos locais...” (4,98) e “Domínio prático...” (4,90).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Mer** pela maior valorização média global (5,11) e o **Ori** pela menor (4,50).

Gostaríamos de salientar ainda, a “Capacidade para tomar decisões” como competência profissional destacada em todas as actividades.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 174 - Comparação entre actividades - Importância das CP genéricas

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
46	Capacidade para tomar decisões	12,863	<b>0,045*</b>
45	Actualização permanente conhecimentos	15,058	<b>0,020*</b>
40	Noções gerais de segurança	22,126	<b>0,001*</b>
15	Conhecimentos dos locais de prática	12,863	<b>0,045*</b>
32	Domínio prático dos conteúdos	19,936	<b>0,003*</b>
38	Responsabilidade e sensibilidade	14,196	<b>0,028*</b>
2	Organização técnica e planeamento...	21,902	<b>0,001*</b>
9	Traumatologia e socorrismo	33,073	<b>0,000*</b>
16	Auto-estima e auto-confiança	19,129	<b>0,004*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Importância das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P46 ( $p=0,045$ ), P45 ( $p=0,020$ ), P40 ( $p=0,001$ ), P15 ( $p=0,045$ ), P32 ( $p=0,003$ ), P38 ( $p=0,028$ ), P2 ( $p=0,001$ ), P9 ( $p=0,000$ ) e P16 ( $p=0,004$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

As diferenças significativas encontradas resultaram da maior valorização dos **D** de **Mer** e pela menor dos **D** de **Ori** e **Can**, quando comparada com as restantes actividades. Neste sentido, em relação às CP genéricas, julgamos que as actividades de maior complexidade e risco tendem também para ser mais valorizadas. Neste caso, os **D** parecem estar mais preocupados com a sua capacidade de liderança e participação activa no desenvolvimento das respectivas actividades.

O facto de existirem diferenças na maioria das CP genéricas, demonstra que os **D** valorizam perfis de CP diferenciados em função da especificidade de cada actividade. Portanto, em nosso entender, a formação de **D** deverá assentar numa base comum de saberes e competências, mas deverá também salvaguardar a cultura própria de cada actividade.

#### 2.4.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

*Quadro 175 – Auto-percepção das CP genéricas - Dirigentes*

P	Sub-variável: <u>Auto-percepção das CP genéricas</u>	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
43	<i>Ética moral e profissional</i>	<b>4,53</b>	<b>4,38</b>	<b>4,64</b>	<b>4,44</b>	<b>4,76</b>	<b>4,32</b>	4,59	<b>4,48</b>
46	<i>Capacidade para tomar decisões</i>	<b>4,47</b>	<b>4,29</b>	<b>4,56</b>	4,31	<b>4,72</b>	<b>4,37</b>	<b>4,68</b>	<b>4,24</b>
32	<i>Domínio prático dos conteúdos</i>	<b>4,40</b>	<b>4,24</b>	<b>4,64</b>	4,38	4,40	<b>4,42</b>	<b>4,68</b>	3,95
16	<i>Auto-estima e auto-confiança</i>	<b>4,34</b>	<b>4,24</b>	4,32	4,19	<b>4,44</b>	<b>4,42</b>	<b>4,73</b>	4,00
40	<i>Noções gerais de segurança</i>	<b>4,33</b>	3,57	<b>4,60</b>	<b>4,69</b>	<b>4,44</b>	<b>4,42</b>	4,59	4,00
35	<i>Resolução de problemas</i>	4,32	4,10	<b>4,56</b>	4,31	<b>4,48</b>	<b>4,32</b>	<b>4,64</b>	3,76
38	<i>Responsabilidade e sensibilidade</i>	4,31	4,05	4,40	<b>4,50</b>	4,32	<b>4,32</b>	4,55	4,05
15	<i>Conhecimentos dos locais de prática</i>	4,30	3,95	4,40	3,56	<b>4,44</b>	4,16	<b>4,95</b>	<b>4,33</b>
45	<i>Actualização permanente conhecim...</i>	4,26	4,19	<b>4,76</b>	4,19	4,08	3,84	4,32	<b>4,33</b>
42	<i>Saber ouvir os outros e procurar...</i>	4,20	<b>4,24</b>	4,12	<b>4,44</b>	4,00	<b>4,32</b>	3,82	<b>4,62</b>
2	<i>Organização técnica e planeamento...</i>	4,19	4,19	4,52	<b>4,75</b>	4,36	<b>4,32</b>	4,00	3,29
33	<i>Planificação, condução e avaliação...</i>	4,17	4,00	4,40	<b>4,50</b>	4,32	4,00	4,36	3,57
48	<i>Dinâmicas de grupo</i>	4,12	4,00	4,28	4,00	<b>4,52</b>	4,05	4,36	3,48
49	<i>Avaliar praticantes e adequar activid...</i>	4,10	4,05	4,28	4,25	4,08	4,26	4,41	3,38
9	<i>Traumatologia e socorrismo</i>	3,69	2,90	4,36	4,06	3,60	3,21	4,50	3,10
	<b>Médias</b>	<b>4,25</b>	<b>4,03</b>	<b>4,46</b>	<b>4,30</b>	<b>4,33</b>	<b>4,18</b>	<b>4,48</b>	<b>3,90</b>

Em termos gerais, as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: “Ética moral...” (4,53), “Capacidade...tomar decisões” (4,47), “Domínio prático...” (4,40), “Auto-estima...” (4,34) e “Noções...segurança” (4,33).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Mer** pelo nível de auto-percepção médio global mais elevado (4,48) e o **Par** pelo menos elevado (3,90).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 176 – Comparação entre especialidades - Auto-percepção das CP genéricas*

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
40	Noções gerais de segurança	17,703	<b>0,007*</b>
35	Resolução de problemas	12,763	<b>0,047*</b>
15	Conhecimentos dos locais de prática	16,388	<b>0,012*</b>
2	Organização técnica e planeamento...	19,827	<b>0,003*</b>
48	Dinâmicas de grupo	13,489	<b>0,036*</b>
9	Traumatologia e socorrismo	27,983	<b>0,000*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P40 (p=0,007), P15 (p=0,012), P35 (p=0,047), P2 (p=0,003), P48 (p=0,036) e P9 (p=0,000).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

As diferenças significativas encontradas resultaram do maior nível de auto-percepção dos **D** de **Mer** e **Btt**, e menor dos **D** de **Par** e **Ori**. Deste modo, julgamos que a maior experiência como praticante e profissional dos **D** de **Mer** e **Btt**, poderá estar na origem do domínio das respectivas CP uma vez que estes factores foram também considerados bastante importantes para o desempenho profissional.



### 2.4.3. Necessidades de Formação Genéricas

Quadro 177 – Necessidades de formação genéricas - Dirigentes

P	Sub-variável: Necessidades de formação genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
9	Traumatologia e socorrismo	<b>1,05</b>	<b>0,81</b>	<b>1,12</b>	0,69	<b>1,64</b>	<b>1,53</b>	0,59	0,86
45	Actualização permanente conhecim...	<b>0,82</b>	<b>0,62</b>	0,56	<b>1,19</b>	<b>0,96</b>	<b>0,68</b>	<b>1,14</b>	0,67
49	Avaliar praticantes e adequar activid...	<b>0,77</b>	0,38	<b>0,92</b>	0,69	<b>1,08</b>	0,26	0,55	<b>1,33</b>
40	Noções gerais de segurança	<b>0,72</b>	<b>0,90</b>	<b>0,80</b>	0,75	<b>0,84</b>	<b>0,47</b>	0,59	0,62
15	Conhecimento dos locais de prática	<b>0,68</b>	0,43	<b>0,84</b>	<b>1,19</b>	0,88	0,42	0,23	0,86
46	Capacidade para tomar decisões	0,67	<b>0,67</b>	0,60	<b>1,00</b>	0,68	0,32	<b>0,82</b>	0,67
48	Dinâmicas de grupo	0,62	0,48	0,52	0,75	0,48	0,21	<b>0,77</b>	<b>1,19</b>
42	Saber ouvir os outros e procurar...	0,58	0,48	<b>0,76</b>	0,19	<b>0,92</b>	0,11	<b>0,73</b>	0,67
2	Organização técnica e planeamento...	0,58	0,48	<b>0,80</b>	0,31	0,56	-0,11	<b>0,91</b>	<b>0,90</b>
33	Planificação, condução e avaliação...	0,58	0,48	0,36	0,63	0,48	<b>0,58</b>	0,64	<b>1,00</b>
38	Responsabilidade e sensibilidade	0,54	<b>0,62</b>	0,28	0,63	0,76	0,05	0,59	0,81
35	Resolução de problemas	0,51	0,29	0,40	0,63	0,56	<b>0,53</b>	0,32	<b>0,90</b>
32	Domínio prático dos conteúdos	0,50	0,33	0,04	<b>0,88</b>	0,76	0,37	0,68	0,57
43	Ética moral e profissional	0,36	0,29	0,40	0,38	0,32	0,16	0,50	0,48
16	Auto-estima e auto-confiança	0,30	-0,10	0,68	<b>0,88</b>	0,24	-0,32	0,41	0,33
	Médias	<b>0,62</b>	<b>0,48</b>	<b>0,61</b>	<b>0,72</b>	<b>0,74</b>	<b>0,35</b>	<b>0,63</b>	<b>0,79</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas à dimensão técnico-pedagógica. No entanto, destacamos a “Traumatologia e socorrismo” (1,05), “Actualização permanente...” (0,82), “Avaliar praticantes...” (0,77), “Noções gerais de segurança” (0,72) e “Conhecimento dos locais de prática” (0,68).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Par** pela maior necessidade de formação média global (0,79) e a **Can** pela menor (0,35).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 178 – Comparação entre actividades – Necessidades de formação genéricas

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
9	Traumatologia e socorrismo	16,939	<b>0,010*</b>
49	Avaliar praticantes e adequar activid...	14,233	<b>0,027*</b>
42	Saber ouvir os outros e procurar...	14,586	<b>0,024*</b>
2	Organização técnica e planeamento...	13,256	<b>0,039*</b>
16	Auto-estima e auto-confiança	14,635	<b>0,023*</b>

\* diferenças significativas

Existem diferenças significativas entre as actividades, na sub-variável “Necessidades de formação genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P9 (p=0,010), P49 (p=0,027), P42 (p=0,024), P2 (p=0,039) e P16 (p=0,023).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

As diferenças significativas encontradas resultaram das maiores necessidades de formação dos **D** de **Mon** e **Mer** e menores dos **D** de **Can** e **Ori**.

Como já referimos anteriormente, julgamos que as actividades mais complexas e mais exigentes, do ponto de vista da abrangência dos saberes, dos aspectos de segurança e da responsabilidade que lhes está associada, apresentam maiores dificuldades no domínio das CP, e conseqüentemente, poderão implicar maiores necessidades de formação. Neste sentido, uma vez que o **Mon** e o **Mer** são actividades que reúnem estas características, consideramos os resultados assentam neste pressuposto.

## **2.5. Síntese (Dirigente)**

Encontrámos diferenças significativas em todas as variáveis estudadas. Estes resultados permitem aceitar as hipóteses de pesquisa 4 e 6 e rejeitar a 5. Portanto, os **D** avaliam, sentem e valorizam a formação de forma diferenciada de acordo com a especificidade de cada actividade .

Em relação à formação realizada, o nível técnico dos formadores e a pertinência dos conteúdos programáticos foram as categorias melhor avaliadas, enquanto que os clubes e as empresas foram as organizações que revelaram melhor avaliação.

A experiência como praticante foi o factor mais valorizado no desempenho profissional. As principais estratégias de formação incidiram na valorização da componente prática e no papel das federações desportivas na promoção de formação técnica especializada.

As funções profissionais revelaram ter um bom nível de concordância.

A capacidade para tomar decisões foi a CP mais valorizada; enquanto que a ética moral e profissional foi a CP onde os **D** julgaram possuir melhor domínio. Por último, a maior necessidade de formação situou-se ao nível da traumatologia e socorrismo.

Segundo Claudino (2002), as alterações verificadas na natureza do trabalho, impostas pela criação de uma dinâmica de mudança, trouxeram também, novos desafios às tarefas, funções e papéis característicos do trabalho do gestor, com particular evidência,

para aqueles que estão relacionados com a gestão dos recursos humanos, uma vez que estes são directamente afectados pelas alterações referidas. Neste sentido, de acordo com Moreira (2003), é indiscutível que a forma de gerir uma associação desportiva, seja qual for, não poderá ser, nos dias de hoje, a forma que foi utilizada durante anos mesmo que no passado possa ter tido grandes sucessos. Os desafios de hoje são outros, as exigências são outras, e tal como na formação dos outros agentes desportivos (atletas, treinadores, árbitros, etc.) é impensável a inexistência de formação, assim terá que ser no que respeita aos **D**. Por outro lado, os **D** são um tipo de agentes desportivos difícil de caracterizar devido à sua grande heterogeneidade, existindo de um modo geral, dirigentes profissionais e dirigentes benévolos. Os **D** profissionais deverão possuir uma formação profissional ou de ensino superior, tal como nos outros sectores da sociedade.

Consideramos que a função de **D**, actualmente, ainda é desempenhada em grande parte por antigos praticantes e daí a maior valorização atribuída à experiência como praticante e à participação em cursos de formação. Por outro lado, o factor risco é muito elevado nesta actividade, manifestando também uma maior preocupação e sentido de responsabilidade por parte destes técnicos ao nível da traumatologia e socorrismo.

De acordo com o IDP (2006), é necessário promover a formação de **D** de modo a que estes estejam em condições de enfrentar os novos desafios, as novas áreas do conhecimento e as novas exigências do associativismo e do empreendedorismo. Neste caso, as áreas da comunicação e marketing, novas tecnologias e informática; área jurídica; área das instalações e equipamentos desportivos; área dos recursos humanos; área da planificação de actividades e área económica e de contabilidade, deverão ser valorizadas nos respectivos cursos de formação.

### 3. Estudo da Função de “Formador”

#### 3.1. Formação Realizada (Formador)

Nesta variável, estudámos as seguintes sub-variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

##### 3.1.1. Último Curso de Formação Realizado

Quadro 179 – Avaliação do último curso de formação realizado – Formadores

P	Sub-variável: Último curso de formação realizado	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
4	<i>Pertinência dos conteúdos program...</i>	<b>4,18</b>	3,75	<b>5,00</b>	<b>4,00</b>	<b>4,80</b>	3,67	<b>4,33</b>	<b>4,00</b>
10	<i>Nível técnico dos formadores</i>	<b>4,18</b>	<b>4,29</b>	<b>4,00</b>	<b>4,11</b>	<b>4,40</b>	<b>4,00</b>	<b>4,33</b>	3,88
5	<i>Metodologias de formação</i>	<b>4,13</b>	<b>4,13</b>	<b>5,00</b>	<b>4,11</b>	<b>4,20</b>	3,67	<b>4,50</b>	3,88
11	<i>Nível pedagógico formadores</i>	<b>4,09</b>	<b>4,00</b>	<b>4,00</b>	<b>4,22</b>	<b>4,10</b>	3,33	<b>4,67</b>	3,88
13	<i>Satisfação geral</i>	<b>3,98</b>	3,86	<b>5,00</b>	3,78	<b>4,30</b>	<b>4,00</b>	<b>4,17</b>	3,63
6	<i>Recursos pedagógico-didáticos</i>	<b>3,96</b>	3,88	<b>5,00</b>	3,44	<b>4,40</b>	3,00	<b>4,33</b>	<b>4,00</b>
12	<i>Razão formador / formando</i>	<b>3,96</b>	<b>4,25</b>	<b>5,00</b>	3,78	<b>4,00</b>	3,33	<b>4,33</b>	3,63
3	<i>Cumprimento dos objectivos propostos</i>	3,84	3,75	<b>4,00</b>	3,78	<b>4,30</b>	3,33	3,83	3,63
7	<i>Qualidade das instalações e equipam...</i>	3,80	3,50	<b>5,00</b>	3,78	<b>4,20</b>	<b>4,00</b>	3,33	3,75
9	<i>Acessibilidade (custo) formação</i>	3,78	3,88	<b>5,00</b>	3,67	<b>4,40</b>	<b>4,00</b>	3,33	3,13
1	<i>Duração da componente teórica</i>	3,71	3,63	<b>5,00</b>	<b>4,00</b>	<b>4,10</b>	2,67	3,50	3,38
8	<i>Modelo de avaliação</i>	3,58	3,63	3,00	3,22	3,90	3,33	3,50	3,75
2	<i>Duração da componente prática</i>	3,50	<b>4,00</b>	<b>5,00</b>	3,63	3,70	3,00	3,17	2,88
	<b>Médias</b>	<b>3,90</b>	<b>3,89</b>	<b>4,62</b>	<b>3,81</b>	<b>4,22</b>	<b>3,49</b>	<b>3,95</b>	<b>3,64</b>

Em termos gerais da avaliação do último curso de formação realizado, podemos destacar as categorias com melhor avaliação (nível “bom” ou mais): P4 (4,18) P10 (4,18), P5 (4,13), P11 (4,09), P13 (3,98), P6 (3,96) e P12 (3,96). Por outro lado, a P2 obteve a avaliação mais baixa (3,50).

Quanto à análise por actividades, verificamos que a melhor avaliação global foi atribuída no **Btt** (4,62) e no **Mon** (4,22), enquanto que a **Can** obteve a avaliação global mais baixa (3,49).

Podemos ainda observar que, no **Btt**, todas as categorias (excepto a P8) obtiveram avaliações de nível “bom” (ou mais), enquanto que no **Par**, apenas duas categorias obtiveram esse nível de avaliação.

Em termos de análise comparativa podemos observar o seguinte:

**Quadro 180 – Comparação entre actividades - Último curso de formação realizado**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
4	<i>Pertinência dos conteúdos programáticos</i>	16,805	<b>0,010*</b>	Esc x Mon	17,000	<b>0,011*</b>
				Mon x Can	2,000	<b>0,011*</b>
				Mon x Par	16,000	<b>0,017*</b>
6	<i>Recursos pedagógico-didáticos</i>	13,667	<b>0,034*</b>	Esc x Mon	14,500	<b>0,008*</b>
				Esc x Mer	8,000	<b>0,013*</b>
				Mon x Can	3,500	<b>0,039*</b>
				Can x Mer	2,000	<b>0,047*</b>
1	<i>Duração da componente teórica</i>	16,104	<b>0,013*</b>	Ori x Mon	6,000	<b>0,001*</b>
				Ori x Can	3,000	<b>0,042*</b>
				Esc x Can	2,000	<b>0,024*</b>
				Mon x Can	1,000	<b>0,009*</b>
				Mon x Par	16,000	<b>0,017*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Último curso de formação realizado”, relativamente às seguintes categorias: P1 ( $p=0,013$ ), P4 ( $p=0,010$ ) e P6 ( $p=0,034$ ).

As diferenças significativas encontradas na P4 e na P1 resultaram da maior avaliação atribuída no **Mon** e da menor na **Can**, nas respectivas comparações. Em relação à P6, o **Mon** e **Mer** foram as actividades que atribuíram também melhores avaliações.

Por um lado, no **Mon** existe uma maior experiência ao nível da formação, o que poderá contribuir para a implementação de programas de melhor qualidade. Por outro lado, também no **Mer** existe um grande rigor na concretização dos processos de formação uma vez que estes obedecem as normas internacionais.

### 3.1.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

**Quadro 181 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação – Formadores**

P	Sub-variável: <u>Intervenção das organizações...</u>	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
5	<i>Clubes, Associações</i>	<b>3,34</b>	<b>3,69</b>	<b>3,46</b>	<b>3,22</b>	<b>3,18</b>	<b>3,67</b>	<b>3,43</b>	2,82
1	<i>Federação Desportiva (que tutela)</i>	<b>2,99</b>	<b>3,62</b>	<b>3,31</b>	2,11	2,55	2,50	2,50	<b>3,46</b>
6	<i>Empresas (privadas)</i>	<b>2,95</b>	2,67	<b>3,62</b>	2,25	2,50	<b>3,83</b>	<b>4,00</b>	2,27
3	<i>Ensino Superior</i>	2,81	<b>3,00</b>	<b>3,54</b>	2,40	<b>3,00</b>	2,83	2,25	2,09
4	<i>Ensino Secundário (desp. escolar)</i>	2,53	<b>3,15</b>	<b>3,15</b>	2,44	2,55	2,17	1,60	1,73
7	<i>Autarquias</i>	2,46	2,86	<b>3,08</b>	1,56	2,27	2,83	1,40	2,70
8	<i>INATEL</i>	2,29	2,88	2,69	1,71	2,20	<b>3,17</b>	1,00	1,80
2	<i>IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)</i>	1,91	2,13	2,46	1,89	2,30	1,50	1,00	1,13
	<b>Médias</b>	<b>2,66</b>	<b>3,00</b>	<b>3,16</b>	<b>2,20</b>	<b>2,57</b>	<b>2,81</b>	<b>2,15</b>	<b>2,25</b>

Em termos gerais, a avaliação da intervenção das organizações na área da formação, foi positiva em relação aos “Clubes, Associações” (3,34), à “Federação Desportiva” (2,99) e às “Empresas” (2,95). Por outro lado, as restantes organizações obtiveram avaliações médias negativas, tendo o “IEFP” a avaliação mais baixa (1,91).

Quanto à análise por actividades, constatámos que o **Btt** (3,16) e a **Ori** (3,00) foram as únicas a obter uma avaliação média positiva, enquanto que as restantes actividades nunca a obtiveram, tendo o **Mer** a avaliação mais baixa (2,15).

Deste modo, verificamos que os “Clubes, Associações”, obtiveram avaliações positivas em quase todas as actividades (excepto no **Par** – 2,82), enquanto que o “IEFP” nunca obteve esse nível de avaliação.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 182 – Comparação entre actividades - Intervenção das organizações na área da formação*

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
1	<i>Federação Desportiva (que tutela)</i>	18,610	<b>0,005*</b>
6	<i>Empresas (privadas)</i>	20,136	<b>0,003*</b>
3	<i>Ensino Superior</i>	14,212	<b>0,027*</b>
4	<i>Ensino Secundário (desp. escolar)</i>	20,560	<b>0,002*</b>
7	<i>Autarquias</i>	16,696	<b>0,010*</b>
8	<i>INATEL</i>	15,974	<b>0,014*</b>
2	<i>IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)</i>	20,978	<b>0,002*</b>

*\* diferenças significativas*

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Intervenção das organizações na área da formação”, nas categorias: P1 (p=0,005), P6 (p=0,003), P3 (p=0,027), P4 (p=0,002), P7 (p=0,010), P8 (p=0,014) e P2 (p=0,002).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

A especificidade das várias actividades foi, mais uma vez, determinante face às diferenças significativas encontradas.

Em relação ao “IEFP”, apesar de não ter obtido qualquer avaliação positiva, existe uma tendência do **Btt** para avaliar um pouco melhor esta organização, enquanto que o **Mer** lhes atribuiu uma avaliação muito baixa.

Mais uma vez, julgamos que existe uma cultura própria nas actividades e que esse facto também contribuiu para a discrepância dos resultados.

### 3.2. Expectativas de Formação (Formador)

Nesta variável, estudámos as seguintes sub-variáveis: “Factores de desempenho profissional” e “Pressupostos e estratégias de formação”.

#### 3.2.1. Factores de Desempenho Profissional

Quadro 183 – Importância dos factores de desempenho na actividade - Formadores

P	Sub-variável: Factores de desempenho actividade	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
1	Experiência como praticante	5,00	4,93	4,54	5,50	5,08	4,50	4,86	5,38
3	Participação em cursos / A.F.	4,63	4,43	5,38	4,50	4,50	4,50	4,29	4,54
2	Experiência intervenção profissional	4,44	4,57	5,08	5,10	4,42	4,83	3,29	3,62
8	Características pessoais	4,16	4,21	3,31	4,30	3,83	4,00	5,14	4,69
7	Observação actividades e eventos...	4,13	4,71	4,54	4,10	3,50	4,17	3,71	3,92
5	Leitura livros/revistas especializadas	4,12	3,86	4,77	4,20	4,33	4,33	3,43	3,77
4	Participação em congressos e sem...	3,89	3,50	4,62	3,90	3,75	3,67	3,86	3,85
6	Formação académica	3,81	3,86	5,00	3,70	4,00	3,50	3,29	2,92
	Médias	4,27	4,26	4,65	4,41	4,18	4,19	3,98	4,09

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho profissional foram: “Experiência como praticante” (5,00), “Participação em cursos” (4,63), “Experiência intervenção profissional” (4,44), “Características pessoais” (4,16), “Observação actividades” (4,13) e “Leitura livros...” (4,12).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar uma maior valorização média global no **Btt** (4,65) e uma menor na **Mer** (3,98).

Deste modo, constatámos que a “Experiência como praticante” e a “Participação em cursos / AF”, foram considerados factores importantes em todas as actividades.

Em termos de análise comparativa, podemos verificar no quadro 184 que **existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Factores de desempenho na actividade, relativamente às seguintes categorias: P2 ( $p=0,023$ ), P8 ( $p=0,021$ ) e P6 ( $p=0,049$ ).

Em nossa opinião, as diferenças significativas encontradas resultaram dos seguintes factos: A “Experiência da intervenção profissional” (P2) foi mais valorizada na **Esc** e no **Btt** quando comparada com os restantes grupos. Estas actividades, apresentam os valores médios mais elevados o que implica uma certa tendência para a sobrevalorização dos factores em estudo.

Quadro 184 – Comparação entre actividades - Factores de desempenho na actividade

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
2	<i>Experiência intervenção profissional</i>	14,709	<b>0,023*</b>	Btt x Mon	34,000	<b>0,011*</b>
				Btt x Mer	14,000	<b>0,007*</b>
				Btt x Par	47,500	<b>0,048*</b>
				Esc x Mon	30,000	<b>0,032*</b>
				Esc x Mer	10,000	<b>0,011*</b>
8	<i>Características pessoais</i>	14,860	<b>0,021*</b>	Ori x Mer	23,500	<b>0,048*</b>
				Btt x Esc	34,000	<b>0,043*</b>
				Btt x Mer	8,000	<b>0,002*</b>
				Btt x Par	35,000	<b>0,009*</b>
				Esc x Mer	15,000	<b>0,038*</b>
				Mon x Mer	17,000	<b>0,028*</b>
				Can x Mer	7,000	<b>0,034*</b>
6	<i>Formação académica</i>	12,627	<b>0,049*</b>	Ori x Btt	44,500	<b>0,020*</b>
				Btt x Can	12,500	<b>0,016*</b>
				Btt x Mer	12,500	<b>0,007*</b>
				Btt x Par	24,500	<b>0,002*</b>

\* diferenças significativas

No entanto, os **F** de **Btt** apresentam a maior experiência profissional e valorizam também melhor a “Formação académica” (P6), demonstrando que será muito importante não só a vivência da actividade como também uma formação sólida de nível superior.

Salientamos ainda que, tanto a **Esc** como o **Btt** são actividades em grande expansão nacional, quer ao nível do sistema desportivo quer ao nível do sistema educativo, o que poderá explicar em parte os resultados obtidos.

### 3.2.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

Quadro 185 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação - Formadores

P	Sub-variável: Pressupostos e estratégias de formação	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
16	<i>Os parques naturais deverão possuir “guias..</i>	2,04	<b>2,21</b>	<b>2,38</b>	<b>2,00</b>	1,42	<b>2,33</b>	<b>2,00</b>	<b>2,00</b>
3	<i>As federações desportivas deverão prom...</i>	<b>2,00</b>	<b>2,21</b>	<b>1,92</b>	<b>2,50</b>	1,17	<b>1,83</b>	<b>1,71</b>	<b>2,46</b>
11	<i>Será necessário definir a progressão da...</i>	<b>1,93</b>	<b>1,71</b>	<b>2,00</b>	<b>2,40</b>	1,42	<b>2,17</b>	<b>1,57</b>	<b>2,31</b>
1	<i>A frequência de A.F. de reciclagem/actualiz...</i>	<b>1,91</b>	<b>2,07</b>	<b>2,31</b>	<b>2,30</b>	<b>1,75</b>	<b>2,00</b>	<b>1,86</b>	1,15
9	<i>A formação deverá assentar em vários níveis</i>	<b>1,91</b>	<b>1,79</b>	<b>1,77</b>	<b>2,10</b>	<b>2,17</b>	1,33	1,43	<b>2,31</b>
6	<i>A formação deverá considerar todos os níveis</i>	<b>1,87</b>	<b>1,50</b>	<b>2,00</b>	<b>1,80</b>	<b>2,08</b>	<b>2,17</b>	<b>2,14</b>	<b>1,69</b>
10	<i>Os modelos de formação deverão contemplar</i>	<b>1,85</b>	<b>2,14</b>	<b>1,85</b>	<b>2,00</b>	<b>1,75</b>	1,17	<b>1,57</b>	<b>2,00</b>
7	<i>A formação deverá ter uma predominância...</i>	<b>1,81</b>	<b>2,00</b>	<b>1,69</b>	<b>2,20</b>	1,42	<b>1,83</b>	<b>2,14</b>	<b>1,62</b>
8	<i>Os modelos de formação utilizados noutros...</i>	<b>1,56</b>	1,36	1,15	<b>1,70</b>	<b>1,83</b>	<b>2,17</b>	<b>2,14</b>	1,23
14	<i>O Estado deverá ter iniciativa para reunir...</i>	1,48	<b>1,71</b>	1,00	<b>1,90</b>	<b>1,75</b>	<b>1,67</b>	0,71	1,46
2	<i>O Estado deverá ser responsável pela regul...</i>	1,44	<b>1,64</b>	<b>2,00</b>	<b>1,90</b>	<b>1,75</b>	0,83	1,29	0,38
15	<i>Somente as empresas privadas que cumprem</i>	1,44	<b>2,00</b>	<b>1,85</b>	<b>1,50</b>	0,00	<b>1,50</b>	1,43	<b>1,69</b>
12	<i>O IEFP deverá promover a formação prof...</i>	1,35	<b>1,71</b>	<b>1,92</b>	<b>1,90</b>	<b>1,50</b>	1,17	0,86	0,15
13	<i>Todas as organizações responsáveis pela...</i>	1,23	1,43	1,08	<b>1,70</b>	0,58	0,50	0,57	<b>2,08</b>
4	<i>Só as entidades acreditadas pelo Estado...</i>	1,09	1,07	<b>1,92</b>	1,40	1,08	0,83	1,00	0,23
5	<i>A formação deverá ser mais abrangente de...</i>	1,07	0,71	<b>1,54</b>	<b>1,70</b>	0,83	<b>1,50</b>	1,29	0,38



Em termos gerais, podemos destacar 9 (nove) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), a saber: P16 (2,04), P3 (2,00), P11 (1,93), P1 (1,91), P9 (1,91), P6 (1,87), P10 (1,85), P7 (1,81) e P8 (1,56). As restantes estratégias carecem em nossa opinião, de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Podemos verificar que é na **Esc** que existe maior concordância face às estratégias apresentadas, enquanto que no **Mon** existe menos.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 186 – Comparação entre actividades - Pressupostos e estratégias de formação**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
3	As federações desportivas deverão prom...	15,630	<b>0,016*</b>	Ori x Mon	40,500	<b>0,020*</b>
				Btt x Esc	35,000	<b>0,036*</b>
				Btt x Par	48,000	<b>0,034*</b>
				Esc x Mon	17,500	<b>0,003*</b>
				Mon x Par	24,000	<b>0,002*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente à categoria P3 (p=0,016).

A diferença significativa encontrada resultou do maior nível de concordância atribuído na **Esc** e no **Par**, e menor no **Mon**. Os resultados do nosso estudo demonstram que a federação que tutela o **Mon** em Portugal, apresenta o valor mais baixo em relação à oferta de formação técnica especializada. Como já referimos, existe um certo conflito entre federações, clubes e provavelmente entre os próprios **F**. Neste sentido, julgamos que esta situação poderá prejudicar e atrasar o desenvolvimento da modalidade e a sua imagem.

Por outro lado, os **F** de **Esc** e de **Par** parecem estar mais de acordo com o papel que as federações devem assumir na área da formação.

Por último, podemos destacar um certo consenso relativamente à concordância perante a estratégia P6, isto é, a formação deverá considerar todos os níveis de qualificação profissional, de responsabilidade e de autonomia.

### 3.3. Funções Profissionais (Formador)

Quadro 187 – Concordância com as funções profissionais – Formadores

P	Variável: Funções profissionais	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
1	<i>Dirigente – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige</i>	2,15	2,43	2,23	2,20	1,75	1,83	2,29	2,15
4	<i>Técnico auxiliar – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento...</i>	2,15	2,21	2,38	2,20	1,83	2,17	2,29	2,00
2	<i>Formador – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros...</i>	2,03	1,79	2,08	2,30	1,92	1,67	2,43	2,08
3	<i>Técnico principal – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É...</i>	2,00	2,21	2,38	2,10	1,83	1,50	2,00	1,69
	Médias	2,08	2,16	2,27	2,20	1,83	1,79	2,25	1,98

Em termos gerais, todas as funções profissionais definidas no quadro anterior, reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **F** e **TA** (2,15).

Quanto à análise por actividades, podemos observar também que existem níveis de concordância aceitáveis em todas as funções apresentadas, com destaque para o **Btt** (2,27).

As restantes categorias apresentam na maioria valores próximos do significado “concordo”, levando-nos a admitir que existe um nível de concordância aceitável em relação às funções profissionais. No entanto, julgamos a função de **TP** na **Can** deverá ser melhor discutida.

Em termos de análise comparativa verificámos que, **não existem diferenças significativas** entre as actividades, na variável “Funções profissionais” (anexo 19).

Se associarmos o facto de não existirem diferenças significativas aos resultados do nível de concordância obtido em todas as funções profissionais, podemos considerar que existe uma aceitação geral perante as definições apresentadas. Portanto, as funções apresentadas reúnem um certo consenso entre a opinião dos **F**.

Neste sentido, julgamos que será interessante utilizar e reconhecer estes resultados no desenvolvimento de futuros trabalhos.

### 3.4. Competências Profissionais (Formador)

Nesta dimensão estudámos as seguintes variáveis/sub-variáveis: a “Importância das CP genéricas”, a “Auto-percepção das CP genéricas” e as “Necessidades de formação genéricas”.

#### 3.4.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

Quadro 188 – Importância das CP genéricas – Formadores

P	Sub-variável: Importância das CP genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
45	Actualização permanente conhecim...	<b>5,25</b>	<b>5,43</b>	<b>5,92</b>	<b>5,30</b>	4,75	<b>5,00</b>	<b>6,00</b>	4,54
49	Avaliar praticantes e adequar activ...	<b>5,21</b>	5,29	<b>5,77</b>	5,10	4,50	<b>5,50</b>	<b>5,86</b>	<b>4,85</b>
40	Noções gerais de segurança	<b>5,16</b>	4,86	<b>5,85</b>	<b>5,20</b>	4,58	<b>5,00</b>	5,71	<b>5,08</b>
43	Ética moral e profissional	<b>5,16</b>	5,29	5,31	4,60	<b>5,17</b>	<b>5,33</b>	<b>5,86</b>	<b>4,85</b>
46	Capacidade para tomar decisões	<b>5,13</b>	5,14	<b>5,46</b>	5,10	4,67	<b>5,00</b>	5,57	<b>5,08</b>
16	Auto-estima e auto-confiança	5,11	5,07	5,23	<b>5,50</b>	<b>4,83</b>	4,83	5,43	<b>4,92</b>
32	Domínio prático dos conteúdos	5,09	<b>5,43</b>	5,00	<b>5,20</b>	<b>4,83</b>	<b>5,17</b>	5,71	4,62
42	Saber ouvir os outros	5,07	<b>5,57</b>	5,00	4,90	<b>4,92</b>	4,83	5,57	4,69
9	Traumatologia e socorrismo	5,07	5,07	<b>5,69</b>	4,90	4,67	<b>5,33</b>	5,29	4,69
48	Dinâmicas de grupo	5,07	<b>5,57</b>	5,38	5,10	4,50	<b>5,00</b>	5,29	4,62
15	Conhecimentos dos locais de prática	5,07	5,00	5,23	<b>5,20</b>	4,67	<b>5,00</b>	<b>5,86</b>	<b>4,85</b>
35	Resolução de problemas	5,05	<b>5,36</b>	<b>5,46</b>	5,10	4,50	4,67	5,71	4,62
2	Organização técnica	5,03	5,29	5,23	<b>5,20</b>	<b>4,83</b>	<b>5,00</b>	5,14	4,54
38	Responsabilidade e sensibilidade	4,97	5,00	5,00	4,80	<b>5,00</b>	4,83	<b>5,86</b>	4,62
5	Capacidade crítica, auto-crítica...	4,89	5,00	5,15	<b>5,30</b>	4,75	4,67	5,14	4,31
<b>Médias</b>		<b>5,09</b>	<b>5,22</b>	<b>5,38</b>	<b>5,10</b>	<b>4,74</b>	<b>5,01</b>	<b>5,60</b>	<b>4,72</b>

Em termos gerais, as CP genéricas mais valorizadas estão associadas à dimensão pessoal e dimensão técnico-pedagógica. Deste modo, destacamos a “Actualização permanente...” (5,25), “Avaliar praticantes...” (5,21), “Noções gerais de segurança” (5,16), “Ética moral...” (5,16), “Capacidade para tomar decisões” (5,13).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Mer** pela maior valorização média global (5,60) e o **Mon** pela menor (4,74).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 189 – Comparação entre actividades - Importância das CP genéricas

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
45	Actualização permanente conhecim...	28,140	<b>0,000*</b>
49	Avaliar praticantes e adequar activ...	19,126	<b>0,004*</b>
40	Noções gerais de segurança	16,825	<b>0,010*</b>
32	Domínio prático dos conteúdos	13,344	<b>0,038*</b>
48	Dinâmicas de grupo	13,962	<b>0,030*</b>
35	Resolução de problemas	16,494	<b>0,011*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Importância das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P45 ( $p=0,000$ ), P49 ( $p=0,004$ ), P40 ( $p=0,010$ ), P32 ( $p=0,038$ ), P48 ( $p=0,030$ ) e P35 ( $p=0,011$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

As diferenças significativas encontradas resultaram da maior valorização dos **F** de **Mer** e **Btt** e menor dos **F** de **Mon** e **Par**. Esta situação também se verifica na globalidade de todas (15) as CP genéricas.

A maior representação das “Empresas” no **Mer** e das “Autarquias” no **Btt** poderá ter implicado uma maior valorização ao nível da condução, avaliação e controlo dos praticantes, demonstrando alguma preocupação na relação interpessoal com os “clientes”. Por outro lado, grande parte dos **F** de **Mon** e **Par** exercem a sua função em clubes e federações, valorizando aspectos sociais como a “Ética moral e profissional”.

### **3.4.2 Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas**

Em termos gerais, podemos verificar no quadro 190, que as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: “Avaliar praticantes...” (4,72), “Domínio prático...” (4,69), “Noções gerais de segurança” (4,65), “Saber ouvir os outros...” (4,61), “Ética moral e profissional” (4,34) e “Auto-estima e auto-confiança” (4,60).

Quadro 190 – Auto-percepção das CP genéricas – Formadores

P	Sub-variável: Auto-percepção das CP genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
49	Avaliar praticantes e adequar activ...	<b>4,72</b>	<b>4,93</b>	<b>4,92</b>	<b>4,50</b>	<b>4,50</b>	<b>4,83</b>	4,71	<b>4,62</b>
32	Domínio prático dos conteúdos	<b>4,69</b>	4,50	4,77	<b>4,80</b>	<b>4,58</b>	<b>4,83</b>	<b>5,14</b>	4,54
40	Noções gerais de segurança	<b>4,65</b>	4,29	<b>5,08</b>	<b>4,50</b>	<b>4,50</b>	4,67	4,57	<b>4,92</b>
42	Saber ouvir os outros...	<b>4,61</b>	<b>4,71</b>	4,38	4,30	<b>4,50</b>	<b>5,00</b>	<b>5,14</b>	<b>4,62</b>
43	Ética moral e profissional	<b>4,60</b>	4,43	<b>4,85</b>	3,90	<b>4,50</b>	<b>5,17</b>	4,71	<b>4,85</b>
16	Auto-estima e auto-confiança	<b>4,60</b>	4,21	4,31	<b>5,20</b>	<b>4,50</b>	<b>4,83</b>	<b>5,00</b>	<b>4,62</b>
46	Capacidade para tomar decisões	4,59	<b>4,64</b>	4,62	4,20	4,33	4,67	4,86	<b>4,85</b>
15	Conhecimentos dos locais de prática	4,59	4,43	4,54	<b>5,10</b>	4,42	4,50	<b>5,00</b>	4,38
48	Dinâmicas de grupo	4,52	<b>4,71</b>	<b>4,85</b>	4,30	4,08	4,50	4,86	4,38
5	Capacidade crítica, auto-crítica...	4,49	4,50	4,54	4,40	4,33	4,50	<b>5,14</b>	4,31
38	Responsabilidade e sensibilidade	4,48	4,29	4,46	4,20	<b>4,75</b>	4,33	<b>5,00</b>	4,46
45	Actualização permanente conhecim...	4,47	4,50	<b>4,92</b>	4,20	4,17	4,67	4,71	4,23
2	Organização técnica	4,41	<b>4,64</b>	<b>4,85</b>	4,40	4,25	4,50	4,29	3,92
35	Resolução de problemas	4,40	4,07	4,62	4,10	4,33	4,33	<b>5,00</b>	4,54
9	Traumatologia e socorrismo	4,17	4,21	4,69	4,00	3,92	4,00	4,71	3,77
<b>Médias</b>		<b>4,53</b>	<b>4,47</b>	<b>4,69</b>	<b>4,41</b>	<b>4,38</b>	<b>4,62</b>	<b>4,86</b>	<b>4,47</b>

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Mer** pela auto-percepção média mais elevada (4,86), e a **Esc** pela menos elevada (4,41). Parece-nos que a diferença dos valores médios globais é pequena, indicando não só um relativo equilíbrio, como também um bom domínio das CP genéricas em todas as actividades.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 191 – Comparação entre actividades - Auto-percepção das CP genéricas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann	Whitney	
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
16	Auto-estima e auto-confiança	12,676	<b>0,048*</b>	Ori x Esc	23,500	<b>0,003*</b>
				Ori x Mer	24,500	<b>0,050*</b>
				Btt x Esc	26,500	<b>0,009*</b>
				Esc x Mon	28,000	<b>0,022*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente à categoria P16 ( $p=0,048$ ).

A diferença significativa encontrada resultou do maior nível de percepção revelado na **Esc** e menor na **Ori**. Neste caso, consideramos que as características específicas das actividades poderão promover o desenvolvimento pessoal, nomeadamente em relação à “Auto-estima e auto-confiança”.

Portanto, acreditamos que o desafio, o risco e as dificuldades das tarefas a realizar numa determinada actividade, poderão contribuir para o desenvolvimento desta CP, ou seja, no caso da **Esc**, podemos estar constantemente em situações de confronto e superação de obstáculos.

## 3.4.3. Necessidades de Formação Genéricas

Quadro 192 - Necessidades de formação genéricas – Formadores

P	Sub-variável: Necessidades de formação genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
9	Traumatologia e socorrismo	<b>1,05</b>	<b>0,86</b>	<b>1,00</b>	<b>0,90</b>	<b>0,75</b>	<b>1,33</b>	0,57	<b>0,92</b>
45	Actualização permanente conhecim...	<b>0,82</b>	<b>0,93</b>	<b>1,00</b>	<b>1,10</b>	<b>0,58</b>	0,33	<b>1,29</b>	<b>0,31</b>
49	Avaliar praticantes e adequar activ...	<b>0,77</b>	0,36	<b>0,85</b>	0,60	0,00	<b>0,67</b>	<b>1,14</b>	0,23
40	Noções gerais de segurança	<b>0,72</b>	0,57	0,77	0,70	0,08	0,33	<b>1,14</b>	0,15
15	Conhecimentos dos locais de prática	<b>0,68</b>	0,57	0,69	0,10	0,25	<b>0,50</b>	<b>0,86</b>	<b>0,46</b>
46	Capacidade para tomar decisões	0,67	0,50	<b>0,85</b>	<b>0,90</b>	0,33	0,33	0,71	0,23
48	Dinâmicas de grupo	0,62	<b>0,86</b>	0,54	0,80	<b>0,42</b>	<b>0,50</b>	0,43	0,23
42	Saber ouvir os outros	0,58	<b>0,86</b>	0,62	0,60	<b>0,42</b>	-0,17	0,43	0,08
2	Organização técnica	0,58	0,64	0,38	0,80	<b>0,58</b>	<b>0,50</b>	<b>0,86</b>	<b>0,62</b>
38	Responsabilidade e sensibilidade	0,54	0,71	0,54	0,60	0,25	<b>0,50</b>	<b>0,86</b>	0,15
35	Resolução de problemas	0,51	<b>1,29</b>	<b>0,85</b>	<b>1,00</b>	0,17	0,33	0,71	0,08
32	Domínio prático dos conteúdos	0,50	<b>0,93</b>	0,23	0,40	0,25	0,33	0,57	0,08
43	Ética moral e profissional	0,36	<b>0,86</b>	0,46	0,70	<b>0,67</b>	0,17	<b>1,14</b>	0,00
16	Auto-estima e auto-confiança	0,30	<b>0,86</b>	<b>0,92</b>	0,30	0,33	0,00	0,43	<b>0,31</b>
5	Capacidade crítica, auto-crítica...	0,28	0,50	0,62	<b>0,90</b>	<b>0,42</b>	0,17	0,00	0,00
Médias		<b>0,60</b>	<b>0,75</b>	<b>0,69</b>	<b>0,69</b>	<b>0,37</b>	<b>0,39</b>	<b>0,74</b>	<b>0,26</b>

Em termos gerais, as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas à dimensão técnico-pedagógica. No entanto, destacamos a “Traumatologia e socorrismo” (1,05), “Actualização permanente...” (0,82), “Avaliar praticantes...” (0,77), “Noções gerais de segurança” (0,72) e “Conhecimentos dos locais...” (0,68).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar a **Ori** pela maior necessidade de formação média global (0,75), e o **Par** pela menor (0,26).

Em relação à análise comparativa, podemos constatar o seguinte:

Quadro 193 – Comparação entre actividades – Necessidades de formação genéricas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
35	Resolução de problemas	14,275	<b>0,027*</b>	Ori x Mon	37,500	<b>0,013*</b>
				Ori x Can	19,000	<b>0,042*</b>
				Ori x Par	36,000	<b>0,005*</b>
				Btt x Mon	44,000	<b>0,050*</b>
				Btt x Par	42,500	<b>0,021*</b>
				Esc x Par	34,500	<b>0,049*</b>

\* diferenças significativas

Em termos de análise comparativa, podemos verificar no quadro 193, que **existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Necessidades de formação genéricas”, relativamente à categoria P35 (p=0,027).

A diferença significativa encontrada resultou da maior necessidade de formação revelada na **Ori** e **Btt** e menor no **Par** e **Mon**, quando comparada com as restantes actividades. Como já referimos, consideramos que as actividades mais complexas e que apresentam maiores situações de risco, como nos casos do **Par** e **Mon**, necessitam de uma boa capacidade para resolver problemas em situações por vezes delicadas.

Em relação às CP, salientamos a maior necessidade de formação geral ao nível da “Traumatologia e socorrismo”, com a excepção dos **F** de **Mer**. Na realidade, a formação na área do socorrismo para os técnicos de **Mer** é obrigatória de acordo com as normas internacionais adoptadas, pelo que será natural a menor necessidade de formação nesta CP.

### **3.5. Síntese (Formador)**

Encontrámos diferenças significativas em todas as variáveis estudadas, excepto nas “Funções profissionais”. Estes resultados permitem aceitar as hipóteses de pesquisa 4, 5 e 6. Neste sentido, podemos afirmar que os **F** avaliam e valorizam a formação de forma diferenciada de acordo com a especificidade de cada actividade.

A pertinência dos conteúdos programáticos e o nível técnico dos formadores foram as categorias melhor avaliadas. Os clubes e as federações foram as organizações que obtiveram melhor avaliação.

A experiência como praticante foi o factor de desempenho profissional mais valorizado. A necessidade de possuir guias de natureza qualificados nos parques naturais e para o papel das federações desportivas na promoção de formação técnica especializada foram as estratégias que reuniram melhor concordância.

As funções profissionais revelaram ter um bom nível de concordância.

A actualização permanente de conhecimentos foi a CP mais valorizada; enquanto que o saber avaliar praticantes adequando as actividades ao seu nível foi a CP que os **F** julgaram possuir melhor domínio. Por último, a maior necessidade de formação situou-se ao nível dos conhecimentos de traumatologia e socorrismo.

Tendo em conta que o principal factor de desempenho profissional foi a experiência como praticante e fazendo uma analogia com a função de treinador desportivo, concordamos com Araújo (1997), uma vez que ser **F** exige conhecimentos e requer experiências que ultrapassam as aquisições de uma carreira de praticante. Um excelente praticante, nem sempre terá a garantia de possuir capacidade para ensinar e, muito menos, ser capaz de criar climas de trabalho próprios para a aprendizagem. A experiência da prática desportiva é importante mas, para ser **F**, para além do domínio dos aspectos técnicos, torna-se fundamental ter domínio em relação aos aspectos pedagógicos do ensino. A função de **F** implica a tomada de decisões organizadas com base em indicadores e segundo critérios que obedecem a uma certa ordem e em diferentes domínios, como a organização das sessões, liderança, estilo e formas de comunicação, opções estratégicas, gestão das pressões, conflitos e emoções.

De acordo com Mão-de-Ferro (1999), para que o **F** consiga desempenhar cabalmente o seu papel, é imprescindível que desempenhe cada vez com mais eficácia funções como, planear, animar e avaliar. A formação actual é mais complexa e mais desafiante, pois hierarquiza tanto as funções do **F** como as do formando, exigindo, por isso, mais estudo, mais esforço e compreensão por parte do **F**. Empenhamento, audácia, capacidade de intervenção, criatividade e compreensão do ambiente em que a pessoa vive e actua, poderão ser factores decisivos na questão do mercado de trabalho. Neste caso, a competência de um **F** pode medir-se pela maneira como organiza as acções de formação e pelo modo como selecciona os métodos e técnicas mais adequados àqueles a quem se dirige e aos objectivos a atingir.

De facto, se associarmos a avaliação obtida em relação ao nível técnico e pedagógico dos **F**, a actualização permanente de conhecimentos como CP mais valorizada e o saber avaliar praticantes como CP de melhor domínio (auto-percepcionada), acreditamos que existe a qualidade necessária para efectuar um bom trabalho no âmbito da formação de técnicos de desporto de natureza.



## 4. Estudo da Função de “Técnico Principal”

### 4.1. Formação Realizada (Técnico Principal)

Nesta variável, estudámos as seguintes sub-variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

#### 4.1.1. Último Curso de Formação Realizado

*Quadro 194 – Avaliação do último curso de formação realizado - Técnicos Principais*

P	Sub-variável:	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
	Último curso de formação realizado	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
10	Nível técnico dos formadores	4,19	4,05	4,22	4,28	4,35	4,00	4,00	4,40
11	Nível pedagógico formadores	4,12	4,00	4,22	4,08	4,18	3,67	4,31	4,40
12	Razão formador / formando	3,99	3,85	4,44	3,84	4,06	3,50	4,31	4,00
13	Satisfação geral	3,99	4,05	4,00	3,92	4,18	3,71	3,92	4,00
4	Pertinência dos conteúdos program...	3,98	4,00	3,67	3,84	4,12	3,67	4,23	4,40
3	Cumprimento dos objectivos propostos	3,93	3,95	3,78	3,74	4,12	3,86	4,08	4,00
6	Recursos pedagógico-didácticos	3,88	3,75	4,00	3,58	4,12	3,80	4,23	4,00
7	Qualidade das instalações e equipam.	3,86	3,90	4,22	3,80	4,18	3,43	3,69	3,40
5	Metodologias de formação	3,84	3,75	3,89	3,79	4,06	3,50	3,85	4,00
9	Acessibilidade (custo) formação	3,72	3,89	3,67	3,71	3,82	3,50	3,31	4,20
2	Duração da componente prática	3,58	3,60	3,22	3,79	3,88	3,50	3,31	2,75
1	Duração da componente teórica	3,52	3,50	3,33	3,38	3,88	3,43	3,46	3,80
8	Modelo de avaliação	3,52	3,55	3,83	3,38	3,71	3,00	3,62	3,00
	<b>Médias</b>	<b>3,86</b>	<b>3,83</b>	<b>3,88</b>	<b>3,78</b>	<b>4,05</b>	<b>3,58</b>	<b>3,87</b>	<b>3,87</b>

Em termos gerais, podemos destacar as categorias que obtiveram melhor avaliação (nível “bom” ou mais): “Nível técnico dos formadores” (4,19), “Nível pedagógico formadores” (4,12), “Razão formador / formando” (3,99), “Satisfação geral” (3,99) e “Pertinência dos conteúdos...”. (3,98). Por outro lado, a “Duração da componente teórica” e o “Modelo de avaliação” obtiveram a avaliação mais baixa (3,52).

Quanto à análise por actividades, verificamos que a melhor avaliação média global foi atribuída no **Mon** (4,05), enquanto que na **Can** foi obtida a avaliação mais baixa (3,58).

Em termos de análise comparativa, verificámos que **não existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Último curso de formação realizado” (anexo 19)

Apesar de não encontrarmos diferenças significativas, podemos destacar o nível técnico e pedagógico dos formadores como as categorias mais destacadas positivamente. Por outro lado, o modelo de avaliação e a duração da componentes prática e teórica foram as categorias de menor avaliação, e por isso, deverão ser melhoradas no futuro.

Podemos ainda observar que, o **Mon** e o **Par** foram as actividades que avaliaram o maior número de categorias (9) com nível “bom” ou mais. Por outro lado, a **Can**, apenas obteve uma categoria com esse nível de avaliação (P10).

#### 4.1.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

*Quadro 195 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação - Técnicos Principais*

P	Sub-variável:	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
	Último curso de formação realizado	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
5	Clubes, Associações	3,28	3,44	3,20	3,48	3,54	3,00	2,71	3,30
3	Ensino Superior	3,04	3,19	3,41	2,73	3,38	2,59	2,08	2,33
6	Empresas (privadas)	3,02	2,76	3,24	3,04	3,27	2,93	2,92	2,20
1	Federação Desportiva (que tutela)	2,84	3,07	2,96	2,88	2,64	2,58	1,58	3,58
4	Ensino Secundário (desp. escolar)	2,70	2,93	2,84	2,88	3,00	2,31	1,71	2,00
8	INATEL	2,49	2,50	2,55	2,58	2,38	2,77	1,73	2,67
7	Autarquias	2,47	2,23	2,57	2,59	2,57	2,50	1,82	2,86
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	2,12	2,05	2,34	2,05	2,41	1,91	1,18	2,00
	Médias	2,75	2,77	2,89	2,78	2,90	2,57	1,97	2,62

Em termos gerais, a avaliação da intervenção das organizações na área da formação, foi positiva em relação aos “Clubes, Associações” (3,28), ao “Ensino Superior” (3,04) e às “Empresas” (3,02). Por outro lado, as restantes organizações obtiveram avaliação negativa, tendo o “IEFP” a avaliação global mais baixa (2,12).

Quanto à análise por actividades, constatamos que não existiram avaliações médias globais positivas, no entanto, o **Mon** obteve a avaliação mais elevada (2,90) enquanto que o **Mer** obteve a avaliação mais baixa (1,97).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 196 – Comparação entre actividades - Intervenção das organizações na área da formação*

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
3	Ensino Superior	27,182	0,000*
6	Empresas (privadas)	13,590	0,035*
1	Federação Desportiva (que tutela)	26,735	0,000*
4	Ensino Secundário (desp. escolar)	27,007	0,000*
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	17,361	0,008*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Intervenção das organizações na área da formação”, relativamente às seguintes categorias: P3 ( $p=0,000$ ), P6 ( $p=0,035$ ), P1 ( $p=0,000$ ), P4 ( $p=0,000$ ) e P2 ( $p=0,008$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Parece novamente que, a especificidade das várias actividades foi determinante face às diferenças significativas encontradas. Deste modo, verificamos que os “Clubes, Associações”, obtiveram avaliações positivas em quase todas as actividades (excepto no **Mer** – 2,71), enquanto que o “INATEL”, as “Autarquias” e o “IEFP” nunca obtiveram esse nível de avaliação.

Estes resultados indicam-nos que, a formação no **Mon** e no **Btt** é uma prática mais partilhada e de maior abrangência, enquanto que no **Mer** e na **Can** é quase exclusiva em relação ao tipo de organização que intervêm neste processo.

## 4.2. Expectativas de Formação (Técnico Principal)

Nesta variável, estudámos as seguintes sub-variáveis: “Factores de desempenho profissional” e “Pressupostos e estratégias de formação”.

### 4.2.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 197 – Importância dos factores de desempenho na actividade - Técnicos Principais*

P	Sub-variável: Factores de desempenho actividade	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
3	<i>Participação em cursos / A.F.</i>	<b>4,52</b>	<b>4,45</b>	<b>4,23</b>	<b>4,61</b>	<b>4,89</b>	<b>4,50</b>	<b>4,64</b>	<b>4,67</b>
1	<i>Experiência como praticante</i>	<b>4,34</b>	<b>4,29</b>	3,88	<b>4,42</b>	<b>4,48</b>	<b>4,30</b>	<b>4,79</b>	<b>5,42</b>
2	<i>Experiência intervenção profissional</i>	<b>4,34</b>	<b>4,32</b>	<b>4,33</b>	<b>4,50</b>	<b>4,59</b>	<b>4,20</b>	<b>4,43</b>	3,42
7	<i>Observação actividades e eventos...</i>	<b>3,98</b>	<b>4,06</b>	3,83	<b>4,03</b>	<b>4,15</b>	<b>4,15</b>	3,64	<b>4,08</b>
8	<i>Características pessoais...</i>	3,89	3,68	3,46	<b>4,08</b>	<b>4,22</b>	<b>3,95</b>	<b>4,86</b>	3,75
5	<i>Leitura livros/revistas especializadas</i>	3,87	3,48	3,81	<b>4,00</b>	<b>4,15</b>	3,70	3,93	<b>4,25</b>
4	<i>Participação em congressos e sem...</i>	3,78	3,42	<b>4,00</b>	3,58	<b>4,07</b>	3,25	3,79	<b>4,67</b>
6	<i>Formação académica</i>	3,61	3,23	<b>3,96</b>	3,66	<b>4,22</b>	3,55	3,21	2,17
	<b>Médias</b>	<b>4,04</b>	<b>3,87</b>	<b>3,94</b>	<b>4,11</b>	<b>4,35</b>	<b>3,95</b>	<b>4,16</b>	<b>4,05</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho profissional foram: “Participação em cursos...” (4,52), “Experiência...praticante” (4,34), “Experiência intervenção profissional” (4,34) e “Observação actividades...” (3,98).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar a maior valorização média global no **Mon** (4,35) e a menor na **Ori** (3,87).

Deste modo, constatamos que a “Participação em cursos...”, foi o único factor considerado importante em todas as actividades.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 198 – Comparação entre actividades - Factores de desempenho na actividade**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
1	<i>Experiência como praticante</i>	23,190	<b>0,001*</b>
8	<i>Características pessoais...</i>	18,114	<b>0,006*</b>
4	<i>Participação em congressos e sem...</i>	18,970	<b>0,004*</b>
6	<i>Formação académica</i>	25,963	<b>0,000*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Factores de desempenho na actividade, relativamente às seguintes categorias: P1 (p=0,001), P8 (p=0,006), P4 (p=0,004), P6 (p=0,000).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Em nossa opinião, as diferenças significativas encontradas resultaram dos seguintes factos:

A “Experiência como praticante” foi mais valorizada no **Mer** e **Par** em detrimento do **Btt**. Parece existir uma grande preocupação no **Mer** e **Par**, pois além da necessária segurança dos praticantes, o risco para os TP nesta actividades é muito elevado. Neste sentido, é fundamental ser exemplar em todos os aspectos práticos.

As “Características pessoais” têm um papel importante sempre que existe um contacto directo e permanente com os praticantes. Neste sentido, consideramos normal que o **Mer** tenha obtido uma maior valorização em detrimento do **Btt**.

A “Participação em congressos...” foi mais valorizada pelo **Par**, **Mon** e **Btt**, em detrimento da **Can**. Julgamos que o maior conservadorismo da **Can** implicou uma menor valorização, enquanto que no **Par**, **Mon** e **Btt** parece ser valorizada a partilha de saberes.

Por último, a “Formação académica” foi mais valorizada no **Mon** e **Btt**, e menos no **Par**. Também aqui, poderá haver um maior espírito de abertura e de desenvolvimento do **Mon** e do **Btt**, enquanto que no **Par** parece existir algum conservadorismo.

Também em relação à opinião dos **TP**, o facto de existirem diferenças significativas em metade dos factores estudados, pressupõe que estas actividades sejam sujeitas a processos de desenvolvimento diferenciados.

#### 4.2.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

*Quadro 199 – Concordância com pressupostos e estratégias de formação - Técnicos Principais*

P	Sub-variável: Pressupostos e estratégias de formação	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
3	As federações desportivas deverão prom...	2,06	2,10	2,02	2,29	1,78	2,50	1,07	2,42
16	Os parques naturais deverão possuir "guias..	2,06	1,94	2,17	2,16	2,00	2,45	1,50	1,75
7	A formação deverá ter uma predominância...	1,89	1,97	2,00	1,87	2,07	2,10	1,71	0,75
9	A formação deverá assentar em vários níveis	1,79	1,45	1,88	1,74	1,93	1,85	2,14	1,58
14	O Estado deverá ter iniciativa para reunir...	1,72	1,84	1,67	1,97	1,70	1,75	1,14	1,50
11	Será necessário definir a progressão da...	1,67	1,06	1,75	1,58	1,52	2,05	2,21	2,25
6	A formação deverá considerar todos os níveis	1,66	1,32	1,77	1,97	1,56	1,40	2,14	1,17
10	Os modelos de formação deverão contemplar	1,61	1,42	1,42	1,55	1,96	1,50	2,00	2,00
1	A frequência de A.F. de reciclagem/actualiz...	1,52	1,13	1,71	1,61	1,93	0,90	1,43	1,67
8	Os modelos de formação utilizados noutros...	1,49	1,35	1,31	1,45	1,78	1,75	1,29	1,92
2	O Estado deverá ser responsável pela regul...	1,46	1,42	1,75	1,37	1,48	1,80	1,50	-0,08
15	Somente as empresas privadas que cumprem	1,38	2,03	1,23	1,32	0,63	1,50	1,43	2,00
13	Todas as organizações responsáveis pela...	1,35	1,10	1,38	1,61	1,30	1,45	0,50	1,92
5	A formação deverá ser mais abrangente de...	1,23	1,10	1,60	1,39	1,15	0,90	1,29	0,08
4	Só as entidades acreditadas pelo Estado...	1,05	1,03	1,35	0,95	1,33	1,10	0,71	-0,17
12	O IEFP deverá promover a formação prof...	0,93	1,19	1,38	0,71	1,04	0,60	1,07	-0,83

Em termos gerais, podemos destacar 9 (nove) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), a saber: P3 (2,06), P16 (2,06), P7 (1,89), P9 (1,79), P14 (1,72), P11 (1,67), P6 (1,66), P10 (1,61) e P1 (1,52). As restantes estratégias carecem em nossa opinião, de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Verificamos também que é no **Mon** que existe maior concordância face às estratégias apresentadas, enquanto que a **Ori** é a actividade onde existe menor.

Em relação à análise comparativa podemos constatar o seguinte:

*Quadro 200 - Comparação entre actividades - Pressupostos e estratégias de formação*

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
3	As federações desportivas deverão prom...	14,084	0,029*
11	Será necessário definir a progressão da...	23,968	0,001*
6	A formação deverá considerar todos os níveis	13,279	0,039*
2	O Estado deverá ser responsável pela regul...	19,317	0,004*
5	A formação deverá ser mais abrangente de...	15,600	0,016*
12	O IEFP deverá promover a formação prof...	17,700	0,007*

\* diferenças significativas

Em termos de análise comparativa, podemos verificar no quadro 200, que **existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente às seguintes categorias: P3 ( $p=0,029$ ), P11 ( $p=0,001$ ), P6 ( $0,039$ ), P2 ( $p=0,004$ ), P5 ( $p=0,016$ ) e P12 ( $p=0,007$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Em nossa opinião, as diferenças significativas encontradas resultaram dos seguintes factos:

Em relação à intervenção das federações desportivas (P3) na promoção de formação técnica especializada, os **TP** da **Can** e do **Par** estão mais de acordo, enquanto que no **Mer** parece existir bastantes reservas. O actual relacionamento entre técnicos, clubes, empresas e federações é determinante nestes resultados.

A evolução da carreira dos técnicos desportivos e a definição de funções e competências (P11) parece ser mais necessária no **Par** e **Mer** e menos na **Ori**. Na realidade, quanto maior é a complexidade e o risco na actividade, mais necessidade haverá em definir perfis de competências para cada função profissional.

As estratégias de formação associadas à qualificação e transferibilidade profissional (P5 e P6), parecem reunir maiores níveis de concordância no **Btt**, **Esc** e **Mer**, enquanto que no **Par** existem ainda muitas reservas.

A responsabilidade do Estado na regulamentação e a formação profissional do IEFP (P2 e P12) reúnem maiores níveis de concordância no **Btt** e menores no **Par**. A maior valorização do **Par** em relação à federação e aos clubes poderá revelar uma maior autonomia no desenvolvimento da actividade. Por outro lado, o maior protagonismo das empresas no **Btt** e a ausência da intervenção da federação demonstra uma maior necessidade da função reguladora do Estado e formadora do IEFP.

Podemos constatar ainda que, os parques naturais deverão possuir guias de natureza qualificados de modo a cooperarem na construção das cartas de desporto de natureza, e que o Estado deverá ter a iniciativa para reunir com as várias entidades formadoras, estabelecer parcerias e organizar a formação do desporto de natureza. Estas foram estratégias que reuniram níveis um bom nível de concordância em todas as actividades.

### 4.3. Funções Profissionais (Técnico Principal)

*Quadro 201 – Concordância com as funções profissionais - Técnicos Principais*

P	Variável: Funções profissionais	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
4	<i>Técnico auxiliar</i> – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento...	2,20	2,06	2,37	1,95	2,00	2,55	2,43	2,17
3	<i>Técnico principal</i> – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. É...	2,19	2,13	2,23	2,05	2,22	2,45	2,36	1,92
2	<i>Formador</i> – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros...	2,18	2,13	2,23	2,24	1,78	2,45	2,21	2,25
1	<i>Dirigente</i> – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige	2,14	2,10	2,19	2,13	1,85	2,25	2,50	2,08
	Médias	2,18	2,10	2,25	2,09	1,96	2,43	2,38	2,10

Em termos gerais podemos verificar que, todas as funções profissionais definidas no quadro anterior reúnem um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **TA** (2,20).

Quanto à análise por actividades, podemos observar também que, existem bons níveis de concordância em todas as funções apresentadas, com destaque para a **Can** (2,43) em detrimento do **Mon** (1,96). As restantes categorias apresentam na maioria, valores próximos do significado “concordo” ou acima deste, levando-nos a admitir que existe um bom nível de concordância em relação às funções profissionais.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 202 – Comparação entre actividades – Funções profissionais*

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
4	<i>Técnico auxiliar</i>	14,501	0,025*	Btt x Esc	740,500	0,023*
				Btt x Mon	496,000	0,016*
				Esc x Can	228,500	0,005*
				Mon x Can	148,000	0,002*
				Mon x Mer	124,000	0,029*
2	<i>Formador</i>	16,034	0,014*	Ori x Mon	297,000	0,034*
				Btt x Mon	438,000	0,002*
				Esc x Mon	313,500	0,001*
				Mon x Can	118,500	0,000*
				Mon x Mer	115,500	0,005*
				Mon x Par	97,500	0,013*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na variável “Funções profissionais”, relativamente às seguintes categorias: P4 (p=0,025) e P2 (p=0,014).

As diferenças significativas encontradas resultaram do menor nível de concordância atribuído na **Esc** e no **Mon**. No entanto, os resultados são bastante positivos face à aceitação das definições apresentadas. De facto, existiu um elevado grau de concordância

por parte dos **TP** das restantes actividades, demonstrando que as funções profissionais apresentadas neste estudo deverão ser reconhecidas e utilizadas em futuros trabalhos.

#### 4.4. Competências Profissionais (Técnico Principal)

Nesta dimensão estudámos as seguintes variáveis/sub-variáveis: a “Importância das CP genéricas”, a “Auto-percepção das CP genéricas” e as “Necessidades de formação genéricas”.

##### 4.4.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

*Quadro 203 – Importância das CP genéricas - Técnicos Principais*

P	Sub-variável: Importância das CP genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
40	Noções gerais de segurança	5,42	5,13	5,58	5,53	5,48	5,15	5,71	5,17
49	Avaliar praticantes e adequar activ...	5,09	4,97	5,33	5,18	4,96	4,90	5,14	4,67
9	Traumatologia e socorrismo	5,09	4,87	5,37	5,00	5,15	5,10	5,21	4,50
45	Actualização permanente conhecim...	5,07	4,81	5,35	5,08	5,11	4,85	5,21	4,58
46	Capacidade para tomar decisões	5,04	4,87	5,23	5,11	5,15	4,80	5,36	4,25
38	Responsabilidade e sensibilidade	5,02	4,74	5,04	5,13	4,96	4,85	5,64	5,00
2	Organização técnica e planeamento...	5,01	4,87	5,10	5,00	5,26	4,80	5,07	4,75
43	Ética moral e profissional	5,00	4,87	5,23	5,03	5,15	4,75	5,00	4,33
32	Domínio prático dos conteúdos...	4,98	4,81	4,87	5,13	5,04	4,75	5,71	4,83
35	Resolução de problemas	4,96	4,65	5,15	5,11	5,11	4,60	5,14	4,58
42	Saber ouvir os outros	4,95	4,94	5,04	5,08	5,19	4,40	5,14	4,42
48	Dinâmicas de grupo	4,90	5,03	5,19	5,03	4,70	4,30	4,79	4,42
33	Planificação, condução e avaliação...	4,86	4,65	5,12	4,84	5,00	4,25	5,14	4,75
16	Auto-estima e auto-confiança	4,84	4,81	4,88	4,89	4,93	4,50	5,14	4,58
1	Domínio de técnicas e estilos ensino	4,79	4,45	4,81	4,92	5,11	4,35	4,86	5,17
	<b>Médias</b>	<b>5,00</b>	<b>4,83</b>	<b>5,15</b>	<b>5,07</b>	<b>5,09</b>	<b>4,69</b>	<b>5,22</b>	<b>4,67</b>

Em termos gerais, as CP genéricas mais valorizadas estão associadas à dimensão técnico-pedagógica e à dimensão pessoal. Neste sentido, destacamos as “Noções gerais de segurança” (5,42), o “Avaliar praticantes...” (5,09), a “Traumatologia e socorrismo” (5,09), a “Actualização permanente...” (5,07) e a “Capacidade para tomar decisões” (5,04).

Quanto à análise por actividades, podemos observar que o **Mer** obteve a maior valorização média (5,22) enquanto que o **Par** obteve a menor (4,67).

Gostaríamos de salientar ainda as “Noções gerais de segurança”, uma vez que foi destacada positivamente por todas as actividades.



Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 204 – Comparação entre actividades - Importância das CP genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
32	Domínio prático dos conteúdos...	12,485	0,052
42	Saber ouvir os outros...	13,430	<b>0,037*</b>
48	Dinâmicas de grupo	16,551	<b>0,011*</b>
33	Planificação, condução e avaliação...	15,129	<b>0,019*</b>
1	Domínio de técnicas e estilos ensino	14,009	<b>0,030*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Importância das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P42 ( $p=0,037$ ), P48 ( $p=0,011$ ), P33 ( $0,019$ ) e P1 ( $p=0,030$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Por outro lado, uma vez que a categoria P32 apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,052$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre as seguintes actividades: **Ori x Mer** ( $p=0,006$ ); **Btt x Mer** ( $p=0,001$ ); **Esc x Mer** ( $p=0,040$ ); **Mon x Mer** ( $p=0,026$ ); **Can x Mer** ( $p=0,007$ ); **Mer x Par** ( $p=0,017$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram da maior valorização no **Mer** e menor na **Can**.

A competência de intervenção técnico-pedagógica na actividade do **Mer** é uma das mais complexas e exigentes entre as várias actividades, na medida em que é necessário controlar constantemente um conjunto de variáveis importantes, entre as quais, o planeamento de cada mergulho (ao minuto), o auto-controlo do mergulho, o servir de exemplo, a avaliação e correcção dos praticantes, o alerta permanente em relação aos factores de risco (do instrutor e dos praticantes).

Esta conjuntura no **Mer** implica um *rácio* formador/formando de 1/4 (fase de iniciação), enquanto que na **Can**, podemos ter um *rácio* de 1/10 até 1/20 de acordo com o nível de dificuldade do plano de água e dos praticantes.

#### 4.4.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

Quadro 205 – Auto-percepção das CP genéricas - Técnicos Principais

P	Sub-variável: <b>Auto-percepção das CP genéricas</b>	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
43	Ética moral e profissional	<b>4,45</b>	<b>4,32</b>	<b>4,63</b>	<b>4,63</b>	<b>4,33</b>	4,15	4,21	<b>4,50</b>
40	Noções gerais de segurança	<b>4,43</b>	3,84	<b>4,62</b>	<b>4,79</b>	<b>4,41</b>	<b>4,25</b>	<b>4,57</b>	4,25
38	Responsabilidade e sensibilidade	<b>4,42</b>	<b>4,26</b>	<b>4,48</b>	<b>4,63</b>	<b>4,33</b>	<b>4,35</b>	<b>4,36</b>	4,25
42	Saber ouvir os outros	<b>4,32</b>	3,97	4,40	<b>4,66</b>	<b>4,41</b>	3,90	3,93	<b>4,75</b>
46	Capacidade para tomar decisões	<b>4,31</b>	<b>4,29</b>	4,37	<b>4,37</b>	4,19	<b>4,30</b>	4,21	<b>4,42</b>
49	Avaliar praticantes e adequar activ...	4,27	<b>4,10</b>	<b>4,48</b>	4,24	4,30	3,85	<b>4,36</b>	<b>4,42</b>
16	Auto-estima e auto-confiança	4,27	<b>4,16</b>	4,31	4,18	4,37	<b>4,30</b>	<b>4,36</b>	4,33
32	Domínio prático dos conteúdos...	4,23	3,87	4,31	4,32	<b>4,33</b>	<b>4,25</b>	4,21	4,33
48	Dinâmicas de grupo	4,21	<b>4,10</b>	4,44	4,32	3,93	3,65	<b>4,43</b>	4,42
35	Resolução de problemas	4,16	3,84	4,33	4,11	4,19	<b>4,30</b>	4,14	4,25
2	Organização técnica e planeamento...	4,08	3,90	4,17	4,00	<b>4,41</b>	4,15	3,86	3,75
45	Actualização permanente conheim...	4,06	3,90	4,19	3,95	4,19	3,70	3,93	<b>4,67</b>
33	Planificação, condução e avaliação...	4,05	3,84	4,31	4,05	4,07	4,00	3,86	3,75
9	Traumatologia e socorrismo	3,98	3,58	<b>4,46</b>	4,03	4,26	3,30	4,07	3,25
1	Domínio de técnicas e estilos ensino	3,82	3,74	3,85	3,84	4,00	3,70	3,57	4,00
	<b>Médias</b>	<b>4,21</b>	<b>3,98</b>	<b>4,36</b>	<b>4,27</b>	<b>4,25</b>	<b>4,01</b>	<b>4,14</b>	<b>4,22</b>

Em termos gerais, as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: “Ética moral...” (4,45), “Noções gerais de segurança” (4,43), “Responsabilidade e sensibilidade” (4,42), “Saber ouvir os outros” (4,32) e “Capacidade para tomar decisões” (4,31).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Btt** pela auto-percepção média global mais elevada (4,36), e a **Ori** pela menos elevada (3,98).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 206 – Comparação entre actividades - Auto-percepção das CP genéricas

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
40	Noções gerais de segurança	14,945	<b>0,021*</b>
42	Saber ouvir os outros...	12,409	0,053
48	Dinâmicas de grupo	17,561	<b>0,007*</b>
9	Traumatologia e socorrismo	18,166	<b>0,006*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P40 (p=0,021), P48 (p=0,007) e P9 (p=0,006).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Por outro lado, uma vez que a categoria P42 apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,053$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre as seguintes actividades: **Ori x Esc** ( $p=0,031$ ); **Esc x Can** ( $p=0,009$ ); **Esc x Mer** ( $p=0,050$ ); **Can x Par** ( $p=0,030$ ).

Em termos gerais, as diferenças significativas encontradas resultaram do maior nível de auto-percepção revelado no **Btt** e **Esc** e menor na **Can**, quando comparadas com as restantes actividades. Por um lado, a acessibilidade nas actividades de **Btt** e **Esc** parece estar mais facilitada, por questões de equipamento e espaços disponíveis para a prática durante todo o ano, enquanto que a **Can** apresenta maior dificuldade logística e depende bastante mais das condições atmosféricas. Por outro lado, julgamos que existe uma certa desvalorização das CP de **Can** relativamente ao que seria desejável, pois as actividades realizadas em plano de água poderão apresentar maior risco do que normalmente se pensa. Na realidade, existem ainda muitos técnicos de **Can** a enquadrar actividades para grandes grupos de praticantes, apresentando uma exposição ao risco demasiado elevada face às suas próprias competências.

#### 4.4.3. Necessidades de Formação Genéricas

Quadro 207 – Necessidades de formação genéricas - Técnicos Principais

P	Sub-variável: Necessidades de formação genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
9	Traumatologia e socorrismo	<b>1,11</b>	<b>1,29</b>	<b>0,90</b>	<b>0,97</b>	0,89	<b>1,80</b>	1,14	<b>1,25</b>
45	Actualização permanente conhecim...	<b>1,01</b>	0,90	1,15	<b>1,13</b>	<b>0,93</b>	<b>1,15</b>	<b>1,29</b>	-0,08
40	Noções gerais de segurança	<b>0,99</b>	<b>1,29</b>	<b>0,96</b>	0,74	<b>1,07</b>	<b>0,90</b>	1,14	<b>0,92</b>
1	Domínio de técnicas e estilos ensino	<b>0,97</b>	0,71	<b>0,96</b>	<b>1,08</b>	<b>1,11</b>	0,65	<b>1,29</b>	<b>1,17</b>
2	Organização técnica e planeamento...	<b>0,93</b>	<b>0,97</b>	<b>0,92</b>	<b>1,00</b>	0,85	<b>0,65</b>	1,21	<b>1,00</b>
49	Avaliar praticantes e adequar activ...	0,82	0,87	0,85	0,95	0,67	<b>1,05</b>	0,79	0,25
33	Planificação, condução e avaliação...	0,81	0,81	0,81	0,79	<b>0,93</b>	0,25	<b>1,29</b>	<b>1,00</b>
35	Resolução de problemas	0,80	0,81	0,83	<b>1,00</b>	<b>0,93</b>	0,30	1,00	0,33
32	Domínio prático dos conteúdos...	0,75	<b>0,94</b>	0,56	0,82	0,70	0,50	<b>1,50</b>	0,50
46	Capacidade para tomar decisões	0,73	0,58	<b>0,87</b>	0,74	<b>0,96</b>	0,50	1,14	-0,17
48	Dinâmicas de grupo	0,69	<b>0,94</b>	0,75	0,71	0,78	0,65	0,36	0,00
42	Saber ouvir os outros	0,63	<b>0,97</b>	0,63	0,42	0,78	0,50	1,21	-0,33
38	Responsabilidade e sensibilidade	0,60	0,48	0,56	0,50	0,63	0,50	<b>1,29</b>	0,75
16	Auto-estima e auto-confiança	0,57	0,65	0,58	0,71	0,56	0,20	0,79	0,25
43	Ética moral e profissional	0,55	0,55	0,60	0,39	0,81	0,60	0,79	-0,17
<b>Médias</b>		<b>0,80</b>	<b>0,85</b>	<b>0,79</b>	<b>0,80</b>	<b>0,84</b>	<b>0,68</b>	<b>1,08</b>	<b>0,44</b>

Em termos gerais podemos verificar que, as maiores necessidades de formação genéricas estão associadas à área técnico-pedagógica. No entanto, destacamos a

“Traumatologia e socorrismo” (1,11), “Actualização permanente...” (1,01), “Noções gerais de segurança” (0,99), “Domínio de técnicas...” (0,97) e “Organização técnica...” (0,93).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Mer** pela maior necessidade de formação média global (1,08) e o **Par** pela menor (0,44).

Em relação às TP, verificamos que as CP associadas ao socorrismo e à segurança apresentam as maiores necessidades de formação na maioria das actividades.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 208 – Comparação entre actividades – Necessidades de formação genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS			Mann Whitney		
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
42	<i>Saber ouvir os outros e procurar consensos</i>	17,728	<b>0,007*</b>	Ori x Esc	420,500	<b>0,032*</b>
Ori x Par				79,000	<b>0,002*</b>	
Btt x Par				157,000	<b>0,004*</b>	
Esc x Mer				172,5000	<b>0,046*</b>	
Mon x Par				72,000	<b>0,003*</b>	
Mer x Par				36,000	<b>0,011*</b>	

\* *diferenças significativas*

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Necessidades de formação genéricas”, relativamente à categoria P42 (p=0,007).

Esta diferença resultou das maiores necessidades de formação no **Mer** e menores no **Par** e **Esc**, quando comparadas com as restantes actividades. Julgamos que a maior rigidez dos programas de formação e das normas internacionais que regulamentam a actividade do **Mer**, e ainda a menor experiência na actividade por parte dos **TP**, poderá estar na origem de uma menor predisposição e competência para “Saber ouvir os outros e procurar consensos”.

#### 4.5. Síntese (Técnico Principal)

Encontrámos diferenças significativas em todas as variáveis estudadas. No entanto, na sub-variável “Último curso de formação realizado” não existem diferenças significativas. Estes resultados permitem aceitar as hipóteses de pesquisa 4 (na generalidade) e 6, e rejeitar a 5. Neste sentido, os **TP** avaliam e valorizam a formação de forma diferenciada de acordo com a especificidade de cada actividade.

Em relação à formação realizada, o nível técnico e pedagógico dos formadores foram as categorias melhor avaliadas, enquanto que os clubes e o ensino superior foram as organizações que melhor avaliação obtiveram.

A participação em cursos e acções de formação foi o factor de desempenho profissional mais valorizado globalmente. A maioria dos pressupostos e estratégias apresentados reuniram um nível de concordância aceitável, com destaque para o papel das federações desportivas na promoção de formação técnica especializada e para a necessidade de guias de natureza qualificados nos parques naturais.

As funções profissionais revelaram ter um bom nível de concordância.

As noções gerais de segurança foi a CP mais valorizada, enquanto que a ética moral e profissional foi a CP onde estes técnicos julgaram possuir melhor domínio. A maior necessidade de formação situou-se, mais uma vez, ao nível da traumatologia e socorrismo.

Por um lado, a maior valorização, e por outro, a maior necessidade de formação em relação as CP associadas aos aspectos de segurança, revelam uma vez mais, a importância que esta componente tem para os técnicos de desporto de natureza. Os **TP**, à partida, são aqueles que têm a responsabilidade de acompanhar e enquadrar as actividades, de conduzir os praticantes e de garantir índices elevados de segurança.

Segundo Matute (1988), a percepção do risco das actividades físicas em meio natural pode e deve ser treinado de modo a melhorar a competência dos técnicos nessa tarefa. Desse modo, parece que, quanto maior é a experiência da prática profissional efectiva, melhor será a resposta emocional às situações de risco, e consequentemente, melhor intervenção poderá ter o respectivo técnico.

Consideramos também que, um bom planeamento poderá ser a diferença entre o sucesso e o “pesadelo” de uma actividade. Todas as situações previstas e “imprevistas” devem estar salvaguardadas em defesa da segurança das pessoas (praticantes, técnicos, etc.), da preservação ambiental, dos materiais e equipamentos, das organizações e da boa imagem deste novo sector desportivo, o desporto de natureza. Neste sentido, gostaríamos de destacar também, além dos clubes, a importância da intervenção do ensino superior nesta área da formação, tendo em conta a opinião dos técnicos deste estudo. Na realidade, existem em Portugal várias instituições de ensino superior que desenvolvem trabalho nesta área, e que todos os anos “lançam” para o mercado de trabalho novos profissionais.

## 5. Estudo da Função de “Técnico Auxiliar”

### 5.1. Formação Realizada (Técnico Auxiliar)

Nesta variável, estudámos as seguintes sub-variáveis: “Último curso de formação realizado” e “Intervenção das organizações na área da formação”.

#### 5.1.1. Último Curso de Formação Realizado

*Quadro 209 – Avaliação do último curso de formação realizado - Técnicos Auxiliares*

P	Sub-variável:	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
	Último curso de formação realizado	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
10	Nível técnico dos formadores	<b>4,14</b>	<b>4,24</b>	3,63	<b>4,09</b>	<b>4,47</b>	3,90	<b>4,57</b>	<b>4,46</b>
11	Nível pedagógico formadores	<b>4,01</b>	<b>4,21</b>	3,63	<b>4,00</b>	<b>4,15</b>	3,71	<b>4,43</b>	<b>4,46</b>
12	Razão formador / formando	<b>3,97</b>	<b>4,12</b>	3,75	<b>3,96</b>	<b>4,22</b>	3,69	<b>4,43</b>	<b>4,15</b>
13	Satisfação geral	3,90	<b>3,97</b>	3,38	3,91	<b>4,25</b>	3,61	<b>4,29</b>	<b>4,31</b>
4	Pertinência dos conteúdos program...	3,79	3,84	3,38	<b>4,04</b>	<b>4,15</b>	3,44	<b>4,14</b>	<b>4,00</b>
3	Cumprimento dos objectivos propostos	3,75	<b>4,00</b>	3,38	3,74	<b>4,20</b>	3,35	<b>4,00</b>	<b>4,08</b>
6	Recursos pedagógico-didácticos	3,68	3,94	3,38	3,74	3,84	3,29	<b>4,57</b>	3,85
5	Metodologias de formação	3,66	3,76	3,88	3,87	3,84	3,18	<b>4,29</b>	<b>4,08</b>
9	Acessibilidade (custo) formação	3,58	3,64	3,71	3,45	<b>4,22</b>	3,20	<b>4,00</b>	3,85
1	Duração da componente teórica	3,56	3,66	3,75	<b>3,96</b>	3,60	3,18	3,86	3,69
2	Duração da componente prática	3,56	3,76	3,13	3,74	<b>4,25</b>	3,08	<b>4,00</b>	3,54
8	Modelo de avaliação	3,54	3,72	3,71	3,43	3,89	3,23	3,86	3,69
7	Qualidade das instalações e equipam...	3,52	3,73	3,13	3,41	3,85	3,22	<b>4,14</b>	3,69
	<b>Médias</b>	<b>3,74</b>	<b>3,89</b>	<b>3,52</b>	<b>3,80</b>	<b>4,07</b>	<b>3,39</b>	<b>4,20</b>	<b>3,99</b>

Em termos gerais, podemos destacar as categorias com melhor avaliação (nível “bom” ou mais): “Nível técnico dos formadores” (4,14), “Nível pedagógico formadores” (4,01) e “Razão formador/formando” (3,97). Por outro lado, a “Qualidade das instalações...” obteve a avaliação mais baixa (3,52).

Quanto à análise por actividades, verificámos que a melhor avaliação média global foi atribuída no **Mer** (4,22), enquanto que a **Can** obteve a mais baixa (3,39).

Podemos ainda observar que, o **Mer** foi a actividade que obteve o maior número de categorias avaliadas com nível “bom” ou mais (11), enquanto que o **Btt** e a **Can**, não obtiveram esse nível de avaliação em qualquer categoria.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 210 – Comparação entre actividades - Último curso de formação realizado*

KRUSKAL WALLIS			
P	Categorias	K	(p)
10	Nível técnico dos formadores	13,162	<b>0,041*</b>
11	Nível pedagógico formadores	14,827	<b>0,022*</b>
12	Razão formador / formando	15,337	<b>0,018*</b>
13	Satisfação geral	18,291	<b>0,006*</b>
4	Pertinência dos conteúdos program...	21,639	<b>0,001*</b>
3	Cumprimento dos objectivos program...	23,087	<b>0,001*</b>
6	Recursos pedagógico-didácticos	21,430	<b>0,002*</b>
5	Metodologias de formação	25,460	<b>0,000*</b>
9	Acessibilidade (custo) formação	18,139	<b>0,006*</b>
1	Duração da componente teórica	18,014	<b>0,006*</b>
2	Duração da componente prática	23,279	<b>0,001*</b>
7	Qualidade das instalações e equipam...	14,368	<b>0,026*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Último curso de formação realizado”, nas seguintes categorias: P10 (p=0,041), P11 (p=0,022), P12 (p=0,018), P13 (p=0,006), P4 (p=0,001), P3 (0,001), P6 (p=0,002), P5 (p=0,000), P9 (p=0,006), P1 (p=0,006), P2 (p=0,001), P7 (p=0,026).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Podemos constatar que existem diferenças significativas em quase todas as categorias, excepto no “Modelo de avaliação” que não é destacado por qualquer actividade. Em nossa opinião, a quantidade e qualidade da oferta da formação nas actividades de **Btt** e **Can**, para o nível de **TA**, não é suficiente. Este facto poderá estar associado à tradicional tendência das respectivas federações e clubes para investirem muito mais na vertente de competição. Isto têm implicado uma formação vocacionada para os treinadores em detrimento dos técnicos da área recreativa e do turismo.

Por outro lado, quer o **Mer** quer o **Mon** são actividades muito mais destinadas para as áreas da recreação e do turismo, implicando desse modo, uma maior e melhor oferta de formação para os **TA**.

### 5.1.2. Intervenção das Organizações na Área da Formação

**Quadro 211 – Avaliação da intervenção das organizações na área da formação - Técnicos Auxiliares**

P	Sub-variável: Intervenção das organizações...	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
5	Clubes, Associações	3,22	3,19	3,29	3,22	3,53	3,25	2,86	2,80
6	Empresas (privadas)	3,18	3,03	3,26	3,29	3,38	3,33	3,00	2,44
3	Ensino Superior	3,00	2,76	3,13	3,08	3,53	3,14	2,38	2,21
1	Federação Desportiva (que tutela)	2,75	2,87	2,79	2,85	2,73	2,83	1,95	2,68
8	INATEL	2,62	2,84	2,48	2,73	2,71	2,93	1,75	2,25
4	Ensino Secundário (desp. escolar)	2,58	2,56	2,74	2,49	2,86	2,67	1,86	2,13
7	Autarquias	2,37	2,31	2,48	2,39	2,66	2,52	1,80	1,84
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	2,11	1,98	2,09	2,05	2,57	2,45	1,81	1,38
	<b>Médias</b>	<b>2,73</b>	<b>2,69</b>	<b>2,78</b>	<b>2,76</b>	<b>3,00</b>	<b>2,89</b>	<b>2,18</b>	<b>2,22</b>

Em termos gerais, a avaliação da intervenção das organizações na área da formação, foi positiva em relação aos “Clubes, Associações” (3,22), às “Empresas” (3,18) e ao “Ensino Superior” (3,00). Por outro lado, as restantes organizações obtiveram avaliação negativa, tendo o “IEFP” a avaliação global mais baixa (2,11).

Quanto à análise por actividades, constatamos que o **Mon** foi a única organização a obter uma avaliação média positiva (3,00), enquanto que o **Mer** obteve a avaliação mais baixa (2,18).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 212 – Comparação entre actividades - Intervenção das organizações na área da formação**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
5	Clubes, Associações	14,182	<b>0,028*</b>
6	Empresas (privadas)	15,014	<b>0,020*</b>
3	Ensino Superior	34,853	<b>0,000*</b>
1	Federação Desportiva (que tutela)	14,237	<b>0,027*</b>
8	INATEL	26,581	<b>0,000*</b>
4	Ensino Secundário (desp. escolar)	21,755	<b>0,001*</b>
7	Autarquias	16,416	<b>0,012*</b>
2	IEFP (Inst. Emprego Form. Prof.)	23,428	<b>0,001*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as especialidades, na sub-variável “Intervenção das organizações na área da formação”, relativamente às seguintes categorias: P5 (p=0,028), P6 (p=0,020), P3 (p=0,000), P1 (p=0,027), P8 (p=0,000), P4 (p=0,001), P7 (p=0,012) e P2 (p=0,001).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.



Deste modo, verificamos que as “Empresas” obtiveram avaliações positivas em quase todas as actividades (excepto no **Par** – 2,44), enquanto que a “Federação Desportiva”, o “INATEL”, o “Ensino Secundário”, as “Autarquias” e o “IEFP” nunca obtiveram esse nível de avaliação. No entanto, existe uma tendência no **Mon** e na **Can** para avaliar um pouco melhor estas organizações em detrimento do **Mer** e do **Par**.

Mais uma vez, consideramos que existe uma cultura própria em cada actividade e que esse facto também poderá ter contribuído para a discrepância dos resultados.

## 5.2. Expectativas de Formação (Técnico Auxiliar)

Nesta variável, estudámos as seguintes sub-variáveis: “Factores de desempenho profissional” e “Pressupostos e estratégias de formação”.

### 5.2.1. Factores de Desempenho Profissional

*Quadro 213 – Importância dos factores de desempenho na actividade - Técnicos Auxiliares*

P	Sub-variável:	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
	<u>Factores de desempenho actividade</u>	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
3	<i>Participação em cursos / A.F.</i>	<b>4,20</b>	<b>4,01</b>	<b>3,96</b>	<b>4,47</b>	<b>4,51</b>	<b>4,35</b>	3,91	<b>4,27</b>
1	<i>Experiência como praticante</i>	<b>4,19</b>	3,69	3,84	<b>4,59</b>	<b>4,26</b>	<b>4,57</b>	<b>4,57</b>	<b>4,59</b>
2	<i>Experiência intervenção profissional</i>	<b>4,13</b>	<b>3,98</b>	3,92	<b>4,42</b>	<b>4,57</b>	<b>4,22</b>	<b>3,96</b>	3,68
8	<i>Características pessoais...</i>	3,94	<b>4,23</b>	3,26	<b>4,17</b>	<b>4,26</b>	<b>4,02</b>	<b>4,09</b>	3,73
7	<i>Observação actividades e eventos...</i>	3,84	3,88	3,52	3,92	<b>4,02</b>	<b>4,04</b>	3,65	<b>3,95</b>
6	<i>Formação académica</i>	3,67	3,89	3,49	3,61	<b>4,23</b>	3,74	3,09	2,68
5	<i>Leitura livros/revistas especializadas</i>	3,58	3,56	3,53	3,73	3,87	3,48	2,83	3,91
4	<i>Participação em congressos e sem...</i>	3,56	3,45	3,49	3,53	<b>4,00</b>	3,58	3,00	<b>4,00</b>
	<b>Médias</b>	<b>3,89</b>	<b>3,84</b>	<b>3,63</b>	<b>4,06</b>	<b>4,22</b>	<b>4,00</b>	<b>3,64</b>	<b>3,85</b>

Em termos gerais, os factores considerados importantes no desempenho profissional foram: “Participação em cursos” (4,20), “Experiência como praticante” (4,19) e “Experiência intervenção profissional” (4,13).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar uma maior valorização média no **Mon** (4,22) e uma menor na **Btt** (3,63).

Deste modo, constatamos que a “Participação em cursos...”, foi um factor considerado importante em quase todas as actividades (excepto no **Mer** – 3,91). Por outro lado, a “Leitura de livros...” nunca obteve esse grau de importância.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 214 – Comparação entre actividades - Factores de desempenho na actividade**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
3	Participação em cursos / A.F.	19,674	<b>0,003*</b>
1	Experiência como praticante	42,660	<b>0,000*</b>
2	Experiência intervenção profissional	23,679	<b>0,001*</b>
8	Características pessoais...	36,161	<b>0,000*</b>
7	Observação actividades e eventos...	18,346	<b>0,005*</b>
6	Formação académica	30,327	<b>0,000*</b>
5	Leitura livros/revistas especializadas	16,236	<b>0,013*</b>
4	Participação em congressos e sem...	14,574	<b>0,024*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Factores de desempenho na actividade, relativamente às seguintes categorias: P3 (p=0,003), P1 (p=0,000), P2 (p=0,001), P8 (p=0,000), P7 (p=0,005), P6 (p=0,000), P5 (p=0,013) e P4 (p=0,024).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Em nossa opinião, as diferenças significativas encontradas resultaram, das maiores valorizações atribuídas no **Mon**, **Esc** e **Can**, em detrimento do **Mer** e **Btt**.

Numa perspectiva de evolução da carreira, os **TA** poderão esperar melhores resultados no âmbito das actividades de **Mon**, **Esc** e **Can**, uma vez que parece existir maior empenhamento por parte das organizações na área da formação.

A grande parte dos **TA** de **Mer** e **Btt** desempenham as suas funções nas “Empresas” e possuem um baixo nível de “Habilitações literárias”. Normalmente, as suas tarefas são menos exigentes e menos complexas, considerando que existem outros técnicos responsáveis pelas actividades. Por outro lado, nas “Empresas” é necessário gerir os aspectos financeiros, o que neste caso, poderá condicionar também o respectivo desenvolvimento profissional dos **TA**.

Assim, esta conjuntura poderá ter influenciado a menor valorização em relação aos factores de desempenho na actividade.

## 5.2.2. Pressupostos e Estratégias de Formação

Quadro 215 – Concordância com os pressupostos e estratégias de formação - Técnicos Auxiliares

P	Sub-variável: Pressupostos e estratégias formação	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
3	As federações desportivas deverão pro	<b>1,93</b>	<b>1,96</b>	<b>1,81</b>	<b>2,10</b>	1,36	<b>2,20</b>	<b>1,78</b>	<b>2,18</b>
16	Os parques naturais deverão possuir...	<b>1,89</b>	<b>1,71</b>	<b>1,99</b>	<b>1,78</b>	<b>1,83</b>	<b>2,19</b>	<b>1,52</b>	<b>2,00</b>
7	A formação deverá ter uma predom...	<b>1,85</b>	<b>1,64</b>	<b>1,80</b>	<b>2,02</b>	<b>1,77</b>	<b>2,16</b>	<b>1,83</b>	<b>1,64</b>
14	O Estado deverá ter iniciativa para...	<b>1,74</b>	<b>1,64</b>	<b>1,69</b>	<b>1,83</b>	<b>1,64</b>	<b>2,02</b>	<b>1,61</b>	<b>1,50</b>
6	A formação deverá considerar todos...	<b>1,66</b>	<b>1,62</b>	1,42	<b>1,59</b>	<b>1,68</b>	<b>1,99</b>	<b>1,78</b>	<b>1,59</b>
1	A frequência de A.F. de reciclagem...	<b>1,54</b>	1,38	1,47	<b>1,56</b>	<b>1,81</b>	<b>1,60</b>	<b>1,61</b>	<b>1,55</b>
9	A formação deverá assentar em vários..	<b>1,53</b>	1,16	<b>1,57</b>	<b>1,58</b>	<b>1,81</b>	<b>1,72</b>	1,48	<b>1,55</b>
11	Será necessário definir a progressão...	<b>1,52</b>	1,33	<b>1,53</b>	<b>1,81</b>	1,43	<b>1,59</b>	1,30	<b>1,59</b>
10	Os modelos de formação deverão cont...	1,46	1,26	1,33	<b>1,75</b>	<b>1,66</b>	<b>1,58</b>	1,22	1,36
8	Os modelos de formação utilizados...	1,40	1,18	1,30	<b>1,54</b>	<b>1,55</b>	<b>1,53</b>	<b>1,61</b>	1,36
5	A formação deverá ser mais abrangent..	1,35	1,16	1,39	1,44	1,49	1,43	1,09	1,41
15	Somente as empresas privadas que...	1,35	1,40	<b>1,79</b>	1,05	0,91	1,30	1,35	1,36
2	O Estado deverá ser responsável pela...	1,33	1,13	1,22	<b>1,61</b>	1,45	<b>1,59</b>	1,22	0,68
12	O IEFPP deverá promover a formação...	1,17	1,11	1,25	0,93	1,28	1,37	1,13	0,86
13	Todas as organizações responsáveis...	1,17	0,98	1,25	1,17	1,40	1,21	0,70	<b>1,55</b>
4	Só as entidades acreditadas pelo Estado	0,87	0,38	<b>1,71</b>	0,93	1,15	0,37	1,00	0,50

Em termos gerais, podemos destacar 8 (oito) estratégias que reuniram um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo), a saber: P3 (1,93), P16 (1,89), P7 (1,85), P14 (1,74), P6 (1,66), P1 (1,5), P9 (1,53) e P11 (1,52). As restantes estratégias carecem em nossa opinião, de uma maior reflexão e discussão entre os técnicos responsáveis pela formação.

Verificamos que a **Esc** e a **Can** são as actividades onde existe maior concordância face às estratégias apresentadas, enquanto que a **Ori** e o **Btt** é onde existe menor.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

Quadro 216 – Comparação entre actividades - Pressupostos e estratégias de formação

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
3	As federações desportivas deverão prom...	23,420	<b>0,001*</b>
16	Os parques naturais deverão possuir “guias..	13,317	<b>0,038*</b>
7	A formação deverá ter uma predominância...	16,043	<b>0,014*</b>
6	A formação deverá considerar todos os níveis	13,533	<b>0,035*</b>
9	A formação deverá assentar em vários níveis	12,695	<b>0,048*</b>
10	Os modelos de formação deverão contemplar	14,649	<b>0,023*</b>
2	O Estado deverá ser responsável pela regul...	14,698	<b>0,023*</b>
4	Só as entidades acreditadas pelo Estado...	28,398	<b>0,000*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Pressupostos e estratégias de formação”, relativamente às seguintes categorias: P3

( $p=0,001$ ), P16 ( $p=0,038$ ), P7 ( $p=0,014$ ), P6 ( $0,035$ ), P9 ( $p=0,048$ ), P10 ( $p=0,023$ ), P2 ( $p=0,023$ ) e P4 ( $p=0,000$ ).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Cerca de metade dos pressupostos e estratégias de formação não reúnem consenso entre a opinião dos **TA**. Na nossa opinião, estas diferenças resultaram dos seguintes factos:

A intervenção das federações e a qualificação dos “guias de natureza” (P3 e P16) obtiveram maiores níveis de concordância na **Can** e **Par**, sendo menores no **Mer**. Como já referimos, o desenvolvimento do **Mer** não tem estado dependente do papel da federação nem da qualificação dos “guias de natureza”. Por outro lado, na **Can** e no **Par** existe uma relação mais positiva entre os clubes, a federação e os parques naturais.

As estratégias de formação P6 e P7 apresentam maiores níveis de concordância na **Can** e no **Mer**, e menores no **Par**. Julgamos que a maior diversidade ao nível dos espaços aquáticos, das vertentes de desenvolvimento e da própria cultura de formação da **Can** e do **Mer**, poderá explicar a maior concordância nestas actividades em detrimento do **Par**.

Em relação à P9 e P10, a maior complexidade e diferenciação de competências no **Mon** e na **Can** implicou uma maior concordância dos **TA**, quando comparada com a **Ori** e com o **Mer**. Normalmente, os **TA** de **Ori** e **Mer** são menos autónomos e têm menos intervenção prática em comparação com os **TA** de **Mon** e **Can**, que habitualmente desempenham tarefas de maior responsabilidade.

Por último, ao nível do papel do Estado (P2 e P4), existe uma menor concordância por parte dos **TA** de **Par** e **Ori**, uma vez que estas actividades têm desenvolvido um trabalho importante no âmbito da formação, demonstrando uma boa cooperação entre federações e clubes. Por outro lado, quando essa cooperação não é tão evidente, surge uma maior necessidade da intervenção do Estado, como são os casos da **Esc** e do **Btt**.

Por último, podemos verificar que os parques naturais deverão possuir guias de natureza qualificados, a formação deverá valorizar a componente prática e que o Estado deverá ter a iniciativa para mobilizar as entidades formadoras, estabelecer parcerias e organizar a formação do desporto de natureza. Deste modo, salientamos que estas estratégias reuniram um bom nível de concordância em todas as actividades.

### 5.3. Funções Profissionais (Técnico Auxiliar)

*Quadro 217 – Concordância com as funções profissionais - Técnicos Auxiliares*

P	Variável: Funções profissionais	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
2	<b>Formador</b> – Tendo formação especializada, coordena, supervisiona e forma outros...	2,04	1,80	2,24	2,19	2,06	1,95	2,04	2,09
3	<b>Técnico principal</b> – Enquadra a actividade do ponto de vista técnico e pedagógico. È...	2,04	1,73	2,27	2,17	2,09	2,00	2,22	1,95
1	<b>Dirigente</b> – Tem conhecimentos de gestão/desporto, coordena programas, dirige	2,03	1,93	2,27	1,93	1,98	1,93	2,22	2,00
4	<b>Técnico auxiliar</b> – Cooperar e presta auxílio a um técnico principal. Tem conhecimento...	1,99	1,60	2,27	1,97	1,98	2,04	2,22	2,09
<b>Médias</b>		<b>2,02</b>	<b>1,77</b>	<b>2,26</b>	<b>2,06</b>	<b>2,03</b>	<b>1,98</b>	<b>2,17</b>	<b>2,03</b>

Em termos gerais podemos verificar que, todas as funções profissionais definidas no quadro anterior reúnem um nível de concordância aceitável (valores mais próximos do nível 2=concordo) com destaque para a função de **F** (2,04).

Quanto à análise por actividades, podemos observar também que existem um bom nível de concordância em todas as funções apresentadas, com destaque para o **Btt** (2,26) em detrimento da **Ori** (1,77). As restantes categorias apresentam na maioria, valores próximos do significado “concordo”, levando-nos a admitir que existe concordância em relação às funções profissionais. No entanto, julgamos que os **TA** de **Ori**, deverão discutir melhor a sua própria função (1,60).

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

*Quadro 218 – Comparação entre actividades – Funções profissionais*  
\* diferenças significativas

P	KRUSKAL WALLIS			Mann	Whitney	
	Categorias	K	(p)	Actividades	U	(p)
3	Técnico principal...	16,507	0,011*	Ori x Btt	2905,000	0,000*
				Ori x Esc	2181,500	0,037*
				Ori x Mer	774,000	0,043*
				Btt x Par	701,500	0,026*
1	Dirigente...	12,354	0,055	Ori x Btt	3402,000	0,044*
				Btt x Esc	1982,000	0,005*
				Btt x Mon	1637,500	0,021*
				Btt x Can	2846,000	0,009*
4	Técnico auxiliar...	20,671	0,002*	Ori x Btt	2750,000	0,000*
				Ori x Can	2966,000	0,020*
				Ori x Mer	730,500	0,020*
				Btt x Esc	2072,000	0,018*
				Btt x Mon	1653,500	0,030*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na variável “Funções profissionais”, relativamente às seguintes categorias: P3 (p=0,011) e P4 (p=0,002).

Por outro lado, uma vez que a categoria P1, apresentou um valor próximo do nível de significância ( $p=0,055$ ), optámos por prosseguir com o “pósteste” (MW-U), encontrando diferenças significativas entre as seguintes actividades: **Ori** x **Btt** ( $p=0,044$ ), **Btt** x **Esc** ( $p=0,005$ ), **Btt** x **Mon** ( $p=0,021$ ) e **Btt** x **Can** ( $p=0,009$ ).

As diferenças significativas encontradas resultaram sempre do maior nível de concordância atribuída no **Btt** e menor na **Ori**. Pensamos que o tipo de organização onde os **TA** maioritariamente trabalham, poderá influenciar o posicionamento destes face às funções profissionais apresentadas, ou seja, uma maior diferenciação de funções, tarefas e responsabilidades nas empresas (**Btt**), e menor nos estabelecimentos de ensino (**Ori**).

No entanto, salientamos mais uma vez que os resultados demonstram existir bons níveis de concordância em todas as funções profissionais.

#### 5.4. Competências Profissionais (Técnico Auxiliar)

Nesta dimensão estudámos as seguintes variáveis/sub-variáveis: a “Importância das CP genéricas”, a “Auto-percepção das CP genéricas” e as “Necessidades de formação genéricas”.

##### 5.4.1. Importância das Competências Profissionais Genéricas

Quadro 219 – Importância das CP genéricas - Técnicos Auxiliares

P	Sub-variável: Importância das CP genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
40	Noções gerais de segurança	<b>5,09</b>	4,69	<b>5,43</b>	<b>5,10</b>	<b>5,26</b>	<b>4,98</b>	<b>5,35</b>	<b>5,23</b>
49	Avaliar praticantes e adequar activid...	<b>5,03</b>	<b>4,77</b>	<b>5,38</b>	<b>4,83</b>	<b>5,23</b>	<b>4,81</b>	<b>5,48</b>	5,14
9	Traumatologia e socorrismo	<b>5,02</b>	4,69	5,27	4,69	<b>5,43</b>	<b>5,01</b>	<b>5,35</b>	5,09
45	Actualização permanente conhecim...	<b>5,01</b>	4,73	<b>5,46</b>	<b>4,80</b>	<b>5,28</b>	4,80	5,22	5,00
46	Capacidade para tomar decisões	<b>4,98</b>	<b>4,71</b>	<b>5,34</b>	<b>4,80</b>	5,00	<b>4,88</b>	<b>5,35</b>	5,14
48	Dinâmicas de grupo	4,89	<b>4,78</b>	<b>5,35</b>	4,58	4,89	4,67	5,17	4,91
38	Responsabilidade e sensibilidade	4,86	4,48	5,07	4,75	5,00	4,83	<b>5,35</b>	<b>5,23</b>
42	Saber ouvir os outros e procurar...	4,84	4,59	5,06	4,59	4,83	4,78	<b>5,43</b>	<b>5,32</b>
2	Organização técnica e planeamento...	4,84	<b>4,71</b>	5,00	4,58	5,09	4,80	5,17	4,73
32	Domínio prático dos conteúdos...	4,83	4,41	5,13	4,73	4,89	4,80	5,26	5,05
35	Resolução de problemas	4,83	4,54	5,15	<b>4,80</b>	4,83	4,69	5,30	4,77
15	Conhecimentos dos locais de prática	4,82	4,62	5,29	3,64	<b>5,11</b>	<b>4,91</b>	<b>5,35</b>	<b>5,32</b>
43	Ética moral e profissional	4,81	4,47	5,07	4,68	5,00	4,53	<b>5,57</b>	<b>5,27</b>
50	Integração de jovens c/ dificuldades...	4,75	<b>4,75</b>	4,85	4,46	4,66	4,81	5,00	4,73
5	Capacidade crítica, auto-crítica...	4,73	4,63	4,83	4,59	4,94	4,51	<b>5,35</b>	4,91
Médias		<b>4,89</b>	<b>4,64</b>	<b>5,18</b>	<b>4,64</b>	<b>5,03</b>	<b>4,79</b>	<b>5,31</b>	<b>5,05</b>

Em termos gerais, podemos verificar no quadro 219, que as CP genéricas mais valorizadas estão associadas à dimensão pessoal e à dimensão técnico-pedagógica. No

entanto, destacamos a “Noções gerais de segurança” (5,09), “Avaliar praticantes...” (5,03), “Traumatologia e socorrismo” (5,02), “Actualização permanente...” (5,01) e “Capacidade para tomar decisões” (4,98).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Mer** pela maior valorização média global (5,31) e a **Ori** e a **Esc** pelas menores (4,64).

As CP associadas aos aspectos de segurança na concretização efectiva das actividades, parecem reunir algum consenso em termos de maior valorização.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:

**Quadro 220 – Comparação entre actividades - Importância das CP genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
40	Noções gerais de segurança	26,233	0,000*
49	Avaliar praticantes e adequar activid...	31,983	0,000*
9	Traumatologia e socorrismo	30,068	0,000*
45	Actualização permanente conhecim...	33,503	0,000*
46	Capacidade para tomar decisões	24,907	0,000*
48	Dinâmicas de grupo	31,289	0,000*
38	Responsabilidade e sensibilidade	19,914	0,003*
42	Saber ouvir os outros e procurar...	24,237	0,000*
2	Organização técnica e planeamento...	12,646	0,049*
32	Domínio prático dos conteúdos...	17,745	0,007*
35	Resolução de problemas	17,239	0,008*
15	Conhecimentos dos locais de prática	75,521	0,000*
43	Ética moral e profissional	31,887	0,000*
5	Capacidade crítica, auto-crítica...	21,491	0,001*

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Importância das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P40 (p=0,000), P49 (p=0,000), P9 (p=0,000), P45 (p=0,000), P46 (p=0,000), P48 (p=0,000), P38 (p=0,003), P42 (p=0,000), P2 (p=0,049), P32 (p=0,007), P35 (p=0,008), P15 (p=0,000), P43 (p=0,000) e P5 (p=0,001).

Relativamente aos resultados da comparação entre actividades, optámos por remetê-los para o anexo 21, devido à sua grande extensão.

Em termos gerais, as diferenças significativas encontradas resultaram da maior valorização no **Mer** e **Btt** e menor na **Ori** nas respectivas comparações. Julgamos que o tipo de organização onde é exercida a função principal poderá estar na origem de uma maior valorização dos **TA** que trabalham nas “Empresas” (**Mer** e **Btt**), uma vez que estes têm na maioria dos casos, situações contratuais precárias ou mesmo inexistentes, e daí

revelarem maior preocupação com os seus perfis de competências na medida em que poderão ser dispensados em qualquer momento. Por outro lado, grande parte dos **TA** de **Ori**, exercem a sua função em “Estabelecimentos de Ensino”, o que aliado à menor exigência da própria actividade, poderá justificar a menor valorização das respectivas CP.

#### 5.4.2. Auto-percepção das Competências Profissionais Genéricas

Quadro 221 – Auto-percepção das CP genéricas - Técnicos Auxiliares

P	Sub-variável: Auto-percepção das CP genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
43	Ética moral e profissional	<b>4,13</b>	<b>3,96</b>	<b>4,16</b>	<b>4,20</b>	<b>4,34</b>	4,01	<b>4,09</b>	<b>4,50</b>
5	Capacidade crítica, auto-crítica...	<b>4,08</b>	<b>4,13</b>	3,82	<b>4,22</b>	<b>4,26</b>	<b>4,21</b>	3,78	4,09
42	Saber ouvir os outros e procurar...	<b>4,07</b>	3,86	<b>4,01</b>	<b>4,19</b>	4,17	<b>4,22</b>	3,78	<b>4,45</b>
46	Capacidade para tomar decisões	<b>4,05</b>	<b>3,88</b>	<b>3,96</b>	4,15	4,13	<b>4,12</b>	<b>4,17</b>	4,32
40	Noções gerais de segurança	<b>4,03</b>	3,70	<b>3,98</b>	<b>4,25</b>	4,19	<b>4,11</b>	3,96	<b>4,45</b>
38	Responsabilidade e sensibilidade	4,00	3,73	3,82	<b>4,20</b>	<b>4,34</b>	<b>4,15</b>	3,78	<b>4,36</b>
49	Avaliar praticantes e adequar activid...	3,97	<b>3,95</b>	3,78	4,08	<b>4,23</b>	3,85	<b>4,04</b>	4,32
48	Dinâmicas de grupo	3,97	<b>3,89</b>	<b>3,92</b>	4,03	4,17	3,85	<b>4,22</b>	4,14
35	Resolução de problemas	3,95	3,78	3,87	4,07	<b>4,23</b>	3,94	3,83	4,18
45	Actualização permanente conhecim...	3,90	<b>3,88</b>	3,70	3,95	<b>4,32</b>	3,84	3,70	4,14
32	Domínio prático dos conteúdos...	3,86	3,71	3,80	3,73	4,15	4,06	3,52	4,05
15	Conhecimentos dos locais de prática	3,81	3,84	3,85	3,20	4,15	3,68	<b>4,13</b>	<b>4,59</b>
2	Organização técnica e planeamento...	3,65	3,77	3,52	3,59	4,00	3,62	3,30	3,64
9	Traumatologia e socorrismo	3,64	3,43	3,57	3,76	<b>4,23</b>	3,37	<b>4,04</b>	3,82
50	Integração de jovens c/ dificuldades...	3,55	3,71	3,19	3,61	3,72	3,70	3,17	3,64
	<b>Médias</b>	<b>3,91</b>	<b>3,81</b>	<b>3,80</b>	<b>3,95</b>	<b>4,18</b>	<b>3,92</b>	<b>3,83</b>	<b>4,18</b>

Em termos gerais, as CP genéricas que apresentaram valores mais elevados ao nível da auto-percepção foram: “Ética moral...” (4,13), “Capacidade crítica...” (4,08), “Saber ouvir...” (4,07), “Capacidade...tomar decisões” (4,05) e “Noções gerais...” (4,03).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Mon** e o **Par** pela auto-percepção média global mais elevada (4,18) e o **Btt** pela menos elevada (3,80).

Salientamos ainda, que os **TA** julgam possuir um melhor domínio de CP associadas à dimensão pessoal e menor ao nível da intervenção técnico-pedagógica.

Em termos de análise comparativa podemos verificar o seguinte:



Quadro 222 – Comparação entre actividades - Auto-percepção das CP genéricas

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
5	Capacidade crítica, auto-crítica...	13,745	<b>0,033*</b>
40	Noções gerais de segurança	14,495	<b>0,025*</b>
38	Responsabilidade e sensibilidade	19,401	<b>0,004*</b>
45	Actualização permanente conhecim...	13,046	<b>0,042*</b>
15	Conhecimentos dos locais de prática	33,882	<b>0,000*</b>
2	Organização técnica e planeamento...	13,657	<b>0,034*</b>
9	Traumatologia e socorrismo	17,823	<b>0,007*</b>

\* diferenças significativas

**Existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável “Auto-percepção das CP genéricas”, relativamente às seguintes categorias: P40 (p=0,025), P9 (p=0,007), P45 (p=0,042), P38 (p=0,004), P2 (p=0,034), P15 (p=0,000) e P5 (p=0,033).

As diferenças significativas encontradas resultaram do maior nível de auto-percepção atribuído no **Mon** e **Par** e menor no **Btt** e **Ori**. Esta tendência também se pode verificar no conjunto de todas as CP apresentadas.

Como já referimos anteriormente, consideramos que as actividades mais complexas na perspectiva do domínio dos diferentes saberes, pressupõem um maior investimento de formação para poder exercer funções e tarefas profissionais de elevada grau de responsabilidade. Neste sentido, julgamos que o **Mon** e o **Par** apresentam maior exigência aos respectivos técnicos, em comparação com o **Btt** e a **Ori**.

### 5.4.3. Necessidades de Formação Genéricas

Quadro 223 - Necessidades de formação genéricas - Técnicos Auxiliares

P	Sub-variável: Necessidades de formação genéricas	Total	Ori	Btt	Esc	Mon	Can	Mer	Par
		Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média	Média
9	Traumatologia e socorrismo	<b>1,38</b>	<b>1,26</b>	<b>1,70</b>	<b>0,93</b>	<b>1,19</b>	<b>1,64</b>	1,30	<b>1,27</b>
2	Organização técnica e planeamento...	<b>1,19</b>	<b>0,95</b>	<b>1,48</b>	<b>0,98</b>	<b>1,09</b>	<b>1,19</b>	<b>1,87</b>	<b>1,09</b>
50	Integração de jovens c/ dificuldades...	<b>1,19</b>	<b>1,03</b>	<b>1,66</b>	<b>0,85</b>	0,94	<b>1,11</b>	<b>1,83</b>	<b>1,09</b>
45	Actualização permanente conhecim...	<b>1,12</b>	0,85	<b>1,76</b>	<b>0,85</b>	<b>0,96</b>	<b>0,96</b>	1,52	0,86
40	Noções gerais de segurança	<b>1,06</b>	<b>0,99</b>	1,45	<b>0,85</b>	<b>1,06</b>	0,86	1,39	0,77
49	Avaliar praticantes e adequar activid...	<b>1,06</b>	0,82	<b>1,61</b>	0,75	<b>1,00</b>	<b>0,96</b>	1,43	0,82
15	Conhecimentos dos locais de prática	1,00	0,78	1,44	0,44	<b>0,96</b>	<b>1,23</b>	1,22	0,73
32	Domínio prático dos conteúdos...	0,97	0,69	1,34	<b>1,00</b>	0,74	0,74	<b>1,74</b>	<b>1,00</b>
46	Capacidade para tomar decisões	0,93	0,84	1,38	0,64	0,87	0,75	1,17	0,82
48	Dinâmicas de grupo	0,92	<b>0,89</b>	1,43	0,54	0,72	0,81	0,96	0,77
35	Resolução de problemas	0,88	0,76	1,28	0,73	0,60	0,75	1,48	0,59
38	Responsabilidade e sensibilidade	0,86	0,76	1,25	0,54	0,66	0,68	<b>1,57</b>	0,86
42	Saber ouvir os outros e procurar...	0,77	0,74	1,04	0,41	0,66	0,56	<b>1,65</b>	<b>0,86</b>
43	Ética moral e profissional	0,68	0,52	0,91	0,47	0,66	0,52	1,48	0,77
5	Capacidade crítica, auto-crítica...	0,65	0,49	1,01	0,37	0,68	0,30	1,57	0,82
	<b>Médias</b>	<b>0,98</b>	<b>0,82</b>	<b>1,38</b>	<b>0,69</b>	<b>0,85</b>	<b>0,87</b>	<b>1,48</b>	<b>0,88</b>

As maiores necessidades de formação genéricas estão associadas à dimensão técnico-pedagógica. No entanto, destacamos a "Traumatologia..." (1,38), "Organização técnica..." (1,19), "Integração de jovens..." (1,19), "Actualização permanente..." (0,12), "Noções gerais..." (1,06) e "Avaliar praticantes..." (1,06).

Quanto à análise por actividades, podemos destacar o **Mer** pela maior necessidade de formação média global (1,48) e a **Esc** pela menor (0,69).

Salientamos que a "Organização técnica e planeamento de actividades" reuniu consenso entre as várias actividades ao nível das necessidades de formação.

Em relação à análise comparativa constatamos o seguinte:

**Quadro 224 – Comparação entre actividades – Necessidades de formação genéricas**

P	KRUSKAL WALLIS		
	Categorias	K	(p)
9	Traumatologia e socorrismo	14,346	<b>0,026*</b>
2	Organização técnica e planeamento...	27,636	<b>0,000*</b>
50	Integração de jovens c/ dificuldades...	26,745	<b>0,000*</b>
45	Actualização permanente conhecim...	34,474	<b>0,000*</b>
40	Noções gerais de segurança	19,214	<b>0,004*</b>
49	Avaliar praticantes e adequar activid...	31,716	<b>0,000*</b>
15	Conhecimentos dos locais de prática	29,110	<b>0,000*</b>
32	Domínio prático dos conteúdos...	22,352	<b>0,001*</b>
46	Capacidade para tomar decisões	25,558	<b>0,000*</b>
48	Dinâmicas de grupo	29,607	<b>0,000*</b>
35	Resolução de problemas	23,097	<b>0,001*</b>
38	Responsabilidade e sensibilidade	29,015	<b>0,000*</b>
42	Saber ouvir os outros e procurar...	24,529	<b>0,000*</b>
43	Ética moral e profissional	17,416	<b>0,008*</b>
5	Capacidade crítica, auto-crítica...	43,387	<b>0,000*</b>

\* diferenças significativas

Em termos de análise comparativa, podemos verificar no quadro 224, que **existem diferenças significativas** entre as actividades, na sub-variável "Necessidades de formação genéricas", relativamente às seguintes categorias: P9 (p=0,026), P2 (p=0,000), P50 (p=0,000), P45 (p=0,000), P40 (p=0,004), P49 (p=0,000), P15 (p=0,000), P32 (p=0,001), P46 (p=0,000), P48 (p=0,000), P35 (p=0,001), P38 (p=0,000), P42 (p=0,000), P43 (p=0,008) e P5 (p=0,000).

As diferenças significativas encontradas resultaram das maiores necessidades de formação médias globais no **Mer** e **Btt** e menores na **Esc**.

Como já referimos, o **Mer** é uma actividade bastante exigente em termos de CP uma vez que obriga os seus técnicos a realizarem uma formação formatada internacionalmente, o que coloca maiores dificuldades para os **TA** que se encontram em

início de carreira. Por outro lado, no **Btt**, a formação especializada em Portugal é muito escassa e por vezes desvalorizada pelos respectivos técnicos. Já no caso da **Esc** a realidade é diferente, uma vez que existe uma grande oferta de formação e uma ideologia própria que contribui para um melhor domínio das diferentes CP.

Interessa realçar também que, existem diferenças significativas em todas as CP apresentadas, o que reforça uma necessidade de formação diferenciada em função da especificidade das várias actividades de desporto de natureza.

### **5.5. Síntese (Técnico Auxiliar)**

Encontrámos diferenças significativas em todas as variáveis estudadas. Estes resultados permitem aceitar as hipóteses de pesquisa 4 e 6, e rejeitar a 5. Portanto, os **TA** avaliam, sentem e valorizam a formação de acordo com a especificidade de cada actividade.

Em relação à formação realizada, o nível técnico e pedagógico dos formadores foram as categorias melhor avaliadas, enquanto que os clubes e as empresas foram as organizações melhor avaliadas na área da formação.

A participação em cursos de formação e a pertinência dos conteúdos programáticos foram os factores mais valorizados, enquanto que a maioria dos pressupostos e estratégias reuniram um bom nível de concordância, com destaque para o papel das federações desportivas na promoção de formação técnica especializada e para a necessidade de guias de natureza qualificados nos parques naturais de modo a cooperar na construção das CDN.

As funções profissionais revelaram ter um bom nível de concordância.

As noções gerais de segurança foi a CP mais valorizada, enquanto que a ética moral e profissional foi a CP com maior nível de auto-percepção. A maior necessidade de formação situou-se ao nível da traumatologia e socorrismo.

Os **TA** possuem menos experiência prática e profissional, menores habilitações literárias e desempenham funções de menor responsabilidade e autonomia, ou seja encontram-se em início de carreira. Em termos gerais, parece existir alguma semelhança de opinião com outros grupos de técnicos, relativamente à avaliação e valorização dos

principais aspectos da formação. No entanto, mais uma vez julgamos que os diferentes contextos de realização das actividades e as próprias características culturais e desportivas poderão estar na origem das principais diferenças encontradas. Como exemplo, podemos observar a diferença da formação realizada entre o **Mer** e a **Can** e **Btt**. De facto, no **Mer**, a formação está organizada e prevê a progressão na carreira profissional de acordo com normas internacionais sendo reconhecida por todos os técnicos, enquanto que na **Can** e no **Btt**, esta situação não se verifica.

Ao analisarmos a fase inicial da carreira de um professor de educação física e dos **TA** de desporto de natureza, podemos verificar que existem semelhanças na relação com os outros profissionais mais experientes, isto é, de acordo com Tinning e Siedentop (1985) e Randall (1992), os técnicos menos experientes deverão aceder progressivamente a estratégias de ensino e utilizá-las em consonância com a realidade, sendo acompanhados por outros técnicos mais experientes que deverão proporcionar uma integração inicial no sistema educativo ou desportivo. Nesta situação os técnicos menos experientes têm tendência em colocar em acção as práticas habituais dos seus “mentores” de modo a não arriscar uma desaprovação e por receio em afectar a sua responsabilização na condução dos participantes ou clientes.

Portanto, é necessário criar condições para que estes técnicos (**TA**) possam evoluir na sua formação desportiva, profissional, humana e social.

## **IV - PARTE**

### **Conclusão do Estudo**

#### **1. Resumo do Estudo**

Este estudo pretendeu caracterizar o perfil pessoal e sócio-profissional, a formação realizada, as expectativas de formação, as funções e as competências profissionais dos técnicos de desporto de natureza.

Estes agentes desportivos são o elemento-chave no desenvolvimento deste novo sector desportivo. As suas qualidades humanas e profissionais deverão ser determinantes e geradoras de uma saudável maneira de estar no desporto e na vida. A satisfação dos praticantes e formandos em relação às actividades em que participam depende em grande parte da qualidade e do profissionalismo destes técnicos do desporto. Por isso, estudar a opinião destes intervenientes sobre a formação foi a nossa principal missão.

Para analisar os resultados, recorremos a uma metodologia descritiva para descrever os dados referentes à opinião dos técnicos, e comparativa para comparar os vários grupos e actividades em estudo.

A amostra foi constituída por 830 indivíduos, organizados em 4 (quatro) grupos de funções profissionais (**D, F, TP e TA**), sendo distribuídos por 7 (sete) actividades de desporto de natureza (**Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par**).

A metodologia utilizada assentou na construção, validação e aplicação dos instrumentos de medida necessários para concretizar este estudo, nomeadamente, o “Modelo de Análise Taxonómica de Actividades de Desporto de Natureza” (MAT-ADN) e o “Questionário aos Técnicos de Desporto de Natureza”.

## 2. Conclusões

As conclusões que iremos apresentar resultam da análise efectuada sobre os resultados deste estudo. Pretendemos abordar as hipóteses de pesquisa formuladas e as principais conclusões referentes à análise descritiva e comparativa, procurando elaborar algumas inferências que julgamos importantes. No entanto, recomendamos a leitura das sínteses de cada ADN e de cada função profissional, como complemento da interpretação deste capítulo de conclusões.

**Hipótese 1 - Nas ADN, “Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par”, existem diferenças significativas quanto à opinião dos técnicos, sobre a formação.**

Sub-hipótese A1 - Formação realizada / Último curso de formação realizado

Sub-hipótese A2 - Formação realizada / Intervenção das organizações na área da formação

Sub-hipótese B1 - Expectativas de formação / Factores de desempenho profissional

Sub-hipótese B2 - Expectativas de formação / Pressupostos e estratégias de formação

Podemos aceitar a hipótese de pesquisa 1, uma vez que existem diferenças significativas em todas as ADN. No entanto, relativamente às sub-hipóteses colocadas, podemos verificar os seguintes resultados:

- No “Último curso de formação realizado”, encontramos diferenças significativas na maioria das ADN (**Ori, Esc, Mon, Can e Par**);
- Na “Intervenção das organizações na área da formação”, encontramos diferenças significativas na maioria das ADN (**Ori, Esc, Mon, Can e Par**);
- Nos “Factores de desempenho profissional”, encontramos diferenças significativas na maioria das ADN (**Ori, Btt, Esc, Can, Mer e Par**);
- Nos “Pressupostos e estratégias de formação”, encontramos diferenças significativas em todas as ADN (**Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par**).

Nas ADN estudadas, os técnicos de desporto de natureza têm opiniões diferentes em relação à formação realizada e às expectativas de formação, de acordo com a função profissional que desempenham.

Acreditamos que a especificidade de cada função profissional, associada ao perfil pessoal e sócio-profissional de cada grupo, poderá implicar também opiniões diferenciadas por parte dos técnicos acerca da formação.

Relativamente à formação realizada, destacamos o nível técnico e pedagógico dos formadores, como as categorias melhor avaliadas globalmente. Na área da formação, os clubes, o ensino superior e as empresas, foram as organizações melhor avaliadas.

A experiência como praticante e a participação em cursos e acções de formação foram os factores de desempenho profissional mais valorizados. O papel das federações desportivas na promoção de formação técnica especializada, a qualificação dos guias de natureza dos parques naturais, de modo a cooperarem na construção das “Cartas de Desporto de Natureza” e a estruturação e organização dos modelos de formação, foram as estratégias de formação mais destacadas e de maior consenso por parte dos técnicos.

Em suma, será necessário definir e construir modelos de formação adequados a cada ADN, respeitar as suas especificidades contextuais e culturais, promover o seu desenvolvimento e garantir uma oferta de qualidade, quer na perspectiva dos eventos para os praticantes quer na perspectiva da formação para os técnicos desportivos.

**Hipótese (2) - Nas ADN, “Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par”, não existem diferenças significativas quanto à opinião dos técnicos, sobre as funções profissionais.**

A hipótese de pesquisa 2 não se confirma uma vez que existem diferenças significativas nas actividades de **Esc, Mon e Can**.

De um modo geral, os técnicos de desporto de natureza têm opiniões diferentes em relação às funções profissionais, de acordo com a respectiva função desempenhada.

Ao associarmos o bom relacionamento entre os clubes e as federações desportivas de **Ori e Par**, e a maior exigência de organização por parte das empresas de **Btt e Mer**, podemos considerar que as funções profissionais nestas actividades reúnem maior consenso por parte dos seus técnicos. Por outro lado, nas actividades de **Esc, Mon e Can**, parece continuar a existir algum afastamento entre clubes e federações, como comprovam os respectivos resultados. Neste caso, os **Dir** tiveram a tendência para atribuir maiores níveis de concordância por estarem mais envolvidos nos processos de decisão, em

comparação com o grupo dos **TA** que se encontram em início de carreira, e provavelmente, ainda pouco conhecedores de todo este processo.

No entanto, as funções profissionais apresentaram uma concordância generalizada em todas as ADN, permitindo concluir, que devemos reconhecê-las e utilizá-las no desenvolvimento de futuros trabalhos e no âmbito da intervenção profissional das actividades de desporto de natureza.

As funções profissionais estudadas, **D, F, TP e TA**, constituem assim, um bom ponto de partida para dar continuidade ao desenvolvimento de outras pesquisas, nomeadamente, na identificação das atribuições e tarefas que lhes são adjacentes. Certamente que o desenho dos cargos profissionais, o desenvolvimento de carreiras e a regulação do sector, seria uma meta a atingir para muitos dos técnicos que trabalham em situações laborais precárias e pouco estimulantes.

**Hipótese (3) - Nas ADN, “Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par”, existem diferenças significativas quanto à opinião dos técnicos, sobre as competências profissionais.**

Sub-hipótese A1: Dimensão da importância das CP genéricas

Sub-hipótese A2: Dimensão da importância das CP específicas

Sub-hipótese B1: Dimensão da auto-percepção das CP genéricas

Sub-hipótese B2: Dimensão da auto-percepção das CP específicas

Sub-hipótese C1: Dimensão das necessidades de formação genéricas

Sub-hipótese C2: Dimensão das necessidades de formação específicas

Podemos aceitar a hipótese de pesquisa 3, uma vez que existem diferenças significativas em todas as ADN. No entanto, relativamente às sub-hipóteses colocadas, podemos verificar os seguintes resultados:

- Na dimensão da “Importância das CP genéricas”, encontrámos diferenças significativas na maioria das ADN (**Ori, Btt, Mon, Mer e Par**);
- Na dimensão da “Importância das CP específicas”, encontrámos diferenças significativas em todas as ADN (**Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par**);
- Na dimensão da “Auto-percepção das CP genéricas”, encontrámos diferenças significativas na maioria das ADN (**Ori, Btt, Esc, Can, Mer e Par**);
- Na dimensão da “Auto-percepção das CP específicas”, encontrámos diferenças significativas na maioria das ADN (**Ori, Btt, Esc, Can, Mer e Par**);



- Na dimensão das “Necessidades de formação genéricas”, encontrámos diferenças significativas na maioria das ADN (**Ori, Btt, Mon, Can, Mer e Par**);
- Na dimensão das “Necessidades de formação específicas”, encontrámos diferenças significativas em todas as ADN (**Ori, Btt, Esc, Mon, Can, Mer e Par**).

Nas ADN estudadas, os técnicos de desporto de natureza têm opiniões diferentes em relação às competências profissionais, de acordo com a função profissional que desempenham.

A exigência, responsabilidade e autonomia de cada função profissional, e o perfil pessoal e sócio-profissional de cada grupo de técnicos, poderão constituir um conjunto de variáveis que, uma vez associadas, poderão influenciar a opinião dos técnicos acerca da valorização, auto-percepção e necessidades de formação relacionadas com as competências profissionais.

No entanto, as competências técnico-pedagógicas foram as mais valorizadas, nomeadamente, as competências associadas às questões de segurança. Por outro lado, os técnicos julgam possuir melhores competências pessoais, enquanto que as maiores necessidades de formação situaram-se na área biológica, em particular, no domínio da traumatologia e socorrismo, e na área técnico-pedagógica em relação ao domínio de técnicas e estilos de ensino, planificação de actividades e avaliação de praticantes.

Estes resultados, levaram-nos ao encontro das nossas expectativas, pois na realidade, torna-se relativamente fácil encontrarmos técnicos de diferentes actividades, com perfis de competências muito diversificados, fruto das diferentes funções profissionais que desempenham nas respectivas organizações, e ainda da experiência, formação e qualidades pessoais também distintas.

**Hipótese 4 – No âmbito das ADN, os técnicos D, F, TP e TA, apresentam diferenças significativas quanto à opinião sobre a formação.**

Sub-hipótese A1 - Formação realizada / Último curso de formação realizado

Sub-hipótese A2 - Formação realizada / Intervenção das organizações na área da formação

Sub-hipótese B1 - Expectativas de formação / Factores de desempenho profissional

Sub-hipótese B2 - Expectativas de formação / Pressupostos e estratégias de formação

Podemos aceitar a hipótese de pesquisa 4, uma vez que existem diferenças significativas em todas as funções profissionais. No entanto, relativamente às sub-hipóteses colocadas, podemos verificar os seguintes resultados:

- No “Último curso de formação realizado”, encontramos diferenças significativas na maioria das funções profissionais (**D, F e TA**);
- Na “Intervenção das organizações na área da formação”, encontramos diferenças significativas em todas as funções profissionais (**D, F, TP e TA**);
- Nos “Factores de desempenho profissional”, encontramos diferenças significativas em todas as funções profissionais (**D, F, TP e TA**);
- Nos “Pressupostos e estratégias de formação”, encontramos diferenças significativas em todas as funções profissionais (**D, F, TP e TA**).

Os técnicos de desporto de natureza estudados têm opiniões diferentes em relação à formação realizada e às expectativas de formação, de acordo com a actividade que representam.

De facto, apesar de aparentemente se julgar que as ADN são todas iguais, e que um técnico de desporto de natureza poderá ser responsável a todos os níveis de prática e formação pela generalidade das ADN, sem formação própria e adequada, poderá revelar algum facilitismo e mesmo alguma ignorância perante os múltiplos factores de risco existentes. Por outro lado, cada ADN possui uma cultura própria e uma especificidade que as distingue das restantes, como provam os resultados obtidos no nosso estudo.

Neste sentido, para promover o desenvolvimento e a qualidade da formação nas várias ADN, será necessário conjugar esforços, para analisar e compreender a procura/oferta do mercado, conhecer a opinião dos técnicos de desporto de natureza e adequar os modelos e os programas de formação à nova realidade nacional.

**Hipótese 5 – No âmbito das ADN, os técnicos D, F, TP e TA, não apresentam diferenças significativas quanto à opinião sobre as funções profissionais.**

A hipótese de pesquisa 5 não se confirma uma vez que existem diferenças significativas na maioria das funções profissionais (**D, TP e TA**).

De um modo geral, os técnicos de desporto de natureza têm opiniões diferentes em relação às funções profissionais, de acordo com a actividade que representam.

Como já referimos anteriormente, é possível encontrar realidades bastante distintas, com culturas muito próprias de desenvolvimento e de valores que constituem referência para os seus agentes desportivos, particularmente para aqueles que têm o poder de decisão e responsabilidade de gerir e desenvolver este sector. Por outro lado, o grupo dos Formadores apresentaram opiniões mais consensuais, o que poderá revelar alguma consciência e estabilidade no desempenho da respectiva função. O facto de estes apresentarem níveis elevados de experiência e de habilitações literárias, poderá também ter contribuído para uma melhor percepção das suas atribuições e tarefas profissionais.

No entanto, apesar de existirem diferentes níveis de concordância sobre as funções profissionais, estas apresentaram mais uma vez, um bom nível de concordância em todos os grupos de técnicos.

Podemos concluir então, que os técnicos de desporto de natureza concordam com a existência de diferentes funções profissionais, e que estas devem estar associadas a atribuições bem definidas, que lhes permitam conhecer o âmbito da intervenção, responsabilidade e autonomia no respectivo desempenho profissional.

**Hipótese 6 - No âmbito das ADN, os técnicos D, F, TP e TA, apresentam diferenças significativas quanto à opinião sobre as competências profissionais.**

Sub-hipótese A: Dimensão da importância das competências profissionais genéricas

Sub-hipótese B: Dimensão da auto-percepção das competências profissionais genéricas

Sub-hipótese C: Dimensão das necessidades de formação genéricas

Podemos aceitar a hipótese de pesquisa 6, uma vez que existem diferenças significativas em todas as funções profissionais. No entanto, relativamente às sub-hipóteses colocadas, podemos verificar os seguintes resultados:

- Na dimensão da “Importância das CP genéricas”, encontrámos diferenças significativas em todas as funções profissionais (D, F, TP e TA);
- Na dimensão da “Auto-percepção das CP genéricas”, encontrámos diferenças significativas em todas as funções profissionais (D, F, TP e TA);

- Na dimensão das “Necessidades de formação genéricas”, encontramos diferenças significativas em todas as funções profissionais (**D**, **F**, **TP** e **TA**).

Os técnicos de desporto de natureza têm opiniões diferentes em relação às competências profissionais, de acordo com as actividades que representam.

Podemos concluir, que os diferentes contextos de realização das actividades de desporto de natureza exigem também, perfis de competências profissionais diferenciados e adequados às próprias características das actividades, nomeadamente, ao nível do contexto físico, pessoal, social e ético-ambiental.

Em termos gerais, as competências pessoais (capacidade para tomar decisões e actualização permanente de conhecimentos) foram as mais valorizadas para os Dirigentes e Formadores, enquanto para os Técnicos Principais e Auxiliares, foram as competências técnico-pedagógicas (noções gerais de segurança). Por outro lado, os técnicos julgam possuir melhores competências no domínio da ética moral e profissional, enquanto que as maiores necessidades de formação, em todos os grupos, situaram-se na área biológica ao nível da traumatologia e socorrismo.

Em suma, a opinião dos técnicos de desporto de natureza em relação à formação, funções e competências profissionais, difere de acordo com a actividade que representam e com a função profissional que desempenham.

No entanto, podemos destacar a qualidade dos **F** e o papel positivo dos clubes, do ensino superior e das empresas na área da formação. Por outro lado, as principais estratégias de formação estão associadas ao papel das federações desportivas e da qualificação dos guias de natureza. No futuro, dever-se-á reconhecer as funções profissionais dos **D**, **F**, **TP** e **TA**, uma vez que estas têm atribuições, responsabilidades e autonomias diferentes. Em relação às competências profissionais, devemos considerar perfis diferenciados de acordo com a especificidade dos diferentes contextos de actividades. No entanto, os **D** e os **F** atribuíram maior importância para as competências pessoais, enquanto que os **TP** e **TA** valorizaram melhor as competências técnico-pedagógicas. Por outro lado, os técnicos julgam possuir melhor domínio de competências pessoais, enquanto que as maiores necessidades de formação estão relacionadas com os conhecimentos de socorrismo.

Esta conjuntura permite concluir, que um técnico de desporto de natureza deverá possuir um perfil de competências profissionais complexo e multifacetado, de modo a garantir índices elevados de segurança e de qualidade no seu desempenho profissional, considerando e respeitando as funções, as actividades e as organizações que representa.

Neste sentido, acreditamos que esta pesquisa possa contribuir para melhorar a formação de técnicos de desporto de natureza, uma vez estudada e reflectida a opinião dos principais intervenientes, que estará disponível após o encerramento deste trabalho.

Para finalizar, gostaríamos de referir que a participação e o empenho dos técnicos de desporto de natureza é determinante para a imagem e reconhecimento deste sector desportivo, mas que será fundamental também, reunir esforços no sentido de serem criadas boas condições de trabalho e de serem utilizadas estratégias de formação e de desenvolvimento eficazes.

### **3. Recomendações**

Durante o desenvolvimento do nosso estudo foram surgindo algumas questões que gostaríamos de salientar. Assim, considerando as dificuldades e as curiosidades sentidas no decorrer da revisão da literatura e metodologia utilizada, apresentamos um conjunto de recomendações para futuras pesquisas:

- Estudar a realidade da formação em desporto de natureza de países estrangeiros, nomeadamente da Comunidade Europeia
- Aprofundar a análise da legislação portuguesa no âmbito do desporto de natureza, ambiente e turismo, no sentido de efectuar propostas de desenvolvimento e de melhoria da regulamentação do sector

- Identificar e caracterizar todas as organizações intervenientes no desporto de natureza, que promovem actividades e serviços e que tenham intervenção na área da formação
- Desenvolver pesquisas semelhantes em relação a outras actividades de desporto de natureza, utilizando (ou adaptando) os nossos instrumentos e comparar os respectivos resultados
- Aumentar a amostra do nosso estudo (reunir o maior número de técnicos possível) e verificar se existem alterações na tendência dos resultados
- Estudar as competências profissionais dos técnicos de desporto de natureza na perspectiva dos praticantes e formandos, cruzando informação com os resultados obtidos neste estudo
- Utilizando a mesma metodologia, desenvolver estudos em função de outras variáveis independentes, como por exemplo, a experiência como praticante, a experiência profissional, a formação técnica e a profissão principal.

Considerando a reflexão final sobre os resultados e conclusões obtidas, ficámos com a sensação de missão cumprida. Mas de facto, além do objectivo científico que nos propusemos alcançar, gostaríamos que este trabalho constituísse uma ferramenta válida e ao mesmo tempo uma referência, no âmbito do desporto de natureza, nomeadamente, na área da formação de técnicos desportivos. Assim, apresentamos também as seguintes recomendações:

- Recomendamos aos organismos responsáveis pela formação de profissionais neste sector desportivo, que considerem a opinião dos técnicos de desporto de natureza, no desenvolvimento dos respectivos trabalhos
- Recomendamos às entidades certificadoras e formadoras, que utilizem estes resultados em prol de uma maior eficácia na certificação de técnicos e da melhoria dos programas de formação por si ministrados

- Recomendamos às diversas organizações, que considerem este estudo de modo a conhecer melhor a opinião dos diferentes grupos de técnicos e que possam reflectir sobre a sua intervenção na área da formação
- Recomendamos aos técnicos de desporto de natureza, que (re)conheçam as principais necessidades de formação de modo a melhorarem as suas competências profissionais

As recomendações aqui apresentadas apenas reflectem algumas dificuldades e curiosidades surgidas neste estudo. Certos de que seria impossível estudar a globalidade do processo de formação dos técnicos de desporto de natureza, procurámos caracterizar (o melhor possível) o estado da arte no que diz respeito à realidade portuguesa.

Gostaríamos ainda de referir que, é com muita satisfação que vemos o trabalho produzido embora tenhamos consciência que apenas nos encontramos no início, e que o contributo para o conhecimento da formação dos técnicos desportivos e para investigações futuras reflecte o nosso maior desafio.

**V - PARTE****Referências Bibliográficas**

- Almada, F. (1994). Base Conceptual da Sistemática das Actividades Desportivas. *Cadernos da Sistemática das Actividades Desportivas*. 2, UTL-FMH, Lisboa.
- Almeida, C. (2001). *O Treinador em Portugal – Perfil social, Caracterização da Actividade e Formação*. MJD–INFED, Lisboa.
- Almeida, I. (1997). *Representações da Actividade Profissional em Formadores de Professores de Educação Física no Ensino Superior Politécnico*. Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH, Lisboa.
- Almeida, P. (2004). A Gestão da Animação Turística como Sustentação do Aumento das Taxas de Ocupação. *Revista Turismo & Desenvolvimento*. Vol.1, 2, 23–30.
- Alonso, M. (1998). *Inovação Curricular, Formação de Professores e Melhoria da Escola – Uma Abordagem Reflexiva e Reconstitutiva sobre a Prática da Inovação/Formação*. Tese de Doutoramento não publicada. Universidade do Minho, Braga.
- Alpiarça, M. (2002). *BTT - A Bicicleta Todo-o-Terreno?* Livros Horizonte.
- ANECA (2005). Programa de Convergência Europeia. *Proposta de Título de Grado en Ciências de la Actividad Física y el Deporte*. Espanha.
- Araújo, J. (1987). O Treino do Treinador. *Revista Horizonte*, Vol.4, 2, Nov./Dez., 114-119.
- Araújo, J. (1989). A Formação do Treinador. *Revista Horizonte*, Vol.5, 30, Abr./Maio, 187-190.
- Araújo, J. (1997). A Atitude Profissional do Treinador. *Revista Treino Desportivo*. Edições CEFD, Ano 1, 1, Novembro, 3-10.
- Barata, B. (1998). O Exemplo do Treinador. *Revista Treino Desportivo*. Edições CEFD, Ano 1, 3, Outubro, 65-70.
- Barbosa, I. (1997). *O eclodir dos novos desportos como expressão das novas necessidades sociais*. Tese de Mestrado não publicada. UP-FCDEF, Porto.
- Bee, L., Goldsmith, W., Keelan, M. & Povey, W. (2002). 101 Dicas para o Treino. *Revista Treino Desportivo*. CEFD, 22, Março, 26-28.



- Betrán, A. & Betrán, J. (1995). Propuesta de una Clasificación Taxonómica de las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaleza. Marco Conceptual y Análisis de los Criterios Elegidos. *Revista Apunts – Educación Física e Deportes*, 41, 108-123.
- Betrán, A. & Betrán, J. (1999). Las Actividades Físicas de Aventura en la Naturaleza. Estudio da la Oferta y la Demanda en el Sector Empresarial. *Revista Apunts – Educación Física e Deportes*, 57, 86-94.
- Boavida, M. (2002). Quadro de Vigia: Em entrevista, Pedro Almeida – Secretário de Estado do Turismo. *Revista Mundo Náutico*. Editora Bom Porto, Ano 8, 36, Out./Nov.; Lisboa.
- Branco, P. (2002). A Formação Inicial Como Base Para Um Voo Livre Mais Seguro. *Revista do Desporto*. CEFD, Ano V, 5, Set./Out., 11-12.
- Braga, F. (2001). *Formação de Professores e Identidade Profissional*. Coleção Nova Era – Educação e Sociedade. Quarteto Editora, Coimbra.
- Bueno, P. (1992). *El Libro del Mountain Bike*. Desnivel Ediciones.
- Calderhead, J. (1996). Teachers' Professional Learning. In, Research on Teaching and Research on Teacher Education. *Proceedings of the Internacional Seminar*. UTL-FMH, Lisboa.
- Carreiro da Costa, F. (1991). Formação Inicial de Professores de Educação Física: Problemas e Perspectivas. *Boletim SPEF*, 1, 21-34.
- Carreiro da Costa, F. (1996). *Formação de Professores: Objectivos, Conteúdos e Estratégias*. Em: Carreiro da Costa, F.; Carvalho, L.; Onofre, M.; Diniz, J. & Pestana, C. *Formação de Professores em Educação Física – Concepções, Investigação, Prática*. UTL-FMH, Lisboa.
- Campbell, S. (1998). A Função do Treinador no Desenvolvimento do Jovem Atleta. *Revista Treino Desportivo*. CEFD, 3, Junho, 31-36.
- Carvalhinho, L. (1996). Lazer: Uma urgência no Planeamento. *I Colóquio Internacional de Geografia do Lazer e do Turismo*. UL-FL, Lisboa.
- Carvalhinho, L. (2003). A Formação em Desporto de Natureza. *I Congresso Internacional de Desporto de Natureza*. IPS-ESDRM, Rio Maior.
- Carvalhinho, L. & Rodrigues, J. (2004). As Competências Profissionais do Orientador de Estágio. *Revista Desporto.investigação & Ciência*. IPS-ESDRM, Rio Maior, IV, Junho, 70-75.

- Carvalhinho, L.; Bento, P.; Fernandes, M. & Silva, M. (2005). Professional Competence in Orienteering, Climbing and Canyoning. *AIESEP World Congress – Active Lifestyles: The Impact of Education and Sport*. UTL-FMH, Lisboa.
- Claudino, R. (2002). O Gestor do Desporto numa Época de Mudança. *Revista Desporto*. CEFD, Ano V, 5 Set./Out., 24-25.
- CMAS (2006). *Confederação Mundial de Actividades Subaquáticas*. Acedido em 18 de Julho, de 2006, em: <http://www.cmas.org/index.asp>.
- Coelho, O. (1988). *Pedagogia do Desporto – Contributos para uma Compreensão do Desporto Juvenil*. Livros Horizonte.
- Comissão Europeia (2006). *O Desporto e a União Europeia*. Acedido em 26 de Julho de 2006, em: [http://ec.europa.eu/sport/index\\_en.html](http://ec.europa.eu/sport/index_en.html).
- Constantino, J. (1992). *Desporto Português – As Soluções Adiadas*. Livros Horizonte.
- Constantino, J. (1994). *Desporto e Municípios*. Livros Horizonte.
- Constantino, J. (2002). *Um Novo Rumo para o Desporto*. Livros Horizonte.
- Correia, A. (1991). Desportos Náuticos – Rios, espaços de aventura. *Revista Horizonte*. Vol. III, 43, Mai/Jun, 3-8.
- Costa, L. (1997). *Meio Ambiente e Desporto – Uma Perspectiva Internacional*. UP-FCDEF, Porto.
- Costa, J. (2005). *A Formação do Treinador de Futebol – Análise de Competências, Modelos e Necessidades de Formação*. Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH, Lisboa.
- Cruz, A. (2003). Suíça Campeã do Mundo em Montalegre – O Balanço Português. *Revista Desporto*. CEFD, Ano VII, 3, Jul./Set., 37.
- Cunha, L. (1997). *O Espaço, o Desporto e o Desenvolvimento*. UTL-FMH, Lisboa.
- Declaração de Bolonha (1999). *Declaração dos Ministros da Educação Europeus*. Acedido em 26 de Julho de 2006, em: <http://www.dges.mctes.pt/Bolonha>.
- Declaração de Copenhaga (2002). *Declaração dos Ministros Europeus de Educação e Formação Vocacionais e da Comissão Europeia*. Acedido a 26 de Julho de 2006, em: [www.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/copenhaga](http://www.fcsh.unl.pt/docentes/cceia/copenhaga).
- Decreto-lei nº 401/91, de 16 de Outubro (Formação Profissional). *Diário da República nº 238/91 - SÉRIE I-A*. Ministério do Trabalho e da Segurança Social.
- Dias, L. (2006). *Congresso do Desporto*. Acedido em 26 de Julho de 2006, em: <http://www.congressododesporto.gov.pt>.

- DGT (2006). *Direcção Geral do Turismo - Conhecimento do Sector*. Acedido em 26 de Julho de 2006, em: <http://www.dgturismo.pt/index.htm>.
- Dougherty, N. (1998). *Outdoor Recreation Safety*. The State University of New Jersey. Human Kinetics.
- Eaton, J. & Johnson, R. (2001). *Como Fazer Supervisão*. Manuais Práticos do Gestor. Editora Civilização.
- EEAM (2001) *Certificado de Iniciación al Montañismo*. Escuela Española de Alta Montaña. Editorial Barrabes.
- Elias, N. (1992). *A Busca da Excitação*. Colecção Memória e Sociedade. Edições Difel.
- ENSSHE (2006). *European Network of Sport Sciences in Higher Education*. Acedido em 26 de Junho de 2006, em: [www.enssee.de/images/board/ENSSEE](http://www.enssee.de/images/board/ENSSEE).
- EOSE (2006). *European Observatory of Sport Employment*. Acedido em 26 de Julho de 2006, em: <http://www.eose.org>.
- FCMP (2006). *Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: <http://www.fcmpportugal.com/pt/areas.asp>.
- Feiman-Nemser, S. & Buchman, M. (1988). Lagunas en las Prácticas de Enseñanza de los Programas de Formación del Profesorado. *Revista Conocimiento, Creencias y Teorías de los Profesores – Didáctica y Pedagogía*. Editorial Marfil.
- Fernando, C. (2005). *Estruturação das Actividades Desportivas dos Grandes Espaços, para a Micro e Macro Gestão*. Tese de Doutoramento não publicada. UBI-DCD, Covilhã.
- Ferreira, P. (2001). *Guia do Animador – Animar uma Actividade de Formação*. Editora Multinova, Lisboa.
- Feuillete, A. & Lutz, J. (1980). *Canoa e Caiaque em 10 lições. Material, Técnica e Competição*. Publicações Europa-América, Lisboa.
- Fleming, J. (1994). *Orientación – Todo sobre el mapa y la brújula*. Ediciones Desnivel.
- Fontes, C. (2006a). *Etapas da Vida do Professor - O Ciclo de Vida dos Professores*. Acedido em 18 de Janeiro de 2006, em: <http://educar.no.sapo.pt/PROFES1.htm>.
- Fontes, C. (2006b). *Paradigmas e Modelos na Formação de Professores*. Acedido em 18 de Janeiro de 2006, em: <http://educar.no.sapo.pt/modformacao.htm>.

- Formosinho, J. (2002). *A Supervisão na Formação de Professores II – Da Organização à Pessoa*. Coleção Infância, Porto Editora.
- FPAS (2006). *Federação Portuguesa de Actividades Subaquáticas*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: <http://www.fpas.pt/cursos.asp>.
- FPC (2006). *Federação Portuguesa de Canoagem*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: <http://www.fpcanoagem.pt>.
- FPO (2006). *Federação Portuguesa de Orientação*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: <http://www.fpo.pt/index3.php>.
- FPVL (2006). *Federação Portuguesa de Voo Livre*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: [http://www.fpvl.pt/new\\_tpo.htm](http://www.fpvl.pt/new_tpo.htm).
- Funollet, F. (1995). Propuesta de Clasificación de las Actividades en el Medio Natural. *Revista Apunts – Educación Física y Deportes*, 41, 124-129.
- Ghigliione, R. & Matalon, B. (2001). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Celta Editora, Oeiras.
- Godoy, S. & Casaubón, J. (2001). Relaciones entre la Formación del Entrenador Deportivo y la Formación del Profesor de Educación Física. *Revista Apunts – Educación Física y Deportes*, 65, 39-45.
- Graça, E. (2002). *Os Novos Tempos do Lazer Português*. INATEL.
- Graver, D. (2003). *Aquatic Rescue and Safety*. Human Kinetics.
- Guia Ar Livre Portugal (2003a). Índice de actividades, federações, confederações e associações de clubes e empresas. *Revista Fórum Ambiente*, edição anual, 188-194.
- Guia Ar Livre Portugal (2003b). Levantamento da oferta de actividades de ar livre em Portugal. *Revista Fórum Ambiente*, edição anual, 91-187.
- Guiddens, A. (1997). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Editora Celta, Oeiras.
- Guimarães, A. (1998). *Caracterização do Pensamento e da Intervenção Pedagógica de Estudantes de Educação Física do Ensino Superior Universitário e do Ensino Superior Politécnico*. Tese de Doutoramento não publicada. UTL-FMH, Lisboa.
- Harari, I. & Noa, N. (1997). A Professional Profile of the Ideal Cooperating Teacher – Opinions of Student Teachers, Cooperating Teachers and University Supervisors. *AIESEP World Congress*, Rio de Janeiro.
- Harder, A. (2002). *The Developmental Stages of Erik Erikson*. Acedido em 4 de Janeiro de 2006, em: [www.learningplaceonline.com/stages/organize/Erikson.htm](http://www.learningplaceonline.com/stages/organize/Erikson.htm).
- Hill, M. & Hill, A. (2000). *Investigação por Questionário*. Edições Sílabo, Lisboa.

- Hudson, S. (2003). *Sport and Adventure Tourism*. The Haworth Hospitality Press. New York.
- ICN (2006). *Instituto da Conservação da Natureza - Áreas Protegidas*. Acedido em 26 de Julho de 2006, em: <http://portal.icn.pt/ICNPortal>.
- IDP (2006). *Instituto de Desporto de Portugal*. Acedido em 26 de Julho de 2006, em: <http://www.idesporto.pt>.
- IEFP (2006). *Instituto do Emprego e Formação Profissional*. Acedido a 18 de Julho de 2006, em: <http://www.iefp.pt>.
- INE (2004). Instituto Nacional de Estatística. Acedido a 6 de Junho de 2004, em: <http://www.ine.pt>.
- IQF (2006). Instituto para a Qualidade na Formação. Acedido a 21 de Novembro de 2006, em: <http://www.inofor.pt>.
- Januário, C. (1992). *O Pensamento do Professor – Relação entre Decisões Pré-Interactivas e os Comportamentos Interactivos de Ensino em Educação Física*. Tese de Doutoramento, não-publicada. UTL-FMH, Lisboa.
- Jensen, C. (1995). *Outdoor Recreation in America*. Human Kinetics.
- Leah, J. & Lockwood, A. (1995). Developing Cooperation Between School and University Through In-Service training of School Teachers for Supervision of Physical Education Student Teachers on School Practice. *AIESEP World Congress*, Israel.
- Leça-Veiga, A. (1995). *Níveis de Atenção e de Ansiedade em Ginástica Artística. Estudo da Relação dos Factores Atenção e Ansiedade com a Prestação Desportiva*. Tese de Doutoramento, não-publicada. UTL-FMH, Lisboa.
- Lei n.º30/2004, de 21 de Julho (Lei de Bases do Desporto). *Diário da República n.º I Série A*. Secretaria de Estado da Juventude e Desporto.
- Leitão, J. (2002). *Aventura: Um Conceito Multidimensional*. Em: Serpa, S. & Araújo, D. (eds.). *Psicologia do Desporto e do Exercício. Compreensão e Aplicações*. UTL-FMH, Lisboa.
- Leonardo da Vinci (2004). *Programa Europeu Leonardo da Vinci – Risky Sports*. Acedido a 26 de Julho de 2006, em: <http://www.s-o-l.ch/>.
- Lima (1991). *A Formação de Treinadores e de Árbitros Desportivos*. Câmara Municipal de Oeiras – Serviços Municipais de Desporto, Oeiras.
- Lima, T. (2000). *Saber Treinar, Aprende-se!* MJD-CEFD.

- Lima, T. (2001). *Com Que Então Quer Ser Treinador? – Basquetebol – Da Aprendizagem à Competição*. MJD-CEFD.
- Mão-de-Ferro, A. (1999). *Na Rota da Pedagogia*. Edições Colibri, Lisboa.
- Marivoet, S. (2001). *Hábitos Desportivos da População Portuguesa – Estudo da Procura da Prática Desportiva*. MJD-CEFD.
- Matos, M., Simões, C., Canha, L. & Fonseca, S. (2000). *Saúde e Estilos de Vida nos Jovens Portugueses*. Estudo Nacional da Rede Europeia HBSC/OMS (1996). UTL-FMH, Lisboa.
- Matute, J. (1988). *Risc i Activitats Físiques en el Medi Natural: Efectes de la Práctica sobre la Desposta Emocional*. Tesi Doctoral non presentada. Universitat de Barcelona. Institut Nacional d'educació Física de Catalunya.
- McKown, D. (1992). *Canoeing – Safety & Rescue*. Rocky Mountain Books. Calgary.
- Metzler, M. (1990). *Instructional Supervision for Physical Education*. Human Kinetics Publishers. Champaign. Illinois.
- MCTES (2006). *Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior*. Acedido em 5 de Janeiro de 2006, em: <http://www.mctes.pt>.
- ME (2006a). *Ministério da Educação - Programas Curriculares do 1º ciclo – Expressão Físico-motora*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: [http://www.dgidec.min-edu.pt/curriculo/Programas/programas\\_1ciclo.asp](http://www.dgidec.min-edu.pt/curriculo/Programas/programas_1ciclo.asp).
- ME (2006b). *Ministério da Educação - Programa Nacional de Educação Física*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: <http://www.dgidec.min-edu.pt/curriculo/Programas>.
- ME (2006c). *Ministério da Educação - Programa do Desporto Escolar*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: <http://www.dgidec.min-edu.pt/despescolar>.
- ME (2006d). *Ministério da Educação - Gabinete de Avaliação e Informação do Sistema Educativo*. Acedido em 26 de Julho de 2006, em: <http://www.giase.min-edu.pt/>.
- Miranda, J.; Lacasa, E. & Muro, I. (1995). Actividades Físicas en la Naturaleza: Un Objecto a Investigar. Dimensões científicas. *Revista Apunts*, 41, 53-69.
- Moreira, M. (2003). A Formação do Dirigente Desportivo – Utopia...ou Realidade? *Revista Desporto*. CEFD, Ano VII, 1, Jan./Fev., 12-15.
- Moreira, C. & Costa, P. (2003). No Desporto Aventura, o Limite é... a Imaginação. *Revista Desporto*. CEFD, Ano VII, 2, Mar/Jun, 15-16.

- Moreno, J.; Núñez, U.; Cabrera, H.; Sánchez, G.; Melián, L.; Escudero, M. & Ribas, J. (2000). Taxonomía de las Actividades o de las Situaciones Motrices? *Revista Apunts – Educación Física y Deportes*, 60, 95-100.
- Mota, J. (1997). *A Actividade Física no Lazer. Reflexões Sobre a Sua Prática*. Cultura Física. Livros Horizonte.
- Múrcia, M. (2002). *Orientación Avanzada para Alpinistas y Profesionales*. Desnivel Ediciones.
- Murcia, M. (2001). *Prevención Seguridad y Autorescate*. Desnivel Ediciones.
- Newton, D. (2003). *Legislation and Certification in Kayaking and Canoeing in the UK*. I Congresso Internacional de Desporto de Natureza. IPS-ESDRM, Rio Maior.
- Oliveira, M. (1996). *A Prática Reflexiva dos Professores e o seu Processo de Mudança. Um Estudo no Contexto da Formação Contínua*. Tese de Doutoramento não publicada. UTL-FMH, Lisboa.
- Onofre, M. (2000). *Conhecimento Prático, Auto-Eficácia e Qualidade do Ensino - Um Estudo Multicaso em Professores de Educação Física*. Tese de Doutoramento não publicada. UTL-FMH, Lisboa.
- Otero, F. (2002). Desarrollo Sostenible en el Deporte, en Turismo y la Educación Física. *Revista Apunts – Educación Física y Deportes*, 67, 70-79.
- PADI (2006) *Professional Association of Diving Instructors*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: <http://www.padi.com/english/default.asp?o=am>.
- Paese, P. (1984). “The Effects of Cooperating Teacher Intervention and a Self-Assessment Technique on the Verbal Interactions of Elementary Student Teachers. *Journal of Teaching in Physical Education*, vol. 3, 3, 51-58.
- Palmi, J. & Martín, A. (1997). Las Actividades Físico-deportivas en el Medio Natural y sus Efectos sobre la Salud y la Calidad de Vida: Factores Psicológicos Asociados. *Revista de Psicología del Deporte*. 12, 147-157.
- Paulo, P. (2002). A Aventura do Desporto Aventura. *Revista Desporto*. CEFD, Ano V, 1, Jan./Fev., 4-5.
- Pedrosa, A. (2000). Faça Ecoturismo. *Revista Fórum Ambiente*, 67, Junho, 8-9.
- Pereira, E. (1999). *Desporto e Turismo - Análise Estratégica dos Meios de Alojamento de Categoria Média e Superior da Região do Algarve*. Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH, Lisboa.

- Pereira, A. (2002). *A Excelência Profissional em Educação Física e Desporto em Portugal*. Perfil a Partir de Sete Histórias de Vida. Departamento Cultural. IPV, Viseu.
- Perrenoud, F. (1993). *Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação: Perspectivas Sociológicas*. Editora Dom Quixote – Instituto de Inovação Educacional, Lisboa.
- Pestana, M. & Gageiro, J. (2000). *Análise de Dados para Ciências Sociais. A Complementaridade do SPSS*. Edições Sílabo, Lisboa.
- Piéron (1996). *Formação de Professores. Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*. UTL-FMH, Lisboa.
- Piéron, M. (1999). *Para una Enseñanza Eficaz de las Actividades Físicas y Deportivas*. Editorial INDE, Espanha.
- Pires, G. (1989). *A Estrutura e a Política Desportivas. O Caso Português*, UTL-ISEF, Lisboa.
- Pires, G. (1990). *A Aventura Desportiva. O Desporto para o 3º Milénio*. Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras.
- Pires, G. (1992). *Espaços Naturais e Desportos de Aventura*. Congresso Europeu do Desporto para Todos. Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras.
- Pires, G. (1993). A Organização Faz a Organização da Organização. *Ludens*, Vol.13, Jul-Dez., 1-40.
- PNSAC (2003). Carta de Desporto de Natureza. *I Congresso Internacional de Desporto de Natureza*. IPS-ESDRM, Rio Maior.
- Prata, C. (1998). Treinador de Jovens: Ideais, Formação e Problemas. *Revista Treino Desportivo*. CEFD, Ano 1, 3, Outubro, 15-20.
- Priest, S. & Gass, M. (1997). *Effective Leadership in Adventure Programming*. University of New Hampshire. Human Kinetics.
- Quilez, M. (1997). *Iniciación a los Deportes en la Naturaleza – Guía Práctica*. Editorial Gymnos, Madrid.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Coleção Trajectos. Editora Gradiva.
- Randall, L. (1992). *Systematic Supervision for Physical Education*. Human Kinetics Publishers. Champaign, Illinois.
- Rita, P. (1995). O Turismo em Perspectiva: Caracterização e Tendências do Mercado Internacional. *Revista Portuguesa de Gestão*, 2, 7-18.



- Rodrigues, J. (1997). *Os Treinadores de Sucesso. Estudo da Influência do Objectivo dos Treinos e do Nível de Prática dos Atletas na Actividade Pedagógica do Treinador de Voleibol*. UTL-FMH, Lisboa.
- Rodrigues, J. (2000). A Investigação da Competência Pedagógica dos Treinadores. Em: Sarmento, P.; Rosado, A. & Rodrigues, J. *Formação de Treinadores Desportivos*. IPS-ESDRM, Rio Maior.
- Rodrigues, J. (2001). *A Supervisão Pedagógica em Desporto*. In, I Congresso Nacional de Andebol – Novos Desafios para o Século XXI. IPS-ESDRM, Rio Maior.
- Rodrigues, J. (2003). A Pedagogia do Desporto e as Ciências do Desporto. *Revista Desporto.investigação & Ciência*. IPS-ESDRM, Rio Maior, II, Junho, 81-90.
- Rodrigues, J. ; Carvalhinho, L. & Sequeira, P. (2003). Avaliação da Formação de Treinadores de Basquetebol. *Revista Desporto.investigação & Ciência*. IPS-ESDRM, Rio Maior, III, Novembro, 7-38.
- Rosado, A. (2000a). *Estudo da Competência de Diagnóstico e Prescrição Pedagógica em Tarefas Desportivas*. UTL-FMH, Lisboa.
- Rosado, A. (2000b). Um Perfil de Competências do Treinador Desportivo. Em: Sarmento, P.; Rosado, A. & Rodrigues, J. *Formação de Treinadores Desportivos*. IPS-ESDRM, Rio Maior.
- Ruas, P. & Pereira, A. (2003). Prática Pedagógica – Quem és tu? Contributos Reflexivos para a Formação Inicial. *Ludens*, Vol.17, 2, Abr./Jun., 11-16.
- Salmela, J. (1996). *Great Job Coach*, Potentium, Ottawa.
- Santos, A.; Borrego, C.; Carmo, D. & Raposo, P. (2005). Improving Employment in Sports in Europe Through Vocational Training Situation, Trends and Perspectives (VOCASPORT - Portugal Report). *Congresso Internacional, As Profissões do Desporto – Desafios e Perspectivas de Futuro*. UP – FCDEF, Porto.
- Sarmento, P.; Leça-Veiga, A.; Rosado, A.; Rodrigues, J.; Ferreira, V. & Alves, E. (1997). *A Supervisão Pedagógica em Educação Física. Relatório de Investigação*. UTL-FMH, Lisboa.
- Sarmento, P. (2000). Desporto e Desenvolvimento Humano. Em: Sarmento, P.; Rosado, A. & Rodrigues, J. *Formação de Treinadores Desportivos*. IPS-ESDRM, Rio Maior.

- Sarmiento, P. (2004). Prefácio. Em: Ferreira, V. & Sarmiento, P. (eds.). *Formação Desportiva - Perspectivas de Estudo nos Contextos Escolar e Desportivo*. UTL-FMH, Lisboa.
- Serôdio, A. (2005). A Importância dos Percursos Pedestres no Desenvolvimento do Desporto. Em: Gabriel, R. *Pedestrianismo e Promoção da Saúde: Estudo de Percursos Pedestres na Região do Douro Património Mundial*. UTAD, Vila Real.
- Serpa, S. (1995). *A Relação Interpessoal na Díade Treinador-Atleta. Desenvolvimento e Aplicação de um Inventário de Comportamentos Ansiogénicos do Treinador*. Tese de Doutoramento não publicada. UTL / FMH, Lisboa.
- Serrano, D. (2001). Turismo Activo Hoy. *Revista Grandes Espacios – Naturaleza Activa*. Ano VI, 55, Abril, 13-16.
- Silva, F.; Sousa, J.; Lopes, S. & Lopes, J. (2000). *Segurança em Actividades de Aventura. Manobras de Cordas para Transposição de Obstáculos*. MJD, CEFD.
- Simão, P. (1998). *A Formação do Treinador – Análise das Representações dos Treinadores em relação à Formação*. Tese de Mestrado não publicada. UTL-FMH, Lisboa.
- Shembri, G. (1998). Código de Ética para Treinadores. *Revista Treino Desportivo*. CEFD, Ano 1, 5, Dezembro, 2-6.
- Siedentop, D. (1983). *Developing Teaching Skills in Physical Education*. Mountain View: Mayfield Publishing Company.
- Siedentop, D. (2005). The Effective Physical Educator: Then and Now Avec les Hommages de L’auteur à Maurice. In, *The Art and Science of Teaching in Physical Education and Sport*. UTL-FMH, Lisboa, pp.89-103.
- Simmel, G. (1979). *A metrópole e a vida mental*. Zahara, Rio de Janeiro.
- SPSS (2006). *Programa informático: Statistical Package for the Social Sciences*. Versão 14, Sistema operativo Microsoft Windows XP profissional.
- Standeven, J. & Knop, P. (1999). *Sport tourism*. Human Kinetics Publishers.
- Stigger, M. (2000). *Desporto, Lazer e Estilos de Vida. Uma análise Cultural a Partir de Práticas Desportivas Realizadas nos Espaços Públicos da Cidade do Porto*. Tese de Doutoramento não publicada, FCDEF-UP, Porto.
- Strobl, T. & Zeller, M. (1997). *Freeclimbing. A Complete Guide to Rock Climbing*. Ward Lock, London.
- Stuckl, P. & Sojer (1996). *Manual Completo de Montaña*. Desnível Ediciones.

- Thomas, J. & Nelson, J. (1990). *Research Methods in Physical Activity*. Human Kinetics Books. Champaign, Illinois;
- Tinning, R. & Siedentop, D. (1985). The Characteristics of Tasks and Accountability in Student Teaching. *Journal of Teaching in Physical Education*, 4, 286-299.
- Tjeerdsman, B. (1996). Cooperating Teachers Perceptions of and Experiences in the Student Teaching Praticum”, in *Journal of Teaching in Physical Education*, vol.17, 2, 214-230.
- UVP-FPC (2006). *União Velocipédica de Portugal - Federação Portuguesa de Ciclismo*. Acedido em 18 de Julho de 2006, em: <http://www.uvp-fpc.pt/index.php>.
- Weineck, J. (2002). *Manual do Treino Ótimo – Teoria do Treino da Fisiologia da Performance Desportiva e do seu Desenvolvimento no Treino de Crianças e de Adolescentes*. Horizontes Pedagógicos, Instituto Piaget.
- Winter, S. (2000). *Escalada Deportiva con Niños y Adolescentes. Ejercicios y Entrenamiento para el Ocio, el Deporte Escolar y la Práctica Deportiva en las Asociaciones*. Ediciones Desnivel.

## **ANEXOS**

Nota:

De modo a não sobrecarregar demasiado este trabalho, optámos por apresentar uma parte dos anexos na íntegra e outra parte apenas como exemplo (devido à sua extensão). Assim, recomendamos uma consulta mais completa através do suporte informático (CD - anexos).